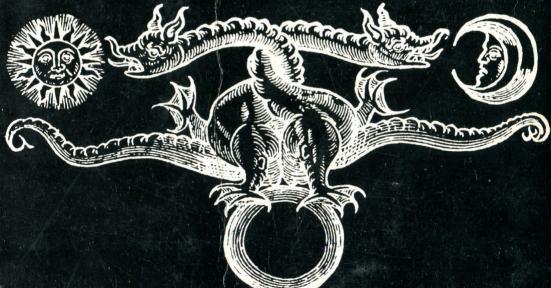
Jacques Carles / Michel Granger

A ALQUIMIA

superciência extraterrestre?

Livraria Bertrand

A Alquimia Superciência Extraterrestre?

JACQUES CARLES E MICHEL GRANGER

A Alquimia Superciência Extraterrestre?

Tradução
de
BERTHA MENDES

LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

PREFÁCIO

MULTIDÃO DE FACTOS ESTRANHOS

«PODERIA parecer paradoxal que a ciência actual, depois de ter adquirido as suas cartas de nobreza acumulando milhares de factos e homologando grande quantidade de experiências, voltasse hoje a hipóteses formuladas há muitos milénios.»

Assim começa o artigo que publicámos em Setembro de 1969, no jornal La Presse, *de Montreal, que tinha por título «A alquimia: superciência ou vestígio de uma antiga civilização?».*

Com efeito, é muito estranho verificar que um certo número de descobertas de vanguarda não passam do ressurgir de invenções de há várias dezenas de séculos. Assim, sabe-se que, muito antes da era cristã, o célebre Demócrito falava em átomos e considerava que a Via Láctea era formada por inúmeras estrelas, o que conferia à região do céu que se observa aquela brancura leitosa. Também se pôde comprovar que os Egípcios, ao construírem o templo de Edfu, ergueram longos mastros de cobre para dominar a tempestade e o raio. Os Egípcios estavam muito longe de calcular que Benjamim Franklin «inventaria» na América o pára-raios, uns trinta séculos mais tarde.

Enfim, muito antes da descoberta «oficial» da pólvora, o alquimista inglês Roger Bacon refere-se aos seus componentes e às suas propriedades num dos seus trabalhos. Quanto aos

Chineses, já a utilizavam abundantemente há perto de dois mil anos.

Verifica-se uma quantidade de exemplos deste género em todos os domínios científicos, mas outros factos mais perturbadores continuam inexplicados e inexplicáveis na hora actual. Parece portanto natural que os cientistas, armados com a sua aparelhagem ultramoderna, ataquem estes bastiões do conhecimento.

A ilha de Páscoa, no Pacífico, é um caso típico bem conhecido. Sabe-se que se podem aí ver cerca de seiscentas estátuas gigantescas de várias dezenas de toneladas, cuja proveniência e a maneira como foram erigidas é impossível de explicar[1]. *Nos Andes, na América do Sul, foram encontradas esculturas de animais da era secundária e portos de mar a mil e oitocentos metros de altitude! No México, os Maias utilizavam, além do calendário baseado no ano solar, um calendário assente no ano venusiano, de quinhentos e oitenta e quatro dias...*

Quanto mais nos embrenhamos no tempo mais os factos fantásticos se multiplicam. No entanto, a nossa história é limitada; para além de seis mil anos, só vemos generalidades, e a maior parte das vezes de ordem geológica. Contudo, é certo que o homem existe desde há várias centenas de milhares de anos.

RESTOS DE UMA CIÊNCIA DO PASSADO

Os homens foram sempre perseguidos por factos enigmáticos e sentiam-se ultrapassados por qualquer coisa de desconhecido. Só uns raros iniciados conheciam a verdade e mesmo estes protegiam-se por um esoterismo total. Afirma-se

[1] Thor Heyerdahl, promotor da famosa expedição do *Kon-Tiki*, pretende ter esclarecido o mistério dos gigantes de pedra aquando de uma viagem à ilha de Páscoa, que efectuou em 1955. *Historama*, n.º 243, Fevereiro de 1972, e, por Thor Heyerdahl, *Aku-Aku, le Secret de l'Ile de Pâques*, Albin Michel, Paris.

que os grandes profetas de todas as religiões, os homens de todas as civilizações do mundo vieram do céu. Os génios contemporâneos são outros tantos exemplos desses seres superiores, que não fizeram senão levar a civilização até onde lhes pareceu, como se tivessem por finalidade fazer-lhe seguir o caminho que lhes tinha sido indicado. Não continuamos hoje a estar à mercê de dirigentes que, com discursos inflamados, promessas jamais cumpridas, levam pela mão todo um povo? Não somos inteiramente tributários de um ou dois centros de decisão a que só alguns têm acesso? A espada suspensa sobre as cabeças de todas as idades começa a ganhar peso, e de tal modo que é prudente perguntar se os elos que a sustêm vão ainda resistir muito tempo. É muito degradante para o mundo concluir, do alto da sua cultura, que não é directamente responsável por coisa nenhuma e que ao longo da sua história foi manobrado por uma força transcendente que, possivelmente, não é Deus.

Entre todos estes mistérios, há um que nos parece digno de um interesse particular. Considerado ridículo durante muito tempo, actualmente fazem-se esforços para o reabilitar. Referimo-nos à alquimia, que será o assunto deste livro. No meio universitário que frequentamos diariamente, mais precisamente na secção científica, verificamos a pouca importância que se dá à mãe espiritual da química contemporânea. Risos trocistas surgem só ao falar-se em alquimia. É caso para deplorar tanta inconsciência a tal nível. Com este livro vamos tentar, empregando semelhanças flagrantes e estudos sérios, estabelecer uma ordem que nunca deveria ser alterada.

Não somos os primeiros a considerar seriamente as receitas da alquimia. Predecessores ilustres fornecer-nos-ão excelentes referências, nas quais objectividade e integridade se não podem pôr em dúvida. Não citaremos todos, mas há alguns que saem do anonimato dos decifradores sinceros dos «imbróglios» alquímicos: Marcelin Berthelot, White, Figuier, Ruelle, etc.

Não nos limitando à alquimia europeia, sondámos os «alquimistas» do Globo, por assim dizer, e são as analogias de formas e de princípios algumas das razões deste livro. Como é possível mantermo-nos insensíveis a uma conformidade integral, numa doutrina que, em essência, é bastante particular? A alquimia chinesa, se bem que mais prática, parece provir do mesmo molde, do mesmo livro, diríamos nós, que a alquimia europeia ou que a alquimia árabe. As raízes desta árvore mergulham na mesma fonte, embora nos encontremos em pontos opostos do Globo. Nas épocas em que cada civilização se julgava única num mundo discoidal e plano nasceu, espontânea e simultaneamente, um saber misterioso cuja origem ainda não foi precisada. Com a mesma angústia com que formulamos a pergunta «Como foi criado o mundo?», perguntamos também: «Donde vem a alquimia? Será uma centelha de génio do homem da proto-história? E, nesse caso, como pôde revestir formas tão semelhantes em locais tão afastados?» Se, à primeira vista, surgem divergências no âmago desta doutrina, elas não resistem a um exame mais profundo. Após longas e apaixonantes investigações, podemos dizer, sem receio de contradita, que a alquimia é una e provém da mesma origem no espaço e no tempo. Se é possível que na Terra se façam e desfaçam civilizações, é igualmente possível que tenhamos sido precedidos por civilizações mais avançadas e que, por nosso lado, nos inclinemos para uma supercivilização. Apesar do apocalipse de uma antiga cultura, certos restos, certos aforismos, certas conclusões teriam podido escapar ao dilúvio universal e perpetuar-se. Os Incas, os Egípcios e os Chineses talvez só tivessem utilizado receitas ou resultados de uma ciência passada, que não compreendiam, mas que lhes advinha pela tradição e se apresentava envolvida por considerações místicas e religiosas.

Das ciências e doutrinas, a que nos foi mais bem retransmitida através dos séculos, sem sofrer evolução, e que se encontra sob formas muito semelhantes nos mundos orientais, árabes ou europeus, é a alquimia.

A ALQUIMIA NÃO SE DESENVOLVE, TRANSMITE-SE

Na corrente da alquimia nada de novo se descobriu. Pertence ao «adepto», que do «mestre» aprendeu o seu saber, procurar realizar a Grande Obra, sempre por meios imutáveis. A Grande Obra é a obtenção da pedra filosofal (ou pó de projecção), que permite transmutar os metais vis em ouro. Este facto — sabendo-se que a alquimia não evoluiu durante milénios — é uma realidade cheia de consequências. Contrariamente com o que acontece com as ciências experimentais actuais, não sofreu qualquer avanço espectacular devido a um «adepto» excepcional. De todas as vezes que tal eventualidade se apresentava, o alquimista obscurecia voluntariamente os seus textos, defendia-se com uma reserva inexplicável, como se estivesse sob o receio de um grande temor, após ter escapado a um perigo. O alquimista, trabalhador infatigável nas suas pesquisas da pedra filosofal e do elixir da longa vida, parecia paralisado pela consagração dos seus trabalhos. Ele, que labutara pacientemente contra todos, às vezes durante uma vida inteira, nunca se aproveitava dos seus poderes adquiridos, a não ser para transmutar uma onça de mercúrio. Nunca um alquimista do século XV irrompeu pela era atómica para proclamar a sua imortalidade. E, no entanto, somos levados a perguntar se a revelação não ultrapassava, e em muito, o previsto; se o segredo desvendado não era de natureza muito diferente, e a tal ponto que o seu conhecimento levava o adepto a afastar-se dos poderes anexos, como sejam a transmutação e a imortalidade. A ascensão do iniciado parecia fazer-se de modo exponencial. Quer dizer: chegado ao limiar da barreira, o último passo tornava-o eminentemente superior a um homem rico ou a um homem imortal. Eis a razão por que, no decorrer dos nossos trabalhos, muitas vezes nos interrogámos se a alquimia não continha, no fim de contas, a revelação da nossa essência.

Apesar da sua aparente estagnação, a alquimia contou sempre com grande número de adeptos, o que prova o valor das suas pretensões. Contudo, se o esoterismo de que se rodeava era sedutor para as teorias revolucionárias que procuravam um refúgio, permitiu também a problemas e a considerações secundários que se imiscuíssem nas regras fundamentais, atraindo o raio dos bem-pensantes e da autoridade. As funestas consequências de uma fusão a nível esotérico fizeram-se sentir na Idade Média. Isto fez do alquimista um proscrito, um mágico, um ocultista, um danado enviado pelo Diabo para investigações maléficas. É assim que encontramos a alquimia como rainha no seio das sociedades secretas, portadora de ideias rebeldes que a desviam um tanto do seu caminho recto. Tornou-se símbolo de um certo ateísmo e do Mal, mas, graças à sua base segura, pôde sobreviver até aos nossos dias.

OS ADEPTOS MODERNOS

O século XX é céptico, mas também é curioso. Nos últimos tempos têm-se publicado numerosas reedições e traduções de textos sobre alquimia, que têm obtido certo êxito. As esperanças acalentadas pela física e pela química de hoje encontram paralelo na alquimia. Mas esta curiosidade não pode manter-se passiva perante este desconhecido vindo do nada. Por esta razão, existem ainda verdadeiros alquimistas a trabalhar contra tudo e contra todos, espalhados por todo o mundo, e cada vez mais procurados. Um país como a Rússia não hesita em prospectar a Europa, a fim de os localizar e de lhes oferecer boas condições de trabalho.

Contrariamente ao que se pensa, os alquimistas actuais são pessoas muito sérias, que, para fugir à fama de charlatanismo que os persegue, evitam toda a publicidade e fazem-se rodear pelo segredo mais completo. Um dos mais célebres alquimistas do século XX é tão pouco conhecido e aureolado pela lenda como o eram Paracelso ou Basílio Valentim na

Idade Média. Publicou os seus trabalhos sob o nome de Fulcanelli, e a sua obra mais célebre, O Mistério das Catedrais, *continua a ser um enigma. Ninguém sabe quem foi Fulcanelli, nem se já morreu ou se ainda é vivo. Existe uma sociedade secreta, os Irmãos de Heliópolis, que foi fundada no século II depois de Cristo, na Alexandria, e na qual Fulcanelli foi iniciado. Se bem que este alquimista moderno não desvende nada sobre a referida sociedade, é possível que possua técnicas e tradições extremamente antigas. De há uns vinte anos para cá, a alquimia parece ter recuperado uma certa vitalidade, mas, ao mesmo tempo, deu-se um cisma nesta corrente hermética. Na verdade, presentemente, pode dizer-se que há dois tipos de alquimistas, que, chamando a si a mesma tradição, agem seguindo vias diferentes. Por um lado, há aquilo a que se poderia chamar a «escola literária», que se esforça essencialmente por manter e desenvolver o carácter espiritual da arte sagrada; esta corrente encontra-se sobretudo na Europa, e especialmente em França, com apóstolos como Eugène Canseliet, Cylani, Claude d'Ygé, Auriger, etc. Por outro lado, há a corrente alquimista «dos laboratórios», que, pela força das circunstâncias, é ainda mais secreta que a primeira, mas mantém um elo constante e poderoso com todos os iniciados. As testas de ponte desta central do passado ao serviço do futuro são Berkeley, Praga, Nova Deli, Tóquio e Paris. As ligações entre estes grandes centros fazem-se geralmente por via universitária e graças ao intercâmbio de conferencistas, de estudantes em fase pós-doutoral e de professores.*

A ALQUIMIA É TAMBÉM UMA FILOSOFIA

Não se caia no erro que consiste em afirmar que a alquimia se preocupa essencialmente com a busca da pedra filosofal. A sede de ouro dos homens ampliou o carácter «pecunioso» das operações, desfigurando a verdadeira consa-

gração da alquimia. Na verdade, «a arte de Hermes» é, antes de mais, uma filosofia. Não satisfeita por ser unicamente uma ciência, aspira a tornar-se uma disciplina que englobe todos os ramos da actividade viva, quer humana quer não. Seguindo a fórmula de Jolivet Castelot, alquimista do princípio do século, «antes de mais a alquimia empenha-se em experimentar e conceber a vida íntima da matéria, esforçando-se por descobrir a lei universal que liga a matéria à grande ordem cosmogónica». Nesta operação, o alquimista é um participante em parte inteira. Zósimo, o Panopolitano, diz-nos que a alquimia se torna num autêntico mystèrion*; a revelação pode fazer-se no meio de um sonho aquando de uma comunicação íntima e interior de um instante. Deste modo, a alma sente-se elevada e põe-se a «subir os degraus da escala mística». Trata-se simplesmente de um manejo espiritual que se encontra em todas as religiões do mundo, quando o pecador se põe em ligação directa com a divindade.*

A alquimia é, antes de mais, uma filosofia que tira a sua força do conhecimento mais perfeito da natureza. Com esta maneira de ver as coisas, os alquimistas do início da era cristã e da Idade Média serão levados a considerar que um dos modos de produzir metais é operar o mais próximo possível das condições da natureza. Esta concepção tinha, além do mais, o mérito de se não opor às ideias que corriam nessas épocas. Com efeito, dizem os alquimistas, não foi a natureza criada por Deus? E entregar-se às condições naturais não é mergulhar nas condições originais da criação do universo? Deste modo, tendo o homem recebido luz verde do seu amo e criador, refaz os gestos ditados para obter resultados análogos. Assim, visto que o ouro foi encontrado no fundo das minas primitivamente fechadas, servir-nos-emos de um vaso selado «hermeticamente» (derivado de Hermes, traço de união entre o homem e o grande mestre), em condições suaves de obscuridade e de temperatura. Por uma conivência indefinida, o alquimista procura retomar as condições da criação, como, no fundo, tenta fazê-lo o químico moderno. A pedra

filosofal, de certo modo, não passa de um catalisador universal, milagre que activa as reacções naturais. Por isso mesmo, dá possibilidades incalculáveis, que escarnecem do factor tempo.

UMA LOUCURA PERSISTENTE

Se bem que os souffleurs *(alquimistas não iniciados que buscam ao acaso) tenham conseguido fazer descobertas importantes, tendo estas servido de base à nossa química moderna, a obscuridade dos escritos «herméticos» e a vaga de racionalismo do século passado, que permitiram ao conjunto das ciências dar um salto gigantesco, exageraram infelizmente as contradições e as aberrações dos trabalhos da alquimia. Estes foram durante muito tempo desacreditados e considerados como um conjunto de absurdos e loucuras. Hoje em dia, considera-se que uma loucura que persistiu com tanta força durante séculos deve ser tomada a sério e deve ser estudada, mesmo que se deva revelar até que ponto a humanidade pode pensar erradamente.*

Presentemente, há grupos de sábios que se dedicam ao estudo crítico e enciclopédico da alquimia; certos factos explicam-se já, como seja, por exemplo, a decifração de determinados textos. Vários formulários não passam de criptogramas que é necessário traduzir em linguagem clara, visto que são constituídos por uma grande quantidade de símbolos só acessíveis a um número restrito de iniciados. Desde o início da física nuclear e, mais recentemente, como consequência das observações do francês C. L. Kervran no domínio da biologia, tornou-se evidente que são possíveis transmutações e que a unidade da matéria não é uma lenda, mas sim uma realidade científica.

Porque seria então a nossa ciência actual a única técnica que permite a verificação dos resultados já descritos pelos alquimistas? Os homens (deveríamos dizer: seres humanos ou não, terrestres ou extraterrestres) já descobriram os segredos

da energia e da matéria num passado sem fim? Um passado que tivesse conhecido uma brilhante civilização, com técnicas e filosofias muito avançadas mas diferentes das nossas, teria conseguido transmitir-nos um pouco do seu saber, apesar dos cataclismos geológicos, climatéricos ou de outra qualquer natureza, pelo meio indirecto de uma ciência tradicional e mística?

A nossa própria civilização, à beira de conhecer um prodigioso desenvolvimento, começa a duvidar da sua «exclusividade» e procura interrogar o passado de uma maneira científica, com o fim de encontrar talvez um meio de esclarecer o mistério da sua essência e os novos utensílios com que forjar o seu futuro.

UMA HIPÓTESE

Durante a nossa pesquisa bibliográfica verificámos com surpresa que o planeta Vénus (ou o seu símbolo) tinha um lugar importante na alquimia. É por isso que daremos um relevo particular a este planeta estranho. Vamos mesmo até avançar uma hipótese ousada: Vénus é o berço da alquimia. Nos manuais célebres são-lhe feitas alusões directas. Há muitas informações neste sentido, e Marcelin Berthelot observou muito antes de nós estas referências perturbadoras.

Seja de que maneira for, se a alquimia tem uma origem extraterrestre, o mesmo conhecimento não pode evoluir de forma análoga em dois meios diferentes. Marcámos com a nossa sigla as receitas ensinadas e chegámos ao mesmo resultado, mas por via diferente. A transmutação dos metais em ouro é ponto assente. A imortalidade bate à porta dos nossos cemitérios. Porém, no que diz respeito à nossa ascese filosófica, parece que estamos distantes da preconizada pelos nossos predecessores. É mais que provável terem ficado decepcionados com a nossa pouca aptidão em pôr em prática a sua sabedoria e o seu ensino. Mas o espírito humano não pode

ter medida comum com outro qualquer. Nós fomos criados para seguir o nosso destino, e mesmo que a alquimia e o ocultismo tenham tentado canalizar os nossos espíritos estes só aspiram à liberdade que nós não podemos dispensar. Somos «homens da Terra», tal como os cosmonautas deixaram escrito na Lua.

A teoria que afirma que avançamos para a origem da alquimia não está isenta de apelo; quer dizer, o leitor não terá de a aceitar sem formular para si a sua própria opinião. Nós submetemos-lhe o que nos parece mais provável, mais razoável. Veremos que conhecemos, de facto, muito pouco de Vénus, e se este planeta tivesse querido prestar-se de melhor vontade às sondagens dos habitantes da Terra com certeza que a teoria teria podido ser mais bem elaborada.

Também não pretendemos explicar a génese do cosmo partindo da alquimia. O nosso trabalho é mais humilde, mas talvez mais directo. A alquimia, devido à sua idade, ao seu carácter gnóstico, põe-nos directamente em contacto com uma época passada, de que as únicas testemunhas são os fósseis. Apoiando-nos na transmissão oral e escrita dos alquimistas, conseguiremos um dia refazer a História? Por agora, admiremo-nos olhando em frente e tentemos através da alquimia revelar algumas verdades... que um dia nos levarão até à Verdade.

CAPÍTULO I

VÉNUS, PORTA-LUZ

A ESTRELA DO PASTOR VISTA NO SÉCULO XX

QUANDO passeamos pelo campo numa noite de Verão e levantamos a cabeça para admirar a magia do céu estrelado, não podemos deixar de reparar nesse ponto mais brilhante que é Vénus, a estrela da tarde, a estrela da manhã, ou ainda a estrela do pastor.

Este planeta, cujo tamanho é ligeiramente menor que o da Terra, realiza actualmente a sua revolução em volta do Sol em 224,7 dias terrestres, ano sideral deste corpo celeste. A sua órbita, apesar da sua fraca excentricidade, é inteiramente interior em relação à da Terra.

As informações recolhidas sobre Vénus por diferentes métodos de observação são contraditórias quanto à sua rotação. Por enquanto ninguém sabe se o planeta gira sobre si próprio tão lentamente que o seu dia é igual ao seu ano, ou tão rapidamente que a parte que fica na sombra nunca arrefece suficientemente. Estas dificuldades provêm (havemos de ver) da presença de uma espessa atmosfera.

No entanto, sabemos que a sua densidade é da mesma ordem da da Terra (5,12 contra 5,52), o que permite prever, sem no entanto se afirmar, que a constituição interna dos dois planetas «deve» ser semelhante.

Os métodos ópticos usuais empregados para sondar os astros revelaram-se ineficazes no que diz respeito a Vénus, o que contribuiu até aos nossos dias para adensar o mistério que envolve este planeta. Vénus faz parte dos planetas chamados «terrestres», em oposição aos «grandes planetas», muito maiores que a Terra. Na sua categoria encontram-se (por ordem de distância crescente em relação ao Sol) Mercúrio, Vénus, Terra e Marte. Hoje parece inteiramente assente ser a atmosfera de Vénus a mais densa das quatro.

A natureza da atmosfera de Vénus tem sido objecto de numerosas observações, que têm alcançado resultados contraditórios e, aparentemente, pouco satisfatórios. O invólucro gasoso é, segundo as últimas observações, constituído por duas camadas: uma, a mais elevada, é pouco densa e as suas nuvens só se vêem à luz ultravioleta; a outra é muito espessa, muito mais próxima do Sol e responsável pelo elevado poder reflector (albedo) do planeta (0,75 para Vénus, 0,22 e 0,13 respectivamente para Marte e para a Lua).

Se bem que a composição desta camada não seja ainda exactamente conhecida, sabe-se que é formada por partículas microscópicas — uma espécie de poeira agitada por movimentos de convecção e turbulências.

Se, em vez das informações fornecidas pelos telescópios, se utilizarem os dados recentemente fornecidos pela radiastronomia e, melhor ainda, pelas sondas *Mariner 2*, *Vénus 5* e *Vénus 6*, o nosso conhecimento do planeta irmão «parece» que aumentará muito.

Assim, afirma-se que o próprio solo se apresenta em estado pulverulento, que a superfície é relativamente plana e que a presença de extensões marinhas (oceanos ou mares) é muito pouco provável.

Estas informações parecem indicar que a brilhante Vénus oferece essencialmente um espectáculo de desolação. Para aumentar este aspecto sinistro apresenta à superfície uma temperatura elevada, que as duas sondas soviéticas *Vénus* não conseguiram precisar a menos de 300° C, muito embora se

aproximassem a uma distância de vinte quilómetros. Qualquer que seja a ordem de grandeza, 500° C exclui a possibilidade de qualquer vida em Vénus, ou pelo menos de uma vida «evoluída» tal como nós a concebemos.

Mesmo sendo a temperatura no solo relativamente elevada, a das camadas superiores da atmosfera venusina é da dos 0° C. Por consequência, é difícil explicar porque é Vénus tão tórrida à superfície, pois o seu calor não pode provir directamente do fluxo solar, o qual incide primeiro nas camadas exteriores. Certos sábios invocaram o «efeito de estufa», quer dizer, a acção provocada pela densa atmosfera do planeta, que reteria o calor transportado pelos raios do Sol. Esta explicação (como todas as que dizem respeito a este planeta) esteve sujeita a numerosas controvérsias, vindas de astrónomos que sugerem, sem avançar mais provas que os primeiros, a hipótese seguinte: seria um efeito térmico produzido pela fricção das partículas de poeira erguidas pelo vento...

Com efeito, esta segunda sugestão faz apelo a outras, e de tal maneira que a verdade ainda não é fornecida pela ciência actual. Sobretudo quando se sabe que observações radiométricas, datando de 1922, no monte Wilson e em Flagstaff, mostraram que uma considerável quantidade de calor é emitida pela parte não iluminada do planeta Vénus...

Sob o ponto de vista da composição química da atmosfera, os estudos espectroscópicos estabeleceram que um dos constituintes importantes é o gás carbónico, que apresenta faixas de absorção características, sobretudo em infravermelho. Também se encontram em grande quantidade azoto e oxigénio, mas este em percentagem mais reduzida. Esta composição aproxima-se da sua homóloga terrestre de há uns seiscentos milhões de anos. Não devemos perder de vista que o «nosso mundo» não cessou de evoluir e que a sua idade actual deve andar pelos 5×10^9 anos! Não esqueçamos que o mar tinha uma temperatura de 30° há duzentos e dez mil anos. Trinta mil anos mais tarde descia para 25°. Ora, o nosso

universo saiu do nada há perto de cinquenta milhões de séculos...

A atmosfera de Vénus corresponde à que existia sobre o nosso globo antes de se iniciar a acumulação de oxigénio pela fotossíntese operada pelas plantas e antes da era dos grandes sáurios.

No entanto, é apesar de tudo perturbador, e às vezes mesmo irritante, verificar a nossa ignorância no que diz respeito a este planeta vizinho, que nos fita todas as noites com o seu grande olho luzidio e que, contra todos os progressos da astronáutica, guarda o seu segredo.

VÉNUS NEM SEMPRE FOI O QUE É HOJE

Se Vénus é actualmente o astro brilhante que se conhece, cada vez mais parece certo que nem sempre foi assim. Numerosos testemunhos começam a ser reunidos, e tendem todos a estabelecer a hipótese de que anteriormente à primeira metade do terceiro milénio antes de Jesus Cristo os homens só conheciam um sistema de quatro planetas.

O americano Immanuel Velikovsky, no seu livro revolucionário *Mundo em Colisão*, enumera o fruto das suas longas pesquisas, sem, no entanto, as precisar. O arqueólogo e jornalista Robert Charroux [1] esmerou-se a explicar os fundamentos desta hipótese; ei-los resumidos:

1. — As tábuas de Tirvalour, descobertas nas Índias no século XVIII e que datam dos anos de 3000 a. C., comportam numerosos dados astronómicos cuja precisão e rigor igualam os modernos. Facto extraordinário: Vénus está ausente dos planetas visíveis.

2. — Um calendário antigo descoberto em Boghaz-Keui, na Ásia Menor, mostra que a astronomia da Babilónia tinha também um sistema de quatro planetas.

[1] Robert Charroux, *Le Livre des Secrets Trahis* («O Livro dos Segredos Traídos»).

3. — As tradições mexicanas relatam que Vénus apareceu bruscamente no céu depois de um longo eclipse do Sol.

4. — Santo Agostinho conta que antigos escritos latinos descrevem um fenómeno prodigioso no decorrer do qual Vénus «mudara bruscamente de cor e de grandeza».

A última citação leva-nos a acrescentar que a aparição de Vénus no firmamento deve ter-se feito um pouco como quando se acende uma lâmpada eléctrica. Por outro lado, o seu brilho súbito foi tal que pôde rivalizar com o do Sol. Os Caldeus chamaram-lhe «a brilhante tocha celeste». Ora, mesmo tendo em conta a exuberância deste povo oriental, é difícil imaginar que este botão de ouro no coração da abóbada celeste tenha podido inspirar esta denominação. Enfim, conclui-se também por muitos textos chineses que Vénus era visível em pleno dia [1].

Durante séculos, este astro não pôde ser visto durante a noite. De repente, surgiu com o brilho do Sol. É uma situação para assustar o mundo. Daí a Vénus-Ísis dos Egípcios, a Vénus-Istar dos Babilónios, a Vénus-Ateneia dos Gregos.

A «chegada» deste astro não deixou de provocar prejuízos na Terra. A lenda taitiana sobre o nascimento da estrela da madrugada ainda hoje se conta no arquipélago da Sociedade, em pleno Pacífico. Segundo a lenda de Mangaldan, «a Terra, aquando do nascimento da nova estrela, recebeu uma chuva compacta de inúmeros fragmentos». Não há necessidade de insistir num facto sobre que Velikovsky se apoiou ao longo das trezentas páginas da sua obra. Vénus, surgindo aos olhos dos povos espantados, provocou na Terra um cataclismo de grande envergadura, mas veremos que talvez não tivesse a dimensão que o americano lhe atribuiu.

Um facto é certo: na Antiguidade, Vénus tinha um brilho que não tem hoje. De tal modo que, no apogeu da civilização romana, era tão brilhante que o seu nome era então

[1] Texto astronómico chinês de Sut Chéu.

Lúcifer, o que etimologicamente significa «portadora de luz» (*lux* = luz, *ferre* = trazer).

A conclusão (também se poderia dizer a hipótese de base) de Velikovsky é que se Vénus era desconhecida há cinco mil anos é pela simples razão de se não encontrar no sistema solar. Sob a forma de cometa incandescente (provindo do planeta Júpiter!), Vénus teria vindo inserir-se entre a Terra e Mercúrio, provocando estragos não muito consideráveis, visto que não havia destruído o homem, animal rasteiro e sem defesa, para quem o oxigénio é indispensável à sobrevivência, assim como uma temperatura moderada.

A teoria de Velikovsky é sedutora, fascinante mesmo, mas colide com as leis mais elementares da física e das probabilidades. Ele próprio reconhece nas primeiras páginas do seu livro a «harmonia celeste». Ora, é evidente que a entrada no sistema solar de um corpo cósmico estranho da envergadura de Vénus levá-lo-ia à ruína. Isto está estabelecido por todos os dados astronómicos existentes. A inserção de Vénus, vindo ainda tocar na Terra, teria acarretado perturbações gigantescas à escala do cosmo, destruindo toda a espécie de vida e provavelmente provocando a explosão da Terra.

Num outro plano, em quatro mil e quinhentos anos, Vénus teria passado do estado de cometa à forma de planeta extinto; há nisto elementos que perturbam todas as teorias modernas! Um cálculo mais terra-a-terra demonstra a vacuidade de tais proposições. O nosso mundo tem cinco mil milhões de anos. Há seiscentos milhões de anos a nossa atmosfera era idêntica à de Vénus actualmente. Conclusão: à Terra foram necessários quatro mil milhões de anos para ser o que é, e a Vénus somente quatro mil e quinhentos anos. Não faz sentido!

Um último argumento milita a nosso favor: a densidade de Vénus é, como vimos, muito semelhante à da Terra, o que nos leva a prever que a sua constituição interna é análoga. Como poderiam dois corpos celestes, cuja probabilidade de encontro é mínima, apresentar tais analogias de formas e

de fundo sem pertencer ao mesmo sistema estelar? Por isso, concluímos que Vénus sempre pertenceu ao sistema solar, tem o seu lugar na família dos planetas terrestres, sendo inútil invocar uma nova teoria cosmogónica para explicar a sua presença. Viu o dia ao mesmo tempo que o nosso mundo, a partir da nebulosa que originou o Sol que nos alumia e aquece desde muito antes do Êxodo.

O NASCIMENTO DE VÉNUS

Dissemos que pomos em grande dúvida a ideia de Velikovsky no que diz respeito à chegada de Vénus ao sistema solar. Mas só podemos basear-nos nos testemunhos que ele acumulou, aliás com uma minúcia digna de elogios.

Portanto, é absolutamente certo que no tempo do Êxodo e uns cinquenta anos mais tarde, isto é, cerca de 2500 a. C., dois cataclismos de grandes proporções abalaram o nosso mundo. As provas de apoio a esta afirmação já estão feitas. Uma das mais interessantes vem do Livro do Justo, quando Josué, seguro da sua confiança em Iavé, ordena que o Sol e a Lua se imobilizem. E o Senhor apressa-se a dar-lhe satisfação, enquanto o povo eleito se entrega sem vergonha à mais sanguinária carnificina da sua história.

Este texto parece tão inacreditável às pessoas menos instruídas como às mais versadas na matéria. Com efeito, uma tal perturbação parece inconcebível quando se verifica que, desde há séculos, todos os anos compreendem 365 dias, 5 horas e 49 minutos. É seguramente provável que se o Sol, com tempo claro, interrompesse o seu curso, nem que fosse só por um minuto, seríamos imediatamente prevenidos pelos aparelhos que registam o movimento das estrelas. Ora, no tempo de Josué, o homem só tinha os seus olhos para perscrutar o céu, e, se tivermos em atenção o tempo necessário para exterminar um exército em fuga, é certo que, para centenas de pessoas que observaram tal fenómeno, este deve

ter tido uma amplitude extraordinária. O passo do Livro do Justo poderia parecer uma obra de pura imaginação se uma perturbante lenda mexicana não viesse confirmar este facto único na história do mundo. Na verdade, nos anais mexicanos, há referência a uma noite que teve uma duração excepcional e que foi seguida pelo aparecimento da estrela da manhã. Estas duas observações datam da mesma época, tanto quanto se pode saber, e é a razão por que, se se não perder de vista a diferença horária entre a Palestina e o México, se impõe uma conclusão: trata-se de um mesmo e único fenómeno. Mais ainda, o Popol Vuh [1], livro sagrado dos Maias e cuja origem é tão antiga como a Bíblia, refere-se a uma época de apocalipse que se seguiu a uma longa noite: «Por fim, violentas tempestades acabaram de aniquilar os seres da Terceira Idade, cujos olhos foram arrancados, as carnes corroídas, as entranhas destruídas, os nervos e os ossos exterminados pelos *seides* do deus da Morte.» [2] As descrições e os testemunhos estão curiosamente muito próximos dos referidos nas citações bíblicas, nos Vedas hindus ou até nas narrações feitas pelos Polinésios aos primeiros brancos que os visitaram no século XIX. É assim que, em 1829, pouco tempo depois da chegada dos primeiros exploradores de Taiti, Paparua, mestre-escola, e M'oa, sacerdote da ilha, dão a versão taitiana do Dilúvio. A tradução desta narrativa é a seguinte [3]:

«Taiti foi um dia submersa pelo mar — tanto a Grande Taiti como a Pequena Taiti. Não ficaram nem porcos, nem galinhas, nem ratos, nem cães, com excepção dos que foram salvos por dois seres humanos. Os deuses encarregaram-se dos pássaros e dos insectos e conservaram-nos no céu.

Do norte começou a soprar um forte vento, acompanhado de chuva e de trombas-d'água. Grandes árvores e rochedos foram arrancados e projectados no ar pela tempestade e pelos

[1] Ver R. Charroux, *Le Livre des Secrets Trahis.*
[2] *Popol Vuh*, tradução Recinos, referido por R. Charroux, ob. cit.
[3] T. Henry, *Tahiti aux Temps Anciens*, Museu do Homem, 1962.

turbilhões. Mas houve um casal, um homem e uma mulher, que foram poupados...»

A continuação recorda estranhamente a aventura de Noé, visto que o homem e a mulher se refugiaram no cume de uma montanha, levando os seus animais, e aí ficaram até as águas baixarem e deixarem aparecer uma paisagem de morte e desolação. O Dilúvio foi depois seguido por ciclones, chuvas de pedra e, «umas após outras, as catástrofes vinham do céu». *(Te pe' ape' a te pe' ape'a Mai te ra'i mai.)* Todas estas versões do Dilúvio das diversas tradições são estranhamente concordantes. Recordemos que a Bíblia nos diz, em referência ao tempo do Êxodo, que havia o oceano e os rios vermelhos de «sangue», a maré gigantesca, os sismos, as chuvas de pedra, a queda de pedaços de céu, que foi para os Gregos o combate de Zeus e Tífon. Uma grande fatalidade abateu-se sobre o nosso globo, exterminando irremediavelmente populações inteiras.

Quais eram as razões deste cataclismo? A aproximação dos dois factos seguintes aponta-nos uma solução: Vénus, invisível, começa bruscamente a arder, e a Terra é sacudida até às entranhas.

Sim, Vénus, a estrela de fogo, é a causa dos nossos tormentos. E para isso não há necessidade de a fazer chegar aos confins do éter sob a forma de cometa. A explicação é muito mais simples e, se parece fantástica, devemos ter o cuidado de a não refutar.

Vénus, invisível aos olhos nus da humanidade, devido à ausência de meios de observação mais poderosos (também não se viam Neptuno e Plutão), está no entanto presente, e, porque não?, habitada. A causa da sua invisibilidade: a sua atmosfera, da mesma natureza que Neptuno e Plutão.

Portanto, uma calamidade que resta precisar incendiou Vénus à escala planetária, elevando o seu solo e a sua próxima atmosfera a uma temperatura tal como apareceu para o resto do sistema solar. O seu invólucro gasoso era tão denso que representou o papel de invólucro térmico, diminuindo

assim consideravelmente a velocidade com a qual a energia calorífica se dissipou na atmosfera. Esta interpretação permite explicar a temperatura tão elevada da baixa atmosfera do planeta, da mesma forma que, como veremos, a composição do «solo» venusino.

No entanto, é certo que Vénus sofreu de tal modo esta catástrofe que toda a civilização do planeta foi exterminada. No entanto, como tinha um grau de desenvolvimento extraordinário, certos seres puderam ser salvos fugindo deste mundo em fusão e procurando refúgio na Terra, que era o planeta mais próximo. O planeta Vénus foi desviado da sua trajectória e esta situação deve ter-se feito sentir em todo o sistema solar. A Terra, pela sua aproximação, oscilou no seu eixo e viu a sua velocidade de rotação diminuir momentaneamente, o que fez acreditar aos primitivos que o Sol interrompia a sua progressão. Produziu-se um desequilíbrio da gravitação e das forças concomitantes, o que ocasionou toda uma série de infortúnios que se abateram sobre nós. Podemos dizer, sem receio de nos enganarmos, que o nosso planeta esteve prestes a ser aniquilado.

Não podemos impedir-nos de pensar que a situação virá a ser a mesma se, um dia, a estupidez humana não cessar de acumular os seus *stocks* nucleares. Simplesmente, nós não seremos então capazes de salvaguardar uma amostra da nossa humanidade enviando-a para outro planeta onde possa subsistir. A conjuntura torna-se extremamente significativa quando se pensa que, se tivéssemos de abandonar o nosso planeta, seríamos absolutamente incapazes de atingir um planeta do sistema solar com uma atmosfera — Vénus, por exemplo — e aí sobreviver.

OS DISCOS VOADORES DE HÁ CINCO MIL ANOS

Chegados a este ponto de desenvolvimento, seria impossível não evocar o enigma dos OVNI (objectos voadores não identificados). A principal característica dos discos é aquilo a que Michel Carrouges chama a sua «vigilante expectativa» [1]. Numa outra ordem de ideias, Aimé Michel fez a seguinte descoberta: os OVNI manifestam-se ao longo de linhas geográficas rectas e as suas trajectórias formam verdadeiras redes, cujos principais alinhamentos se recortam em pontos de polarização [2]. Devido à sua velocidade, à sua maneabilidade e sobretudo devido à ignorância da situação, os discos parecem provir de uma sociedade já no apogeu de uma civilização cibernética que só agora começamos a descobrir. Ora, se os discos voadores tiveram a sua hora de glória há alguns anos, não devemos por isso acreditar que este fenómeno foi único na longa história da humanidade. Em especial, houve na Europa, em fins da Idade Média e no princípio do Renascimento, uma «epidemia» de testemunhos que diziam respeito a objectos voadores de que se ignorava tanto a natureza como a origem. Assim, esquecem-se com frequência as «visões» que tiveram muitas pessoas em Itália e que deram ao genial Leonardo da Vinci as ideias das célebres máquinas voadoras, cujos planos desenhou com uma espantosa precisão uns quatro séculos antes dos pioneiros da aeronáutica.

Do mesmo modo, parece que há perto de cinco mil anos o homem teve problemas com seres «voadores». Com efeito, existem numerosos desenhos e esculturas na América do Sul, na Ásia Menor, nas Índias e mesmo em certas cavernas que representam estranhos aparelhos aéreos. Mais ainda, os dese-

[1] Michel Carrouges, *Les Apparitions de Martiens*, Fayard.

[2] Parece que o autor teve depois de reconhecer ter-se enganado. Galileu, no início do século XVII, não renegou as suas afirmações, especialmente que a Terra girava em volta do Sol?...

nhos em argila de Nínive mencionam também seres voadores, e todas as grandes tradições, bíblicas, ameríndias, polinésias, estão cheias de anjos ou de deuses vindos do céu a bordo de misteriosos navios celestes. Nestas condições, estamos inclinados a acreditar que os discos voadores de há cinco mil anos não eram senão astronaves que efectuavam missões de reconhecimento sobre a Terra, a fim de proceder a múltiplas análises e observações. Estes extraterrestres, que apalpavam terreno de qualquer maneira, antes de se refugiar no nosso planeta, poderiam muito bem ser os Venusinos, cujo planeta incendiar-se-ia pouco depois da sua aparição na Terra. Estes refugiados, se foram pouco numerosos e não conseguiram implantar a sua raça no nosso solo, puderam, no entanto, ter uma influência considerável sobre o curso do nosso destino. Actualmente nada nos permite rejeitar a hipótese de que a Terra poderia mais uma vez servir de planeta de sobrevivência a um povo obrigado a deixar a sua pátria. Se foi isto que aconteceu, este povo teria uma superioridade incontestável sobre a nossa ciência actual, e seria normal que os recém-chegados subvertessem a nossa civilização e trouxessem consigo, sob qualquer forma, uma parte do seu saber.

O CUBO DO DOUTOR GURLT

Um dos mais célebres vestígios que os extraterrestres teriam deixado na Terra, no decorrer de uma das suas visitas, é um objecto extremamente misterioso que foi descoberto em 1885 e que actualmente está exposto no museu da cidade de Salzburgo. Descrições pormenorizadas e comentários respeitantes ao que hoje se chama o «cubo do doutor Gurlt» constituíram objecto de numerosos artigos em diversas revistas científicas.

Foi descoberto pelo doutor Gurlt num bloco de carvão da era terciária. Este carvão, tendo-se formado há várias dezenas de milhões de anos, dá-nos uma ideia da antiguidade

do «cubo» preso na massa de carbono. Este cubo é de facto um paralelepípedo, cujas dimensões são $67 \times 67 \times 47$ mm, ligeiramente arredondado em duas faces opostas. Pesa setecentos e oitenta e cinco gramas e a análise química revelou que se trata de um bloco de aço níquel-carbono, de uma dureza notável, e cuja fraca taxa de enxofre exclui a possibilidade de liga natural de origem pirítica. Enfim, o aspecto da sua superfície leva decididamente a pensar que o cubo foi fabricado.

Não há portanto qualquer dúvida no que diz respeito à antiguidade deste bloco de aço, o qual representa um testemunho de valor excepcional. Tanto mais que é praticamente nula a probabilidade de encontrar um objecto talhado há milhões de anos, tendo portanto vivido todas as transformações que a Terra conheceu durante este imenso período.

Se os habitantes de um outro mundo vieram à Terra durante a era terciária, é razoável pensar que este facto não foi único, e quanto mais nos aproximamos da época actual mais deve ser fácil descobrir provas e vestígios de tais visitas. E, efectivamente, vamos mostrar que se deu a vinda há cinco mil anos de seres estranhos ao nosso planeta, o que marcou profundamente as nossas civilizações, as nossas tradições e sobretudo a nossa tecnologia e a nossa ciência.

O CATACLISMO EM VÉNUS E A ALQUIMIA

Está, portanto, quase estabelecido que uma catástrofe de grande amplitude se deu em Vénus. Não pensamos que esta se tenha produzido como consequência de um processo nuclear, pois, mesmo que isso fosse bastante para explicar as características da atmosfera venusina, restar-nos-ia a composição química desta atmosfera para ver que não foi afectada pelo fenómeno. E mais: seria difícil avançar a hipótese segundo a qual seres venusinos evoluídos teriam podido sobreviver,

mesmo temporariamente, sobre a Terra, cuja atmosfera é sensivelmente diferente da de Vénus.

Acreditamos portanto que o cataclismo de Vénus tem uma origem não nuclear, no sentido em que a palavra é usada actualmente, mas sim que é resultado do uso infeliz (voluntário ou não) de uma técnica que domine a força dos raios cósmicos. Em especial, pensamos que os Venusinos teriam sabido focalizar ou mesmo criar raios cósmicos [1], o que, por um princípio análogo ao do *laser* dos nossos sábios, lhes permitia dispor de uma fonte energética quase infinita e inesgotável. A utilização dos raios cósmicos permite, evidentemente, operar transmutações nucleares bem mais fáceis que as transmutações atómicas feitas actualmente.

Os sábios dos nossos dias conhecem muito bem as radiações cósmicas. Observaram-se partículas que podem atingir energias de um trilião de electrões-vóltios. Sabe-se igualmente que os raios cósmicos, incidindo na atmosfera e na superfície terrestre, engendram constantemente um certo número de espécies radiactivas ou não, e em particular transmutam o azoto 14 vulgar em carbono 12 vulgar ou carbono 14 radiactivo com produção de protões ou de tritões [2].

Na nossa opinião, a «catástrofe» de Vénus seria, portanto, consequência de impotência dos habitantes do planeta para dominar um gerador de raios cósmicos ou de partículas similares, ou então uma guerra declarada por razões evidentemente desconhecidas. A radiação cósmica assim acumulada e subitamente libertada teria transformado a atmosfera venusina, que era semelhante à nossa, naquilo que é actualmente. As partículas fortemente energéticas teriam dissociado o azoto N_2 (4/5 da atmosfera terrestre) em átomos N e depois tê-los-iam transformado em átomos de carbono, os quais, à temperatura em que estavam, davam uma reacção de com-

[1] Os raios cósmicos fazem parte da maioria dos núcleos de hidrogénio ou de elementos mais pesados de energia elevada que nos bombardeiam desde há milhares de anos. *Atomes*, Fevereiro de 1969.

[2] W. J. Moore, *Physical Chemistry*, Prentice Hall, Nova Iorque.

bustão com oxigénio para produzir o óxido de carbono e o gás carbónico revelado pelas sondas soviéticas *Vénus 5* e *6*. O carbono não queimado, estagnando à superfície, constituiria uma camada pulverulenta importante sobre o solo venusino.

O que nos incita a optar por esta conclusão é, por um lado, porque explica todos os factos conhecidos hoje no que diz respeito a Vénus e às suas características físicas e, por outro lado, a importância da radiação solar (ou cósmica), que se encontra em todos os textos de alquimia.

A alquimia, restos da ciência venusina, procurou transmitir o segredo do domínio da radiação cósmica para realizar transmutações e o da sua importância como fonte de energia. Não há sobre isto a mais pequena dúvida, de tal modo antigos alquimistas insistiram neste ponto capital. Assim, Zósimo, um dos maiores alquimistas gregos, escreveu: «O que o fogo efectua por artifício, o Sol realiza por concurso da divina natureza. O Grande Hermes afirma: "O Sol faz tudo." Hermes diz ainda: "Expõe ao Sol e dilui o vapor ao Sol."» [1] De passagem, Zósimo cita Hermes, o deus que teria revelado a alquimia aos padres egípcios. Mais adiante, diz ainda: «O momento oportuno (para empreender a Grande Obra) é o Verão, quando o Sol tem uma natureza favorável para a operação.»

Blemides é ainda mais explícito: «Parte o ovo [2] e deita no licor de prata três partes de vidro moído. Expõe tudo aos raios do céu sete vezes e extrai um do Todo. Se acontecer a matéria quente adquirir a cor do cinabre, é porque se não deu a mistura. Pega no sedimento e, depois de o teres salpicado de pirite, deixa operar o Sol e escolhe os raios da manhã.»

Exemplos deste tipo encontram-se indefinidamente em obras de alquimia, e as mais misteriosas só empregam o termo «luz» no sentido de irradiação e o termo «solar» num aspecto simbólico, para indicar uma força universal, que muito simplesmente poderia ser a energia.

[1] Marcelin Berthelot, *Colection des Anciens Alchimistes Grecs*, Paris, 1888.

[2] Símbolo do matrás de longo gargalo, onde o alquimista colocava os reagentes.

Hoje, no início das viagens interplanetárias, começamos a perguntar-nos com uma certa angústia se toda esta evolução técnica, se todas estas descobertas gerais não nos foram inspiradas por seres superiores que tivessem tentado uma operação de sobrevivência no nosso planeta. O homem, directamente vindo de Deus, habitando o Centro do Mundo, o homem, esse monumento de sabedoria, essa inteligência superior, ver-se-ia relegado para um papel de imitador, um pouco como um macaco aprende das mãos do homem pedaços de saber. O homem, com a sua cupidez natural, o seu orgulho e a sua fraqueza, também não teria sabido reter no seu pequeno crânio o que impressionava a sua imaginação. E aqui não podemos deixar de citar as três grandes aspirações da alquimia:

a) Penetrar a essência da matéria e comunicar-lhe o estado perfeito. Era a finalidade da busca da pedra filosofal que devia permitir transformar em ouro ou em prata os metais vis.

b) Conhecer a imortalidade pela preparação da panaceia, ou elixir da longa vida.

c) Atingir a felicidade total identificando o adepto com a alma do mundo ou o espírito universal.

Não tem o homem, desde há séculos, procurado por todos os meios realizar estes grandes sonhos? Já os realizou no decorrer da sua longa história? Realizá-los-á de novo num futuro próximo?

O APARECIMENTO DE VÉNUS E O INÍCIO DAS TÉCNICAS

A similitude dos motivos folclóricos dos povos dos cinco continentes e das ilhas oceânicas cria um difícil problema de etnologia e antropologia. A simultaneidade da aparição das técnicas, primeiro em determinados locais bem precisos, depois no conjunto do Globo, não é menos desconcertante. Sobretudo quando se sabe que após centenas de séculos de estagnação a técnica humana atrai uma espiral ascendente

de que ainda hoje continuamos a sofrer a influência. Esta eclosão do génio humano fez-se num tempo relativamente curto: entre 2500 e 3500 anos a. C. Por outras palavras, o homem cria novas técnicas e progride a passos de gigante pouco tempo antes de Vénus se tornar visível, época que corresponde à das visitas à Terra dos anjos, de que nos falam as narrativas bíblicas. Este impulso científico atinge um máximo após o «cataclismo» venusino.

Depois, após três ou quatro séculos, os progressos técnicos continuam, mas lentamente, passando por certas épocas de recessão, como do século V ao XII. Espasmodicamente, a tecnologia manifesta acelerações bruscas, dificilmente previsíveis, das quais a mais espectacular se situa na época actual. Não estamos agora a dar em dez anos um passo que equivale a um milénio? Um outro período de progresso foi o Renascimento, quando surgiu o mito da feiticeira percorrendo o céu montada numa vassoura. Porque é que o homem, ascendendo dificilmente as etapas da sua evolução, ficou sujeito irregularmente a relâmpagos de génio, cuja primeira faísca data de há cinco mil anos? Isto é contrário à teoria de Darwin. Tomemos a arte da cerâmica. A origem desta indústria artesanal remonta a tempos imemoriais, mas nesses tempos recuados os pratos, os vasos e tudo o que saía das mãos do oleiro tinham uma finalidade essencialmente utilitária e não ostentavam quaisquer motivos decorativos. Quando estes existiam, tratava-se em especial de figuras desenhadas artisticamente ou simplesmente geométricas, o que se conseguia com o dedo ou com um estilete. A cor era praticamente desconhecida, se não considerarmos o castanho do barro, o negro do carvão animal, ou qualquer tinta vegetal. E depois, três milénios antes da nossa era, aparecem bruscamente no Egipto, na China, nas Índias e na Ásia Menor, os vernizes, as lacas e os esmaltes. As cores tornam-se variegadas e duráveis, mesmo quando expostas às intempéries durante longos períodos. Além disso, têm um carácter químico: o vermelho provém do óxido de ferro, o azul do carbonato de cobre (azurite), o verde da

malaquite; para obter o negro, o carvão animal cede o lugar ao óxido de manganésio; os tons pastel não são esquecidos e verifica-se o uso do óxido de cobalto e do silicato de cobre para conseguir os olhos azul-celestes das estatuetas da Índia. Neste mesmo período, aparecem muitas outras técnicas e, facto curioso, todas ligadas de muito perto ao que hoje chamamos química. Foi assim que surgiu o fabrico do vidro, que, após análises de ampolas encontradas em diversos túmulos egípcios e de gargalos de frascos encontrados na China, surge como um material de excelente qualidade, com fraca proporção de sódio, mas com um elevado grau de silício e de cal, tal como hoje se encontra nos vidros modernos ultra-resistentes.

Também simultaneamente, começaram a ser fabricados o cimento, os perfumes, os unguentos e as pinturas.

As bebidas fermentadas (a cerveja, a cidra e o vinho) apareceram igualmente, sujeitas a técnicas que, desde há quatro mil anos, em nada evoluíram. Em vários casos, certos segredos e propriedades se perderam, só sendo reencontrados na época actual. Por exemplo, o *plâtrage* dos vinhos, que consiste em juntar sulfato de cálcio ao sumo da uva em fermentação, revela-se com o tempo muito nocivo para o organismo [1]. As leis actuais impedem esta prática, que era corrente nos séculos passados, visto ser ignorado o perigo que fazia correr. Portanto, desde o primeiro século depois de J. C., o sábio grego Dioscórides informava que juntar sulfato de cálcio ao vinho (que começava a ser feito na sua época) era, na opinião dos antigos, altamente prejudicial para o organismo. Diodoro, que viveu mais ou menos no tempo de Dioscórides, recorda um grande número de factos esquecidos no seu tempo, como, por exemplo, a observação de que o uso da cerveja não só favorece a obesidade como também ataca os rins, pelas suas propriedades diuréticas.

[1] J. M. Stillman, *The Story of Alchemy and Early Chemistry*, Nova Iorque.

Ensina-nos também que, para ter água potável, esta deve ferver e, uns dezoito séculos antes de Pasteur, afirma o interesse da esterilização.

O progresso das técnicas humanas manifestou-se ainda na medicina, onde a utilização de compostos químicos tinha um papel importante. Assim, o *stibi*, ou sulfureto de antimónio, não era só para pintar os olhos, mas também um medicamento importante, como também o óxido de antimónio. Os anestésicos fizeram também a sua aparição há quatro mil anos, com o «vinho de mandrágora», obtido pela destilação da planta deste nome. Enfim, substâncias que também podem ser nocivas, como a estricnina, são perfeitamente conhecidas e elaboradas pelos «homens de ciência» da época, quer dizer, em geral os sacerdotes e os feiticeiros.

O domínio em que o progresso humano foi mais espectacular é o da metalurgia. O metal que o homem utilizava há cinco mil anos era o cobre; todos os objectos metálicos trabalhados pertencentes à proto-história revelaram-se, na análise, ser de cobre puro. Depois de os «anjos» descerem à Terra e de Vénus se instalar no firmamento, vêem-se as primeiras ligas de metais de propriedades notáveis. Angelo Mosso analisou uma estátua egípcia de Pépi com a data de 2500 a. C. e verificou que era feita de bronze, a 6,56 por cento de estanho [1].

Assim, o homem, mesmo antes de possuir todos os dados referentes a cada um dos metais, não hesita em ligá-los para conseguir uma valorização das suas qualidades. Mistura o cobre e o chumbo, quando nada fazia prever que desta liga se pudesse tirar qualquer vantagem. Tais processos implicam uma série contínua de experiências e de ensaios, cuja adopção é dificilmente atribuída aos feiticeiros da época. Estas ligas são, evidentemente, mais resistentes que o cobre sozinho, e esta inovação constitui um enorme progresso. As referidas combinações encontram-se em todas as minas dos antigos

[1] Angelo Mosso, *The Dawn of Mediterranean Civilization*, Londres, 1910.

berços da civilização. É assim que Schliemann descobre nas ruínas de Tróia e de Tiro bronzes de cobre e de estanho e também de latão. Nesta mesma época nascem no Egipto, na Mesopotâmia e nas Índias as forjas e a indústria do ferro. Anteriormente a 2500-2700 anos a. C., o ferro não era conhecido como metal de eleição e útil ao homem. E eis que, de repente, é utilizado de maneira intensa; e pouco depois criam-se os aços. Segundo Von Lippmann [1], os mais antigos utensílios de ferro foram encontrados na pirâmide de Quéops e datam de 2500 anos a. C. Era pouco mais ou menos a chamada «Idade do Ferro», que os «selvagens» europeus conheciam.

Em conclusão, a brusca mudança das capacidades intelectuais dos nossos antepassados, na nossa opinião, não se pode explicar sem uma intervenção exterior. Sem o empurrão do destino, talvez o leitor e eu estivéssemos hoje a perseguir quadrúpedes nas florestas que cobriam todos os continentes de clima temperado. Pensamos, portanto, que há uma probabilidade muito forte de que um acontecimento surgido no tempo do cataclismo das tradições bíblicas, que situamos há cerca de seis mil anos, tenha modificado radicalmente o curso da nossa evolução e que uma ciência extraterrestre tenha sido trazida nesse momento, ciência que muito sofreu com o nosso fraco quociente intelectual: a alquimia.

AS TÁBUAS DA BIBLIOTECA DE SARDANAPALO

Nas obras clássicas que pretendem descrever as origens da alquimia, os textos mais antigos remontam aos séculos II e III da nossa era. São, aliás, dois papiros, tomados como base por Berthelot, Hoefer, Kopp e outros historiadores da química: o papiro de Leyde e o de Estocolmo, cujas descobertas são relativamente recentes, visto que datam de 1828, num túmulo de um sacerdote egípcio próximo de Tebas. Os papiros têm receitas de alquimia de carácter essencialmente mágico.

[1] Von Lippmann: *Entstehung und Ausbreitung der Alchemie*, pp. 578 e 579.

Mas a alquimia mágica não passa da transição imediata das técnicas mágicas para técnicas científicas. Estas são envolvidas por ritos secretos, pois a sua realização não era acessível a todos. Ora, estas técnicas remontam muito mais longe no tempo, e não é de espantar que no início deste século tenham aparecido textos de alquimia mais antigos. Isto aconteceu em Nínive e tratava-se das tábuas da biblioteca de Sardanapalo.

Estes textos, no fundo e na forma, não diferem dos que se lhes seguem. Assim, encontra-se aí uma nova versão do *Homunculus*, o que não é para surpreender [1], e de que tornaremos a falar. As receitas a que se refere são um pouco artesanais, mas a sua execução assemelha-se a um rito mágico. De facto, encontramo-nos no ponto de junção antigo de todas as ciências. Em potencial, verifica-se por estas tábuas que nessa época as técnicas englobavam as artes do artista, os cultos mágicos e o ambiente científico. A separação realizou-se mais tarde com o desenvolvimento do misticismo, e é erro pensar que as técnicas comuns saíram das nossas ciências. É precisamente o contrário.

No entanto, é muito significativo fazer aproximações entre os textos das tábuas babilónicas e os greco-egípcios, estes adiantados um milénio. Facto notável, sob todos os pontos de vista, é os segundos terem esclarecido os primeiros de tal maneira que nos leva a deduzir que existe uma verdadeira filiação. Estamos em presença de uma mesma corrente, que examinamos em dois pontos da escala do tempo.

São os métodos para preparar os metais (cobre, prata) e para fabricar esmaltes, vidro e a tradicional imitação de pedras preciosas. O fogo desempenha um papel importante, num forno que se assemelha ao *athanor* do alquimista.

[1] M. R. Eisler *Zeitschrift für Assyriologie*, 1926.

Veremos que a alquimia está já mais evoluída que as técnicas vulgares. É uma inquirição sobre «os segredos e os mistérios» da natureza. A finalidade técnica não está excluída, mas sim englobada na satisfação desinteressada que as suas cartas de nobreza lhe dão.

«A alquimia, técnica e magia, é ao mesmo tempo uma protociência, como a astrologia a que se alia.» [1] Tal como a sua irmã, legará resultados de uma importância capital para a ciência que lhe sucederá.

[1] A. Rey «L'Evolution de l'Humanité», *La Science dans l'Antiquité*, Albin Michel, 1948.

CAPÍTULO II

OS «DEUSES» NA TERRA

O OURO INCA

No século XVI, quando Fernando Pizarro e os seus homens chegaram para conquistar as regiões andinas que constituem actualmente o Peru e uma parte da Bolívia, ficaram fortemente impressionados com a ostentação e profusão das riquezas dos Incas. Estes, querendo impressionar os estrangeiros e não calculando que só excitavam a sua cobiça, exibiram todo o esplendor de que eram capazes: «Precedido de quatrocentos corredores ricamente vestidos, rodeado de dançarinos e cantores. Atahualpa (rei do Império do Sol) avançou numa espécie de palanquim resplandescente de ouro, prata e pedras preciosas.» [1] O resultado não se fez esperar: os espanhóis atacaram. O inca foi feito prisioneiro. Reconhecendo o seu erro, prometeu um enorme resgate: comprometeu-se a encher de ouro, do chão ao tecto, a câmara em que estava encerrado.

Deve notar-se que esta abundância de metais preciosos não é exclusiva desta região. Cortez foi tratado do mesmo modo pelos Astecas. Entre todas as riquezas recebidas como presentes havia dois discos grandes como rodas de carro, um de ouro e outro de prata. Bernard Diaz, companheiro de Cortez, avalia-o em mais de vinte mil pesos de ouro...

[1] A. Reville, *Les Religions du Mexique*, 1885, Paris.

Nessa época, vivia no actual território de Nova Granada uma civilização ainda na Idade da Pedra, os Muiscas. Ora, os habitantes desta região usavam como moeda corrente pequenos discos de ouro, e todos os objectos metálicos de que se serviam eram de ouro puro. Chegou-se mesmo a afirmar que construíam palácios e templos de ouro maciço. Foram as notícias espalhadas sobre este povo que criaram a lenda do El Dourado.

Mas voltemos aos Incas. Entre eles, cada templo ou casa particular estavam cheios de estatuetas e outros objectos feitos do precioso metal. O mais imponente destes santuários chamava-se Coricancha, «o lugar de ouro». Aí se encontravam, entre outras coisas, conchas raras, belas plumas, pérolas e pedras preciosas, e além, impondo-se sobre cadeirões de ouro maciço, as múmias dos Incas, que pareciam manter um conciliábulo silencioso.

De facto, todo este ouro, que não tinha para os Incas e para as civilizações que os antecederam [1] outro valor que não fosse, juntamente com a sua beleza, o ser inalterável, ia aumentar os tesouros de Espanha, passando pelas algibeiras dos aventureiros descobridores.

O ouro, tão corrente na cordilheira dos Andes, tornou-se raro e, em menos de dois séculos, as extraordinárias riquezas foram completamente pilhadas. Os conquistadores espanhóis isentos de escrúpulos haviam-se apressado a destruir esta civilização graças à pólvora, sem procurar determinar a sua história e as suas origens. Estancada a sede do ouro, a América do Sul pôde respirar. Era a altura de se formularem perguntas!

Donde vinha este ouro que tinham encontrado por toda a parte no antigo Peru? Com efeito, está inteiramente excluído que este metal provenha das minas; as minas de ouro do Peru e da Bolívia são relativamente raras e muito pouco produtivas e, mesmo que nem sempre tenha sido assim, nunca

[1] Civilizações de Nazca, Ica Ancon e Chancay.

poderiam ter fornecido as tolenadas de metal necessárias para fazer os milhares de estátuas e de monumentos que se encontraram desde o início da conquista espanhola.

O ouro das cidades de Cuzco, Ollantaytombo, Pisac e Pachamac não podia provir doutras regiões, visto não existir qualquer rota para o resto da América do Sul.

Comprova-se com estes exemplos que as civilizações do Peru e do antigo México possuíam o supérfluo, faltando-lhes muitas vezes o necessário. Na altura das batalhas, um chefe mexicano usava uma couraça de ouro e um capacete de prata fulgurante representando a cabeça ameaçadora de um animal, que servia de emblema ou de totem à sua família. Tinha os braços guarnecidos de braceletes, e um colar de ouro e de pérolas caía-lhe sobre o peito. Era assim o comandante das tropas que os espanhóis enfrentaram [1].

Este ouro mexicano, e mais especialmente inca, ainda hoje constitui um mistério. As numerosas povoações índias dos Andes, interrogadas sobre a proveniência deste metal precioso, não conheciam a sua origem.

Algumas pessoas, respondendo com evasivas, diziam que sempre ali estivera e que os antepassado dos seus antepassados utilizavam «calhaus de ouro». Outras tradições índias afirmam, sem fornecer razões, que o ouro dos Incas é simplesmente a pedra dos seus planaltos, que os deuses transformaram em metal amarelo.

Ao segredo da sua origem junta-se o mistério da sua densidade. O ouro inca, se acreditarmos nas fontes citadas por R. Charroux [2], não possuía exactamente a mesma densidade do ouro vulgar. Apresentava, no entanto, as mesmas características do metal nobre, em especial um ponto de fusão de 1000° C, o que lhe permitia resistir à chama. Assim, com toda a segurança, podia-se falar em ouro, e não em *tombaque*,

[1] M. Chevalier, *Le Mexique Ancien et Moderne*, Hachette, 1894.
[2] R. Charroux, *Histoire Inconnue des Hommes depuis 100 000 Ans* («História Desconhecida dos Homens desde Há Cem Mil Anos»).

a imitação que os charlatães da Idade Média, dizendo-se alquimistas, fabricavam para os poderem enganar.

Uma outra característica do ouro inca era a sua textura superficial, denotando um trabalho do metal que não é conhecido nos nossos dias, mas que se encontra nos objectos de ouro dos Etruscos.

Há portanto, em definitivo, três factos perturbadores no que diz respeito ao ouro, que os Incas utilizavam em profusão, tal como hoje usamos os plásticos: a sua proveniência e densidade e a maneira de ser tratado.

Para nós, a solução é simples: os Incas não prospectaram minas para o encontrar — o metal, tal como o método de trabalho, foram-lhes cedidos por uma civilização superior que os havia precedido nos planaltos dos Andes. O ouro inca seria então ouro «alquímico». Essa civilização estava decadente e já não tinha força para impedir o seu desaparecimento. Que mal desconhecido a corroía? Essa raça iniciadora dos Incas foi talvez uma amostra dos fugitivos venusinos que aterraram na América do Sul depois de o cataclismo ter devastado o seu planeta.

Capaz de mudar de mundo, esta supercivilização devia certamente possuir o domínio da transmutação dos metais em ouro (tal como os sábios, actualmente, estão em vias de o fazer, graças à energia nuclear, mas em condições que não são rendíveis economicamente falando).

Os Venusinos deram este ouro aos indígenas então presentes (os antepassados dos Incas), do mesmo modo que os exploradores brancos conseguiram as boas graças dos indígenas negros da África distribuindo bugigangas. Isto explica que os povos pré-colombianos não dêem qualquer valor pecuniário aos metais preciosos, mas vejam neles um presente dos deuses [1].

Há um facto em que queremos insistir, pois dá um novo apoio à nossa teoria. Se os pré-incas do antigo Peru e os índios

[1] Paul Kelmen, *L'Art Précolombien hors du Mexique*, Payot.

olmeques do México consideravam o ouro um metal celeste, sem valor de troca, davam, pelo contrário, uma considerável importância monetária ao jade. Ora, o jade é uma pedra, não é um metal, e por conseguinte não pode resultar de uma transmutação...

OS PLANALTOS ANDINOS: LOCAL DE ATERRAGEM

Certos espíritos, com determinada inclinação para o fantástico, não hesitam em ver em Vénus a pátria dos gigantes de que nos fala a Bíblia.

Os Israelitas, na realidade, encontraram uma raça desconhecida aquando da conquista do país de Canaã. Nos *Números* (13-15) pode ler-se: «Não podemos marchar contra este povo, pois é mais forte que nós. Todos os que até agora temos visto são homens de alta estatura. Também vimos gigantes (os filhos de Anaq, descendentes de gigantes). Nós parecemos gafanhotos, e deve ser como eles nos julgam.»

É de reparar que todas as tradições do Globo mencionam uma raça de colossos: Titãs, Hecatonquiros... A *Génese* dos Maias fixa no ano 5206 do seu calendário o «tlaltonatiu», ou idade dos gigantes. Citemos, a propósito, o mito de Hunahpu e de Xbalanqué:

«Um titã, Vukub Kaxix, teve dois filhos. É um formidável gigante que se ergue. O globo dos seus olhos é de metal (!) cintilante e esmeralda, o esmalte dos seus dentes brilha como o céu, o nariz resplandece como a Lua, e o lugar onde se senta é de metal precioso.» [1]

Mas quem são estes seres que parece virem doutros sítios?

Seres que, depois do desastre do seu mundo, puderam, em pequeno número, fugir e vir estabelecer-se na Terra, erigir as estátuas da ilha de Páscoa, os templos pré-incas da cor-

[1] J. Babelon, *Mayas d'hier et d'aujourd'hui*, Plon, 1967.

dilheira dos Andes e gravar o calendário venusino de duzentos e vinte e cinco dias da Puerta del Sol de Tiahuanaco, na Bolívia.

Uma vez na Terra, os fugitivos teriam tentado auxiliar outros sinistrados a alcançar o nosso planeta. O que dá lugar a um desembarque em dois tempos ou mais. Porque não?

Num planalto árido dos Andes, em terra nua, nada se vê e, no entanto, apercebemo-nos recentemente, sobrevoando esta região, que é possível distinguir linhas cada vez mais nítidas à medida que se sobe na montanha; finalmente, a uma altitude bastante elevada, vê-se nitidamente um desenho representando uma espécie de aranha que se encontra em numerosos barros pré-incas. Num outro planalto, avista-se, também de avião, um mapa do céu em duas dimensões. Em especial, reconhece-se a nuvem de Magalhães, conjunto de estrelas só visível no hemisfério sul.

Os sábios procuram actualmente determinar, com auxílio de computadores, a data em que o céu, visto deste planalto, se apresentava com esta configuração.

Vê-se que em terra foram anteriormente criados pontos de aterragem para naves espaciais, e os alinhamentos de Carnac, na Bretanha, não são talvez estranhos a este fenómeno. Seja de que maneira for, outros indícios levam-nos à mesma conclusão: são monumentos edificados no tempo em que o homem era positivamente incapaz de o fazer.

OS MONUMENTOS GIGANTESCOS

Se se fizer a lista dos monumentos terrestres construídos há quatro ou cinco mil anos, verifica-se logo que é precisamente a época em que foram construídos os maiores monumentos do Globo; entre outros, as estátuas da ilha de Páscoa, as pirâmides do Egipto, o templo de Balbeque, Zimbabwé, etc.

Cada uma destas construções comporta blocos de pedra

de várias dezenas de toneladas, os quais é impossível explicar de maneira plausível por que prodígio foram erigidos. Os edifícios são inumanos no verdadeiro sentido do termo, quer dizer, os homens não tiveram a possibilidade de os construir. Porém, ainda sob este aspecto, há que fazer uma restrição (sempre a mesma): o que precede só é válido se se admitir a teoria clássica da Pré-História sem qualquer intervenção exterior. Considerando as descobertas arqueológicas, o homem de há cinco mil anos não conhecia qualquer técnica de construção racional análoga aos nossos métodos modernos, e estes seriam insuficientes em certos casos, como, por exemplo, o das pirâmides.

Encontraram-se no Sul da actual Colômbia estátuas gigantescas de natureza nitidamente extraterrestre e muito antigas. Melhor ainda: no início do século, exploradores intrépidos descobriram as provas indiscutíveis de uma civilização misteriosa, cujos veneráveis vestígios ainda são visíveis. Facto extraordinário: as ruínas indicam uma civilização muito avançada, que parece nunca haver tido outra noção das proporções senão aquela a que estamos habituados. E isto no meio de desertos de areia, em plena Ásia. O campo das hipóteses encontra-se mais uma vez aberto. No Tibete, nas montanhas, existe uma muralha gigantesca que ainda não desapareceu, prolongando-se a partir do curso do rio Quanqué, no sopé dos montes Caracórum. Esta construção testemunha uma civilização muito avançada que ali deve ter existido há milhares de anos.

Quando se pergunta aos habitantes destas regiões se conhecem alguma coisa sobre a sua origem, respondem evasivamente, afirmando que não sabem donde vieram os seus pais, mas que ouviram dizer que os primeiros homens destas localidades tinham sido governados pelos grandes génios dos desertos [1].

[1] A. Le Dain, *L'Inde Antique*, 1896, Paris.

Nestas regiões, os nativos ainda encontram, com frequência, vasos de ouro, moedas de prata e até peças de vidro colorido. Caixões de madeira envernizados com um material inalterável foram encontrados também, tendo no interior múmias embalsamadas que repousam no seu último sono desde há milénios. Entre estas múmias, várias correspondem a homens de estatura muito alta, de compleição forte, com cabelos longos e ondulados.

Que pensar de todas estas provas? Que concluir? Temos de chegar à conclusão que uma raça de gigantes viveu no nosso mundo num passado longínquo. Devemos recordar aqui a lenda dos antigos Atlantes, que pretende que seres fabulosamente grandes e dotados de maravilhosos poderes habitaram no nosso planeta. Como tudo isto se completa! E nós não somos os únicos a encarar um tal processo. Agrest, o célebre físico russo, vê em Balbeque as ruínas de um cosmódromo extraterrestre.

Uma lenda vinda directamente dos confins da Mongólia refere-se a uma imensa quantidade de documentos (espécie de biblioteca exumada das areias e venerável relíquia do antigo saber mágico) que os habitantes do local tiveram durante muito tempo na sua posse. Seriam os livros que Henoch, segundo as Escrituras, escreveu no céu, quando Deus, tendo-o levado consigo, quis iniciá-lo nos grandes segredos? Deus disse a Henoch: «Entrega a teus filhos os livros escritos pela tua mão e eles lê-los-ão e conhecer-me-ão a mim, o criador de todas as coisas.» Parece estender-se sobre estas verdades um véu que os que possuíam a chave dos símbolos não queriam levantar, pela razão de a luz demasiado brilhante do conhecimento supremo não ser boa para ser projectada num mundo que ainda não estava preparado para estes sublimes ensinamentos. O homem da Terra era para os «deuses» o que o Papua da Nova Guiné é para o Ocidental de hoje.

Uma doutrina secreta, mantida com grande cuidado selada nos santuários, esotérica na origem, depois exotérica, religião

universal, verdade essencial, mãe de todas as ciências, conseguiu resistir à prova do tempo. A alquimia pode muito bem ter sido um dos ramos dessa vasta «omnisciência».

OS OLMECAS

A origem dos Olmecas constitui também um enigma, e não dos menores. A sua língua, a sua cultura e a sua arte eram muito particulares e distinguiam-se das de todos os povos que ocupavam outras regiões do antigo México. A sua civilização foi florescente muito antes da era cristã e foi fonte de tradições artísticas dos Zapotecas, dos Totonacas e dos Maias, que iriam segui-los já na nossa era.

A origem desta civilização, que deve ter construído cidades de vários milhares de habitantes, não deixa de fazer lembrar as velhas civilizações pré-incas de Chavin, que se desenvolveram nos grandes planaltos do Peru.

Donde vinham os Olmecas? Ninguém pode responder a esta pergunta, a não ser pela lenda que pretende que vieram de um local misterioso designado pelo nome de Tullan. Parece que esta raça foi infatigável. Foi ela que cuidou da cultura do país, introduzindo o milho e o algodão, e a primeira a erguer cidades e a estabelecer meios de comunicação. Entre outras artes úteis, sabia fundir metais, talhar e polir as pedras mais duras, cozer barro e tecer vários tecidos. Interessava-se particularmente por literatura e, em geral, por obras do espírito. Alexandre de Humboldt diz que a forma de governo dos Olmecas e a sua organização levam a pensar que descendiam de um povo que já tinha passado por grandes vicissitudes no seu estado social.

O desaparecimento deste império é tão misterioso como o do império dos Maias, mais próximo de nós. Esta região do mundo parece sujeita a um fenómeno cíclico, que episodicamente expulsa as populações. É a fome? A peste? Uma

guerra infeliz entre vizinhos ferozes? Que calamidade levava estes povos a abandonar estes locais hospitaleiros?

É bastante significativo notar que a civilização olmeca apresenta características tais que não é absurdo avançar a hipótese venusina. Com efeito, numa parte do território olmeca, o de Venta, descobriram-se, em 1939, estátuas representando gigantescas cabeças com elmos. Mais ainda: os Olmecas foram, sem dúvida, os primeiros que no antigo México estabeleceram mapas astronómicos precisos. É de notar que dividiam o tempo em ciclos de sessenta anos, isto é, aproximadamente um século dos Venusinos.

Os Olmecas construíram também a maior pirâmide da América (Cholula), pirâmide que, embora diferente das do Egipto, não deixa de apresentar certo parentesco com estas. Este edifício servia de suporte ao santuário do deus dos Ares, Quetzalcoatl, e a sua base é quase o dobro da da pirâmide de Quéops, junto ao Nilo. É orientada e dividida em andares com terraços sucessivos, dominando tudo que a cerca.

Uma outra pirâmide, tolteca, a de Papantla, é notável não pela sua grandeza, mas pelo cuidado da construção. É inteiramente composta por enormes pedras de pórfiro, regularmente talhadas e cuja superfície foi polida. Ainda no domínio dos factos, não longe de Cholula encontra-se Tula, capital dos Toltecas, que, muito embora só conhecessem o seu apogeu por volta de 800 depois de Cristo, sofreram influências dos Olmecas. Ora, em Tula, o templo de Quetzalcoatl, deus tutelar dos Toltecas, é construído com imponentes blocos; especialmente a entrada do templo é constituída por quatro blocos que representam a estrela da manhã (Vénus), símbolo do deus Quetzalcoatl [1]. Todos os argumentos que acumulámos durante este capítulo vêm em abono da nossa convicção no que diz respeito à visita dos extraterrestres ao nosso planeta, há, pelo menos, cinco milénios. Essas criaturas vindas de um ponto

[1] Além disso, foram os Toltecas que erigiram na pedra as famosas estátuas que lembram os tótemes índios da América do Norte e que são chamados pilares atlantes, devido ao seu aspecto sobrenatural.

do céu que não sabemos precisar seriam responsáveis por esta imensidade de monumentos gigantescos, que, certamente, não podem ser obra dos homens da época.

A AGONIA DOS VENUSINOS

Se se adoptar a tese que faz vir de Vénus esses deuses da mitologia, esses gigantes da Bíblia, a sua estatura pode ser justificada cientificamente, tendo em conta o que sabemos hoje do planeta irmão. Na Terra, não há necessidade de inquérito para verificar que o tamanho médio dos homens aumenta cada vez mais. Em França, desde há dez anos, a craveira que mede os soldados-recrutas é formal sob este aspecto. A população actual compreende um número impressionante de indivíduos cujo tamanho é superior à média do dos avós. Mas a que se deve isso?

Sabemos que a atmosfera venusina contém uma grande proporção de gás carbónico. Ora, investigações modernas provam que a estatura humana cresce proporcionalmente na quantidade de CO_2 (símbolo do gás carbónico), que aumenta no ar de uma maneira espantosa de geração para geração. A industrialização é responsável por esta taxa mais alta que a normal. Verte anualmente milhares de toneladas de CO_2. E como o homem se empenha em destruir as florestas dos continentes, a fotossíntese operada pelas plantas revela-se insuficiente para restabelecer o equilíbrio.

Numa outra ordem de ideias, tentámos precisar a acção da gravidade em Vénus e verificámos que o valor dessa gravidade estava ainda sujeito a controvérsia. Seja de que maneira for, esta gravidade é superior à do nosso globo. Produziu-se uma espécie de diminuição de intensidade dos Venusinos recém-desembarcados na Terra e uma consequência lógica foi o crescimento da sua estatura. Já nos voos siderais a que temos assistido, se afirma um facto: o ritmo biológico em referência à gravidade multiplica-se de modo notório. Os

Venusinos não puderam escapar a este fenómeno. Uma terceira ideia merece ser mencionada brevemente. É mais que provável que a raça de gigantes tenha desaparecido bastante depressa; possivelmente porque os Venusinos não puderam reproduzir-se na Terra. Portanto, a sua longevidade não devia ser da mesma ordem de grandeza da nossa, o que pôde passar durante muito tempo por uma certa imortalidade. Esta observação deve ser posta em paralelo com as tradições que pretendem que os Atlantes (talvez Venusinos) não se reproduziam e eram imortais.

Os Venusinos talvez fossem os Atlantes das tradições. No entanto, a sua vida foi bastante longa para originar uma civilização na Terra e iniciar os Terrestres na sua ciência e nos seus conhecimentos. A troca da «mensagem» depressa se revelaria um fiasco, pois, sendo os habitantes da Terra pouco evoluídos, só fixaram o que impressionou a sua imaginação. Pela primeira vez, possivelmente, a estupidez humana deixava escapar um destino que teria podido tornar-se grandioso. Desde estes tempos recuados, ela se esforça por recomeçar, provocando guerras, brincando com o fogo atómico, combatendo a liberdade sob qualquer forma...

Não contentes por não poderem receber a mensagem, os homens chamaram «deuses» aos que queriam transmitir-lhes o seu saber. Perderam o principal, para só conservar alguns rudimentos fáceis de aplicar, que lhes iam permitir, apesar de tudo, subir com dificuldade os degraus da sua evolução.

Não devemos deixar de afirmar que os principais centros de civilização na Terra se desenvolveram a mais de três mil metros de altitude, onde a concentração de oxigénio era fraca: Andes, planaltos mexicanos, Tibete. Os extraterrestres, procurando uma atmosfera rarefeita, porque a taxa normal de oxigénio os indispunha e, mais ainda, sofrendo uma diminuição considerável de gravidade, encontravam-se um pouco na situação dos povos encostados aos flancos do Anapurna, cujas faculdades reprodutoras são tão limitadas que raramente contam mais de dois filhos por família, número nitidamente aquém da média.

É claro que o desenvolvimento precedente não passa de uma hipótese fundada sobre a composição actual da atmosfera de Vénus. Mas não se deve esquecer que as condições não eram de modo nenhum as mesmas antes do cataclismo e que, em particular, as diferentes camadas da atmosfera foram mais ou menos misturadas. Para mais, com a elevação da temperatura, o oxigénio, relativamente leve, deixou as camadas baixas do ar venusino e, por fim, conforme a teoria cinética dos gases, a pressão elevou-se proporcionalmente ao aumento da temperatura.

Os vestígios não assimilados da «mensagem» dos Venusinos seguiram uma rota desconhecida, e encontraram-se no ocultismo, na magia e na alquimia disciplinas que ficam frequentemente associadas no espírito do profano.

HERMES TRISMEGISTO

Todos os alquimistas do Ocidente concordam em ver em Hermes Trismegisto o inventor de todas as artes úteis e em particular o que revelou a «arte sagrada» aos sacerdotes do antigo Egipto. Estes sacerdotes iniciados trabalhavam no maior mistério, em salas reservadas dos templos do vale do Nilo, em especial em Tebas e em Mênfis. Hermes Trismegisto era venerado como um deus, e, facto estranho, o seu nome significa «três vezes grande», o que nos leva a supor que este «deus» não era senão um técnico de uma civilização extraterrestre, um gigante entre todos os outros de que fala a tradição.

Os gigantes, depois de terem ajudado os Egípcios a construir as suas pirâmides, seguindo normas e orientações que nos ultrapassam [1], iniciaram alguns homens na sua ciência

[1] Por exemplo, descobriu-se que o principal corredor da grande pirâmide de Gizé é orientado, com inacreditável precisão, na direcção da estrela chamada Alfa do Dragão.

e na sua filosofia. Hermes Trismegisto teria sido o grande iniciador dos sacerdotes do antigo Egipto, que, por sua vez, iriam transmitir os segredos aprendidos à longa série dos grandes adeptos gregos, árabes e europeus. Quando morreu, o deus Hermes foi mumificado segundo uma técnica que se encontra não só no Egipto mas também no Peru, no México e na China Oriental. O seu corpo, seguidamente, teria sido colocado na mais profunda câmara da sétima pirâmide, a dedicada ao planeta radioso (Vénus), e de que hoje só existe um montão de pedras. As seis pirâmides restantes, três grandes na margem esquerda do Nilo e três colocadas num eixo este-oeste, simbolizam o Sol, a Lua e quatro outros planetas.

Na pirâmide de Vénus, os sacerdotes celebravam ritos de um género extremamente particular e que deviam permitir-lhes entrar em contacto com um universo totalmente diferente do que conhecemos. Estas cerimónias deram lugar a uma dupla transmutação: por um lado, a dos metais que os adeptos traziam e, por outro lado, e num outro plano, a dos próprios iniciados. As tradições herméticas afirmam também que no túmulo de Hermes Trismegisto se encontrava uma enorme esmeralda onde estava gravado o significado do mundo, o mistério da sua origem e o processo que permitia realizar aquilo a que os filósofos da Idade Média chamaram a Grande Obra. Este texto é conhecido na literatura de alquimia sob o nome de Tábua de Esmeralda. Referir-nos-emos a este assunto num capítulo ulterior.

UMA VISÃO DE ZÓSIMO, O PANOPOLITANO

Os Astecas tinham como deus Uitzilopochtli e votavam-lhe um culto fanático. Situado no cume do grande templo do México, o ídolo assemelhava-se a um gigante de corpo obeso. Deixemos falar Bernal Diaz, que, acompanhado por Cortez e os seus, travou conhecimento com esta divindade:

«O rosto deste Huichilobos (Diaz deforma-lhe o nome) era muito grande, os olhos enormes e assustadores; todo o seu corpo, incluindo a cabeça, estava coberto por pedras preciosas, ouro e pérolas, grandes e pequenas. O corpo era cingido por enormes serpentes feitas de ouro e pedras preciosas...» [1]

Para garantir a sua protecção, os sacerdotes dos Astecas deviam regularmente proceder a sacrifícios humanos, e estes sacrifícios eram particularmente bárbaros. Retomemos as descrições de Diaz: «Não longe, viam-se defumadoiros feitos com copal; três corações de índios sacrificados nesse mesmo dia ardiam lá dentro. As paredes e o chão deste oratório estavam nessa altura banhados pelo sangue, que secava e exalava um cheiro repugnante.» O templo do deus tribal era uma construção em forma de paralelogramo, com cerca de cento e oito metros de comprimento por oitenta de largura. Chegava-se ali subindo um impressionante número de terraços sobrepostos até à altura de trinta metros. O sacerdote mantinha-se de pé em frente do santuário e ostentava um gládio, como símbolo da sua autoridade.

O coração e a cabeça dos sacrificados eram reduzidos a cinzas no fogo sagrado, para perpetuar o êxito e a abundância do povo asteca. Os ritos realizavam-se vulgarmente ao nascer do dia.

Zósimo, chamado o Panopolitano, foi um célebre alquimista do início da era cristã. Não conhecia a América e ainda menos os ritos do antigo México. Por isso não podemos deixar de ficar de certa maneira perturbados quando lemos a visão que ele teve, e que descreve nestes termos:

«Vi um sacerdote de pé em frente de um altar em forma de taça, para o qual se subia por vários degraus.

O sacerdote dizia: "Eu sou o sacerdote do santuário e estou sob o peso da visão que me sucumbe. Ao nascer do dia veio um servo que me agarrou, me matou com um gládio, me dividiu em pedaços; depois de ter tirado a pele da cabeça,

[1] *Histoire Véridique* (trad. Jourdanet), pp. 248-250.

misturou os ossos com a carne e calcinou-me no fogo, para me ensinar que o espírito nasce com o corpo."» [1]

É evidente que esta pretensa visão não passa de uma alegoria escrita por Zósimo. O significado desta alegoria surge mais claro no texto grego do manuscrito original. A disposição das palavras e o lugar das maiúsculas têm um papel criptogrâmico certo, mas que ainda se não procurou analisar por um método científico rigoroso. Seja como for, julga-se poder dizer que o texto de Zósimo dá o princípio da obtenção do ouro potável, isto é, o elixir da longa vida.

Mas então, que significa o rito asteca, que também é simbólico? Qual é a sua verdadeira origem? Não procuraram os sacerdotes aplicar justamente as recomendações dos seus antigos textos, que ainda podiam ler antes da chegada dos Espanhóis, mas cujo verdadeiro sentido não compreendiam?

A alegoria de Zósimo e a do sacrifício asteca estão tão próximas que se pode perguntar se não virão as duas das revelações que os Venusinos fizeram ao homem primitivo que encontraram há cinco mil anos.

---

[1] Zósimo 2327, B. N. (trad. Berthelot).

CAPÍTULO III

O QUE É A ALQUIMIA?

UMA VERDADEIRA CIÊNCIA

Em geral, a alquimia passa por ter sido obra de charlatães, de trapaceiros, de moedeiros falsos ou, ainda, refúgio dos iluminados. No entanto, a alquimia propriamente dita foi uma ciência verdadeira, com as suas teorias próprias, e cuja ambição era só apresentar uma explicação racional da matéria e oferecer uma cosmografia universal.

Infelizmente para ela, uma das finalidades da «arte sagrada» era conseguir a transmutação dos metais vis em ouro, e é isto que explica que a cupidez dos aventureiros de toda a espécie tenha conseguido lançar o descrédito sobre a alquimia. A tal ponto que, na compilação eclesiástica de Migne, está classificada entre as ciências ocultas, a par da magia e da bruxaria.

Apesar de tudo, se se considerar objectivamente a lista dos verdadeiros adeptos, dos iniciados, percebe-se que esta comporta personagens muito avançadas para a sua época e de uma erudição extraordinária. A sua ciência não pretendia fazer milagres (muito embora muitos milagres se pudessem «resolver» partindo da sua ciência) nem transformações químicas ou físicas pela simples utilização de uma encantação ou de uma fórmula mágica.

É assim que Geber, célebre alquimista árabe do fim do século VIII, não hesita nas suas obras em fazer exibição de espírito crítico. As suas descrições dos metais são abordadas de uma maneira muito semelhante à dos nossos livros modernos de química, e se, por outro lado, as suas teorias da sua estrutura divergem das admitidas actualmente, não são absurdas, como tende a prová-lo a actual orientação da química, que mais adiante discutiremos. Geber é, além do mais, sincero e íntegro; reconhece que, no momento em que escreve os seus tratados, não é iniciado e que, no fundo, não passa de um investigador isolado. Junta e expõe os obstáculos que se erguem perante a alquimia e impedem o seu êxito, mas enuncia também os argumentos que provam a verdade da «arte sagrada». Para ele não é possível a dúvida; a alquimia deve, entre outras coisas, permitir transmutar o ouro e obter a panaceia universal, ou elixir da longa vida. Deve igualmente permitir ao iniciado transmutar-se e atingir a felicidade perfeita. Para isso, multiplica as experiências e as investigações sobre o passado, sobre os autores antigos, pois está persuadido de que a «arte sagrada» foi bem viva e que os antepassados longínquos conheciam o seu segredo. Crê que os iniciados, formando uma cadeia, transmitiram entre si o segredo até à sua época, e vai esforçar-se por prosseguir os seus trabalhos a fim de descobrir o meio de reencontrar um verdadeiro adepto que lhe dê ocasião de confrontar e aprofundar os resultados.

Trabalhos posteriores à *Summa Perfectionis Magisterii in Sua Natura* indicam que Geber conseguiu finalmente realizar a Grande Obra. No entanto, os seus manuscritos tornam-se cada vez mais obscuros para o não iniciado e, se encorajam a busca do segredo, recusam-se a revelá-lo seja a quem for.

Além disso, os manuscritos de Geber abarcam um período de mais de duzentos anos, o que não exclui a possibilidade de que outros autores tenham utilizado o seu nome para dar mais peso aos seus escritos — a menos que Geber tenha vivido mais de dois séculos. E esta avançada idade não é aberrante

se se admitir que Geber tenha encontrado o elixir da longa vida no fim da sua paciente busca da pedra filosofal.

Hipótese fantástica, é verdade, mas a ciência humana actualmente apercebe já a época em que os gerontólogos conseguirão prolongar a vida até duzentos ou trezentos anos. Tornou-se claro para os biólogos que, tomando um bebé no ano 2000, agregando a toda a sua vida uma dúzia de grandes especialistas e gastando uns milhões de dólares, seria possível prolongar durante vários séculos a sua existência, conservando o corpo numa idade da ordem dos cinquenta anos.

É evidente que o primeiro obstáculo a esta realização é o dinheiro, mas a sombra da imortalidade e os conflitos que ela poderá provocar começam já a surgir.

A história dos povos é fértil em figuras singulares que atingiram uma enorme longevidade. Para não me repetir citando a Bíblia, lembremos o estranho homem que foi Henoch [1], que, após a sua visita ao céu, que percorreu «de cima a baixo», voltou à Terra com um livro no qual relatava tudo o que lhe tinha sido revelado. A data da sua morte não é conhecida, visto ter sido levado aos céus uma segunda vez antes do Dilúvio, deixando aos anjos Arioch e Marioch o cuidado de preservar os seus escritos. Entretanto, diz-se: Henoch tinha cento e cinquenta e cinco anos quando engendrou Matusalém e, depois, viveu duzentos anos. Eis um centenário cuja juventude não é preciso demonstrar...

Mas voltemos a Geber, que está mais próximo de nós. Não dispunha ele senão de vestígios esparsos, de resíduos desse conhecimento esclarecido que vinha de longe no tempo e, eventualmente, no espaço.

Teria Geber chegado a descobrir a chave do problema? Teve um último rasgo de génio? Seja como for, mesmo que Geber não tenha terminado a realização da Grande Obra (o que é o mais razoável enquanto não surgirem provas formais), não deixa de ser verdade que se deve aos seus discí-

[1] A. Vaillant, *Le Livre des Secrets d'Hénoch le Juste* (tradução eslava).

pulos árabes de Espanha ou do Oriente a invenção do fabrico do álcool, do nitrato de prata e ainda do ácido sulfúrico. Aliás, é do conhecimento público que a química é tributária da alquimia para grande número de receitas e métodos de trabalho de laboratório, de que seria fastidioso fazer a lista.

UMA LINGUAGEM SIMBÓLICA: OS QUATRO ELEMENTOS

Se a alquimia deixou hoje de ser um centro de interesse, é devido, em parte, ao estilo aparentemente obscuro que os alquimistas adoptavam. Mesmo as operações mais simples e as menos cifradas parecem cheias de alegorias, embora as crenças profundas se tornem simplistas por causa do vocabulário que se emprega. Com efeito, para compreender a alquimia é preciso fazer abstracção do tempo e, quando se estudam os textos, esquecer que estamos no século XX.

Nos nossos dias, a ciência adoptou uma linguagem que lhe é própria e que tem muito pouca relação com o falar da população que não é culta. Quando o físico fala de sincrotrão ou o químico de um Grignard, há muito poucas pessoas que os compreendam. O sábio actual já não sabe explicar a sua ciência com o vocabulário usado todos os dias e tende cada vez mais a inventar expressões próprias para a sua técnica, cada uma delas correspondendo a um novo conceito, que para o profano necessitaria mais de uma página de explicação.

O resultado destas dialécticas divergentes é cada ciência enfronhar-se no seu vocabulário próprio, e daí resulta toda uma sequência de linguagens incompreensíveis para o profano, o que fechará as portas do conhecimento ao homem da rua.

Para não cair neste imbróglio de denominações, desde 1940 que se pensou em instaurar uma linguagem científica *standard*, que seria aplicada a todos os ramos com o mesmo critério de vocabulário: o *lansi*. Depressa se verificou que ne-

nhuma das línguas faladas e escritas deste planeta convinha ao ensino das ciências. Benjamin Lee Whorf provou que as línguas orientais não são apropriadas para o universo real: o dos quanta e da relatividade. Trabalhos de Gérard Cordonnier sobre *métalangage*, combinados com estudos de Gilbert Cohen-Seat no que diz respeito a ligações fonéticas entre o homem e a máquina, conduziram à concepção desta nova forma de expressão.

Em *lansi* não há nem substantivos nem verbos. Descrevem-se os acontecimentos no espaço-tempo e define-se a sua probabilidade. São necessários quinze anos para aprender o *lansi*, ao passo que são suficientes três para assimilar bem uma língua estrangeira. Por outro lado, o *lansi* é acessível às inteligências que tenham pelo menos um quociente de 80. Ora, parece que, sobretudo nos países muito desenvolvidos, há um número inferior ao que se supunha de pessoas cujo quociente de inteligência é superior a 80. Transpareceu uma fraca esperança quando o doutor Dussert de Bergerac descobriu um método que permitia elevar a inteligência por inalação de iões positivos. Por fim, chegou-se à conclusão de que o seu tratamento só resultava numa minoria de casos. Era preciso render-se à evidência: a degenerescência traduz-se, entre outras coisas, por uma baixa (na média) das faculdades intelectuais do ser humano.

Poder-se-á pensar que a incompreensão da linguagem alquímica está directamente ligada ao nosso débil quociente intelectual? Não pensamos assim!

Os filósofos antigos diziam: «Os deuses têm ciúme daquilo que os homens escrevem.»

Seria por uma preocupação de defesa em relação à sua ira que os alquimistas teriam complicado o seu estilo e criado estes textos simbólicos que um estudo profundo de conhecedores da matéria não consegue decifrar sem ambiguidades? Evidentemente que é muito provável, mas está longe de ser provado.

É certo que o alquimista não procurava forjar um novo

vocabulário, mas a sua astúcia assentava no simbolismo excessivo, de que muito bem se servia.

Também, quando, para descrever o universo, falava nos quatro elementos (a Água, a Terra, o Ar e o Fogo), era antes, no início da ciência, um ensaio para se fazer compreender pelo maior número de pessoas possível. Tentai explicar a um selvagem do Bornéu que os compostos podem existir no estado líquido e no estado sólido. Acabareis fatalmente por fazê-lo compreender que o estado líquido é a água, o estado sólido a terra, e a energia se poderá conceber pelo fogo. Foi provavelmente o que fizeram os extraterrestres para auxiliar os povos primitivos do planeta a compreender a sua ciência muito evoluída. Evidentemente que nem todos puderam assimilar estes conhecimentos. Só os mais capazes e os mais inteligentes conseguiram salvar uma parte do património e conservar a forma sob a qual lhes haviam traduzido o fenómeno e os meios técnicos que permitiam obtê-lo.

Para o alquimista, portanto, a Água não representava de maneira nenhuma o líquido que se bebe, mas um símbolo do estado líquido, e, da mesma maneira, o sólido e o conceito que implica é formulado pelo termo de elemento Terra.

Desde já não nos podemos enganar, este ponto é capital e é necessário não esquecer. Os quatro elementos do alquimista são as entidades que ele utiliza de maneira consciente. Está aí o erro dos modernos, que vêem assim uma teoria simplista onde não há senão uma extensão do significado da palavra.

Além do elemento Água e do elemento Terra, o alquimista usava ainda um terceiro (o Ar), para designar o estado volátil, isto é, o estado gasoso. O que prova que o iniciado da Idade Média já sabia que existia um estado gasoso e que o ar era uma mistura de gases. Este conceito não era reconhecido no meio puramente filosófico, se bem que o tivesse sido no tempo da civilização grega. Esta noção elementar havia-se perdido, para só voltar à superfície no século XVIII, graças à escola de Lavoisier.

O último destes quatro elementos (o Fogo) era não só o termo que designava o éter, esse suporte imaterial dos físicos do século XIX, como também traduzia o termo «energia», quer fosse de origem térmica quer doutra qualquer [1]. E tem um papel primordial em todas as operações, particularmente na realização da Grande Obra Metálica. «Quando se o ignora, ignora-se tudo», diz Michel Maïer. Ele só se pode concretizar plenamente no ouro e na luz, não naquela que é proveniente das fornalhas subterrâneas, mas na que o Sol destila. Parece desde então evidente que a luz solar tem uma importância considerável em todas as operações da alquimia, e isto vem confirmar a hipótese que defendemos no primeiro capítulo.

OS TRÊS PRINCÍPIOS

Além dos quatro elementos, os alquimistas utilizavam três princípios: o Enxofre, o Mercúrio e o Sal. Estes termos ainda se prestam a confusões, pelo facto de os sábios modernos os terem traduzido do latim [2] e os utilizarem para designar ou corpos simples bem precisos (mercúrio e enxofre) ou um tipo definido de composto (sal).

Para o alquimista, estes termos designavam princípios, isto é, noções respeitantes a certas qualidades da matéria, que tanto se lhe podem tirar como dar-lhe. Assim, o princípio da transmutação é admitido — e não é um fim, mas, pelo contrário, o ponto de partida. Basta retirar a um metal as qualidades que lhe são próprias para as substituir pelas do metal que se quer obter. Os metais deixam de ser substâncias globais, inteiras, e tornam-se um aglomerado de propriedades físicas que é preciso reunir. Um tal princípio universal é conhecido pelo nome de «tintura dos metais».

---

[1] Foi-nos sugerida uma ideia engenhosa: a de aproximar o Fogo do quarto estado da matéria: o plasma.

[2] Que fora traduzido do grego, o qual fora traduzido do hebreu.

O princípio Mercúrio designava uma facilidade na maleabilidade, uma fusibilidade, uma tensão de vapor de teor fraco. É também sob este nome que se designa a Matéria, o princípio passivo, feminino. Vê-se que sob a mesma designação se encontram várias noções intimamente ligadas, mas cuja convergência pôde escapar durante muito tempo.

Enquanto o Mercúrio marca o carácter inerte, o Enxofre complementar indica todas as propriedades activas, corrosivas e destruidoras. É neste vocábulo que se inclui a combustibilidade, a acção dissolvente. É de notar como os alquimistas avaliam a dissolução das suas receitas. Misturando vários sais metálicos no vidro em fusão, obtinham esmaltes coloridos que, durante muito tempo, se confundiram com as pedras preciosas. O Enxofre simboliza o movimento, a forma, é o princípio activo masculino.

Vê-se, portanto, que o Enxofre e o Mercúrio são duas propriedades que só pedem para se unir em diversas proporções para originar um metal «mais puro do que o que se extrai das minas», segundo uma expressão cara aos alquimistas, sendo, no entanto, duas propriedades contrárias da matéria.

Quanto ao Sal, é aquilo a que chamaríamos hoje uma força de interacção (de origem eléctrica, electrostática, efeito de massa, etc.) ou afinidade. A grande aposta da química foi justamente estudar a faculdade que têm os corpos simples de se unir entre si para formar compostos estoequiométricos ou não. Notemos ainda que o sal dos alquimistas se escreve também *scel*, palavra que deu origem ao verbo *sceller* (selar) e à palavra *sceau* (selo) em francês moderno.

Os alquimistas deduzem daí toda a teoria sobre a génese dos metais, que classificam em duas categorias distintas. O Ouro e a Prata são dois metais perfeitos e existem cinco metais imperfeitos, o Cobre, o Ferro, o Estanho, o Chumbo e o Mercúrio. Os metais são considerados seres vivos que têm a mesma origem, «a matéria primitiva»; não se diferenciam pela forma. À cabeça vem o Ouro, perfeição do reino metálico, e todos os outros são formas mais ou menos degradadas,

que terminam no Ferro, metal vil por excelência. Cada um dos metais tende para a perfeição, da mesma maneira que o ser humano procura a verdade.

«*OMNIA IN UNUM*»

O postulado fundamental da alquimia é a unidade da matéria, no sentido mais geral do termo. A matéria engloba tudo o que existe no universo, não só na Terra mas em todo o espaço cósmico [1].

A própria matéria pode revestir todas as formas, em particular o Fogo (símbolo alquímico da energia). Este postulado de base da alquimia, cuja origem se perde na noite dos tempos e que tem sido constantemente depreciado, aparece hoje como a síntese de todas as ciências e o resultado condensado a que chegaram gerações de sábios:

1. — A matéria e a energia são duas expressões de uma mesma entidade e é possível a interconversão de uma na outra. É a teoria desenvolvida por Einstein.

2. — A energia do universo é constante. Este enunciado é uma súmula de todos os princípios da termodinâmica e deve-se a Cláusio.

É só em 1840 que o princípio de conservação da energia é reconhecido, e isto nos sistemas puramente mecânicos. Vê-se que tudo isto é relativamente recente. Antes de se chegar a este ponto, a ciência seguiu por meandros difíceis, na rota do desconhecido. Uma teoria responsável de um atraso importante na evolução da química é a do flogístico. Vamos ver que pode ser devida a uma interpretação errónea de um dos quatro elementos da alquimia: o Fogo. Como já o afirmámos, o alquimista considerava-o como forma de energia, e não como combustível puro e simples.

Infelizmente, o nome por que o designava foi tomado no

[1] Os alquimistas europeus, no entanto, limitaram-se ao sistema solar.

sentido literal do termo, e tomou-se com entusiasmo a concepção do fogo, formado a partir de partículas unitárias que o faziam passar por um ácido hipotético (o *acidum pingue*), que se encontrava, entre outras coisas, no carvão. Certas substâncias altamente inflamáveis tornavam-se então flogístico quase puro. Podemos calcular a que aberrações isto levou. Durante anos, esta teoria sofreu muitas correcções, entre as quais a atribuição de um peso negativo ao flogístico mostra a sua incapacidade.

Para os alquimistas, portanto, não havia dúvidas; a matéria tinha um fundo comum, e só a disposição (nós diríamos, em linguagem técnica bárbara, a estruturação) das partículas que a compõem dava à matéria a forma que lhe conhecemos. Partindo daí, uma das possibilidades do alquimista, conhecendo bem a sua ciência, devia teoricamente ser a de realizar transmutações. Mas falaremos adiante deste assunto.

A unidade da matéria, na hora actual, foi provada experimentalmente; descobriu-se que todos os corpos são formados por moléculas, e estas por átomos. Sabe-se hoje que estes átomos, que se julgava poderem ser divididos em vários elementos, são, de facto, nem mais nem menos que compostos mais simples. Vê-se então que a tradução de «ατομα» por «átomo» nas obras de Demócrito foi um pouco apressada e que a expressão «partícula insecável» teria sido preferível. De facto, um átomo é constituído por um núcleo em volta do qual gravitam electrões em órbitas elípticas [1], fazendo lembrar o movimento de precessão dos planetas em volta do Sol. Mas depressa se verificou que o núcleo propriamente dito compreende vários elementos: os protões e os neutrões. Em 1935, Yukawa defendia a teoria da existência de uma terceira partícula de uma espécie até então desconhecida: o mesotrão. Seria instável e a sua massa, que pôde ser determinada com precisão, é da ordem de várias centenas de vezes da do elec-

[1] Trata-se de uma aproximação. Actualmente, prefere-se o conceito de nuvem electrónica e de densidade de probabilidade para os electrões.

trão [1]. Digamos de passagem que os raios cósmicos contêm uma fraca proporção de mesotrões...

Será escusado dizer que estes três tipos de partículas que entram na composição do núcleo são, talvez, elas próprias formadas por outros corpúsculos mais fundamentais, e quem fizer a prova terá o prazer de citar no seu discurso de recepção do Prémio Nobel estas palavras de Lucrécio, tiradas do seu *De Natura Rerum*: «As mesmas partículas insecáveis constituem o céu, o mar, as terras, os rios, o sol, os frutos, os animais, as árvores, mas movem-se e misturam-se entre si de diversas maneiras.»

ADÃO, SÍMBOLO ALQUÍMICO

Segundo as mais antigas tradições egípcias, o homem é de essência divina e distingue-se das outras formas animais terrestres. O primeiro destes homens tinha o nome de Toth [2] entre os Caldeus, os Medos, os Partas e os Hebreus. A mesma tradição vai perpetuar-se, mas a tradução dos textos egípcios em hebraico antigo muda o nome de Toth para o de Adão.

Porquê traduzir o que, aparentemente, é um nome próprio? Precisamente porque não se trata de um nome próprio, mas sim de um símbolo, melhor ainda, uma sigla. Com efeito, «Adão» escrever-se-ia melhor em língua moderna A. D. A. O. O significado do símbolo perde-se aquando da passagem para a língua hebraica, mas não há qualquer dúvida de que as quatro letras que formam o nome do primeiro homem, em qualquer língua, não passam de iniciais.

Segundo Zósimo, Adão significa «terra virgem, terra ensanguentada, terra ígnea, terra de carne», e o nome foi-lhe dado pela «voz dos anjos» [3]. Na verdade, esta linguagem esotérica

[1] Já se sabe que o mesotrão é, na realidade, uma partícula que pode ter múltiplas formas: mesotrão K, mesotrão π, etc.

[2] Tradução grega do egípcio.

[3] M. Berthelot, *Collection des Anciens Alchimistes Grecs*.

significa, como o próprio Zósimo explica mais adiante, que o nome «Adão» era formado por iniciais das quatro constituintes fundamentais da matéria.

A explicação completa do símbolo encontrava-se nos manuscritos destruídos pelo incêndio da biblioteca de Alexandria. Só alguns favorecidos conservaram os conhecimentos e as possibilidades que oferecia esta compreensão e esta concepção da matéria. Assim, os adeptos transmitiram entre si o que se tornou um segredo cada vez mais difícil de penetrar e que teria, apesar de tudo, transposto numerosas gerações para chegar até muito raros contemporâneos.

Adão não passa de um símbolo, qualquer coisa como o equivalente dos nossos símbolos químicos (por exemplo, HCI, CO, etc.). Uma tal concepção perturba a nossa consciência. É evidente que a história de Adão e da maçã é mais romântica, mas chegados a este estádio da nossa evolução, em que o homem, não contente em conquistar a Lua, faz perguntas cada vez mais precisas sobre a sua origem, é aconselhável olhar-se de frente a realidade. Deixemos de aceitar de olhos fechados uma génese que cada vez tem mais dificuldade em se adaptar às descobertas científicas. Agora que surge de maneira crucial a questão «Existem seres vivos, inteligentes, além de nós, no cosmo?», faríamos figura de presunçosos se respondêssemos com uma negativa, e seria talvez ir ao encontro da nossa supremacia no nosso sistema solar, de que estamos praticamente certos. Não seria fazer um desvio a nosso favor admitir que o nome do nosso suposto antepassado não passa do condensado de um resultado fundamental da física, estando este, quem sabe, mais perto da realidade íntima da matéria que o famoso $E=mc^2$ de Einstein, que hoje utilizamos para traduzir a equivalência da matéria e da energia, expressões de uma mesma identidade?

O FOGO QUE NÃO QUEIMA

Se o Fogo era um dos quatro elementos dos alquimistas, a palavra «fogo» era usada não só no sentido simbólico de energia, que já vimos, mas ainda sob o seu usual sentido de chamas, casa, lareira, etc.

Os alquimistas dão, portanto, uma grande importância ao lume, fonte de calor e energia, que ardia infatigavelmente no seu *athanor*, o forno destinado às operações da «arte sagrada». Atribuíam também grande valor a todas as receitas que permitiam dominar o fogo e fazer dele um instrumento dócil.

Em particular, numerosas obras de natureza alquímica eram consagradas ao «fogo que não queima», fonte de irradiação e de chamas, mas que era inofensivo para o adepto.

Por exemplo, Marco Graco, no seu livro *Des Feux pour Brûler les Ennemis*, põe em relevo o uso de «suco de malva dobrada e clara de ovo, semente de salsa e cal» (expressão inteiramente simbólica) para realizar uma experiência admirável que permite aos homens contactar com o fogo sem se molestar ou então levar fogo ou um ferro quente à mão [1].

O fogo que não queima ficou vivo nas tradições de muitos países, em especial na China e no Japão. Muitos japoneses idosos afirmam mesmo que, na sua infância, existiam «magos» capazes de acender tais fogos. Ora, certos trabalhos recentes de sociologia tendem a provar que havia no Japão seitas, como a dos On Take Jinsha, dedicada a Shien Toist, que, até ao fim do século XIX, celebravam cerimónias do fogo. Os iniciados destas seitas possuíam o segredo do «fogo que não queima» e podiam andar sobre as chamas sem sentir a menor dor nem sofrer qualquer queimadura.

[1] M. Berthelot, *La Chimie au Moyen Age*.

AS CERIMÓNIAS DO FOGO NA POLINÉSIA

À parte certas seitas japonesas, foram praticadas cerimónias deste tipo em todas as ilhas da Polinésia até a influência europeia as fazer desaparecer.

Descrições pormenorizadas destes ritos foram publicadas pela Sociedade Oceânica, sob a protecção do Museu do Homem de Paris, em especial num trabalho de Teuira Henry, cuja edição inglesa original data de há mais de cem anos [1]. Teuira Henry era neta do reverendo J. M. Orsmond, da Sociedade dos Missionários de Londres, que desenvolveu uma grande actividade de 1817 a 1856 em numerosas ilhas da Polinésia e foi dos primeiros europeus a conhecer e a apreciar os indígenas.

Para proceder à marcha sobre o fogo, os indígenas invocam várias divindades, e entre elas Te-Vahine-nui-Tahu-Ra'i (a grande mulher que pôs o fogo no céu). Eis um extracto de um artigo que dará uma ideia do carácter destes ritos [2]:

«Os indígenas de Ra'iatea realizam cerimónias tão extraordinárias que mereceria a pena investigar para lhes encontrar uma explicação. A 20 de Setembro de 1885, assisti à travessia do forno incandescente [3], fenómeno maravilhoso e para mim inexplicável. O forno é constituído por uma escavação de um metro a um metro e meio de profundidade por cerca de dez metros de largura. A trincheira estava cheia de madeira de queimar e depois coberta com pedras. O lume, uma vez aceso, durou pouco mais ou menos um dia. Quando, no segundo dia, examinei o fogo, as chamas elevavam-se entre as pedras, que estavam no rubro. Quando tudo estava pronto, os indígenas aproximaram-se do forno e pararam durante uns instantes; o chefe de fila deu uns passos com o seu ramo de *ti*

[1] T. Henry, *Tahiti aux Temps Anciens*, Museu do Homem, Paris, 1692.
[2] *Journal of the Polynesian Society*, vol. 2, n.º 2, 1893, citado por T. Henry.
[3] A tradução é incorrecta: trata-se de uma lareira e não de um forno.

e recitou qualquer coisa na sua língua. Foi então que todos atravessaram o forno, passando lentamente de uma pedra para a outra. A travessia foi feita cinco vezes. Verifiquei que não tinham qualquer preparado nos pés e que estes não haviam sofrido nenhuma alteração. As suas roupas nem sequer cheiravam a queimado.»

Além disso, pelos fins do século passado, tendo ouvido falar numa *matagali* (tribo) da ilha de Beja que podia suportar as pedras incandescentes de um *lovu* (forno polinésico), o governador das ilhas Fiji, Sir John Bates Thurston, procurou verificar o que lhe parecia não passar de uma lenda. Dirigiu-se portanto à ilha de Beja e mandou organizar uma grande cerimónia do fogo, cuja descrição apareceu no jornal local de língua indígena. A esta cerimónia assistiram mais de quinhentas pessoas. Entre elas, um médico, o doutor Corney, e um fotógrafo-jornalista, F. A. Jackson.

O fotógrafo fez uma série de fotografias de indígenas marchando sobre pedras aquecidas ao rubro sem manifestar a mínima dor. O médico, pela sua parte, verificou que os pés dos participantes na marcha sobre o fogo não tinham qualquer indício de queimadura.

Por fim, a esposa do governador, querendo certificar-se de que se não tratava de qualquer subterfúgio, colocou um lenço no ombro do chefe indígena. Quando este, por sua vez, acabou de atravessar o fogo, o lenço estava completamente chamuscado [1].

Mais tarde descobriu-se que diversos povos tinham igualmente praticado cerimónias deste género. Especialmente os Maoris da Nova Zelândia e os indígenas de Taha'a, uma das ilhas Sous-le-Vent, cujo cônsul-geral, George Eli Hall, declarou o seguinte: «Recebi o baptismo de fogo, e, se não tivesse as fotografias que tirei, acharia difícil acreditar que era um facto simples e concreto.»

[1] T. Henry, ob. cit.

A entrevista completa do cônsul compreende, além do mais, uma descrição pormenorizada deste rito das ilhas Sous--le-Vent, recolhida por E. H. Hamilton, publicada no *Sunday Examiner*, de São Francisco, e transcrita no trabalho de T. Henry.

Também se fizeram estudos no Havai, desde o século XIX, a respeito dos *umû-ti* (cerimónias do fogo). Os testemunhos recolhidos, tanto junto dos indígenas como dos primeiros missionários, coincidem e tendem a demonstrar que os indígenas dispunham de poderes ocultos verdadeiramente desconcertantes [1]. Deste modo, os sacerdotes e as sacerdotisas de Pele, a deusa do Fogo havaiana, podiam, sem qualquer sofrimento, marchar sobre a lava em fusão do vulcão Kilauea ou também sobre o lago de lava chamado Holemaumau.

VENUSINOS, GRANDES GALÁCTICOS E ENERGÉTICOS

Admitimos que a alquimia é uma ciência extraterrestre cujos vestígios possuímos, mas qual é a sua origem exacta? Não estabeleceremos senão hipóteses, e as que nos parecem mais aceitáveis, apesar do seu carácter especulativo e fantástico.

A hipótese dos Venusinos é sedutora; já a desenvolvemos, mas, em resumo, é limitativa, pois a possibilidade de vida não se limita ao sistema solar. A ciência terá podido (dir-se-ia devido) nascer e crescer noutros sistemas, digamos noutras galáxias. Recorramos aos números para dar uma ideia do que somos no universo. A nossa galáxia comporta cem mil milhões de estrelas contidas no interior de um disco que aumenta de volume no centro e o qual a luz leva cem mil anos a atravessar. É caso para pensar! Ora, a esfera que engloba todas as

[1] Têm sido propostas diversas explicações no que diz respeito a esta resistência ao fogo.

galáxias que podemos observar teria cerca de cem milhões de galáxias no seu seio. Aquele que, de boa-fé, lê estes números e afirma que estamos sós no universo merece ter o seu lugar num asilo de alienados. É evidente que não temos qualquer prova neste sentido, como também não temos no sentido contrário, mas a lógica e as leis da probabilidade são a nosso favor. Além disso, desde há anos que certos indícios nos levam a pensar que o primeiro contacto com um exterior desconhecido está, possivelmente, para amanhã.

Sem nos repetirmos, é necessário ainda referirmos o fenómeno «disco voador» sem o pôr de parte. Da mesma forma que a alquimia, as pessoas têm exagerado, inventando as mais inconcebíveis fábulas, as quais não enganam ninguém. O único resultado é a vaga de descrédito que tais absurdos abusivos têm feito nascer sobre o que constitui um enigma inquietante. Certos de uma fácil publicidade, há indivíduos que pretendem ter-se encontrado cara a cara com marcianos e que foram até fazer-lhes uma colheita de sangue (Buenos Aires, 1968) com uma agulha que não deixa vestígios!

Felizmente, têm sido feitas milhares de observações por homens íntegros e sinceros, e não por alucinados ou nevróticos. O problema põe-se com toda a crueza. Donde vêm os objectos voadores? Há uma quantidade de respostas. A sua origem terrestre foi posta de parte por uma quantidade de especialistas eminentes. A ausência total de violências da parte dos ocupantes dos discos voadores não é para tranquilizar. Será que seres civilizados não estão inclinados a considerar o nosso planeta como um parque zoológico, onde podem observar a seu bel-prazer as revoluções, as guerras intestinas, de que a sua raça perdeu a memória?

Os Indonésios, talvez os seres mais sensatos do nosso globo, criaram em 1950 uma religião (o Subud), pregada por Pak Subud, que acredita na vinda dos Grandes Galácticos...

Um outro enigma que parece vir do céu foi-nos colocado a 12 de Abril de 1966. Astrónomos soviéticos registaram os sinais de um objecto espacial, sinais que poderiam emanar

de seres inteligentes. Foi observando uma fonte de emissão (CTA 102, descoberta em 1960 pelos Americanos) que se notaram variações periódicas de intensidade de recepção. A agência Tass, uns dias mais tarde, reunia os maiores especialistas russos, que deram uma conferência de Imprensa. O doutor Dimitri Martinov, director do Instituto Sternberg, de Moscovo, afirmou com toda a prudência que mantinha a hipótese. O seu colega Nicolai Kardachev, que havia observado o fenómeno, confessou, com um leve sorriso, que ainda restava muito que fazer. E o caso foi arrumado.

Depois, a hipótese de *quasars* anormais responsáveis por uma tal emissão satisfez os espíritos bem-pensantes, sem tranquilizar os outros.

Abordemos agora um problema mais complexo: o nosso mundo é matéria. Outros são antimatéria. Sem a mínima dúvida. Seria injusto não aproximar os dois factos seguintes: a teoria da relatividade levou-nos a considerar partículas de energia negativa que, no fim de contas, se mantêm hipotéticas. Foram os raios cósmicos que revelaram a existência do electrão positivo e do mesão de Yukawa. Por outro lado, é certo que partículas materiais atravessam a nossa átmosfera, mas igualmente partículas imateriais puramente energéticas: os fotões provindos do Sol e todas as outras fontes electromagnéticas ou luminosas. Certas estrelas não brilham no visível, mas sim sobre uma zona electromagnética (infravermelho ou mesmo rádio).

Tal como existem corpúsculos puramente energéticos, devem também existir estrelas e mundos puramente energéticos, que, em determinadas ocasiões, se podem materializar. Porquê negar a tais conjuntos de energia de massa nula, mas de frequências diversas, a faculdade da inteligência? A hipótese de «energéticos» com a possibilidade de se transformar, visitando a Terra, é bastante conciliadora com diversos textos bíblicos e também com certos textos de alquimia gnóstica: «O filho de Deus, que tudo pode e que se transforma em tudo, sempre que o quer, manifesta-se como entende a

cada um de nós. Jesus Cristo ligava-se a Adão e levava-o ao Paraíso, onde os mortais viviam anteriormente.»

«Apareceu aos homens privado de todo o poder, tornando-se ele próprio homem. No entanto, tendo-se secretamente desapossado do seu próprio carácter mortal, não sentiu qualquer sofrimento. Assim, privado das aparências, aconselhava aos seus a trocar também secretamente o seu espírito com o de Adão, que tinham em si, e a agredir até à morte esse homem cego levado a rivalizar com o homem espiritual e luminoso (isto é energético): assim matam o seu próprio Adão.» [1]

Portanto, destruindo as constituintes fundamentais da matéria, a metamorfose é possível, abrindo a porta a todos os milagres imagináveis.

A hipótese de Energéticos pode ligar-se à dos Venusinos se se considerar que estes seres, para viver, têm necessidade de se materializar, seja qual for a forma adoptada, e que a sua forma energética não passa de uma vida potencial, suspensa no tempo e viajando no espaço em busca de um planeta onde se possa expandir. Vénus teria sido o seu primeiro refúgio do sistema solar, e a Terra o segundo para alguns deles. Esses seres seriam evidentemente hiperadaptáveis, e um mínimo de condições bastar-lhes-ia para sobreviver e se implantar. Os Energéticos seriam também, talvez, as formas imateriais adoptadas pelos Grandes Galácticos para viajar no espaço-tempo.

[1] M. Berthelot, *Collections des Anciens Alchimistes Grecs.*

CAPÍTULO IV

SOB O VÉU DE HARPÓCRATES [1]

TEXTOS COM DUPLO SENTIDO

TODOS os que se dedicaram ao estudo dos textos alquímicos ficaram impressionados com o carácter verdadeiramente hermético do estilo e da construção das frases utilizadas por quantos buscaram a pedra filosofal. Acontece com frequência ser extremamente difícil compreender o pensamento do escritor «químico» e, em certos casos, mesmo depois de várias leituras atentas e minuciosas, não é possível encontrar o verdadeiro sentido do texto. As dificuldades que têm os investigadores modernos na compreensão dos autores de textos sobre alquimia são devidas a duas causas principais. Por um lado, a língua: o francês medieval, o latim, o grego, o árabe, o hebreu, o siríaco, etc. Por outro lado, o facto de os adeptos se excederem no emprego dos métodos criptográficos e na arte de utilizar os símbolos.

Os alquimistas iniciados nos mistérios da Grande Obra tinham todos o desejo de transmitir a sua ciência, mas eram muito prudentes. O seu saber não devia e não podia ser compreendido senão pelo pequeno número de homens que disso

[1] Deus do silêncio.

eram dignos [1]. Daí a dificuldade encontrada na maioria dos mortais que se interessam pela arte de Hermes e que lhe buscam o segredo nos livros e nos velhos formulários.

O pensamento dos filósofos alquimistas só se deve revelar a pouco e pouco à inteligência humana. Só pelo estudo profundo e longa reflexão o profano consegue familiarizar-se com o conhecimento e os trabalhos dos grandes mestres.

Só depois pode descobrir a natureza profunda da Ciência e empreender a sua própria marcha em busca da obra suprema. Os textos dos autênticos iniciados nunca são o que parecem à primeira vista, e aquele que só lhe encontra o sentido literal nada compreende, ou então imagina que lê unicamente fábulas, ninharias, ou ainda elucubrações de um pobre iluminado.

De facto, a escrita alquímica, seja qual for a língua usada, ultrapassa o profano. Em cada palavra e em cada letra há um mistério que logo que é conhecido descobre o sentido profundamente místico da ciência química e permite ascender a um universo transcendental. Os métodos utilizados pelos alquimistas para velar os seus segredos e impedir a sua compreensão às inteligências vulgares são inúmeros. A maior parte dos processos criptográficos que se encontram no estudo dos textos pertence no entanto a alguns tipos bem característicos de linguagem cifrada, cuja utilização nos esoterismos tradicionais remonta a épocas muito recuadas. As similitudes entre os meios criptográficos usados pelos adeptos «artistas» e os de que se serviram os judeus da Cabala dão lugar ao costume de designar o conjunto destes processos pelo nome de «cabala alquímica».

[1] O autor desconhecido de um manuscrito siríaco de alquimia, conservado na biblioteca da Universidade de Cambridge, diz expressamente, a propósito de Hermes: «Velou os mistérios com a mesma precaução com que a pálpebra cerra os olhos; ordenou que não fossem esclarecidos aos discípulos que disso não eram dignos. Eis porque os filósofos alteraram a língua nas suas palavras e lhes deram um sentido diferente, substituindo uma palavra por outra palavra, uma passagem por outra passagem, uma espécie por outra espécie, uma visão por uma outra diferente.» (M. Berthelot. *La Chimie au Moyen Age*, 1893).

OS TEXTOS HEBREUS

Do ponto de vista histórico, é importante notar que o hebreu foi a primeira língua que se expressou numa escrita simples, composta por um número muito restrito de sinais (menos que os do nosso alfabeto), e que diferia totalmente da escrita dos povos vizinhos. Entre estes, por exemplo, os Sumérios utilizavam milhares de caracteres cuneiformes.

A escrita hebraica é formada, com efeito, por somente vinte e duas letras, que constituem o alfabeto hebreu, às quais se juntam os dez *séphiroth* (ou algarismos). O conjunto corresponde ao que os filósofos chamavam «as trinta e duas vogais da sabedoria».

Além disto, esta escrita apresenta uma curiosa particularidade, que confere às letras do alfabeto valores numéricos e, desta maneira, obtêm-se numerosas possibilidades criptográmicas. Esta escrita, particularmente simples e «numérica», prestava-se maravilhosamente às aplicações científicas, e não é de espantar ver que o hebreu foi, mais ainda que o grego, ou o latim, a língua querida dos alquimistas europeus.

Por outro lado, deve ver-se uma simples coincidência no facto de os primeiros homens que utilizaram uma língua e uma escrita verdadeiramente científicas serem os do povo «eleito de Deus»? Sem omitir que este povo foi o mais perseguido pelos outros humanos, que a história dos Judeus remonta a cerca de cinco mil anos e que os terraços de Balbeque podem muito bem ser as fundações de um cosmódromo interplanetário.

A cabala judia e a cabala alquímica utilizaram três métodos principais para forjar textos esotéricos, acessíveis só aos iniciados ou àqueles que René Alleau chama «iniciáveis», isto é, o conjunto dos profanos que possuem virtudes e qualidades necessárias para esperar ser um dia elevados à categoria de Adepto. Estes três métodos genéricos da Cabala têm os nomes de *notarikon*, *guematria* e *themura*; segundo os autores, podem ser usados simultânea ou separadamente.

O «NOTARIKON»

O *notarikon* é o processo cabalístico que consiste em formar uma nova palavra a partir das letras inciais ou finais de várias outras palavras. Consideremos, por exemplo [1], a frase hebraica «Bara Elohim Laasot». Se se reunir a primeira e a última letra da segunda palavra e a última da terceira (t ou th), põe-se em evidência a palavra Emt, ou Emeth, segundo a convenção assente para transcrever os caracteres hebraicos em caracteres latinos. Esta palavra significa em hebreu «verdade».

O cabalista, considerando, portanto, a frase tomada como exemplo, lerá que Deus criou o mundo para aí fazer reinar a verdade, frase que também tem um sentido simbólico e da qual não só a existência mas igualmente o significado teriam totalmente escapado ao não iniciado.

Um outro exemplo, muito menos conhecido, é o que se encontra nos trabalhos alquímicos de Basile Valentin. Este autor fala com frequência de «Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem». O profano que lê esta frase anódina interroga-se a respeito do interesse de uma visita ao interior da terra para encontrar uma pedra oculta qualquer e está longe de compreender que Basile Valentin se refere simplesmente ao vitríolo. As iniciais de cada uma das palavras que formam a frase latina dão, pelo processo de *notarikon*, o nome do reagente químico a utilizar.

A «GUEMATRIA»

A *guematria* assenta no facto de os Hebreus, tal como os Gregos, empregarem as letras do alfabeto como números. Consiste em avaliar o valor numérico de uma palavra e seguidamente substituir esta palavra por outra cujo valor numérico seja equivalente.

[1] Munk, *Palestine*, Paris, 1895.

Assim, encontra-se em muitos textos judeus a palavra *Masciah*, que significa «Messias», e que é composta pelas letras hebraicas «mem» (de valor 40), «schin» (300), «yod» (10) e «het» (8). O valor numérico do total da palavra é portanto 358. Ora acontece o mesmo com a palavra simbólica *Nahasch* (serpente), composta pelas letras «nun» (50), «het» (8) e «chin» (300). O cabalista judeu conclui que o Messias dominará Satanás, representado pela serpente, e que assim destruirá o pecado e a morte espiritual. O cabalista alquímico, pela sua parte, compreenderá que a vinda do Messias implica simplesmente que as operações efectuadas na intenção de realizar a Grande Obra atingem o seu fim e que em breve possuirá a pedra filosofal. Esta permitir-lhe-á transformar os metais «impuros» em ouro e dar-lhe-á igualmente o meio de ascender ao conhecimento supremo e à felicidade.

Os alquimistas gregos e, depois, todos os da Europa retomaram por sua conta os métodos guemátricos, adoptando várias chaves para designar os valores numéricos das letras. Na hora actual, a maioria dessas chaves mantém-se desconhecida, e de tal maneira que inúmeros trabalhos de alquimia não oferecem, aparentemente, qualquer sentido. No entanto, a renovação do pensamento hermético, o aumento do interesse e a reavaliação dos trabalhos dos filósofos químicos incitaram vários sábios a empreender pesquisas para alcançar o máximo de ensinamentos e compreensão dos antigos textos. Como a utilização dos computadores é hoje cada vez mais corrente e mais acessível, os investigadores dispõem de um instrumento que deverá, em pouco tempo, permitir-lhes realizar estudos frutuosos e sensacionais.

A «THEMURA»

A *themura* consiste em transportar arbitrariamente as letras de uma palavra e substituí-las, segundo certas regras, por outras letras do alfabeto. As regras podem ser relativamente simples ou, pelo contrário, extremamente complexas. Marcelin Berthelot foi um dos primeiros químicos modernos a interessar-se pelos criptogramas presentes nos textos de alquimia. Entre os trabalhos que conseguiu decifrar, pode citar-se o manuscrito latino conhecido pelo nome de *Mappae Clavicula*. Esse manuscrito do século XII contém justamente várias frases bastante enigmáticas. Eis um exemplo:

«De commixtione puri et fortissimi xknk cum III qbsuf tbmkt cocta in ejus negocii vasis fit aqua accensa flammam incumbustam servat materiam.»

Neste exemplo simples de *themura*, a solução reside na maneira de substituir cada uma das letras das palavras cifradas por aquela que a precede na ordem alfabética. Assim:

xknk = vini
qbsuf = parte
tbmkt = salis

A tradução do texto latino dá então a receita seguinte:

«Misturando o vinho puro e muito forte com três partes de sal e aquecendo-o em vasos destinados a este uso, obtém-se uma água inflamável que se consome sem queimar a matéria (sobre a qual está assente).»

O composto a que se refere é evidentemente o álcool, que possui a curiosa propriedade de arder à superfície das substâncias sem as inflamar. Esta característica é hoje bem conhecida dos ilusionistas e dos mágicos. Ao contrário, o método de destilação do álcool e o próprio álcool eram ignorados na época em que foi redigido o *Mappae Clavicula*. Este trabalho era um manual de vanguarda e os segredos técnicos que encerrava eram por esta razão todos cifrados.

O processo da *themura* foi ainda utilizado por Roger Bacon, o grande alquimista inglês, e ultimamente, quando se conseguiu decifrar um dos seus textos herméticos, teve-se a surpresa de verificar que se tratava de um criptograma que encerrava os segredos da fórmula da pólvora, fórmula ainda desconhecida na Europa na época em que vivia o monge britânico.

O facto de a pólvora não ser um enigma para ele, é evidente no seu *De Secretis Operibus* (página 43), onde diz claramente que «podemos com o salitre e outras substâncias compor artificialmente um fogo susceptível de ser projectado a distância. Pode-se assim imitar prefeitamente o brilho do relâmpago e o barulho do trovão. Basta empregar uma quantidade muito pequena desta matéria para produzir muita luz, acompanhada por um enorme barulho; este meio permite destruir uma cidade ou um exército».

Estes exemplos de segredos técnicos que se encontram nos textos de alquimia são inúmeros e deviam ser suficientes para reabilitar uma ciência que se empenham em desconhecer.

É por isso que temos a certeza de que ainda há um número considerável de velhos formulários e manuscritos da Idade Média que são mais ou menos cifrados, e de cujo sentido não se tem uma verdadeira ideia. No entanto, estes trabalhos parece quererem hoje sair de um longo sono, e há pessoas sérias que se interessam por eles cada vez mais, sob um ponto de vista objectivo, desinteressadas dos preconceitos e das considerações preestabelecidas desde há dois séculos. Estas pessoas empreenderam buscas sistemáticas com todo o arsenal científico de que dispõe o sábio do século XX.

Até hoje, estas investigações só tinham permitido decifrar os textos mais simples. Felizmente tem-se feito progressos de ano para ano. Nestes últimos tempos temos chegado à conclusão de que certos manuscritos ou certos livros impressos são de facto escritos e editados para apenas transmitir uma simples receita técnica. Nestes trabalhos, devemos somente

considerar os erros de ortografia ou alguma falta gramatical. Por exemplo, «A *f*edra dos *fo*lósofos é uma grainha muigo dolicada» significa simplesmente «fogo». A frase citada fornece uma solução evidente, mas está longe de ser sempre assim, e por vezes os «erros» são separados por várias páginas de uma construção gramatical perfeita e escapam facilmente ao leitor, sobretudo quando o texto é em latim ou em qualquer língua estrangeira.

Nos parágrafos seguintes, vamos dar alguns exemplos de criptogramas que foram postos em evidência em vários trabalhos químicos. É evidente que está fora de questão fazermos um relato exaustivo dos métodos utilizados pelos filósofos herméticos, mas tentaremos mostrar ao leitor a prudência com que é preciso julgar um manual de alquimia, porque as piores aberrações que encerra podem, por vezes, não passar de uma máscara que cobre uma técnica muito avançada para a época em que o trabalho foi escrito (e pode ser mesmo sobre a nossa época!).

A MÚSICA ALQUÍMICA

Se o leitor passear pelos cais do Sena, em Paris, e se der atenção a todas as velhas coisas que certos alfarrabistas ainda têm para vender, tente encontrar uma partitura escrita em pergaminho dos séculos XIII ou XIV, ou ainda, o que hoje é muito mais simples, a reprodução de uma dessas velhas partituras da Idade Média. Compre na mesma ocasião um livro sobre a história da música e vá para casa. Depois, na calma do lar, examine atentamente a reprodução da partitura. Notará imediatamente que o método de escrita da música é diferente da que se usa actualmente. Abra então o seu livro de história da música e transcreva a velha partitura em partitura moderna.

Quando isto estiver feito, tente trautear a música que traduziu, ou, se tiver a sorte de possuir um instrumento musi-

cal, tente tocar a peça. Na maioria dos casos só conseguireis uma vulgar cacofonia, ou então uma melodia cheia de fífias.

A explicação deste fenómeno é simples. Nos séculos XII e XIII, o estudo e a prática da alquimia estavam extremamente espalhados por toda a Europa, e entre os alquimistas havia muitos que se misturavam aos jograis e aos trovadores que percorriam o velho continente, e, deste modo, adquiriam grande número de conhecimentos.

Para eles, o melhor meio de transmitir uma ideia era o da música. Também é fácil compreender que o método de criptografia que empregavam não era um método de escrita clássica, mas sim um método musical. Assim, substituíam as letras do alfabeto por notas de música ou uma sequência de sons. Em certos casos, só as notas falsas contam; noutros, as notas não têm relação com as letras do alfabeto, são unicamente símbolos de operações químicas.

Este método musical era também muito usado nos conventos e mosteiros, onde a liberdade de pensamento e de escrita era controlada.

Frequentemente, os verdadeiros trovadores só conheciam a música de ouvido e não a escreviam; por esta razão, a maioria das composições musicais da época eram feitas por alquimistas errantes, e as serenatas que escreveram reflectem as suas preocupações herméticas.

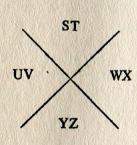
Portanto, é muito provável que, de todas as vezes que o leitor adquira uma velha partitura medieval, tenha a possibilidade de possuir uma mensagem alquímica.

Infelizmente, um código musical é excessivamente difícil de decifrar se se não conhecer a chave. Ora, para descobrir a chave de uma mensagem em código, mesmo com os meios ultramodernos de que dispomos, é necessário um número de notas bastante grande, e precisamente estas partituras são sempre muito curtas. Só nos casos simples é possível encontrar uma solução. No entanto, é certo que um vasto estudo sobre a criptografia na música medieval traria preciosas infor-

mações. Que conheçamos, nenhum estudo deste género ainda foi empreendido e será realmente de desejar que alguns pesquisadores se interessem por esta questão.

O CÓDIGO DA ROSA-CRUZ

A sociedade secreta Rosa-Cruz[1] utilizou durante muito tempo métodos criptográficos. O código mais considerado entre os membros desta sociedade para comunicar entre si e para registar nos arquivos os resultados das suas investigações é baseado na utilização de uma grelha cuja forma e apresentação variaram segundo as épocas e os países. A mais célebre é a seguinte:

AB	CD	EF
GH	IJ	KL
MN	OP	QR

Nas divisões desenhadas acima, colocam-se as letras do alfabeto; a primeira letra de cada divisão ou de cada ângulo é representada apenas pela divisão (ou ângulo), e a segunda letra pela divisão (ou ângulo), a que se acrescenta um ponto.

Assim, os rosas-cruzes escreviam «pedra dos filósofos» da seguinte maneira:

[1] Um dos capítulos seguintes será consagrado ao esoterismo dos rosas-cruzes.

A este código simples os irmãos da Rosa-Cruz juntavam muitos outros códigos, nos quais a forma da grelha era diferente, mudando frequentemente o lugar convencional das letras do alfabeto nos diversos ângulos da grelha adoptada.

Estes tipos de criptogramas foram retomados pelos franco-mações. Depois, a pouco e pouco, tornaram-se tão vulgares que mesmo os serviços secretos actuais já não se atrevem a utilizá-los. Só os escuteiros continuam, sem o saber, a transmitir, de geração em geração, os frutos de uma longa tradição hermética.

A maior parte dos textos em código rosa-cruz foram recentemente decifrados e nenhum fez revelações extraordinárias. Na maioria dos casos, trata-se da descrição de ritos iniciáticos e de relatos de reuniões de um interesse muito banal.

O LIVRO DE IMAGENS SEM PALAVRAS

O livro de imagens sem palavras editado em 1677 com o nome latino *Mutus Liber* é uma das mais célebres obras de alquimia e também das mais curiosas, pois compõe-se, na edição original, de quinze gravuras, só com figuras simbólicas, que resumem o conjunto da ciência de Hermes. Este livro «mudo» foi objecto de numerosos estudos e comentários[1], de modo que nos limitaremos aqui a ilustrar as astú-

[1] Ver, em especial, *Alchimie, Études Diverses de Symbolisme Hermétique et de Pratique Philosophale* (introdução por Eugène Canseliet e Jean-Jacques Pauvert), Paris; *Trésor Hermétique* (nova edição), Paul Derain, Lião.

cias criptográficas dos alquimistas. Assim, citaremos algumas observações que A. D. Grad[1] reuniu na sua obra *O Tempo dos Cabalistas*, que aconselhamos vivamente ao leitor interessado pelas relações que existem entre os acontecimentos marcantes da História e da Cabala.

O *Mutus Liber*, se se acreditar na página de rosto, tem por autor o misterioso Altus. Na realidade, não se trata possivelmente senão de um pseudónimo, e as investigações feitas sobre este assunto conseguiram descobrir que o verdadeiro autor era o famoso Sieur des Maretz: Iacobus Sulat. Com efeito, a última figura simbólica do livro mudo tem a divisa «oculatus abis» (vidente, vais-te embora), que é simplesmente a assinatura em anagrama de Iacobus Sulat.

No frontispício do *Mutus Liber* pode ver-se uma figura que representa um homem adormecido, com a cabeça apoiada numa enorme pedra. Dois anjos estão em cima de uma escada que se ergue para o céu e tocam cornetas na direcção da figura adormecida. Sob o título, o autor acrescentou três inscrições, que se apresentam da seguinte maneira:

21 — 11 — 82 Neg
93 — 82 — 72 Neg
82 — 81 — 33 Tued

Este criptograma é extremamente fácil de decifrar para quem esteja habituado a lidar com alquimia. Tal como observa A. D. Grad, o autor «segue um processo elementar baseado no facto de o hebreu se ler da direita para a esquerda». As três inscrições e a figura ilustram o sonho de Jacob. Em vez de se ler Neg, leia-se, pois, Gen (abreviatura de *Génese*), e em lugar de Tued deve ler-se Deut (abreviatura de *Deuteronómio*).

Mais ainda, visto que a *Génese* só tem cinquenta livros,

[1] A. D. Grad, nascido em Paris, é professor na Universidade do Chile, em Santiago.

os números 82, 93, 82, 72 não têm significado. Assim, é necessário ler ao contrário as três inscrições, o que dá:

Gen. 28 — 11 — 12
Gen. 27 — 28 — 39
Deut. 33 — 18 — 28

Ora, lê-se nos versículos correspondentes aos números 11 e 12, 28 e 39.

Génese 28 — 11: «Ele (Jacob) atingiu um certo lugar e aí passou a noite, pois o Sol tinha-se posto. Tomou uma das pedras que ali estavam e, pondo-a debaixo da cabeça, dormiu neste lugar.»

Génese 28 — 12: «Teve um sonho, e eis que uma escada se erguia da terra tocando nos céus, e os anjos de Elohim subiam e desciam por ela.»

Génese 27 — 28: «Deus te dê do orvalho do céu e da fertilidade da terra abundância de pão e vinho!»

Génese 27 — 39: «Então Isaac, seu pai, respondeu e disse-lhe: "Eis que a tua morada será longe da fertilidade da terra e do orvalho do céu."»

É bastante sintomático e significativo que um alquimista escolha para chave do seu criptograma um passo das Escrituras onde há uma referência deliberada a anjos que vêm do céu, lembrando deste modo a origem da ciência.

Estes passos da *Génese*, como também os versículos do *Deuteronómio* indicados na inscrição, confirmam de uma maneira clara a figura simbólica do frontispício do *Mutus Liber*, «um livro mudo mas eloquente».

OS CRIPTOGRAMAS EM ALGARISMOS

Os alquimistas tinham uma predilecção marcada pelas mensagens que incluíam algarismos. Haviam adoptado, sobre o modelo dos «sephiroth hebreus», um sistema em que cada

um dos dez algarismos árabes tinha um significado simbólico. Assim, o número 10 significava «quinta-essência», ou melhor, «matéria universal». O número 1 era o símbolo da solidão, mas era também o símbolo da unidade (*omnia in unum*, «um é o todo», etc.). O 2 era o símbolo da dualidade, da separação, e significava nos textos dos Adeptos uma operação pela qual se separava o «fixo do volátil», isto é, o equivalente ao que o químico moderno chama uma destilação ou uma cristalização. O algarismo 3 representava os três princípios essenciais. Isolado, simbolizava um corpo puro ou um composto bem definido; agrupado com outros algarismos, estes precisavam qual dos três princípios essenciais devia ser considerado. Do mesmo modo, o 4 simbolizava os quatro elementos, e quando este algarismo se associava a outros um dos quatro elementos era posto em evidência de acordo com uma chave, diferente para cada autor.

Os outros algarismos tinham igualmente significados cabalísticos, mas a sua importância era secundária, a não ser quando simbolizavam a duração ou o número de vezes que uma operação química devia ser repetida se se desejava obter um êxito ou conseguir o pó de projecção. Este pó de projecção era formulado pelo número 10, símbolo da «matéria universal, mas também soma dos quatro primeiros algarismos» ($10 = 1 + 2 + 3 + 4$).

É este método criptográfico simbólico que Morienus utiliza na sua obra *La Tourbe des Philosophes*. A título de exemplo, oferecemos à sagacidade do leitor a tradução de um passo dos escritos de Morienus: «Ordeno-vos, filho da doutrina, que congeleis a prata viva. Das várias coisas feitas, 2, 3 e 3, 1, 1 com 3, é 4, 3, 2 e 1. De 3 para 4 vai 1; de 3 a 4 vai 1, portanto, 1 e 1, 3 e 4; de 3 a 1 há 2, de 2 a 3 vai 1, de 3 a 2, 1, 1, 1, 2 e 3. E 1, 2 de 2 e 1 de 1 e 2, 1 portanto 1. Já vos disse tudo.»

A VIRTUDE DA ESCRITA

Vamos aqui pedir emprestada à *Philosophie Occulte*, de Corneille Agrippa, propriedades de escrita que podem servir para aplicar ou, pelo menos, para auxiliar a decifração dos textos alquímicos herméticos.

Mas, antes de mais, falemos deste teólogo alemão. Corneille possuiu, sem dúvida, o espírito mais notável do nascente século XVI. A um tempo crédulo, céptico, entusiasta e desconfiado, dedicou-se especialmente a demonstrar que a magia era, sem o saberem, o berço original de todas as ciências. Mais ainda, é, pelo próprio facto, a coroa de todas as outras.

Tais ideias não deviam dar-lhe quietude e tranquilidade, em especial quando pôs o preto no branco no seu livro *De Occulta Philosophia*. Por outro lado, Agrippa de Nettesheim teve uma vida tão movimentada quanto possível. Soldado, estudante, professor, percorreu a França e a Espanha, fundou sociedades secretas e dedicou-se à alquimia.

Logo acusado de magia, encontra a liberdade na fuga. Nota-se a sua passagem por Metz, Génova e Antuérpia. Neste mundo de incompreensão, as suas opiniões modificam-se e a sua última obra não passa de uma conclusão desabusada. Todas as ciências, sejam quais forem, são vãs, e ele entrega-se a uma crítica violenta. Espíritos esclarecidos acreditaram aperceber uma ligação lógica entre os seus dois trabalhos, e nós não a refutaremos.

A localização da sua morte é imprecisa. Sobreveio pouco tempo depois de ter cumprido uma pena de prisão.

Entretanto, voltemos às linhas de Agrippa e às suas ideias sobre a escrita a empregar.

Porquê a escolha da língua latina? Porque é a que mais se aproxima da escrita divina, cujas letras entram em harmonia com os corpos celestes.

A escrita dos Hebreus é a mais augusta, «a mais santa e a mais sagrada». Vem directamente do céu. E assim as palavras são diferentes de uma explicação literal, são uma mensagem vinda do espírito, uma concretização do invisível que foi destruída pela imprensa.

Como vimos, o simbolismo desempenha um papel importante e as alegorias latinas não passam de um ir-de-mal-a-pior, de um esforço para dar ao texto latino uma semelhança hebraica que não pode ser igualada.

Completamente dissociado da voz, a escrita não pode mostrar a vontade daquele que escreve. Não se fazem orações em cima de papel. As imprecações devem subir aos céus, ao passo que os sinais são fixados imóveis e mudos.

As vinte e duas letras do alfabeto hebreu constituem o fundamento do mundo. A sua combinação deve traduzir a voz de Deus. Em latim, as cinco vogais, os «j» e os «v» são atribuídos aos sete planetas. E «bcdfglmnprst» presidem aos doze signos do Zodíaco. As restantes, «kqxz», são os quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo.

É evidente que tais pesquisas no sentido esotérico das letras conduzem a dificuldades inextricáveis. As traduções muito manuseadas das obras de alquimia têm sido de tal maneira deformadas que, com frequência, se torna inútil tentar uma reconstituição.

As verdadeiras revelações residem no texto original, frequentemente desaparecido ou então deteriorado pelo tempo. Faltam-nos dados fundamentais para descobrir os segredos alquímicos e ocultos. Com o auxílio de cérebros electrónicos (já o dissemos), poder-se-ia fazer um estudo sistemático, mas as lacunas nos modos de emprego e as receitas dos adeptos da «arte sagrada» constituiriam outros tantos parâmetros que seria necessário ajustar à explicação de um sentido secreto que não saberíamos reconhecer.

Não nos enganemos: as traduções mais ou menos sinceras dos textos de alquimia só têm servido para complicar as nossas ideias sobre esta ciência reservada aos Adeptos. A deci-

fração de tais frases é um trabalho muito mais difícil que a solução de hieróglifos. Estamos em presença de uma linguagem cujas origens têm dificuldade em manter o seu carácter terrestre. Cada palavra deve ser examinada no seu fundo e na sua forma, um pouco como um texto escrito à máquina denuncia pelos defeitos dos seus caracteres o seu imperfeito anonimato.

Quando tivermos cessado de nos obstinar em apenas sondar as traduções, então pode ser que cheguemos a conhecer a origem dos nossos antepassados. Nas bibliotecas secretas fechadas à chave ocultam-se revelações que se teria grande interesse em reconsiderar e em estudar à luz das informações da ciência actual.

Infelizmente, é altamente provável que este mistério se mantenha ainda oculto durante séculos e que o homem, não instruído pela experiência dos seus antepassados, dê o grande salto sem recalcitrar.

OS AUTORES APÓCRIFOS

Inúmeros autores alquimistas não assinaram os seus trabalhos com o seu próprio nome, antes tomaram como pseudónimo o título de personalidades antigas ou contemporâneas, para dar mais valor aos seus escritos. Esta prática foi tão frequente em certas épocas que é impossível não nos perdermos em tal confusão.

Já em 1625, G. Naudé nos prevenia contra a falsa atribuição de livros acerca da «arte sagrada» a certas *élites*, como Demócrito, Empédocles e Aristóteles. Na sua *Apologie pour les Grandes Hommes Accusés de Magie* escreve que estas práticas eram moeda corrente e que se tratava de um «sintoma bastante frequente da imaginação depravada dos nossos alquimistas, que não têm outra indústria para fazer acreditar e dar valor aos livros da sua arte».

A História deve estar cheia de tais usurpações de identidade. Isto podia também ser fruto da preocupação de dar um lugar à magia. Enquanto esta não passar de obra de tratantes é bem difícil fazê-la reconhecer pela maioria. Porém, quando alguns nomes ilustres se lhe juntam e quando se acrescenta que estes se dedicaram a tal prática, então o assunto torna-se digno de consideração e pode ser reabilitado. Foi assim que uma quantidade de personagens importantes foram falsamente acusadas de magia ou, facto ainda mais comprometedor, de alquimia.

Tais falsificações não facilitam as pesquisas no que diz respeito à franca atribuição dos escritos.

Põem mesmo em questão a longevidade anormal de certos iniciados. Certas confusões flagrantes foram corrigidas. Por exemplo, por referência unicamente aos textos, poder-se-ia acreditar que Artéfio viveu 1025 anos. De facto, Filóstrato fala dele quando descreve as acções de Apolónio, o que estabelece uma cronologia mais exacta.

Os espíritos fortemente marcados não deixaram de dar uma interpretação ainda mais fantástica destes textos escritos com o mesmo nome em diversas épocas. O iniciado não só beneficiaria da imortalidade como teria a faculdade de voltar à Terra quando muito bem lhe parecesse, ofertando um texto para edificação das gerações presentes. Tais manobras implicariam um refúgio oculto dos eleitos, onde estes, em grupo, trabalhariam a ocultas do mundo para a grande causa do cosmo. Na hora actual, não se exclui a hipótese precedente, muito pelo contrário, mas é pouco provável que se lhe possa imputar a proliferação dos autores apócrifos no que diz respeito à alquimia.

Um último exemplo, que diz respeito a Geber. De acordo com o frontispício de um livro, seria o autor do *Rapport des Sept Planètes aux Sept Noms de Dieux*. Geber seria então o célebre adepto que foi eleito «Rei das Índias». Ora, é provável que o verdadeiro Geber nunca tenha posto os pés nesta

parte do mundo. Segundo G. Naudé, tratar-se-ia de uma pura «fábula e quimera de miseráveis alquimistas que quiseram dar mais expansão aos escritos emprestando-lhes um nome falso».

A CRIPTANÁLISE

Um método recentemente elaborado por Max Garric [1], e que constitui uma disciplina totalmente nova, abre horizontes inesperados para a decifração de textos aparentemente indecifráveis. Baseado num certo modo de clarividência que o liga à metapsíquica, é considerado, a justo título, «de intuição dirigida». Tais processos permitiriam sondar metodicamente, edificando a verdade na própria substância que a implica. A indução das palavras levaria a determinado estado de espírito que poria o indivíduo em contacto directo com uma «premonição» dirigida. Para simplificar a explicação, diremos que se trataria de uma telepatia escrita cujas letras não seriam senão um agente formal, suporte da clarividência. Uma comparação de vulgarização citada por M. Garric diz que a criptanálise é para o espírito o que a persistência da retina é para os olhos. A indução do criptograma sugere a ideia desejada, e ressalta facilmente de tais conceitos que o estudo objectivo e ascendente do próprio texto pode levar a verdadeiras surpresas.

Neste método, o psiquismo tem um papel primordial, sem o qual não se pode proceder à decifração. Por um efeito de canal, os criptogramas agem como «espelhos mágicos». As letras do texto misturam-se tal como estiveram para o escritor. O decifrador deve saber fazer a manobra inversa.

Para fazer isto, visto estar em total ignorância em relação ao assunto abordado, o espírito deve inspirar-se nas letras propostas. Vê-se facilmente que este fenómeno consiste em «ler nas entrelinhas», como vulgarmente se diz. O papel con-

[1] M. Garric, *L'Intuition Dirigée*, Dangles.

tém um novo texto em filigrana, acessível a todos, contanto que seja capaz de despertar o dom da telepatia.

O autor deste método defende-se da objecção capital que se poderia estabelecer contra o seu desenvolvimento. Diz categoricamente que a polivalência de uma frase não pode ser avançada senão para demonstrar justamente a inanidade das suas traduções. Para ele, a «multiplicidade das convergências e as filiações espirituais» conduzem a uma ideia, e só a uma, sem a menor dúvida possível. As singularidades postas em evidência não poderiam ser fortuitas, pois «o acaso não é varinha mágica que faça obra de espírito».

Uma tal concepção não fará coro num meio onde se duvida de fenómenos que se chamam psiquismo e telepatia. No entanto, é bom lembrarmo-nos que na Antiguidade a telepatia era considerada. Aos seres vindos de Vénus, a quem atribuímos todas as lições dadas aos homens na proto-história, não pode ser excluído definitivamente um sentido telepático. Os anos futuros poderão reservar-nos surpresas no que diz respeito à nossa própria capacidade telepática, cuja existência começamos a pressentir.

CAPÍTULO V

A CONCEPÇÃO ALQUÍMICA DA VIDA

A INTELIGÊNCIA HUMANA NÃO PASSA DE UM CASO PARTICULAR

Estamos convictos de que existem no cosmo infinitas inteligências com faculdades e estruturas mentais que lhes são próprias. Para conceber estas inteligências é absolutamente necessário abandonar o nosso pequeno ponto de vista antropocêntrico e imaginar uma vida baseada em conceitos inteiramente diferentes daqueles a que a nossa educação nos habituou. A inteligência, para se manifestar, não tem necessariamente carência de cérebro, de células nervosas, de sangue, de oxigénio: pode resultar de uma junção de material ou energia de uma construção diametralmente oposta à do homem. Sabemos desde há muito que os animais são dotados, em graus diferentes, de uma inteligência, e sabemos hoje que as plantas possuem também um sistema nervoso e que é verosímil que sejam inteligentes. Este tipo de inteligência já nos é dificilmente acessível e não podemos atribuir-lhe um critério de valor, de tal modo difere do nosso. Então imagine o leitor as múltiplas outras formas que a inteligência pode revestir, conceba que a palavra «inteligência» não passa de um conceito humano que não implica obrigatoriamente a posse dos cinco sentidos humanos, nem mesmo a noção de memória, de afectividade, de lógica e de linguagem.

Enfim, o conceito de inteligência é completamente distinto do conceito de espaço e de dimensão. O homem é inteligente, a formiga também o é; a bactéria e o reino animal reagem inteligentemente: porque é que uma galáxia, que também é uma entidade viva, não será ela própria uma entidade inteligente com os seus valores e as suas finalidades próprias? Porque é que uma célula, que igualmente tem as suas necessidades, as suas exigências, as suas aspirações, não terá também uma inteligência situada num plano totalmente exterior ao nosso?

Em resumo, a vida está em toda a parte, a sua forma varia consoante a escala de tempo adoptado, seguindo a escala de espaço considerado, e o homem, esse ser dotado de uma inteligência imperfeita, não pode compreender as possibilidades infinitas que existem no interior de uma pequena esfera cujo raio procura desesperadamente aumentar todos os dias.

A VIDA DOS ÁTOMOS E DAS MOLÉCULAS

Se pudéssemos entrar no mundo, para nós, microscópico da matéria, encontraríamos um mundo muito complexo, onde ainda se abrigaria um outro microcosmo, e, finalmente, a cadeia terminaria nas constituintes fundamentais da matéria. Para o alquimista, essas constituintes fundamentais reagrupam-se para formar seres inteligentes, dotados de individualidade particular, os quais formam famílias com caracteres gerais bem definidos. Estas associações correspondem àquilo a que chamámos átomos e moléculas. Esses átomos e moléculas são inteligências vivas, com personalidade própria, mas cujas possibilidades e finalidades estão situadas numa dimensão diferente daquela em que vivemos. Para o alquimista, os átomos e as moléculas vivem em sociedade e manifestam, como todos os outros seres dos diferentes reinos, desejo, amor e antipatia. Determinadas espécies atómicas (como também certas espécies animais) evitam-se: «Todas as equações quí-

micas traduzem na realidade os esforços, as energias, isto é, o trabalho vital fornecido pelos átomos e as moléculas, e a química não é senão o estudo da constituição dos átomos, das leis que regem o seu agrupamento, as suas raças, as suas sociedades, cujas vibrações incessantes estão assentes no mesmo todo do universo.» [1]

As raças químicas são diferentes entre si como um tigre e um coelho, como um coelho e um choupo. O ferro, o zinco, o mercúrio, o cobre, o sódio, o enxofre, etc., são espécies cujas propriedades e caracteres lhes são próprios. A química, no sentido moderno do termo, será apenas a ciência de operar o crescimento de espécies, sendo estas espécies moléculas de compostos químicos, de que as mais estáveis podem ter uma vida de milhares de séculos e outras, verdadeiramente efémeras, duram apenas fracções de segundo. A superioridade da «química» corresponde, portanto, à superioridade da hereditariedade para os corpos que nos parecem inanimados. Que faz a biologia actual senão prosseguir o prolongamento da alquimia procurando dominar as leis da hereditariedade do reino animal? Da mesma forma, a botânica aponta para uma finalidade idêntica e já sabe realizar crescimentos cada vez mais complexos entre diversas variedades de plantas, como nos provam as exposições anuais de florálias e os novos frutos híbridos que comemos. É esta semelhança da botânica com a alquimia que faz dizer a F. Hartmann: «A alquimia não mistura nem compõe nada, faz com que o que já existia em estado latente cresça e se torne activo.»

OS CRISTAIS TÊM SEXO?

Em 1928, Jollivet-Castelot relata nos seus «estudos de hiperquímica» uma curiosa declaração que o doutor Manuilov fez à agência Tass. No decorrer de trabalhos que diziam

[1] F. Jollivet-Castelot, *La Révolution Chimique*, Chacornac, 1925.

respeito à determinação do sexo dos homens, dos animais e das plantas por meio de provas radiactivas, Manuilov teve a ideia de fazer uns testes com minerais. Diz ele:

«A minha atenção foi atraída, em primeiro lugar, pelo facto de um só mineral possuir duas formas cristalizadas — a forma do cubo e a forma do octaedro, por exemplo — absolutamente idênticas quanto às suas propriedades químicas.

A fim de determinar o sexo, havia submetido sangue humano e de animais, e também extractos de sucos de plantas, a uma reacção especial. Submeti igualmente à mesma reacção diferentes formas cristalizadas de uma só e mesma espécie de mineral. Fiz esta experiência servindo-me do mineral mais típico: a pirite.

A pirite cristalizada em cubo dá uma descoloração à substância em que foi mergulhada, isto é, uma reacção tipicamente masculina. A pirite cristalizada em octaedro, mergulhada na substância, cora-a; dá uma reacção feminina típica. Repeti esta experiência com onze minerais diferentes, e consegui sempre os mesmos resultados surpreendentes.

Não me atrevo a afirmar que as minhas experiências levem a uma conclusão definitiva e imutável sobre a existência de sexo nos minerais, limito-me a referir um fenómeno digno de nota, observado em determinado caso. Após prolongadas experiências neste domínio, espero poder provar a existência de um sistema único e harmonioso de classificação de todos os organismos do universo em categoria masculina ou feminina, começando pelo homem e descendo até à pedra.»

Depois desta declaração, nunca mais se ouviu falar de Manuilov, e as suas experiências caíram no esquecimento. Apesar de tudo, seria interessante fazer um estudo crítico dos trabalhos do sábio russo. Qual era exactamente a natureza do seu teste? Porque dava sempre bons resultados com os seres vivos? E, sobretudo, porque dava respostas opostas em relação a duas formas alotrópicas de um cristal, quando estas duas formas têm as mesmas propriedades químicas?

A DIMENSÃO «TEMPO»

Estamos habituados a medir o tempo com o auxílio de um relógio e, seja qual for o tipo de relógio utilizado, este faz seguir os seus minutos e as suas horas com uma inexorável monotonia. Cada minuto assemelha-se ao que o precedeu e ao que se segue, a rapidez do relógio é uniforme e constante como a rotação da Terra em redor do seu eixo, que serve para definir as nossas unidades de tempo. Este tempo de relógio, ou tempo físico, está, no entanto, extremamente mal adaptado ao que sentimos e à ideia que temos da sua duração. Noutras palavras, o nosso tempo fisiológico não é idêntico ao nosso tempo físico. Este tempo fisiológico depende de quem o sente: um ano parece mais longo a uma criança de dez anos que a um adulto de cinquenta, pois para a primeira representa um décimo da sua existência e para o segundo a quinquagésima parte. Mais ainda: é fácil observar à nossa volta que a idade real de uma pessoa não é igual à idade «legal» e que essa idade real pode depender de um número considerável de factores que têm apenas uma longínqua relação com a rotação da Terra. Estudos científicos avançados permitiram enfim comprovar que um ferimento cura tanto mais depressa quanto o indivíduo é jovem. Do mesmo modo, todos sabem que a idades diferentes correspondem tempos diferentes para realizar o mesmo trabalho [1].

O conceito de duração é específico do indivíduo e é dificilmente comparável entre espécies diferentes; o valor temporal de uma vida ou de uma geração é evidentemente diferente segundo se observa o homem ou o verme da terra.

A escolha da rotação da Terra para medir o tempo físico foi-nos ditada pelo nosso conhecimento científico e pela necessidade de referenciar a nossa vida com um padrão cómodo, mas este tempo físico não passa de uma propriedade que a

[1] Ver, em especial, Lecomte du Noüy, *Le Temps et la Vie*, Gallimard, 1936.

nossa consciência colectiva adquiriu no decorrer de gerações e gerações. Assim, se quisermos medir a nossa vida segundo um escalão qualitativo, teremos de poder utilizar um tempo biológico próprio do homem e absolutamente distinto do tempo físico. A escolha de tal padrão biológico é possível. Não apresenta mais dificuldades em conseguir que o novo padrão de tempo físico que ultimamente foi escolhido: o segundo é uma fracção arbitrariamente escolhida do período de vibração dos átomos do césio. O padrão de tempo biológico deveria derivar da duração que separa duas reproduções das células sexuais do homem: os gametas. Com efeito, são as únicas células do homem absolutamente independentes do tempo físico; e nunca morrem, visto transmitirem-se de geração para geração, com as suas características e as suas propriedades próprias. No entanto, concebe-se facilmente que uma tal escolha de padrão «tempo» é impossível de aplicar numa sociedade humana, mas tem o mérito de pôr em evidência o carácter relativo do tempo e a distinção que existe entre o tempo fisiológico e o tempo sideral. Esta diferenciação pôde ser cientificamente posta em evidência pelo trabalho de François e Piéron [1] sobre a influência da temperatura interna na nossa apreciação do tempo. Neste estudo, François e Piéron procuraram saber se a percepção do tempo seria modificada quando aumentasse a velocidade das reacções químicas que se produzem num organismo vivo. Assim, submeteram vários doentes a correntes alternas de alta frequência, o que elevava nos indivíduos a temperatura interna na razão de um grau centígrado. Pedia-se-lhes que accionassem um interruptor telegráfico três vezes por segundo — ou antes, três vezes por aquilo que ele calculava ser um segundo. Verificou-se «uma aceleração de padrão temporal correspondente a uma diminuição na apreciação do tempo, em relação com o aumento de temperatura».

---

[1] Relato da Sociedade de Biologia, vol. 98, p. 102 (1928), citado por Lecomte du Noüy, ob. cit.

Isto provava bem que a rapidez das reacções químicas que se produziam no indivíduo representava um papel preponderante na avaliação do tempo, visto que quanto mais se eleva a temperatura mais rápida é a reacção química. Este aumento de velocidade devido à elevação da temperatura caracteriza-se por aquilo que os químicos chamam coeficiente de Van t' Hoff, que oscila em volta do valor médio de 2,5 para uma variação de dez graus. Ora, Françoise e Piéron encontraram a partir das suas medidas de «encurtamento» na «apreciação do tempo» um coeficiente de Van t' Hoff que vai de 2,75 a 2,85, o que está portanto muito próximo do valor 2,5, tendo em conta dificuldades das medidas que se relacionam com as observações efectuadas.

O ELIXIR DA LONGA VIDA

Sabe-se que a ciência actual encara seriamente o dia em que o homem será praticamente imortal. Hoje, o biologista sabe tirar tecidos celulares do organismo são e manter as células destes tecidos com vida durante tempos infinitos. Assim, é relativamente fácil tirar uma parcela do coração de uma galinha e conservá-la viva indefinidamente mantendo-a num meio nutritivo adequado. Os sábios progridem, de dia para dia, igualmente no conhecimento dos processos de envelhecimento e adquirem, por conseguinte, os dados que lhes serão necessários para estabelecer a terapêutica da doença mais terrível da humanidade, que é a velhice.

Com efeito, sabemos actualmente que a velhice não passa de um lento desequilíbrio químico que se produz ao nível celular; certos compostos tóxicos não são eliminados com o mesmo ritmo com que se acumulam; em particular, as células que são constituídas na proporção de 80 para 100 de água (H_2O) devem constantemente renovar esta água por mecanismos de osmose. Ora, no decorrer destas osmoses, a água pesada (D_2O), que é uma variedade isotópica da água que

se encontra no estado de vestígio na água normal, não ultrapassa a membrana externa da célula com a mesma velocidade da água vulgar. Uma consequência desastrosa destas diferentes velocidades de osmose para as duas variedades isotópicos de água é a acumulação de água pesada nas células do organismo e, consequentemente, o envelhecimento do corpo humano. É esta acumulação de água pesada que se encontra na base do desequilíbrio entre o nosso tempo fisiológico e o tempo sideral. O elixir da longa vida dos alquimistas apresenta-se portanto aos sábios actuais como inteiramente razoável e não é descabido pensar que certos adeptos tenham tido conhecimento de um segredo, só acessível aos grandes iniciados, que consistia essencialmente num composto capaz de operar uma eliminação selectiva de água pesada que envelhecia os tecidos. Um tal segredo permitia então ajustar o tempo fisiológico do Adepto e o tempo sideral. O iniciado, liberto da dimensão «tempo», podia assim ter acesso à verdadeira transmutação e partir para uma nova busca: a busca da quinta dimensão.

Um dos mais célebres grandes-adeptos detentores do segredo do «ouro potável» (elixir da longa vida) é o marquês de Montferrat, mais conhecido pelo nome de conde de Saint-Germain. Teria feito várias «aparições» na História, sendo a mais célebre a do século XVIII. Na época dizia-se que tinha mais de dois mil anos e parecia nunca envelhecer. A tradição dizia-o muito versado nas ciências herméticas e atribuía-lhe a posse de todos os segredos alquímicos. Vários contemporâneos do nosso século XX asseguram que não está morto e consideram que faz parte do pequeno número de verdadeiros imortais que velam pela humanidade; há mesmo quem veja nele o misterioso alquimista Fulcanelli, que publicou no início do século os célebres tratados herméticos que são *Le Mystère des Cathédrales* e *Les Demeures Philosophales*.

Enfim, para aquele que queira atingir a imortalidade antes que os sábios descubram o segredo, deixamos aqui uma receita, sobre a qual poderá meditar:

«Tu poderás também preparar o grande elixir da vida; porque quero que saibas que, tomando o mercúrio vermelho e juntando o mercúrio fixo e que passou sobre a tutia e o vitríolo, de modo a torná-lo vermelho e oleoso, não perderás o teu trabalho.» (*Guidonis Magni de Monte Tractatulus, Theatrum Chemicum*, t. VI.)

AS NOSSAS VIDAS PRECEDENTES

Em todas as civilizações do mundo, houve lendas e tradições que popularizaram a ideia da reencarnação. Na Escandinávia, por exemplo, acreditou-se durante toda a Idade Média que o homem, após a sua estada na Terra, era geralmente condenado aos Infernos. Só um pequeno número de homens que tinham sabido levar uma vida exemplar podia aspirar ao Paraíso. No entanto, antes de conhecer a felicidade eterna, o homem do Norte tinha de sujeitar-se a uma prova que constituía, de certo modo, o equivalente ao Purgatório dos cristãos. No decorrer desta prova era reencarnado em animal e sofria a sorte das feras perseguidas pelo frio e pela fome. Só conhecia a liberdade quando alguém o matava, sendo-lhe deste modo permitido penetrar definitivamente no reino dos bem-aventurados.

Esta ideia de reencarnação não deve ser considerada como uma simples lenda, mas, pelo contrário, como a deformação popular de uma verdade científica fundamental. É o fundamento desta ideia que nos vamos esforçar por vos demonstrar.

Com o auxílio dos métodos de marcação comparada do carbono 13 e do carbono 14 é possível actualmente determinar com precisão, e sem qualquer ambiguidade, a época em que a vida (segundo o conceito actual) apareceu no nosso planeta. Os sábios chegaram assim à certeza de que a vida existe desde há pelo menos oitocentos milhões de anos.

Ora, de que somos nós constituídos? De que eram constituídos os mamutes, os dinossauros, etc.? De alguns quilos

de oxigénio, de azoto, de carbono, de hidrogénio, de um pouco de fósforo, de cloro, de iodo, de cálcio, de manganésio, etc. De que são constituídas as abelhas, os mosquitos, as aranhas, os vírus, os micróbios? De que são constituídos os líquenes, a relva, as margaridas, etc.? De algumas dezenas de miligramas destes corpos elementares químicos fundamentais.

Donde vêm estes elementos? Da terra, do mar, do húmus; em resumo, da fina camada superficial terrestre e da próxima atmosfera, daquilo a que chamamos biosfera. Ora, quantos átomos de carbono, de hidrogénio, de oxigénio, de azoto há nesta biosfera? Um número propriamente astronómico mas finito e calculável. Fizemos um cálculo aproximado do número total de átomos que devem compor a biosfera e chegámos ao número 1 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000 (10^{48}) átomos.

Ora, um ser do tamanho de uma formiga (organismo já pequeno) contém somente ele 10 000 000 000 000 000 000 000 (10^{22}) átomos, ou seja, 1/1 000 000 000 000 000 000 000 000, ou um milionésimo de um bilionésimo de um bilionésimo de biosfera. Além disso, vivem na Terra em determinado momento pelo menos 10^{20} indivíduos de tamanho igual ou superior ao da formiga; portanto, entre a multidão de átomos da biosfera, $10^{20} \times 10^{22} = 10^{42}$ são utilizados neste momento por seres organizados. Agora, suponhamos que a duração de vida média dos indivíduos é de 100 anos (o que evidentemente está muito acima da verdade, mas preferimos encarar os casos mais desfavoráveis). Como a vida existe desde 800 000 000 de anos, viveram na Terra no mínimo 800 000 000 $\times 10^{22}$ organismos, portanto, ao todo, $8.10^{8} \times 10^{22} \times 10^{20}$. Isto é, pouco mais ou menos 10^{51} átomos foram utilizados pelos organismos vivos desde o início da vida na Terra. Por consequência, impõe-se uma única conclusão: visto não haver na biosfera senão 10^{48} átomos, cada átomo deve ser

utilizado mais de uma vez num organismo vivo. O cálculo dá $\frac{10^{51}}{10^{48}} = 1000$ vezes.

Este número é enorme e no entanto é o que calculámos com as hipóteses menos favoráveis; um cálculo com hipóteses mais flexíveis leva-nos a cerca de 100 000 vezes. Por este raciocínio simples, acabámos de demonstrar que, em cada um de nós, todos os átomos que nos compõem já pertenceram necessariamente a um ser vivo que nos precedeu na Terra. É, portanto, absolutamente certo que cada fracção de nós próprios conheceu outras vidas, participou noutras inteligências, talvez na de uma bactéria, talvez na de um diplódoco, possivelmente na de um outro homem ou de um simples cogumelo. Também é certo que as diversas partes que nos compõem conhecerão a vida sob uma forma qualquer. Neste próprio momento, no minuto em que lerem estas linhas, participareis na permuta incessante de átomos entre os seres organizados do nosso planeta. Com efeito, seguindo a imagem popular do inglês Jeans, um homem aspira cerca de 400 cm^3 de ar em cada inspiração, ou seja, cerca de 10 000 000 000 000 000 000 000 (10^{22}) moléculas. Assim, uma molécula é pouco mais ou menos a mesma fracção de uma inspiração em relação à totalidade da atmosfera. «Se o último suspiro de Sócrates se dispersou por toda a atmosfera, é possível que inalemos uma molécula em cada inspiração.»

A continuidade da vida não é portanto senão a passagem de átomos e de moléculas de um corpo para outro, de uma planta para outra. O estabelecimento de organismos temporários parece fazer-se com a única finalidade de permitir às moléculas a experimentação de novas sensações e a aquisição de novos conhecimentos. Foi esta observação da vanidade da vida humana e da importância do papel das moléculas na história da Terra que convenceu o alquimista de que a verdadeira vida não é só a que o homem observa superficialmente à sua volta, mas sobretudo que a vida, presente em todos os

momentos, em todos os pontos do espaço, é a onda tumultuosa do microcosmo dos átomos e das moléculas. E é esta onda que, como última mola, decide do destino do nosso planeta.

SOMOS TODOS DE ESSÊNCIA EXTRATERRESTRE

Todos os alquimistas sabem que os átomos e as moléculas formam microcosmos vivos; mas esta vida é de essência totalmente oposta à vida que costumamos conceber. Aquilo a que chamamos vida organizada não passa, na verdade, do resultado da colonização do reino mineral terrestre pelos organismos que vieram do espaço. A Terra existe desde há vários biliões de anos e, apesar disso, a «vida organizada» só data de há oitocentos milhões de anos. Porque foi que esta vida não apareceu mais cedo no tempo sideral? A resposta é simples: é que a vida, o nosso género de vida, não pode ser o resultado de uma evolução do reino mineral. Ninguém, nenhuma equipa de sábios jamais conseguiu criar a vida organizada partindo dos seus constituintes fundamentais. Nunca ninguém viu a eclosão espontânea da vida, mesmo no meio mais favorável para a sua aparição. A verdade é que, se para se implantar a vida há necessidade de certas condições bem definidas, estas condições não necessitam da eclosão da vida. A vida organizada é uma quinta-essência universal, é um princípio que não tem forma própria e que pode adoptar lugares diversos. A vida propaga-se no universo, de planeta para planeta, de galáxia para galáxia; coloniza as terras de que se aproxima, domina o reino mineral e desenvolve as civilizações animais e vegetais, cujos caracteres têm em consideração as possibilidades e as propriedades da matéria local. Doravante, a ciência começa a acumular certas provas e a pressentir esta verdade fascinante: o homem é duplo, matéria e «espírito», e este «espírito» veio de «algures». Foi assim que se

pôde supor que certas partículas de meteoritos que haviam atravessado o vácuo interestelar, conhecendo o frio do zero absoluto, provaram estar vivas quando encontraram condições favoráveis. Mais ainda: todos os anos se encontram novos microrganismos com uma vitalidade extraordinária; deste modo, acaba de ser revelado na URSS que algas desconhecidas na nossa época, e «proliferando há duzentos milhões de anos, foram encontradas incluídas nos depósitos de sal do Ural... Sábios russos fundiram o sal, e qual não foi a sua admiração ao ver ao microscópio estas algas voltarem à vida e retomarem o seu ciclo de reprodução» [1]. Conhece-se igualmente a prodigiosa resistência de certos tecidos que, submetidos a frios intensos, como o do azoto líquido (– 196° C), podem retomar a vida se anteriormente tiverem sido tratados com soluções glicerólicas adequadas. Enfim, para certas paramécias, certos protozoários, digamos certos pequenos insectos, o vazio, como o da espécie interplanetária, não tem qualquer efeito nocivo. É portanto evidente que a vida tem recursos ilimitados e que bem poucos obstáculos se opõem à sua inexorável progressão. Para atravessar os espaços siderais e colonizar os mundos minerais, esta vida emprega veículos «orgânicos», verdadeiras astronaves (microrganismos resistentes a todas as provas) ou elabora organismos superiores: por exemplo, o homem, do qual uma das funções é espalhar a vida organizada num sector definido do universo: o do sistema solar.

O fenómeno da vida é portanto um fenómeno geral que nos transcende; constitui a essência da fantástica simbiose dos mundos energéticos e materiais do nosso universo. É aquilo a que os alquimistas chamavam a união do princípio masculino e do princípio feminino.

[1] N. Martin, *Le Cosmos et la Vie*, Encyclopédie Planète, 1963.

A TÁBUA DE ESMERALDA

Entre as centenas de milhares de trabalhos sobre alquimia, encontra-se um texto extremamente curto, misterioso e profundamente «hermético»: a tábua de esmeralda. Todos os alquimistas europeus falaram dela e fizeram-lhe comentários, mas a sua origem continua a ser um enigma. A tradição afirma que é um texto encontrado numa esmeralda gravada que estava no túmulo de Hermes Trismegisto. Este texto seria, por consequência, muito antigo e, efectivamente, as numerosas cópias latinas da tábua de esmeralda parecem não ser senão traduções de um texto árabe vindo de Espanha. Este documento não é mais que a tradução de um manuscrito muito antigo, ele próprio traduzido de um texto original em língua hebraica ou egípcia. Uma vez analisado, este texto revela ser uma síntese do pensamento alquímico sobre a origem da vida, a filosofia da matéria e as virtudes da pedra filosofal. Eis a tradução desta tábula, revelada por Poisson nos *Cinco Tratados de Alquimia*:

«É verdade, sem mentira, certo e muito verdadeiro. O que está em baixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está em baixo, para realizar os milagres de uma só coisa.

E da mesma forma como todas as coisas vieram de Um, assim todas estas coisas nasceram dessa coisa única por adopção.

O Sol é o pai, a Lua é a mãe, o Vento trouxe-a no seu ventre, a Terra é a sua ama; o Telema de todo o mundo está aqui.

O seu poder sobre a Terra é sem limites.

Tu separarás a Terra do Fogo, o subtil do espesso, docemente, com grande aptidão.

Ele sobe da Terra ao céu, e torna a descer imediatamente à Terra, e recolhe a força das coisas superiores e inferiores.

Terás assim toda a glória do mundo, e por isso toda a escuridão se afastará de ti.

É a força forte de todas as forças, porque vencerá todas as coisas subtis e penetrará em todas as coisas sólidas.

Assim foi criado o mundo.

Eis a origem de admiráveis adaptações indicadas aqui.

Por isso me chamaram Hermes Trismegisto, tendo as três partes da filosofia universal. O que disse sobre a operação do Sol está completo.»

A primeira leitura, este texto é evidentemente difícil de compreender, mas torne o leitor a lê-lo, fixando os primeiros parágrafos de cada capítulo, e começará a compreender o seu sentido profundo. Desenvolve a origem da nossa vida corporal em termos simbólicos e por meio de parábolas. Mostra a grande Unidade do Universo e a maneira como a vida organizada se propaga, transportada pelos ventos cósmicos (em especial os ventos solares [1]). Mostra igualmente que a vida se implantou na Terra, a qual foi colonizada e alimentou esta vida. O Telema de que se fala representa a essência vital (Telesma = Perfeição). O meio do texto é uma digressão que indica um meio de separar o Telema das coisas, isto é, o meio de isolar a pedra filosofal. O fim do texto dá as virtudes da pedra filosofal e a força do espírito vital universal.

A ALQUIMIA E A «KORÉ KOSMOU»

A revelação divina feita a Hermes nos primeiros dias da nossa era, e que incluía, entre outras coisas, uma forte tendência astrológica, foi classificada no Egipto com o nome de «filosofia». Fala-se com frequência de filosofia hermética, não precisando suficientemente o sentido da palavra «filosofia».

---

[1] Essencialmente compostos por protões e podendo desenvolver pressões no espaço interplanetário.

Contrariamente à sua homónima grega, esta palavra não significava em egípcio um exercício da razão pura para compreender e penetrar no mundo, mas uma doutrina secreta, esotérica, essencialmente religiosa. Entre esta literatura filosófica figura um livro muito pouco conhecido, atribuído a Hermes e intitulado *Koré Kosmou.* Este trabalho trata de uma doutrina hermética, transmitida em primeiro lugar a Komephis e depois a Ísis, que, por fim, a cedeu a seu filho Horo.

Este texto contém uma génese da criação das almas que foi relacionada com a alquimia por Berthelot-Ruelle. É interessante examinar-lhe os diferentes aspectos. A finalidade do adepto da «Koré Kosmou» é fabricar uma «mistura de animação» da mesma maneira que o alquimista procura produzir o «mercúrio filosófico» para dar vida a todos os metais [1]. Uma tal semelhança numa operação, no entanto muito especial, não podia escapar às pessoas interessadas. Examinemos as principais características:

O demiurgo egípcio entregava-se a uma série de etapas cujo essencial consistia em antecipar um pouco da sua própria respiração. Depois, agitando a terra, a água e a sua respiração, criava os corpos das criaturas terrestres, nos quais fazia entrar o espírito de vida e de reprodução.

Vê-se, por conseguinte, que estas operações se resumem numa síntese da matéria viva, tarefa a que se dedicaram os biólogos dos últimos decénios sem qualquer êxito. O que lhes falta, fundamentalmente, é o sopro, essa centelha que permite pôr em movimento o motor vital.

O alquimista, por sua parte, empenha-se igualmente em produzir uma tinta, um elixir, que se tornará para os metais o princípio da vida e que para eles representará o papel de alma.

Tiraram-se conclusões destas analogias. Por exemplo, avançou-se mesmo que o «mercúrio dos filósofos» era uma baba,

[1] *Collections des Anciens Alchimistes Grecs,* Paris, 1887.

uma espuma (αφρος παντος ειδους) semelhante ao líquido espermático, branco e brilhante como a Lua. O símbolo do ovo alquímico descreve-nos o mercúrio como a clara do ovo. Todas estas descrições fazem pensar em qualquer coisa de puro, leve, transparente e brilhante, evocando as culturas gelatinosas *in vitro* dos nossos dias.

Assim, os metais que presentemente descrevemos como um aglomerado de caroços mergulhados num banho de electrões são, segundo afirmam os alquimistas, seres vivos. Vimos que tentaram mesmo atribuir-lhes um sexo, tendo a experiência resultado plenamente no caso dos cristais. Os metais, plantas do reino metálico, nascem, crescem e reproduzem-se indo buscar o seu alimento a uma fonte. Dizem os alquimistas que é da humidade ambiente e do ar que a cerca que o metal tira a sua própria subsistência. Chegado à maturidade, contrai justas núpcias, e assiste-se ao casamento do arsénico (macho) e do mercúrio (fêmea).

Considerando a matéria como uma entidade viva, os alquimistas chegaram ao ponto de fazer esta pergunta: como matar um metal? Eis a sua resposta: pela fusão pura e simples, separa-se-lhe o corpo da alma. A espuma que sobe à superfície do metal em fusão é o sopro da alma que se evola. Os resíduos, sem brilho, da transformação são os despojos mortais.

O metal, como o ser vivo, pode estar sujeito a doenças e a ser envenenado. Isto resulta, em particular, da alimentação variada que se lhe forneça. Por exemplo, se dermos ao cobre a cor do ouro por meio da «água divina», ele «ficará com a cabeça pesada, começará a vomitar e a fugir». Pode explicar-se, seguindo este princípio, as reacções químicas entre substâncias sem afinidades. Será a mesma coisa para um corpo mal alimentado a que forneçam só alimentos de que tenha excesso, quando, no fundo, lhe falta qualquer outra coisa. É inútil querer matar a sede a um indivíduo obrigando-o a absorver alimentos secos.

Notemos enfim que a «Koré Kosmou» dá uma alma a cada animal, ou, mais exactamente, um sopro vital que passa de um

animal para outro, que, deste modo, experimenta contínuas melhoras. O animal que possui o sopro vital quando chega ao cume da sua ascensão espiritual é o homem. Mas que homem? Se voltarmos à hipótese formulada no início deste trabalho, onde admitíamos que o homem tinha sido instruído pelos extraterrestres, então talvez não seja absurdo dizer que o homem da Pré-História descendia efectivamente do macaco no sentido, aliás deformado, da teoria de Darwin; mas um dia houve uma cisão entre os outros seres e o homem de Neandertal. Uma intervenção exterior permitiu que a espécie mais avançada escapasse ao torpor que a designava como um macaco «particularmente» inteligente e se tornasse o Homem.

CAPÍTULO VI

OS SEQUAZES DE SATÃ

A DIABÓLICA ARTE DOS ALQUIMISTAS

Em 1163, menos de dois séculos depois de a humanidade ter esquecido o grande terror do ano 1000, quando o estudo desinteressado teria podido desenvolver-se, o papa Alexandre III proclamava no Concílio de Trento um decreto que proibia aos monges trabalharem no domínio das ciências físicas e naturais. Anos mais tarde, Honório III estendia o édito a todos os eclesiásticos: «O estudo da física, da medicina e das ciências da natureza é banido, e isto sob pena de excomunhão. Todos quantos violem esta regra serão postos de parte e excomungados.»

O clero regular seguiu totalmente o movimento. Em 1287, São Domingos condenou com solenidade todas as investigações de química. Tornaremos a falar da acção dos franciscanos aquando do encontro com Roger Bacon.

A causa profunda destes antagonismos surge nitidamente na observação que Marcelin Berthelot fazia no início do século: «As ciências da natureza são sacrílegas, porque levam o homem a rivalizar com Deus.»

Compreende-se facilmente que a alquimia tenha êxito nas ciências ocultas. O alquimista tinha, entre outras, uma pretensão bem legítima: impor a sua vontade às forças da natureza. É esta pretensão que o põe em conflito com a Igreja

e os adeptos da «arte sagrada». Assim, inevitavelmente, a luta contra a alquimia deteve durante muito tempo o desenvolvimento da química embrionária.

Apesar de tudo, pode afirmar-se que, se a Igreja não se tivesse manifestado sobre esta pretensão, teria encontrado múltiplas razões para deter o alquimista, investigador inveterado e inteiramente imbuído da sua arte.

Com efeito, o experimentador que ousava atacar o invisível inflamando-o (combustão do hidrogénio) via-se acusado de bruxaria e suspeito de trato com Satã. Nesta época vê-se uma proliferação de bulas pontificais. A de 1317 era dirigida exclusivamente aos alquimistas e intitulava-se: *Spondent Pariter*. Inocêncio VIII organizou a terrível coorte dos inquisidores de bruxaria, armados com o terrível «malhete das bruxas», que empregavam contra os investigadores científicos que se entregassem a uma das sete artes diabólicas. Em 1380, Carlos V proíbe a posse de fornos e aparelhos de química. A ideia de que a ciência é perigosa vai crescendo, com grande confusão dos adeptos perseguidos. O químico Jean Barillon é preso e a sua vida corre perigo. Centenas de homens e de mulheres são queimados como bruxos e magos. E as bulas continuam: em 1504, emitida por Júlio II, e em 1523, por Adriano IV. A repressão vai continuar durante um longo período da história da humanidade.

Na Alemanha, a chacina atinge o seu máximo, e em menos de um século cem mil acusados morrem na fogueira ou na tortura. Instaura-se um regime de terror tanto quanto possível nefasto para a ciência que surge, a qual, sob as ameaças, se encolhe, se oculta, se esconde, se divide em duas partes: a ciência verdadeira (a de Deus) e a pseudociência (a do Inferno), que deve voltar para o fogo. A ignorância é mãe de certas atitudes. Sob o reino da intolerância dogmática, a Idade Média teve o que merecia: nenhum progresso notório, uma superstição exacerbada e uma destruição sistemática das inteligências esclarecidas da época. Se um tal regime tivesse persistido, hoje estaríamos bem longe do *laser*. O exame das

causas era proibido, pois a causa era Deus. Os filósofos só podiam discutir o nominalismo e o realismo. Deste modo, a ciência estagnou e, como o tempo não cessava de correr, foi uma espécie de recuo que se deu. Toda a ciência se torna impossível sob a acção de uma autoridade que faz intervir o senhor do cosmo quando se mistura mercúrio e enxofre e se obtém, por metamorfose celeste, uma substância negra. Se, por felicidade, a aquecermos — milagre! —, a substância torna-se vermelha. A consequência destes martírios não se faz esperar. A linguagem alquímica obscuresse e todos rogam ao espiritualismo dos neoplatónicos que escrevam aquilo que se não pode dizer, sob pena de morte. Se o incêndio da biblioteca de Alexandria nos privou de grandes segredos, é certo também que por culpa do inculto clero medieval passámos ao lado de revelações incalculáveis. Roger Bacon, a maior vítima da teologia aplicada à química, expressa-se nestes termos: «A Autoridade não tem valor se não prestar contas... No que diz respeito ao raciocínio, as conclusões mais certas são falíveis se não forem verificadas pela experiência e pela prática.»

No parágrafo seguinte vamos ver qual foi justamente a atitude de Roger Bacon.

ROGER BACON: PRÍNCIPE DO PENSAMENTO

Nascido em 1264, em Ilchester, na província de Somerset, Roger Bacon foi, com toda a justiça, chamado por Hoefer [1] «um verdadeiro filósofo». Sem dúvida alguma, este homem tocava mais de um instrumento: era profundo conhecedor de física, química, matemática, astronomia e medicina. É lamentável que a sua vida tenha justamente coincidido com o período da perseguição.

[1] F. Hoefer, *Histoire de la Chimie*, 1866, Paris.

Estudou em Oxford e depois em Paris, cuja universidade era a mais famosa da Europa e atraía grande número de ingleses eruditos. Obteve o grau de doutor em Teologia e, de regresso a Inglaterra, entrou nas ordens. Fez muito mal, pois era justamente o meio onde todas as portas estavam fechadas às ideias novas. A ignorância dos seus confrades engendrou grande despeito, e é em física e astrologia que as suas concepções fazem cair sobre ele a má vontade dos seus superiores.

Enumeremos, sem nos alongarmos, as descobertas inesperadas que o «doutor admirável» realizou: apercebendo-se do erro do calendário juliano relativamente ao ano escolar, lançou as bases de um novo calendário: não lhe deram ouvidos. Enunciando as leis fundamentais da óptica, inventa óculos para uso dos presbitas e propõe uma técnica para telescópicos, para assim desenvolver a astronomia. Mas os despeitos introduziram-se nos espíritos... obtusos dos seus colegas. Acusaram-no, dentro em pouco, de ter feito uma estátua de bronze falante e diabólica e lembraram que São Tomás de Aquino havia destruído uma semelhante, que tinha tirado ao seu inventor, Albert le Grand. Tratava-se dum autómato maravilhoso que imitava tão perfeitamente o corpo humano que o julgavam de carne e osso. Criou a lenda do andróide, cujo tema inspirou uma obra notável ao autor americano de ficção científica Murray Leinster.

Roger Bacon atraiu a si o ódio fanático dos seus contemporâneos quando começou a pressentir as principais teorias da química moderna. Admitia a possibilidade das transmutações, sem aceitar no entanto os feitos de que se gabavam os alquimistas. Enviou o seu *Opus Majus*, como diversos outros tratados, ao papa Clemente VI. Encontrou nesta simpática personagem um protector inesperado; com efeito, este, longe de o condenar, como todos os seus vassalos o faziam, exortou-o a continuar com os seus trabalhos. Enquanto este papa viveu, o monge nada teve a recear; é verdade que teve de sofrer mil intrigas, mil sarcasmos invejosos, mas os seus adversários não ousavam entrar em luta aberta contra ele, com

medo de descontentar o santo padre. Infelizmente, os próprios papas não são imortais. Em 1278, Nicolau III sucedeu a Clemente VI. Os Franciscanos denunciaram Roger Bacon como mágico, como astrólogo e como tendo estabelecido pacto com o Diabo. Foi encarcerado e a sua carta *De Nullitate Magie* só serviu para piorar as coisas.

Após anos de cativeiro, o monge Roger conseguiu obter a liberdade, mas já estava um ancião, e morreu no ano seguinte com a idade de setenta e oito anos. Os monges, cheios de horror à sua actividade, pregaram os seus trabalhos às tábuas do sobrado, onde os vermes vieram efectuar a sua obra destruidora. Eis o que fez a Igreja a um dos maiores génios que jamais teve no seu seio.

Por uma terrível ironia da sorte, Roger Bacon, que durante toda a sua vida combateu a bruxaria e o charlatanismo dos mágicos, viria a ser a primeira vítima da repressão contra a magia, ele que não se cansava de denunciar os prestidigitadores, os ventríloquos e outros exploradores da credulidade popular.

À MANEIRA DOS PÁSSAROS

Além do processo do fabrico da pólvora, Bacon provavelmente descobriu o princípio da máquina a vapor, do automóvel e da máquina voadora. Diz ele, a este respeito, nas suas *Œuvres Secrètes de l'Art*:

«Poder-se-ia fazer andar um carro com uma velocidade inacreditável, sem o auxílio de qualquer animal; não seria impossível fazer instrumentos que, por meio de um aparelho com asas, lhes permitisse voar tal como fazem os pássaros.»

O motor que poderia fazer andar os carros com uma velocidade inacreditável devia, na sua opinião, tirar a sua força da água e do fogo. Por outras palavras, Bacon pensava, alguns séculos antes de Carnot, que, visto que a água evapora quando se aquece, este fenómeno pode ser utilizado para fins mecâ-

nicos, para mover um pistão ou, mais geralmente, para engendrar qualquer movimento.

Do mesmo modo, o seu «instrumento de asas» era simplesmente o antepassado dos nossos aviões. Bacon, contrariamente a todos os seus contemporâneos, suspeitava da existência do ar, e, por consequência, pensava que este fluido podia servir de suporte a uma máquina móvel, que agiria seguindo o princípio do voo dos pássaros. Estas ideias foram todas aceites, no início do século, pelos pioneiros da aeronáutica, que tentaram construir máquinas com asas móveis. Hoje, essas tentativas fazem-nos sorrir; no entanto, devemos imaginar o modo de pensar desses precursores, que, se não tivessem conhecido a existência do ar, jamais teriam previsto tais aparelhos. Com mais razão Bacon é digno de louvores, pois nunca vira um motor mecânico, químico ou eléctrico.

BACON E O GÁS DE ILUMINAÇÃO

Há numerosos textos de Roger Bacon que fazem referência, em termos misteriosos, a um «fogo» que é possível obter-se depois de se ter realizado uma destilação de certos produtos orgânicos. Este «fogo» misterioso parece, na realidade, não ser outra coisa senão o antepassado do nosso gás de iluminação, e é bastante provável que o monge inglês tenha imaginado toda a importância e toda a utilidade de tal gás. Entre outras, no meio das numerosas lendas que correram sobre o alquimista, uma delas afirma que o irmão Bacon estava possesso do Demónio a tal ponto que este lhe havia oferecido uma parte do fogo do Inferno. Estes fogos permitiam que Bacon lesse e estudasse à noite. Assim, é muito possível que, no século XIII, um homem tenha conseguido realizar um sistema de destilação contínua de uma mistura orgânica em decomposição lenta e que inflamasse o gás produzido à saída do tubo que, mais tarde, se iria chamar bico de gás. Tal invenção era não só revolucionária mas também totalmente

incompreensível para todas as pessoas da época, que nem sequer suspeitavam da existência do ar, e ainda menos de um gás combustível. Deve então perguntar-se se Bacon era genial até ao ponto de ultrapassar todos os seus contemporâneos e encontrar ele sozinho princípios tão diferentes como a pólvora e o gás de iluminação; ou se seria auxiliado por um elemento hermético, isto é, se teria conhecido um processo que nos é totalmente estranho, que lhe teria permitido ter conhecimento de resultados e técnicas de um passado longínquo ou de uma civilização estranha ao nosso mundo.

O ALQUIMISTA BACON

Naquilo que está especificamente ligado com a alquimia, Bacon considera o enxofre e o mercúrio como elementos dos metais. A finalidade suprema para a qual tende sempre a natureza é a perfeição: portanto, o ouro (que é o princípio fundamental, como vimos num dos capítulos precedentes). É necessário, portanto, para obter ouro, seguir a natureza, e a concepção de Bacon, que difere um pouco da preconizada em pormenor. Assim, vamos transcrever um passo de *Libellus de Alchimia, cui Titulus: Speculum Alchemix*:

«Antes de mais nada, é preciso descobrir uma matéria na qual o mercúrio esteja já unido à quantidade necessária de enxofre. É necessário imitar a natureza, que segue sempre por vias simples. Os metais aparecem nas minas. Trata-se de começar por construir um forno que se assemelhe a uma mina, não pelo tamanho, mas por uma disposição particular que não permita que se escapem as matérias voláteis e que concentre o calor de modo contínuo; o vaso do operador deverá ser de vidro ou de uma substância terrosa que tenha a resistência do vidro; o gargalo deve ser estreito e o seu orifício perfeitamente fechado por uma tampa de betume. Do mesmo modo que nas minas, o enxofre e o mercúrio são preservados do contacto imediato do fogo pela interposição de matérias terrosas; da mesma forma também é necessário

que o fogo não toque imediatamente no vaso; para isso convém envolvê-lo num invólucro sólido que possa distribuir por toda a parte um calor igual.»

No que diz respeito à pedra filosofal, Bacon admitia a existência de um elixir vermelho para «amarelecer» os metais e de um outro para os «branquear», isto é, para os transformar em ouro ou em prata, segundo a linguagem dos alquimistas. No entanto, Roger Bacon mantém-se prudente, e nisto mostra o seu génio. Pelo seu raciocínio e pelas suas experiências, chega à conclusão de que a transmutação metálica é possível, mas que em nenhum caso pode resultar de qualquer cozinhado. Para ele, querer metamorfosear com uns grãos de um pó misterioso o chumbo em prata ou o cobre em ouro é tão absurdo como querer criar partindo do nada. Na sua opinião, nunca um alquimista digno deste nome teve esta ambição. A operação de transmutação é longa e laboriosa. Trata-se, de certo modo, de uma perfeição interna que, nas minas, se faz lentamente, durante séculos, o mais naturalmente possível, e que o adepto consegue produzir num intervalo de tempo razoável graças a um pó de projecção, isto é, graças àquilo a que hoje chamamos um catalisador. O pó não cria metamorfose, «trabalha o coração do metal», reestrutura os seus componentes e, ainda segundo Bacon, o pó permite recuperar o ouro que está potencialmente presente em todos os metais, mas que está sujo de impurezas em maior ou menor quantidade.

Bacon, apesar de certas ideias que hoje se provou estarem erradas, continua a ser um incontestado mestre da alquimia. As suas descobertas e as suas avançadas revelações fizeram dele um verdadeiro génio, que, neste domínio, só pode ser comparado a Raymond Lulle e a Arnaud de Villeneuve. Infelizmente, a sorte quis que o génio de Bacon fosse entravado na sua expansão, e foi preciso que este homem tenha sofrido muitos desapontamentos para, no seu leito de morte, dizer estas palavras pungentes: «Arrependo-me de me ter sacrificado tanto para destruir a ignorância!»

APOLÓNIO, FILHO DE SATÃ

Sob o nome de Apolónio oculta-se um alquimista particularmente misterioso. No século XIX, o historiador da química F. Hoefer confessava não ter qualquer informação precisa sobre este mestre, autor do célebre tratado hermético *Fleurs d'Or*.

As poucas informações que conseguimos, aqui e ali, em diversos trabalhos ou crónicas da época, deixam-nos antever uma figura quase lendária que percorria a Europa para incitar os seus contemporâneos a não aceitar a ordem estabelecida. Na sua passagem deixava uma quantidade de «milagres», a maioria dos quais consistia em curas de casos considerados desesperados. Era sempre bem recebido pelo povo, nunca exigia honorários pelos seus serviços e, pelo contrário, com frequência dava um certo pó de ouro que afirmava ser de «origem divina», o que todos traduziam por «origem alquímica». De facto, a contínua riqueza deste homem sempre em viagem, sem ser protegido por nenhum mecenas, é de surpreender. Na realidade, donde lhe vinha o seu ouro? E donde lhe vinha também o seu vasto conhecimento da ciência médica, que o fazia passar por «mágico»?

Não devemos confundir este alquimista, que tomara como nome um pseudónimo de consonância latina, com Apolónio de Tiana, figura lendária, célebre filósofo do primeiro século da era cristã. No entanto, não podemos deixar de pôr em paralelo a vida misteriosa destas duas figuras. Apolónio de Tiana era um místico e a sua vida foi uma sucessão calculada de aventuras extraordinárias. No reino de Alexandre Severo, Filóstrato compôs-lhe uma biografia fabulosa. O valor histórico deste trabalho é praticamente nulo. Trata-se de uma nova Bíblia, onde Apolónio tinha o papel de filho de Satã nos mínimos pormenores. Um paralelo impecável era estabelecido entre a vida deste aventureiro e a de Jesus Cristo. Numa nova versão do anúncio feito a Maria, é o Demónio que vem

prevenir a mãe de Apolónio do nascimento do futuro filho do Diabo. O canto dos cisnes vem substituir muito a propósito o canto dos anjos. E o raio caindo do céu equivale à estrela que apareceu em Belém. Toda a vida de Apolónio é decalcada sobre a vida de Cristo, de tal modo que é impossível extrair dela qualquer verdade. Em volta de uma figura que a isso se prestava bordaram um manto de fábulas; vê-se portanto que tal prática não é especificamente própria da nossa época. Em todos os tempos se inventou, se deformou, quer para glorificar, quer para ridicularizar. As figuras que foram suporte destas imaginações doentias caminham ao longo da história do tempo.

UMA CRIATURA DIABÓLICA: O HOMÚNCULO

Muito embora se não liguem directamente aos trabalhos da Grande Obra, os alquimistas foram os primeiros que se dedicaram à criação artificial da vida. Eles, que pretendiam ter acesso à imortalidade, deviam também igualar-se a Deus concebendo um organismo vivo a partir da matéria inerte e, se não se olhasse o assunto com desconfiança, seríamos levados a ter fé na sua pretensão de triunfarem.

Não devemos perder de vista que os nossos biólogos estão sempre em busca de um meio de insuflar vida numa célula, e pretende-se hipoteticamente que este passo de gigante só será dado dentro de uma centena de anos.

No entanto, os alquimistas da Idade Média falam de um «homúnculo», filho do Sol e da Lua, concebido sem união sexual, fabricado artificialmente à base de esperma e de sangue. Esta «criatura», sempre de pouca altura, contrariamente ao «Golem» rabínico que deu a ideia do monstro de Frankenstein dos tempos modernos, é bastante inofensivo. Julius Camillus, alquimista, guardava dentro de um frasco um homenzinho de uma polegada de altura.

Foi Paracelso que popularizou a ideia e desvendou mesmo o método para uma mão-de-obra «homunculiana». No seu desenvolvimento, erigia-se um novo Prometeu e defendia a teoria de pigmeus, ninfas e sátiros terem sido engendrados pela química.

Alguns alquimistas conhecidos insurgiram-se contra esta «extravagância» e Kunckel defende o ponto de vista de o fabrico deste homem artificial ser um contra-senso. Os impostores tomaram conta do carácter fantástico deste fenómeno para lhe atribuir um rol de inépcias que só serviram para o desacreditar. Nas praças públicas da Idade Média, mostrava-se, com grande acompanhamento de gritos, «a formação do homúnculo». Sub-repticiamente, o prestidigitador metia no vaso de «criação» uns ossos de ave. Apresentando-os seguidamente aos espectadores, dizia que tinham faltado certos cuidados ao homúnculo e que «morrera antes de nascer».

Este andróide foi por vezes substituído pela raiz da mandrágora, planta a que se tem emprestado mil virtudes ocultas, entre outras a de agir como a pedra filosofal, duplicando o peso do ouro.

Outros espíritos só vêem no homúnculo um símbolo do mercúrio ou do embrião metálico que dão a pedra filosofal. No entanto, é certo que este ser não era de modo algum um homem artificial. Porém, como não se podia tratar de um anão, o campo está aberto a todas as suposições.

OS FACTOS SOBRENATURAIS E A IGREJA

O passado habituou-nos a uma quantidade de milagres, obras deliberadas do poder divino em mal de confiança. Sem querer entrar em pormenores, procuremos examinar o problema global e objectivamente do ponto de vista do homem, que hoje é capaz de andar na Lua.

É certo que se produziram factos sobrenaturais, como é verdade que ainda se produzem hoje. Mas que se entende por

fenómenos sobrenaturais? O dicionário dá-nos duas definições: o que ultrapassa as forças da natureza e o que só se conhece pela fé. Deste modo, um prodígio que se não sabe explicar naturalmente torna-se um facto reconhecido pela fé, e como tal é a tradução tangível do humor de Deus. Tanto será uma bênção inesperada como uma atitude ditada por um sentimento de cólera. Depressa se cai no absurdo. Se realmente quisermos admitir que um só Deus vela por nós, este decide agora favorecer um e criar dificuldades para inutilizar outro, segundo a sua fantasia do momento e também dependendo se o veneram ou não. É uma fraca opinião da justiça divina. No entanto, foi esta a posição da Igreja durante muito tempo, ela que se interessava em ver milagres em toda a parte onde havia simplesmente qualquer fenómeno não explicado ou a visão de um louco. É a análise de tais erros históricos que, em 1864, faz com que Michel Chevalier, membro do Instituto, diga que, «sem por isso negar os milagres passados, a Igreja só tinha um caminho a seguir, o de, presentemente, cessar de criar outros».

Hoje, verifica-se que a ciência demoliu grande parte dos milagres e, no entanto, não depreciou o poderio de «Deus». Simplesmente impôs-se uma nova escala de valores, permitindo aos homens reconhecer e apreciar os verdadeiros milagres. A harmonia celeste, o seu carácter imutável, que nos rebaixa até nos reduzir ao estado de pequenas térmites, são sobretudo argumentos que levam o homem a ver Deus à escala do cosmo. Sob o impulso devido ao grande pensador que era Teilhard de Chardin, a Igreja encontrou uma nova via e, desta vez, no rasto da ciência. Compreendeu como era ridículo obstinar-se em querer reconhecer um milagre e a mão de Deus na vontade de um doente que quer viver, e nos fantasmas de um nevropata. O milagre contemporâneo é a grandeza, a beleza das leis da natureza, o nosso conhecimento, que vai cada vez mais longe. O indivíduo já não é um fantoche indigno do seu destino. Infelizmente, a canonização que a sorte de Roma continua ainda a promulgar constitui um

prejuízo considerável santificando pequenos «milagres» insignificantes. No entanto, já se começa a desmascarar o ludíbrio nalguns destes fenómenos; para só citar um, não esqueçamos a hábil burla que imaginou Rose Tamisier de Saint-Saturnin (Vaucluse). Seria tempo de termos consciência de que o milagre está ao nosso lado todos os dias. Ver evoluir, directamente, confortavelmente sentado na nossa cadeira, o homem na Lua não é um milagre? Prolongar a vida dos doentes substituindo-lhe órgãos é também um milagre. Canonizemos o engenheiro Von Braun, pai da astronáutica; teremos pelo menos a certeza de ter honrado uma inteligência superior e não um cérebro atrofiado, presa de visões. Porque é que aquele que pretende ter apertado as mãos *(sic)* dos Marcianos não tem o seu nome no calendário? Chegou a hora de abrirmos os olhos e de escolhermos um Deus à nossa medida.

OS FACTOS PRODIGIOSOS E OS MILAGRES

No domínio do maravilhoso, é necessário considerar dois aspectos: o dos factos prodigiosos e o dos milagres.

Independentes de todas as acções humanas, os factos prodigiosos não passam de acontecimentos isolados que a natureza não tem por hábito produzir em grande número. De certo modo, é um capricho da natureza. Para a ignorância tudo é prodígio; mas para o sábio os prodígios não existem. Frequentemente, no passado, os homens superiores consideravam todos os factos estranhos para os transformar, aos olhos do vulgo, em ameaças ou em generosidade dos deuses.

O milagre, por sua parte, exige a participação de uma personagem que está sob a protecção directa da divindade ou que ela própria é um deus que veio à Terra para ajudar os homens. É evidente que grande número de prodígios se transformaram em milagres quando estes se atribuíram a um indivíduo.

Os prodígios são imprevisíveis; pelo próprio facto de, se se pudessem prever, deixarem de ser prodígios. Um exemplo é o do fenómeno que se deu em Grignancourt em Maio de 1819. Caiu sobre esta comuna uma tempestade de granizo com pedras enormes, que chegaram a pesar quinhentos gramas. Ora, quando estas pedras se fundiram, encontrou-se no centro de cada uma delas uma pedra castanha, lisa e redonda furada no centro por um orifício circular. Nas margens do Ognon, que atravessa esta região, encontram-se milhares de pedras semelhantes, o que confirma a veracidade desta história. A explicação mais plausível põe em evidência a intervenção de granizo carregado de aerólitos. O equívoco também pode dar origem a prodígios. Ktésias coloca na Índia «uma fonte que todos os anos se enche de ouro líquido». Aí se vai buscar ouro, todos os anos, com cem ânforas, e quando o ouro endurece no fundo de cada uma delas encontra-se ouro no valor de um talento. Na verdade, a descrição é exacta, mas em lugar de «ouro líquido» deveria dizer-se «ouro em suspensão na água». A fonte era simplesmente a bacia de um «lavadoiro de ouro», como se encontra por toda a parte onde há terrenos auríferos. O ouro nativo devia encontrar-se em partículas na água e, deixando-o decantar, ficava uma camada de minério.

No monte Érice, na Sicília, existia o altar de Vénus. Aí brilhava uma chama, dia e noite, sem que fosse necessário alimentá-la, e isto apesar da chuva. Filóstrato, de quem já falámos, notou uma cavidade descoberta por Apolónio donde saía continuamente uma chama sagrada cor de chumbo, sem fumo e sem cheiro. A natureza acendeu noutros dois locais lumes semelhantes: em Atesch-Gah (local do fogo), vizinho de Bacu, na Geórgia, chamas eternas são alimentadas pelo petróleo de que o solo está impregnado. Na Toscana, encontram-se também os fogos de Picamala, que são réplicas em miniatura dos de Geórgia. Aquando do Êxodo, o povo de Israel lamentava-se dos alimentos com que era forçado a contentar-se no deserto. Deus enviou-lhe codornizes, e em tão

grande número que os Judeus se alimentaram com elas durante um mês. Uma explicação plausível é a de gafanhotos enormes, que tomaram por codornizes. Uma outra, mais judiciosa, vem de Volney [1], que afirma que, no deserto, todos os anos há duas passagens de codornizes e que Moisés não ignorava este trajecto regular.

Para terminar, queríamos relatar dois factos demasiado interessantes para os deixar passar em silêncio. O autor dos «mil e um dias» descreve um carro volante que o homem pode dirigir à sua vontade. Um balão sobrevoando uma barquinha figura na sua obra. A conclusão, que volta como um *leitmotiv*, impõe-se. As grandes descobertas já foram feitas em tempos muito recuados ou talvez sejam fruto de um outro mundo. Seja como for, um facto permanece: os ensaios de mecânica remontam a uma época mais antiga que Archytas e Le Tarentin, discípulo de Pitágoras, ele próprio discípulo dos povos do Oriente. Pode ser que Le Tarentin só tenha excitado a admiração da Itália pelos segredos aprendidos nos templos de Mênfis ou da Babilónia.

Os milagres seriam reminiscências de um passado insuspeitado que os iniciados fizeram surgir para guiar os povos e pô-los à sua disposição. Uma tal concepção corrobora o esforço de Eusèbe Salverte no seu livro *Sciences Occultes* (1829), que aconselhamos aos leitores a quem este assunto interesse.

A QUÍMICA DO MARAVILHOSO E O MARAVILHOSO DA QUÍMICA

Moisés, no deserto de Mar, tornou potável a água tirada de um poço de água salobra. Examinemos os gestos do grande mestre quando operou este milagre. José conta que, depois de ter dado ordem para que tirassem água, Moisés deitou-lhe lá dentro o pedaço de um lenho [2].

[1] Volney, *Recherches Nouvelles sur l'Histoire Ancienne*, t. I.
[2] *Êxodo*, XV, 25.

Este ramo continha, bem entendido, uma virtude vinda do céu e, em definitivo, os Israelitas puderam matar a sede.

Diversos destes lenhos, entre os quais o loureiro-rosa, têm a propriedade de precipitar o limo e as bases de sais terrosos. Esta água estagnada no fundo do poço com certeza que os continham. Assim, um facto natural salvou este povo da sede.

Em Hierápolis, na Frígia, o templo de Apolo estava situado numa caverna onde havia fontes quentes e donde saía um vapor nocivo para os não iniciados. Um deles, Asclepiódote, conseguiu produzir, pela combinação de certas substâncias, um gás semelhante ao que banhava a caverna sagrada. Damascius refere-se à imitação num tom de censura, pois é impiedade tornar compreensível por meios naturais um produto sagrado. Ele servira-se, de facto, de uma reconstituição química do gás deletério.

Um facto várias vezes repetido é a transformação da água em vinho ou em sangue, tomando o produto final uma cor vermelha. Marcos enchia três copos de vinho, um dos quais se transformava em sangue, o segundo em púrpura e o terceiro em azul-céu.

No Egipto, havia uma fonte cuja água, sempre que se punha numa lamparina, se tornava «vermelha como o sangue». Vogel[1] refere-se a um facto mais recente: na corte do duque de Brunswick, um professor chamado Beyruss prometeu que o seu fato se tornaria vermelho no decorrer de um banquete. E, para surpresa de todos os convivas, isso aconteceu realmente. Vogel não desvenda o segredo, mas diz que deitando água de cal no suco da beterraba se obtém um líquido transparente e incolor. Um tecido mergulhado neste líquido e rapidamente seco torna-se vermelho, devido ao contacto com o ar, que destrói a cal. A reacção é catalisada pelo gás carbónico, que se deve encontrar em abundância na atmosfera de uma sala em que o champanhe é servido.

[1] *Journal de Pharmacie*, 1818.

Mais tarde, houve experiências que provaram que a lã é tingida em violeta por meio de urzela e em azul empregando-se o ácido sulfúrico.

Um outro fenómeno é a liquefacção esporádica do sangue dos santos: São Lourenço, São Pantaleão, etc. Em Nápoles, o sangue de São Janeiro entra em ebulição uma vez por ano. De facto, pode-se facilmente operar estes prodígios avermelhando o éter sulfúrico com orçaneta.

A destilação, meio de purificar as substâncias, era, sem dúvida, vulgar entre os povos antigos. No Tibete, obtém-se o vinho de arroz por destilação, e este processo remonta à mais primitiva antiguidade. Os actuais métodos de dosagem, utilizando indicadores coloridos, familiarizaram-nos com as alterações de cores, que, há uns séculos, teriam parecido milagrosas. A colorimetria tornou-se uma das partes da química, ocupando um bom lugar nos métodos de análise. Plínio, nas suas crónicas, refere-se à existência de uma pedra maravilhosa que se inflama na água e se apaga no fogo. Ora, há uma experiência simples que consiste em atirar um bocado de sódio para a água; o metal crepita, liberta-se um gás e, por aquecimento, acaba por se inflamar ou explodir. Isidoro de Sevilha fala de uma pedra negra que se encontra na Pérsia que, quando esmagada entre os dedos, queima. Esta coisa misteriosa era certamente um pedaço de fósforo.

Estes factos lembram um milagre de Elias, que se disse capaz de inflamar à distância uma pilha de lenha sobre a qual uma vítima tinha sido colocada. Cúmulo da exigência, aspergiu abundantemente a madeira com a inimiga hereditária do fogo: a água. Depois, colocando-se a uma distância bastante curta, fez descer subitamente o fogo celeste. Tudo o que dissemos é suficiente para demolir esta intervenção vinda do alto.

As descrições dos jejuns que algumas pessoas suportaram durante semanas poderiam enganar o comum dos mortais do século XVIII, mas não os de hoje. No entanto, afirma-se que, dentro de alguns anos, a ingestão de um certo número de comprimidos nos livrará da maçada de comer.

Os hidrocarbonetos altamente inflamáveis são também responsáveis por mais de um milagre. O «óleo de Medeia» dos Gregos era simplesmente petróleo, e não é de admirar que, tendo Medeia esfregado a coroa destinada a uma rival, Créuse, a mesma coroa se incendiasse. A nafta era, sem dúvida, a base desse famoso fogo. Os Árabes têm desde sempre feito grande uso de «flechas inflamadas». Ora, não é a sua região a pátria do ouro negro?

O homem tem sido sempre crédulo e a civilização não lhe tira este aspecto do seu carácter. É triste que índoles malignas dele tenham aproveitado. Mas paciência! É a natureza das coisas. Uma observação é muito mais inquietante para o nosso amor-próprio. Como se explica que, através dos séculos, figuras superiores tenham atravessado o tempo, fazendo nascer todas estas descrições maravilhosas? Como é possível que o mundo tenha tido necessidade de vinte séculos para chegar à bomba atómica, quando é provável que os eruditos conhecessem e ocultassem o seu segredo desde há séculos? O ciclo das descobertas irá um dia encerrar-se de novo, aniquilando um mundo cujos raros sobreviventes deverão organizar-se novamente para recomeçar a lenta evolução da civilização? Esta génese pulsativa não tem nada de contraditório com o desenvolvimento científico actual, que nos parece tão gigantesco como laborioso. Sem o concurso de génios que surgem em toda a nossa história, estaríamos longe do nosso ponto actual na corrida do cosmo. Esses génios são da mesma essência que nós? Temos obrigação de formular esta pergunta perturbadora...

«DESSACRALIZAÇÃO» DE UM MILAGRE REALIZADO POR GERMAIN D'AUXERRE

Na *Vie de Saint Germain d'Auxerre*, recentemente reeditada [1], encontramos um passo que relata um milagre de tem-

[1] Constance de Lyon, *Vie de Saint Germain d'Auxerre*, Ed. R. Borius, 1965.

pestade amainada. Um artigo publicado pela revista *Latomus* [1] empenha-se em demonstrar que o fenómeno não tinha nada de milagroso, mas que, pelo contrário, se tratava de uma prática empregada desde há séculos.

Reentremos rapidamente no contexto. Em 429, o santo bispo foi enviado à Bretanha para combater os demónios da heresia. Embarcado num navio frágil, empreendeu uma travessia. Mas uma rajada de vento fustigou a embarcação; eis como é descrita a tempestade.

«(...) acorreu sobre o mar, ao seu encontro, uma multidão de demónios, inimigos da religião, para impedir com as suas crueldades invejosas que tais homens conseguissem dar a salvação às multidões. Provocam males, levantam tempestades, ocultam a luz do céu sob a obscuridade das nuvens e acrescentam à espessura das trevas o barulho terrível do mar e dos ares (...).»

Perante um tal desencadeamento, acordam o bispo, que imediatamente «invoca o Cristo, invectiva o oceano e opõe a justa causa da religião à tempestade desencadeada. Imediatamente pegando em óleo, domina as vagas em fúria com uma ligeira aspersão feita em nome da Trindade».

Portanto, não é por aposição das mãos que São Germano domina os elementos, mas sim empregando óleo.

O texto é acompanhado de uma descrição anódina, de modo que a manobra do bispo passa despercebida. No entanto, devemos notar que o óleo tem sido sempre usado para acalmar ondas demasiado tumultuosas.

J. Rougé dá mostras de humor ao propor ao milagre marítimo «uma explicação mais terra-a-terra». Ele diz que o emprego do óleo é muito eficaz e não consome grande quantidade deste produto; consiste em empregnar fardos de algodão com óleo e deitá-los borda fora em volta de toda a embarcação. Esta operação tem sido usada com frequência para salvar

[1] *Latomus*, 27, 1968, pp. 197-202, J. Rougé.

barcos ligeiros. A questão que fica em suspenso vem da origem desse óleo, mas isso interessa-nos pouco.

J. Gricourt[1] aceita as conclusões de J. Rougé e acrescenta um testemunho que reforça a veracidade da história. No dizer de Filóstrato, Apolónio de Tiana, no regresso da sua viagem à Índia, assistiu à pesca de ostras perlíferas. Os habitantes da região provocavam a calma das ondas espalhando óleo no mar.

Não há a menor dúvida de que Germain l'Auxerrois utilizou simplesmente a propriedade lenitiva do óleo para se salvaguardar de uma tempestade perfeitamente natural, pese embora a todos os que preferem uma explicação mais gloriosa.

[1] *Latomus*, 28, 1969, p. 189.

CAPÍTULO VII

A TENTATIVA DOS ALQUIMISTAS PARA REVELAR A ARTE À EUROPA

NICOLAU DE CUSA E O UNIVERSO INFINITO

A ciência da alquimia é imutável e o iniciado possui um segredo que atravessa o tempo desde há séculos. Este segredo é constituído por restos esparsos, mas é bastante para transformar e elevar o homem que foi digno de o guardar e que, por sua vez, deverá encontrar um sucessor. No entanto, a alquimia, para sobreviver, teve de se adaptar às maneiras de pensar e às crenças das diferentes épocas que conheceu. Para a «arte sagrada», é esta necessidade de se associar ao tempo que atravessa que dá lugar a tantos erros de avaliação sobre as possibilidades e o valor da alquimia, especialmente favorecendo a confusão entre as teorias que prevaleceram durante a Idade Média e as verdadeiras teorias alquímicas.

Assim, considera-se, em geral, a cosmologia admitida até ao século XVI como uma teoria especificamente alquímica. Nada é mais falso!

Na Idade Média, representava-se o cosmo de uma maneira muito diferente da actual. Esta concepção assentava na antiga teoria das esferas e na convicção de que o universo era um sistema fechado e infinito. Deus, o criador do universo, «en-

volve e circunscreve o todo, sem ele próprio ser circunscrito seja pelo que for»[1]. De Deus emana a esfera que circunscreve o nosso mundo: o Empíreo. É o mundo dos bem-aventurados e o reino das luzes. Seguidamente, vem a esfera das estrelas fixas, depois a dos sete planetas e do Sol e, por fim, no centro do universo, encontra-se a Terra imóvel e lisa.

A cosmologia alquímica estava em oposição com estas ideias aberrantes, que, no entanto, eram admitidas por milhares de «sábios» da época medieval. No entanto, era extremamente perigoso, como vimos e como ainda veremos, elevar-se contra a ciência dos doutores da Igreja, e é isto que explica que a cosmologia ousada e muito evoluída dos alquimistas fosse mantida secreta ou, pelo menos, pouco espalhada. No entanto, no século XVI, aproveitando um alívio dos ataques feitos aos Adeptos, Nicolau de Cusa, mais tarde seguido por Giordano Bruno, ia tentar esclarecer os seus contemporâneos, mas sem grande êxito, desenvolvendo a teoria propriamente alquímica do universo infinito[2].

Esta teoria, revolucionária para a época, estava avançada em relação à de Copérnico, que este iria tentar desenvolver um século mais tarde, apesar das múltiplas hostilidades. (E sabe-se como Copérnico teve de pagar caro as suas convicções científicas.)

Para Nicolau de Cusa e Giordano Bruno o mundo não tem começo nem fim e o seu centro está em toda a parte. A Terra é um planeta entre os outros do sistema solar e o Sol propriamente é uma estrela no meio das outras. Esta teoria, moderna antes de o ser, ultrapassava muito as concepções de Copérnico, que, um século mais tarde, considerou ainda o Sol como o centro do universo.

Enfim, é necessário lembrar que Cusa morreu em 1464, isto é, uns trinta anos antes de Cristóvão Colombo descobrir a América e mais de cinquenta antes da expedição de Maga-

[1] Cf. S. Hutin. *L'Alchimie*, pp. 58 e 59.

[2] Cf., em especial, E. Hoffmann, *Nicolaus von Cues*, Zwei Vorträge, Heidelberga, 1947.

lhães efectuar a volta ao mundo e demonstrar a esfericidade da Terra.

Nicolau de Cusa não parou numa simples teoria cosmogónica: fez recomendações que, várias dezenas de anos depois, seguidas por Van Helmont, primeiro, e, depois, por Descartes, se revelaram das mais frutuosas. Assim, aconselha vivamente o uso das matemáticas para o estudo da natureza e o emprego da balança para as observações e medidas científicas[1]. Mais ainda: esforça-se por mostrar as analogias que existem no infinitamente pequeno e no infinitamente grande e desenvolve a ousada teoria, muito querida dos alquimistas, segundo a qual o homem é um microcosmo biológico em ressonância com o macrocosmo físico no qual vive. A interdependência destes dois «universos» manifesta-se essencialmente ao nível do espírito, isto é, do cérebro. Comprova-se hoje que esta hipótese não é mais ridícula que uma outra, como o provam os psicólogos do mundo inteiro, que se inclinam cada vez mais para o que se convencionou chamar fenómenos paranormais: telepatia, premonição, mediunia, telequinésia, etc. Mais adiante falaremos em pormenor sobre estes casos.

O RENASCIMENTO E A ALQUIMIA

No fim do século XV, desperta na Europa a curiosidade intelectual: é o início do Renascimento.

Os caracteres móveis da imprensa foram introduzidos vindos do Oriente e permitiram que milhares de europeus lessem os maiores pensadores, tanto os antigos como os da sua época. Com as viagens de Cristóvão Colombo à América surge uma nova era para o Velho Continente. Paralelamente, o renovar de interesse pelo estudo crítico dos antigos autores gregos cria

[1] W. Pagel, *Paracelse*, Arthaud, 1963.

a corrente humanista, e os pintores e escultores italianos elaboram e introduzem novos cânones artísticos.

A alquimia também segue este movimento da Europa Ocidental e vários adeptos vão procurar acelerar esta tendência progressiva utilizando o formidável instrumento de informação e educação que é a imprensa. Tendo diminuído a pressão hostil das autoridades políticas e religiosas, os «artistas» alquimistas vão trabalhar livremente e tornar-se mais acessíveis para os seus contemporâneos, limitando o número dos seus símbolos e empregando a língua falada em vez da língua dos eruditos de que se serviam até então, isto é, o latim. É a época em que a alquimia consegue o seu maior auditório e onde irão ser criadas as bases da nossa ciência moderna.

No decorrer deste impulso da alquimia temos de nos referir ao importante papel que teve um homem de envergadura excepcional que fora iniciado por Salomão Trismosin no mistério da Grande Obra: queremos referir-nos a Teofrasto Bombast von Hohenheim, conhecido por Paracelso.

A VIDA DE PARACELSO [1]

Conhecido ainda pelo nome de Philippus Aureolus Theophrastus ab Hohenheim, Paracelsus (ou Paracelso) nasceu em 1493 na pequena cidade de Einsiedeln. A origem do nome de Paracelso é bastante mal conhecida; supõe-se que Teofrasto adoptou este nome depois de ter sido iniciado na Arte e que, conforme com a tradição alquímica, escolheu um pseudónimo hermético.

É bastante significativo que os seus principais trabalhos, como o *Opus Paramirum*, o *Paragranum* e o *Volumen Medicinae Paramimum*, ponham em evidência o prefixo «para», que evoca a ideia de transcendência.

[1] Para uma biografia completa e pormenorizada, consultar: W. Pagel, *Paracelse*, Arthaud, 1963.

O seu gosto pela medicina e pela química despertou sob a influência de seu pai, ele próprio médico e interessado pela química; o seu interesse pelos metais e pelos minerais começou na juventude pelo contacto com as minas da sua região natal, especialmente a escola mineira dos Fugger, em Hurtenburg, e mais tarde em Schwaz.

Desde muito novo Paracelso manifestou um carácter «forte» e ao mesmo tempo sagaz, poderosamente crítico, amigo da verdade e sobretudo independente, interessado por todos os problemas, quer no domínio das ciências, quer no domínio social.

Os seus estudos começaram em Viena, mas bem depressa o seu espírito «contestatário» o levou a escolher outro modo de educação: as viagens. Percorreu assim a maior parte das cidades universitárias italianas, em particular Ferrara, onde se supõe que estudou durante algum tempo sob a direcção de Johannes Menard, sábio de ideias avançadas e adversário da medicina astrologista.

No entanto, não possuímos informações sobre esta época da sua vida, e é possível que não tenha terminado os seus estudos até obter o grau de doutor.

É assim que o tornamos a encontrar em 1522, como cirurgião militar ao serviço da república de Veneza. Ora, nesta época, o cirurgião era considerado um artesão, tal como o barbeiro, e não era necessário qualquer diploma para ocupar este posto. Foi provavelmente ali que adquiriu o conhecimento vasto e enciclopédico que mais tarde lhe permitiu ser médico e professor na cidade de Basileia.

Se Paracelso não se interessava por obter um título numa universidade era porque considerava, com justa razão, os estudos médicos do seu tempo como uma palhaçada, onde o cerimonial e o pedantismo tiravam o lugar à ciência. Paracelso achava inútil ceder a tais fingimentos para conseguir um diploma que não tinha qualquer relação com a sua competência e conhecimentos.

Antes de ser professor em Basileia, durante um curto período, fez, como cirurgião militar, uma série de viagens que o levaram a Espanha, Inglaterra, Itália, França, Países Baixos, Rússia, Escandinávia, Hungria, Dalmácia e Croácia e provavelmente à Turquia e ao Próximo Oriente, onde a influência da república de Veneza era sensível. No decorrer destas viagens, Paracelso, cheio de curiosidade e ávido de se instruir, adquiriu um número fantástico de conhecimentos, e há razões para pensar que foi durante uma destas peregrinações que se iniciou no mistério da «arte sagrada».

Durante todo o tempo das suas viagens, o seu anticonformismo vai-se acentuando, e as suas qualidades, tanto de médico como de químico experimentador, que cultiva, opõem-no cada vez mais à ciência oficial. Em todas as cidades por onde passa desentende-se com os seus colegas, excitando a sua hostilidade, não só pelos seus ataques verbais mas ainda quando consegue curar pessoas que haviam sido consideradas casos desesperados e onde todos os outros não haviam tido êxito. As suas curas «miraculosas», que só podiam ser obra de um feiticeiro, eram, de facto, curas muito científicas, conseguidas com remédios cuja base era a utilização de compostos minerais, para grande indignação dos «doutores». A sua reputação não cessa de crescer mesmo junto dos mais poderosos, mas a sua má vontade contra as opiniões reinantes e as classes predominantes aproxima-o das prisões e da morte, sobretudo quando se junta a certas revoltas de camponeses, fiel como era às concepções dos Anabaptistas e aos defensores do panteísmo popular.

Em 1527, reencontramo-lo professor da Universidade de Basileia. W. Pagel, no seu estudo *Paracelse*, trabalho de grande qualidade, diz-nos que Paracelso «fazia o seu curso em alemão, facto sem precedentes na memória académica, que devia fazer figura de inovação revolucionária ainda durante dois séculos. É através destes cursos que se constituirá o essencial da sua doutrina. Uma assistência numerosa e entusiasta, onde se misturavam barbeiros que a Academia tinha interditado, o que

era mais uma torção à tradição rígida, vinha em grande número assistir às suas lições».

Como consequência de diversas aventuras e extravagâncias contra os bem colocados na sociedade, Paracelso foi de novo obrigado a fugir e a dedicar-se às viagens.

Até 1541, data da sua morte, em Salzburgo, Paracelso teve uma vida vagabunda, de altos e baixos, tanto cuidando de senhores como de vagabundos, trabalhando no forno e na mesa das experiências, redigindo trabalhos que constituirão as bases de uma nova medicina e da farmacoquímica, ao mesmo tempo que provam o seu génio.

A sua reputação de alquimista chegou a todos os cantos da Europa e consideravam-no uma figura extraordinária, sobre quem começaram a correr lendas onde é difícil distinguir o verdadeiro do falso. Especialmente, e sobretudo, não permitem saber se, na realidade, Paracelso possuiu a pedra filosofal.

Alguns dos seus livros só foram publicados depois da sua morte, devido aos cuidados, entre outros, de Michaël Shütz (o alquimista Toxitès), e as suas obras iriam contribuir largamente para o movimento paracelsiano do século XVI [1].

PARACELSO E A ALQUIMIA MEDIEVAL

Paracelso esforçou-se por mostrar aos seus contemporâneos quais as possibilidades da alquimia no domínio médico.

Não inovou: utilizou as teorias alquímicas fundamentais e adaptou-as à mentalidade da sua época e à sua profissão. Para isso, reagrupou os conhecimentos dos adeptos medievais, tais como Raymond Lulle e Arnaud de Villeneuve, fez-lhes a síntese e pôs o seu génio ao serviço da medicina química,

[1] Entre as publicações póstumas, encontra-se a *Archidoxie*, manual de química prática e hermética, cuja importância se iguala à do *Paramimum* e do *Paragranum*. O leitor interessado no estudo das doutrinas de Paracelso terá vantagem em consultar a edição das obras completas de Paracelso, editada por Sudhoff, em Munique, entre 1922 e 1935.

considerada pelos médicos oficiais uma ciência satânica e maldita durante toda a Idade Média.

Portanto, o seu trabalho consistiu, essencialmente, numa tentativa de vulgarização da farmacoquímica e a sua vida foi uma verdadeira luta contra a inércia dos seus confrades.

Para Paracelso e a sua escola, «o homem é um composto químico; as doenças têm por causa uma qualquer alteração neste composto; portanto, são necessários medicamentos químicos para combater as doenças» [1].

Além disso, Paracelso, apesar da sua vocação de médico itinerante, continua a ser um autêntico alquimista, e se, como todos os grandes adeptos, se interessou muito pouco pela transmutação dos metais ou o fabrico do ouro, não se desinteressou da prática da experiência manual na mesa de trabalho nem das especulações intelectuais da alquimia superior. Os livros que publicou informaram-nos das numerosas receitas que tinha por costume utilizar e que procurava incessantemente melhorar; no entanto, temos de reconhecer que as operações e os resultados de algumas das suas manipulações se mantêm estranhas e transcendem os conhecimentos actuais dos químicos. Assim, por exemplo, para fabricar metais «potáveis», não empregava nem ácido nítrico nem ácido sulfúrico (água régia) e, sem qualquer tratamento de preservação, obtinha soluções metálicas, o que a química moderna ainda não conseguiu realizar [2].

Enfim, é interessante observar que se encontra nas suas obras a descrição das propriedades e dos métodos de preparação de numerosos produtos que hoje são utilizados correntemente nas farmácias; entre outros, utilizava e descrevia o éter etílico, a que chamava «espírito de vitríolo», e fabricava, fazendo reagir um ácido sobre um álcool, ésteres compostos orgânicos que a ciência positiva só iria descobrir dois séculos mais tarde.

---

[1] F. Hoefer, *Histoire de la Chimie*, Paris, 1869.
[2] E. Darmstaedter. *Arznei und Alchemie*, Geschichte der Medizin, XX, 1931, Leipzig.

A LÂMPADA BRILHANTE

Blaise de Vigenère, nascido em 1522, era um alquimista de grande erudição. Dominava várias línguas antigas e orientais.

Pessoa dedicada aos trabalhos de laboratório, devem-se-lhe várias descobertas, a mais célebre das quais é a síntese e a caracterização do ácido benzóico.

Vigenère, como alquimista do Renascimento, tentou participar no entusiasmo do Velho Continente fornecendo aos homens da sua época conhecimentos maravilhosos.

Ninguém o ouviu, ninguém soube aproveitar e tirar vantagem das múltiplas possibilidades que oferecia à humanidade.

Em particular, tentou vulgarizar um processo revolucionário de iluminação. Foi trabalho perdido! Ninguém quis saber «como conseguira que uma espécie de sol brilhasse na escuridão (era a luz de uma lâmpada), tão resplandecente que uma grande sala podia ficar profusamente iluminada; pois isto fazia mais efeito que duas ou três dúzias de archotes» [1].

O mais curioso de notar é que numerosos autores pretenderam ter visto tais lâmpadas. Se dermos crédito aos autores latinos do século II e III da nossa era, este género de lâmpada era muito conhecido em Roma; eram feitas de blocos de cristal, e o vinagre (isto é o ácido acético) tinha um papel predominante. Sendo o ácido acético um ácido fraco, portanto pouco condutor, é provável que tal processo fosse absolutamente diferente do que conhecemos actualmente. É possível que Vigenère utilizasse certas propriedades supracondutoras da matéria.

Por fim, queremos relembrar uma lenda segundo a qual se descobriu no início do século XVII «lâmpadas perpétuas», que não cessaram de arder durante anos na cripta funerária onde repousava Christian Rosenkreuz (a quem mais adiante

---

[1] F. Hoefer, ob. cit.

nos referiremos), o que iria dar o seu nome à poderosa sociedade secreta Rosa-Cruz, que aliava as teorias alquímicas a uma concepção mística do universo. Além destas «lâmpadas perpétuas» encontraram-se no túmulo de Rosenkreuz diversos espelhos de curiosas virtudes e ouviram-se estranhos cânticos artificiais, que eram talvez provenientes de máquinas falantes, antepassadas dos magnetofones [1].

[1] S. Hutin, *Les Sociétés Secrètes*, P. U. F.

CAPÍTULO VIII

PRAGA, CAPITAL DA ARTE DE HERMES

A QUIMERA DO OURO

PRAGA foi desde o seu nascimento uma cidade hermética e, ao longo dos séculos, até aos nossos dias, foi refúgio da alquimia e dos alquimistas. A própria lenda da sua criação é uma alegoria de carácter esotérico.

É assim que se conta que em tempos muito recuados um homem chamado Tchech, que visitara o país dos deuses, veio estabelecer-se no coração da Boémia com toda a sua tribo. Este Tchech teria dado o nome ao seu país.

O filho de Tchech, Erok, teve três filhas extraordinariamente dotadas. Uma delas, Libussa, foi notável pela sua grande ponderação, e diz-se que os próprios deuses lhe haviam concedido o dom da profecia. Esta lendária pessoa, tendo explorado o seu país e tido a visão de uma «cidade cuja fama subiria ao céu», diz ao seu povo: «Construí uma cidade sobre o Vltava, na colina de Petrin, no local onde um carpinteiro com o filho constroem a entrada de uma casa. Devido a esta entrada, chamai à cidade Praha. Os povos baixarão a cabeça nesta entrada.» [1]

[1] L. Léger, *Prague*, Paris, 1907.

Toda esta lenda não passa de uma fábula alquímica, e não há necessidade de ser um grande iniciado para ver que a palavra «Krok», de quatro letras, é um puro símbolo e que expressões como «três raparigas», «carpinteiro», «entrada», etc., têm um sentido esotérico marcado.

O nome de Praga deriva deste símbolo, visto que, em checo, entrada diz-se *prah* e os Checos chamam Praha à sua capital.

Já no século x, Praga era uma cidade muito populosa, e numerosos estrangeiros visitavam-na com frequência. Estes visitantes vinham de todos os países da Europa e do Próximo Oriente, fazendo de Praga a grande metrópole da Europa Central.

A Universidade, criada por Carlos IV no século XIV, rivalizava com a de Paris e era uma das mais prestigiosas de toda a Idade Média. Os estudantes eram numerosos, e encontravam-se aí, em especial, saxões, polacos, lombardos, ingleses, boémios, turcos e judeus. A cidade crescia regularmente nas duas margens do Vltava, em dois bairros dominados por dois castelos, o Vysehrad e o Hrad, cuja origem remontava aos primeiros dias da cidade.

Entre os visitantes, encontrava-se grande número de alquimistas, que afluíam a Praga na esperança de encontrar um verdadeiro mestre que os iniciasse na «arte sagrada». Na realidade, se os *souffleurs* (alquimistas) eram numerosos, os verdadeiros adeptos eram raros e só faziam estadas episódicas na capital da Boémia. No entanto, toda uma atmosfera especial de alquimia envolvia esta cidade, e particularmente o bairro do castelo do imperador Rodolfo II (1576-1612), que foi o grande protector das artes, das ciências e da alquimia.

No centro deste bairro, encontrava-se uma pequena e pitoresca rua a que chamavam a «quimera do ouro» e que era o local de encontro e habitação de todos os alquimistas de Praga. Esta rua ainda existe e mantém o seu carácter e o seu mistério. Numerosos sábios, em especial russos, interessaram-

-se particularmente pelos vestígios das antigas oficinas e procuraram entrar em contacto com os verdadeiros «artistas», que, como se sabe, são ainda muito numerosos na Boémia.

RODOLFO II, UM ALQUIMISTA IMPERADOR DA ALEMANHA

Rodolfo II é uma das cabeças coroadas que constituíram um elemento suplementar para fazer de Praga a capital incontestada da alquimia.

Nascera em Viena, na Áustria, mas a sua educação fez-se em Espanha, na corte de Filipe II. Foi nesta Espanha, onde a influência árabe era grande, que teve os seus primeiros contactos com as ciências ocultas e recebeu as primeiras informações sobre a arte hermética.

Quando subiu ao trono da Alemanha, em 1576, instalou-se, muito naturalmente, no grande centro alquímico de Praga. Aí, dentro em pouco, desinteressava-se dos negócios de Estado para se consagrar à investigação sobre a pedra filosofal. O seu castelo foi então transformado num verdadeiro instituto de investigação espagírica, e a alquimia aí governava tudo, incluindo a etiqueta. O pessoal era inteiramente composto por alquimistas: os seus criados de quarto, Dürbach e Rutzke, eram *souffleurs* famosos; o seu poeta, Mardochée de Delle, tinha por função principal cantar as obras que se faziam nos laboratórios do palácio; várias pessoas da casa tinham a tarefa de cuidar dos manuscritos da biblioteca do imperador e de tentar encontrar outros. O seu médico e mestre pensador, Thaddoeüs de Hayec, devia cuidar que alquimistas estrangeiros de passagem por Praga fossem bem acolhidos. No entanto, para serem recebidos na corte, estes filósofos deviam provar os seus conhecimentos no decorrer de testes e exames.

O reinado de Rodolfo foi um período próspero para a alquimia alemã. No entanto, nenhum verdadeiro adepto se

estabeleceu na corte do imperador: só vieram artistas herméticos desejosos de encontrar a pedra filosofal e de a incluir nos seus conhecimentos, ou ainda os semi-iniciados que haviam recebido alguns grãos do pó de projecção de um adepto autêntico; estes chegavam ao castelo imperial para executar uma transmutação ou qualquer outra experiência alquímica, actividades que interessavam profundamente o imperador Rodolfo. Estes filósofos eram sempre bem-vindos e eram largamente recompensados pelo seu protector.

Deste modo, é fácil compreender a razão por que os alquimistas amadores da Europa lhe deram o pomposo título de «Hermes Alemão».

No entanto, a verdade é diferente, e, se se deve reconhecer a abertura de espírito de Rodolfo, não o devemos confundir com o pequeno número de verdadeiros alquimistas que, por sua parte, julgavam perigoso confiar a sua ciência ao comum dos mortais; os verdadeiros adeptos desejavam somente convencer os detentores do saber da sua época dos poderes que os homens estavam em vias de adquirir. Assim, operavam transmutações ou outros milagres «por mãos estrangeiras, e a seguir eclipsavam-se o mais rapidamente possível, depois de terem distribuído ali o produto dessas demonstrações práticas» [1].

O HOMEM DAS ORELHAS CORTADAS

Em 1585, um estranho homem cujas orelhas lhe haviam sido cortadas e que dizia chamar-se Eduardo Kelley apresentou-se no castelo de Praga, na corte do imperador. Este indivíduo pretendia ser possuidor de um pó capaz de realizar transmutações de metais vulgares em ouro.

Uma vez introduzido no meio alquímico do imperador, conseguiu convencer toda a corte das suas operações, e de

[1] Louis Figuier, *L'Alchimie et les Alchimistes*, Paris, 1856.

todas as vezes Kelley, sem ser muito instado, distribuía pedaços de ouro aos espectadores. Chegou mesmo a dar um pouco do seu miraculoso pó ao marechal Rosemberg, que, suspeitando de ludíbrio, quis tentar ele próprio a chamada pedra filosofal: o resultado admirou-o profundamente, pois conseguiu com três grãos de pó e uma libra de mercúrio meia libra de ouro puro. A partir desse dia, o marechal passou a ser um entusiástico partidário da Arte.

Outras testemunhas de Praga comprovaram os poderes de Kelley e do seu pó, especialmente os médicos Nicolau Barnaud e Tadeu de Hayek, que verificaram todas as condições de uma experiência realizada em privado e se certificaram da pureza do ouro conseguido.

Tais factos são relatados por autores conhecidos pela sua integridade: Gassendus e De Brandau.

O imperador Maximiliano II também quis realizar uma transmutação e pediu a Kelley um pouco do seu pó. Kelley ficou encantado com a ideia e prestou-se da melhor vontade à intenção imperial. A operação resultou maravilhosamente: Maximiliano conseguiu mais de uma libra de ouro puro. Kelley foi então coberto de honrarias e tornou-se marechal da Boémia.

No entanto, se a ascensão do alquimista Kelley foi rápida na corte, a sua queda foi ainda mais pronta! O imperador, querendo transferir o interesse de tal segredo para os seus cofres vazios, quis forçar o alquimista a confiar-lho. Kelley começou por invocar nobres razões que o impediam de revelar a receita da pedra filosofal. Contudo, perante a atitude cada vez mais ameaçadora de Maximiliano, que o havia encerrado no castelo de Zobeslau, Kelley contou a sua impressionante história.

Nascera em Worcester, em Inglaterra, durante o ano de 1555, e desde a sua juventude especializara-se no estudo das velhas línguas anglo-saxónicas, em especial, apaixonara-se pelo estudo dos títulos ingleses e também pela imitação e fraude de tais títulos. Foi assim que a justiça o começou a per-

seguir, e teve de fugir. Na sua fuga, passou por uma aldeia do país de Gales e na estalagem desta aldeia adquiriu um velho alfarrábio, escrito em galês muito antigo, e uma bola de marfim encerrando um certo pó. Os dois objectos tinham sido descobertos aquando da pilhagem do túmulo de um bispo católico pelos protestantes na ocasião das grandes perturbações religiosas do País de Gales. O dono da estalagem herdara estes objectos, cujo significado desconhecia, e mostrava-os como relíquias e curiosidades aos seus clientes. Kelley não teve dificuldade em lhos comprar por pouco dinheiro, e, conhecendo o galês antigo, traduziu o texto e tirou uma boa utilidade do pó da bola de marfim.

Este pó era simplesmente a pedra filosofal, e o livro ensinava, de certo modo, a maneira de o empregar; em particular, indicava o óleo de parafina a utilizar para envolver o pó antes de operar a transmutação.

Kelley, para escapar à justiça inglesa, embarcou para o continente. Sabe-se o que aconteceu depois.

Portanto, Kelley não é um adepto, mas um usurpador. As suas transmutações foram numerosas, e com frequência certificadas por homens honestos, mas eram devidas somente ao seu pó, cuja composição desconhecia. Desde que se lhe acabara o pó ficou incapaz de continuar as suas proezas.

O imperador, por seu lado, nunca mais quis acreditar no alquimista inglês e manteve-o preso, convencido de que ele não queria revelar o seu segredo, por fidelidade à tradição hermética. O pobre Kelley, depois de ter passado por diversas prisões, morreu numa tentativa de evasão.

A HERANÇA DE LABUJARDIÈRE

Entre as numerosas experiências que se efectuaram na cidade de Praga, uma das mais conhecidas e das mais singulares passou-se na corte imperial da Alemanha entre Fernando III e Richthausen.

Louis Figuier, entre outros, deu-nos uma descrição interessante na sua obra consagrada aos alquimistas [1].

Labujardière era um alquimista muito pouco conhecido; durante toda a vida, esforçara-se por convencer os seus contemporâneos da verdade da sua arte. Durante longos anos vagueara um pouco por toda a parte, através da Alemanha, e depois fixou-se finalmente na Boémia, sob a protecção do conde Schlick.

Em 1648, Labujardière sentiu que ia morrer e, por consequência, teve de confiar o seu segredo a um homem que julgava suficientemente sério. Fixou a sua escolha num dos seus amigos, chamado Richthausen, que, na época, morava na cidade de Viena.

Escreveu então a esse Richthausen para que fosse tomar conta do segredo da Grande Obra e guardou numa caixa uma provisão do seu pó de projecção, com algumas linhas escritas pela sua própria mão, o que deveria permitir que o seu sucessor encontrasse o segredo. Infelizmente, quando Richthausen chegou, era demasiado tarde, pois Labujardière já havia morrido. No entanto, apesar das ameaças e das tentativas do conde Schlick, Richthausen conseguiu tomar posse da sua herança.

Pouco tempo depois, Richthausen, tendo adquirido suficiente experiência e dominando bem a sua arte, decidiu apresentar-se ao imperador Fernando III, para realizar com ele algumas experiências, a fim de recompensar este monarca do apoio esclarecido que dava aos pesquisadores herméticos.

Fernando III recebeu portanto Richthausen, mas, embora fosse versado na ciência da alquimia, era igualmente desconfiado, e queria defender-se dos charlatães que percorriam o seu império. Por isso, antes de conceder a Richthausen toda a sua confiança, exigiu-lhe instruções e um pouco de pó, para ele poder fazer uma transmutação sem a assistência do alquimista e em presença unicamente de testemunhas idóneas.

---

[1] Louis Figuier, ob. cit.

Richthausen só pôde louvar o imperador pela sua sensatez e deu-lhe todas as indicações que julgou úteis. A experiência foi feita por Fernando III e pelo conde de Rutz, director das minas. O êxito foi espantoso; só com um grão do pó de Richthausen obteve-se a transmutação em ouro puro de mais de duas libras e meia de mercúrio.

Com este ouro o imperador mandou cunhar uma medalha que, a acreditar-se em Louis Figuier, ainda existia no tesouro de Viena em 1797. Tinha a seguinte inscrição latina: *Divina metamorphosis exhibita Praguae, 16 jan. a. 1648, in presentia saer. caes. majest. Ferdinandi tertii* («Divina metamorfose produzida em Praga, em 16 de Janeiro de 1648, em presença de sua Majestade o Imperador Fernando III»).

Richthausen, como recompensa, foi enobrecido, e é sintomático que o título escolhido fosse o de «Barão do Caos». O barão do caos ainda fez presente de alguns grãos do seu pó a Fernando, que os utilizou para realizar uma nova transmutação, também em Praga, em 1650, e, fiel ao seu hábito, mandou cunhar uma medalha comemorativa com o ouro artificial que ele produziu.

O barão seguiu a sua vida itinerante e fez ainda muitas projecções, de todas as vezes com grande êxito, e nunca se provou que houvesse ludíbrio nas suas experiências.

O RELÓGIO ASTRONÓMICO

Quando o visitante da capital da Checoslováquia atravessa a Ponte Carlos e se dirige para a célebre catedral gótica de São Vito, situada na colina do castelo de Praga, não pode deixar de se maravilhar perante o prodigioso relógio medieval astronómico incorporado na torre da antiga câmara municipal, mesmo em frente da Igreja de Tyn.

Este relógio foi construído no século XV por um mestre relojoeiro, que era alquimista nas horas vagas. Não só indica as horas como também simboliza a grande ordem cósmica,

mostra os movimentos da Lua e do Sol, os meses do ano, os dias da semana e também os signos do Zodíaco.

A todas as horas, dezenas de curiosos juntam-se em frente deste mecanismo maravilhoso, para ver, quando o sino toca, abrirem-se as duas janelas do relógio, e aparecer, primeiro a imagem de Cristo, depois as dos Apóstolos e, por fim, a Morte, simbolizada por uma ceifeira que toca o sino do tempo que passa.

No entanto, o relojoeiro não iria apreciar durante muito tempo a sua obra. Os conselheiros da cidade, efectivamente, deram ordem para cegar o artista, a fim de ficar incapaz de construir, noutra cidade, um outro relógio maravilhoso.

No dia seguinte ao do suplício, o mecanismo desarranjou-se, e depois, várias vezes seguidas, recusou-se a deixar ver Cristo, só aparecendo a Morte. A lenda pretende que era o mestre relojoeiro que, com as suas práticas ocultas, se vingava da perda dos olhos.

CAPÍTULO IX

A ALQUIMIA OCULTA

AS DOUTRINAS DO OCULTISMO

Sob o misterioso nome de «ocultismo» esconde-se um preceito altamente filosófico, o qual há demasiada tendência a confundir com a magia. Isto vem do facto de se terem qualificado como ocultas todas as superstições que faziam intervir os espíritos ou o Demónio. A impossibilidade de precisar exactamente as normas destas doutrinas, da mesma forma que a sua má tendência a pretenderem-se «madrinhas» [1] de todas as religiões, desencadeou a vaga de descrédito que desde sempre fez submergir o ocultismo.

Tal como a alquimia, o cultismo é esotérico. Isto é, transmite-se de iniciado para iniciado. O trabalho de iniciação consiste sobretudo em libertar o «diáfano», ou faculdade imaginativa, da ganga que o envolve nos órgãos grosseiros.

Não podemos deixar de aproximar esta tendência da perfeição do trabalho do alquimista, pois também ele deve vencer o impuro para fazer luzir o ouro. Mas não é uma tendência universal que leva o ser humano para uma finalidade que não pode atingir?

Examinemos mais em pormenor estes dogmas, que devem levar à solução de todos os mistérios. Dogmas que englobam

---

[1] Eliphas Lévi, *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, 1856.

o universo numa ciência única, que vai à essência das coisas e que, atingindo-as no fundo, descobre segredos que as nossas múltiplas ciências têm dificuldade em desvendar superficialmente. Eliphas Lévi escreveu: «Há uma verdade, há um princípio, há uma razão, há uma filosofia absoluta e universal. Um está num, isto é, o todo está no todo.» Graças à sua intuição, o Adepto penetra o invólucro das coisas que formam o plano físico, para pôr a nu uma realidade mais íntima: o plano astral, o equivalente para os ocultistas do plano sideral dos alquimistas. A operação não se faz sem dificuldade e a finalidade deve ser grandiosa. No limiar do conhecimento, o ser desvenda-se ao iniciado quando não vê mais que luz astral, como se só lhe restasse transpor a porta que leva à verdade.

A luz, substância única, imutável, tem um papel de primeiro plano. Foi ela que tudo engendrou, e isto assenta numa teoria recente sobre o nascimento das galáxias. É o Aor dos Hebreus, o Azote dos alquimistas. E a mutação faz-se consoante uma fórmula. Quem conhecer a fórmula pode subir ao céu.

Esta substância universal, como a vida, pode, materializando-se, tomar diferentes formas. Veremos noutro capítulo o caso das manifestações ectoplásmicas. A substância é ao mesmo tempo macho e fêmea, o que lhe confere a possibilidade de se reproduzir. No entanto, obedece à lei do número. O ser é um. Para criar, deve, antes de mais nada, multiplicar-se sem se dispersar. Quer dizer, reunifica-se a todo o momento no ternário. O ternário é o dogma universal. A passagem de um modo de ser a outro não passa de transmutação.

Todas as coisas são vivas e apresentam um grau de evolução que lhes é próprio. Com o tempo, a natureza conduz esta vida a seu termo. Mas é dado ao homem encontrar um catalisador que active a evolução. Esse catalisador, em alquimia, tem o nome de pedra filosofal.

Como só há uma verdade e uma matéria, nós somos feitos desta substância. Portanto, só deve existir uma doença

e um só remédio fundamental. Os alquimistas, na sua busca da pedra filosofal, entregavam-se paralelamente à descoberta do elixir da longa vida, que devia assegurar a imortalidade. Paracelso pretendia que o corpo humano se resumia à unidade de um só órgão, que é o cérebro. Ordenar ao cérebro é ser senhor da personalidade total. Paracelso concentrou todas as suas forças no cérebro, abandonando o resto, visto tudo lhe ser conexo. Por um esforço de união, o homem deve reunir mentalmente todas as forças disseminadas no universo, unindo Deus, a natureza e o homem. Sob este aspecto, Paracelso surge como um precursor dos curandeiros modernos, quando apelam para as forças invisíveis ou para a fé salvadora.

O segundo dogma do ocultismo diz que tudo o que é visível o é unicamente por manifestação do invisível [1]. Cada ser humano é o reflexo da sua alma. Não há distinção fundamental entre o visível e o invisível, pois a propriedade não é integrante da matéria, mas a distinção provém da luz que a ilumina. A luz física tornará as coisas visíveis, enquanto a luz astral as deixará na sombra. Pelo menos a nossos olhos, que também fazem parte do físico. O homem pode sondar o invisível olhando com a sua alma. A existência de dois mundos paralelos impõe-se como se todas as vibrações possuíssem um plano de polarização, sendo um perpendicular ao outro.

Anteriormente, vimos que Adão poderia ser simplesmente uma sigla, um símbolo. O ocultista diz: «Todo o visível é símbolo do invisível e todo o saber profundo obtém-se pela interpretação do simbolismo.» Por exemplo, a palavra «Iavé» indica, pela forma e pelo número de letras, a natureza de Deus. Quem a ler ao contrário evocará Satanás. Uma tal decomposição tem a sua origem na Cabala.

Damo-nos conta de a que ponto a doutrina oculta é hermética, esotérica. Não é para admirar que a sua prática tenha despertado desconfiança e acautelado as forças da Igreja. Na

[1] Lucien Roure, *Au Pays de l'Occultisme*, 1925.

mesma ordem de ideias, certos ocultistas pretendem que o espaço está povoado por uma multidão de seres: espíritos elementares, sílfides, gnomos, ondins e salamandras. Um tal imbróglio de preceitos não se alimenta de evidências: apela demasiadamente para os mistérios para que nos conservemos insensíveis. Da mesma forma, certos autores englobaram nas ciências chamadas ocultas o espiritismo, que tem a pretensão de fazer falar os mortos por meio de uma mesa oscilante.

De facto, os verdadeiros ocultistas são ferozes adversários dos espíritos, nos quais só reconhecem pessoas de qualidade inferior. Enquanto o ocultismo se orgulha de possuir uma doutrina ampla, grandiosa, e sobretudo coerente, o espiritismo assenta desesperadamente em resumos alheios tirados de explicações que só o infantilismo pode adoptar.

O ESPIRITISMO

Se bem que intimamente ligado ao ocultismo, o espiritismo é de facto a solução do menor esforço. Substituindo as tentativas de cada ser para atingir o fundo das coisas, preconiza a comunicação com aqueles que já dobraram o cabo, os que conhecem o outro lado da barreira e a que chamam «os desencarnados». Porquê insistir em querer desvendar o segredo, se se podem consultar sem mal algum os que já o conseguiram?

O maior agravo que os ocultistas imputam aos espíritos é porem, assim, ao alcance de toda a gente os segredos do Além. Os ocultistas, pelo contrário, preconizam o respeito do segredo da morte. A evocação dos mortos não passa de um vulgar tráfico de magia negra, sobretudo se é para lhes fazer perguntas impertinentes e maldosas. É certo que os mortos estão entre nós, mas é nosso dever dar-lhes a paz que eles merecem.

Em geral, a reencarnação não é admitida pelo ocultista. Obcecado como está pela grande flecha da perfeição, não pode resolver-se a admitir uma completa mudança em todo um

saber adquirido numa vida. Não passa de um caso especial criado para castigar um espírito acusado de uma culpa maior.

Em *Magie*, de Henri Corneille Agrippa, o autor trata, no seu primeiro capítulo, da maneira de fazer reviver os mortos. Desacredita totalmente o estratagema e avança, como prova, que os ressuscitados nunca revelaram nada de sensacional. Somos levados inconscientemente a encarar hoje um problema inteiramente diferente, mas que, no entanto, se mantém ligado ao grande enigma que cria o outro mundo. O homem já definiu uma morte «clínica», isto é, o instante em que toda a vida cessa. Desprezando um órgão que, durante séculos, foi considerado como um motor incontestado, localizou os centros vitais no cérebro, revivendo assim a ideia de Paracelso.

Não podemos deixar de perguntar que subterfúgio se irá inventar quando for tentado o enxerto de substituição do cérebro. Já na fase de experimentação com os animais ela vai constituir um problema aparentemente insolúvel. A operação vai assim colocar duas almas no mesmo invólucro carnal e disso resultará um conflito altamente mais íntimo que o fenómeno de rejeição. Manuel, com o cérebro de Joaquim, tornar-se-á Joaquim ou continuará a ser Manuel? Desde há muito que se sabe que a memória não está toda localizada nos lóbulos do cérebro. Uma mão de assassino enxertada num sacerdote engendrará um conflito de personalidade. Mas um cérebro, uma alma, o centro da vida! O homem prepara-se para ter insuspeitos casos de consciência.

Para voltar ao espiritismo, ou, mais pomposamente, à arte de necromancia, com frequência serviu atitudes indignas do seu princípio. A pedido dos espiritistas, os mortos levantam a tampa do seu túmulo e vêm indicar o local onde ocultaram o seu tesouro nos últimos momentos da sua existência. Às vezes avançam em grupo, ou em cortejo lúgubre, que pode compreender alguns vivos! Aproximam-se perigosamente do *sabbat* das feiticeiras e de toda a fraseologia dos charlatães.

Foram emitidas receitas muito precisas a fim de evocar os mortos. No *Dragão Vermelho* cita-se o momento entre todos mais propício: o Natal.

As sociedades espíritas tiveram a sua época de glória e a senhora Blavatsky, fundadora da teosofia, foi uma adepta desses círculos. Esta mulher monstruosamente gorda foi um médium famoso no Cairo, onde abriu um «clube de milagres». A materialização dos espíritos não tinha qualquer segredo para ela, se bem que comunicasse, como se fosse por telefone, com os espíritos defuntos do século precedente. Em 1870, aquando de uma viagem às Índias, pretende-se aliada com Arya Samay, associação maçónica cuja origem é anterior a Jesus Cristo (segundo ela afirmava). Mais tarde reconhece uma personagem que, digamos, tinha encontrado na Atlântida. A 8 de Maio de 1891, renegando a faculdade da imortalidade, a senhora Blavatsky morre. Corre imediatamente o boato de que este fim foi simplesmente uma transmigração, e há quem assegure ter assistido *de visu* à manobra de ela deixar o seu invólucro para entrar imediatamente num novo corpo, desta vez masculino. Esta reencarnação, que não devia demorar a manifestar-se, até hoje ainda não surgiu...

Estas precisões sobre os erros de uma ocultista de grande classe devem ser tomadas como anedota. A fraude descoberta não atemoriza o espírito, de quem se deve reconhecer, com frequência, uma força de persuasão pouco comum.

Uma receita que nos recorda estranhamente as manobras alquímicas é dada por Pierre de Lorraine, abade de Vallemont. Segundo um grande princípio oculto, a matéria é única, podendo reviver de novo, acreditando a imortalidade alquímica numa sucessão de alterações e reencarnações, ou então indo buscar os seus recursos à própria vida.

O corpo torna-se um meio de transporte da energia. O homem não passa de uma chama que se acende e apaga num ritmo sempre acelerado. O nada não existe. Pierre de Lorraine diz em resumo: os mortos podem «voltar», a

exemplo de certas plantas que têm a faculdade de renascer das cinzas.

«Agarrar num frasco, e deitar lá dentro a essência vital, isto é, o pólen de uma bela rosa. Calcinar tudo e misturá-lo com o orvalho da manhã. Destilar. Colocar a gota num novo frasco com vidro moído e bórax. Meter o recipiente em estrume de cavalo e deixá-lo lá ficar um mês. Exposta ao sol e à lua, a massa líquida deve um dia erguer-se, provando o êxito da operação.»

O pólen, aqui, a aproximar-se da pedra filosofal, é, de certo modo, um elixir da longa vida, sempre presente para além da morte. Permitiria aos defuntos manter-se com vida e ultrapassar a sua senilidade absorvendo uma forte dose.

Entremos ainda no domínio movediço do mundo oculto e abordemos o fenómeno do vampirismo. Não é vampiro quem quer. Antes de mais, é preciso ser iniciado, isto é, ter sido mordido! Caímos no absurdo. Porém, em nome deste subterfúgio, há homens que se têm tornado culpados de assassínios e atrocidades. Aldeias inteiras têm sido contaminadas por uma ideia falsa, má interpretação de um dogma do ocultismo que lembrava que em tempos longínquos os médicos atlantes praticavam transfusões sanguíneas.

OS MAGOS ALQUIMISTAS

Grande número de alquimistas foram magos activos que estavam convencidos de que o ocultismo e a alquimia podiam ser praticados paralelamente, sem se prejudicar um ao outro, como estavam inclinados a acreditar.

Diz-se que Tritheim, um tímido eclesiástico nascido em 1462, teve influência em Paracelso e Agrippa. Com efeito, interessou-se profundamente por estudos alquímicos e investigações ocultas, o que era perigoso numa época em que a maioria dos alquimistas se dizia dotada do poder de evocar espíritos e demónios.

Conta-se que, estando na corte do imperador Maximiliano da Áustria, prometeu ao monarca pô-lo em presença do espírito da sua defunta esposa, para poder ficar em regra com a sua consciência antes de casar novamente. O espírito veio, ou, pelo menos, a forma majestosa de Maria de Borgonha, e mostrou-se tão nitidamente que o soberano até pôde ver uma verruga que sabia que ela tinha junto à nuca. Esta aparição não era uma fraude na qual uma semelhança abusasse dos olhos dos crédulos. Maximiliano, na sua emoção, foi dominado por um entusiasmo irresistível e espontâneo e, dirigindo-se ao encontro da defunta, saiu do círculo mágico que Tritheim tivera o cuidado de traçar em volta do imperador.

O raio pareceu colhê-lo como um fruto maduro, enquanto a visão desaparecia. No entanto, a morta tivera tempo de dar consentimento ao novo casamento de seu marido, levando a boa vontade ao ponto de designar o nome da mulher que lhe deveria suceder.

Sobressai do estudo dos textos alquímicos e doutros devidos a Tritheim uma obscuridade raramente igualada. Com excepção das *Crónicas*, onde o estilo é totalmente diferente, o que fez dizer a Hoefer que esta obra não é de autoria de Tritheim. Gérard Dorne e Jacques Gohory provaram que muitos passos dos escritos de Tritheim, pela explicação do seu sentido enigmático, se podem interpretar como sendo «química».

De facto, a alquimia era um dos violinos de Ingres deste membro do clero. Por pertencer à Igreja, Tritheim devia disfarçar os seus pensamentos, para não abalar os muros dessa mesma Igreja, onde não deixaria de ser perseguido. Assim, inventou uma série de escritos secretos e astuciosos subterfúgios para disfarçar os seus profundos pensamentos, que, nesta época, não podiam ser formulados claramente. Vai até ao ponto de misturar a Bíblia com a obtenção da pedra filosofal, pois estava convencido de que esta poderia conduzir a transmutações. Afirma nas suas *Crónicas* que a Idade do Ouro virá quando o Leão e o Cordeiro coabitarem. Esta fórmula, que se poderia acreditar saída da boca de um astrólogo contemporâneo que procurasse precisar a data do fim do mundo, foi interpretada no sentido de uma comunhão completa entre o Adepto e Deus. É evidente que, com uma certa boa-fé, mas também com uma determinada ideia fixa, se pode conseguir, com facilidade, obrigar os escritos ocultos a dizer o que se quer. A prova está no tom de sinceridade que sai da voz de um grande escritor, o qual, no que respeita às previsões de Nostradamo, vê o *laser* numa frase que resume assim: «uma grande ponta de fogo»... [1]

Paracelso foi também um mago no sentido esotérico do termo. As suas convicções residiam na crença da unidade física do mundo e de todos os seus elos. Estava familiarizado com os talismãs e os signos mágicos. Bastava que o signo descrevesse qualquer coisa para que lhe estivesse ligado irredutivelmente, exactamente como uma assinatura é obra do seu autor.

O século XVIII vê nascer duas personagens inquietantes, que deixarão uma marca profunda na história da magia. O primeiro, dito conde de Cagliostro, fabricou alquimicamente um diamante em Estrasburgo. De facto, dotado de uma inteligência superior, dominou os seus contemporâneos com uma facilidade que não deixa de fazer lembrar os manejos de um prestidigitador. Implicado, sem razão, na história de um roubo, passou alguns anos num calabouço da Bastilha.

A mesma época viu-se palco dos feitos de um homem ainda mais enigmático: o conde de Saint-Germain. Alquimista perfeito, pretendia ter encontrado o elixir da longa vida, de tal modo que a sua idade parecia ter-se libertado da marcha do tempo aos quarenta anos. Poliglota, artista, químico, músico, era de uma erudição sobrenatural e a sua fabulosa memória fazia correr o boato de que se recordava das suas encarnações precedentes. Conseguiu tirar uma mancha de um diamante, e para ele o fabrico do ouro alquímico não

[1] Entrevista de Serge Hutin à Rádio Canadá, «Átomo e Galáxia», Outubro de 1969.

passava de rotina. Por que fatalidade se perderam as suas descobertas alquímicas? Por que milagre apareceu em dois lugares diferentes simultaneamente? Com a idade de três mil anos, deixou um dos seus invólucros carnais na corte do Landgrave de Hesse-Cassel, alquimista famoso.

Pertencia à seita Rosa-Cruz, de que ainda falaremos.

A magia mantém-se presente no nosso mundo supercivilizado, muito mais desenvolvida que a alquimia. A nossa época vê um florir de astrólogos que agem, digamos, em nome de uma ciência exacta. A mediunia mantém-se ligada a esse flagelo que nos espreita: a era dos *mutants*. Já se divulga o hipnotismo por uma soma insignificante. Aprendiz de feiticeiro, o homem defende-se atrás das barreiras de um ocultismo gigante. A fadiga, as descobertas, que se multiplicam até ao infinito, levam-no a perguntar às cartas e à bola de cristal se o enfarte o atingirá amanhã ou se, pelo contrário, defendido pela sua sorte, poderá andar fora das zonas demarcadas nas ruas...

OS ALUCINOGÉNEOS DE GIAMBATTISTA DELLA PORTA

Della Porta foi sem nenhuma dúvida um dos primeiros alquimistas a encarar a experiência em laboratório como a única atitude verdadeiramente científica. Se Bacon, como vimos, experimentou alguns aparelhos de lentes, criando a base da óptica e da técnica dos telescópios, Della Porta imaginou a combinação de lentes e de câmaras escuras que o levaram muito próximo da descoberta da fotografia.

No entanto, a sua obra mais controversa consiste na elaboração de drogas de carácter alucinogénico. Com efeito, Della Porta estava convencido de que o homem ainda não sabia utilizar todos os recursos do seu cérebro, do mesmo modo que todas as possibilidades dos seus sentidos. Fazia parte de um grupo de iniciados cuja finalidade confessada era realizar práticas mágicas. Observou que os membros da seita que parecia possuírem os maiores poderes de «visões» (diríamos hoje de mediunia) eram os que comiam uma espécie de cogumelo bastante rara na Itália.

Della Porta ficou desde logo convencido que as visões eram consequência da absorção de certos produtos. Imaginou então toda a espécie de receitas entre a cozinha e a química e começou a experimentá-las, conhecendo deste modo todas as sensações, desde as verdadeiras alucinações até à vulgar crise de indigestão.

No entanto, ao fim de vários anos de esforços, conseguiu fabricar quatro ou cinco drogas verdadeiramente eficazes, as quais, se acreditarmos nas testemunhas e nos actores destas experiências, representam um avanço em relação à eficácia dos alucinogéneos actuais.

Em especial, alguns dos seus «filtros» podiam orientar os sonhos numa direcção prevista: uns podiam proporcionar visões de plenitude ou de felicidade; outros, pelo contrário, provocavam pesadelos. Vê-se que na época do LSD, da marijuana e do *pot* apenas estamos a descobrir as propriedades mais elementares das drogas e que os alquimistas conheceram muito antes do século XX compostos químicos alucinogénicos.

Muitas pessoas há que não hesitam em considerar que a pedra filosofal possuía certas propriedades psicossomáticas, aumentando ao Adepto a inteligência durante o sono e permitindo-lhe entrar em contacto com um universo transcendental de que não podemos fazer ideia.

CAPÍTULO X

A ROSA-CRUZ E A ALQUIMIA

UM TAL CHRISTIAN ROSENKREUZ

IMAGINEMOS a atmosfera que reinava durante o século XIV na Europa quando a magia e a bruxaria aguentavam os últimos golpes de aríete da Inquisição.

Os últimos albigenses, tendo escapado à cruzada comandada pelo senhor de Montfort, tinham-se retirado para esconderijos seguros, onde tentavam reorganizar-se. Apesar de as fogueiras da Inquisição ainda deitarem fumo em todas as praças das aldeias, a reorganização secreta instaurava-se.

Os dominicanos, que tinham recebido o sufrágio do papa Gregório IX, assassinavam quem podiam, sem suspeitar que, desde há muito, os grandes iniciados estavam em lugar seguro.

A Alemanha, tributária da sua gnose exacerbada, muito pelo contrário, não escapava à regra. Os saques e os incêndios dos supostos lares cátaros sucediam-se com um ritmo desenfreado. Foi durante uma destas acções que o castelo de Germelshausen foi pilhado e toda a família, de descendência ancestral, degolada. No entanto, o filho mais novo escapou à carnificina, sem que se saiba verdadeiramente as circunstâncias que favoreceram a sua salvação. O seu nome era Christian Rosenkreuz.

Eis a lenda ligada à infância de uma figura cujo nome se tornou símbolo de uma seita que ainda hoje possui mem-

bros. Após ter beneficiado de uma vida de certo modo segura, tornamos a encontrar o adolescente, que se dirige para leste. Esta história é-nos contada por F. Wittemans, que a teria ouvido a um terceiro. Uma outra versão, muito menos fértil em acção, é contada por Louis Figuier, que precisa que Rosenkreuz nasceu em 1378, de uma família nobre mas arruinada. Aos cinco anos, a criança entrou num mosteiro, onde uma educação clássica lhe foi ministrada. Só aos quinze anos se encontrou ligado a uma sociedade de mágicos. Sentindo-se neste meio como peixe na água, ficou no seu posto durante cinco anos, e quando, finalmente, de lá saiu, foi para empreender uma viagem que o levou para junto dos mestres do mistério. Queremos referir-nos aos filósofos caldeus.

Estes, reconhecendo neste indivíduo um adepto sem igual, deram-lhe a conhecer a verdadeira magia, a Cabala, e revelaram-lhe o segredo da transmutação dos metais, o movimento perpétuo e a medicina universal.

Voltando à Alemanha, desvendou os segredos que lhe haviam sido confiados somente a uma pequena minoria, fundando assim a seita Rosa-Cruz. O apogeu desta organização só foi atingido muito mais tarde, no início do século XVII, quando instituíram as suas fraternidades.

Um mistério muito estranho está ligado à morte de Rosenkreus. Voltando ao seu país e tendo feito as suas revelações, começou com a ideia de ser eremita e encerrou-se numa gruta, no fundo da qual morreu — diz-se — com cento e seis anos, se bem que o seu corpo mantivesse a juventude e a saúde até ao dia fatal. Como se pode dispor de tais informações sobre a morte de um homem que se manteve encerrado durante todo o fim da sua vida? Devido ao facto seguinte:

Em 1604, um acaso fez com que se descobrisse a gruta onde Rosenkreuz se refugiara mais de cem anos antes. E com a gruta se encontrou o corpo da personagem morta, bem entendido, mas num estado de conservação extraordinário. Além de mais, os traços do cadáver mantinham a plenitude de um quadragenário bem alimentado. No entanto, na parede

do sepulcro estava traçada a inscrição seguinte: «Após cento e vinte anos, serei descoberto.» Foi assim que se soube da data da morte do iniciado. Com efeito, entre os volumes que o cofre guardava havia o *Dicionário dos Mortos* de Paracelso e outros trabalhos sobre alquimia, mas Rosenkreuz não tinha julgado bem contar os preciosos ensinamentos sobre a longa vida que havia apreendido em Damasco. Evidentemente que se afirmou mais tarde que ele tinha simplesmente abandonado o seu invólucro carnal, adoptando um outro mais anónimo.

Na verdade, a sociedade Rosa-Cruz agarrou o pitoresco da vida deste adepto alemão para encontrar uma origem e um fundador. Como veremos mais adiante, a existência de grupos rosas-cruzes é muito mais antiga e não deixa dúvidas.

No entanto, a data de 1604, que marca a descoberta da gruta do alquimista, vê o verdadeiro início da época onde uma sociedade esotérica, a confraria Rosa-Cruz, faz falar dela. Talvez tudo isto não passe de coincidência, e a História está cheia de coincidências semelhantes. Mas um facto mantém-se: Rosenkreuz era digno dos rosas-cruzes e não foi erradamente que o tomaram por chefe de fila. É quase certo que conhecia o segredo da pedra filosofal e era um alquimista de classe. Quanto a se pretender que foi o fundador da sociedade secreta, iremos ver que nada disso é verdadeiro.

OS ROSAS-CRUZES ANTES DE ROSENKREUZ

A rosa foi sempre o símbolo do segredo guardado. Encontra-se-lhe o rasto até na Antiguidade. Enfeitava escudos, armaduras e brasões. Tornou-se o emblema do esoterismo e o século XIII vê florir os romances «da Rosa». Estes são de carácter satírico e vários deles obra de alquimistas bem conhecidos: Roger Bacon, Nicolas Flamel, etc.

A prova irrefutável da existência do grupo Rosa-Cruz antes do século XVIII não pode ser estabelecida sem ambigui-

dade. Isto deve-se ao facto de os membros desta sociedade terem a boca fechada por um juramento que mais adiante explicaremos.

A denominação «Fraternitas Rosae-Crucis» aparece pela primeira vez em 1374, num manuscrito alemão. Está directamente ligada à alquimia. O texto é uma súmula de receitas alquímicas ao sentido do tempo. Numerosos testemunhos velados atestam que a Rosa-Cruz trabalhava já na sombra no fim do século XIII. Raymond Lulle, um dos «princípes da alquimia», na opinião de G. Naudé, refere-se a um *rex physicorum* que laborava em Itália rodeado de adeptos, perante os quais fez uma experiência de transmutação. Devemos também referirmo-nos ao *Rosarium* de Arnaud de Villeneuve. O *Livre des Aventures Admirables du Philosophe Inconnu à la Recherche de la Pierre des Sages* também fala de um congresso de doze alquimistas.

A alquimia com que começamos a estar familiarizados deve ter criado seitas e organizado reuniões onde se podia conversar entre homens que se compreendiam. É verdade que o alquimista devia trabalhar sozinho, mas, um pouco como na investigação actual, devia haver contactos entre os que tratavam dos mesmos assuntos. Hoje em dia, suspeita-se de que os físicos atómicos organizam congressos clandestinos, onde podem trocar opiniões, e, assim, talvez poupar o mundo, ocultando descobertas demasiado perigosas para a humanidade. São organizados muitos colóquios à porta fechada, mas é certo que tais assembleias não protegem a Terra da loucura de um só homem nem da de um povo alucinado.

Na Idade Média, a posse da pedra filosofal conduzia a profundos aborrecimentos, e muitas vezes o seu proprietário era encerrado numa prisão até ao resto da vida. Assim, organizou-se a protecção por meio de um esoterismo impiedoso, só se fazendo a transmissão dos segredos com a maior segurança. E parece que durante séculos não se deu a mínima fuga. Teria o homem de então mais força de carácter que o de hoje? Os jornais estão cheios de segredos traídos, de denúncias e doutras baixezas do mesmo jaez. Por um punhado de francos ou de dólares o homem está pronto a vender o seu irmão. A fraternidade desagrega-se. Já no domínio da espionagem, se instalou uma secção de contra-espionagem para suster os membros que se passaram para o inimigo. Dentro em pouco surgirá um novo escalão e um terceiro organismo. A sua missão será procurar entre os agentes duplos os que são triplos. Assim vai o mundo, onde sopra um vento de loucura que faz pena ver. Para que complicações nos dirigimos se o fim do mundo ainda levar muito tempo a surgir?

A MAÇONARIA

Todas as civilizações sempre tiveram necessidade de um meio que servisse para a exteriorização dos livres-pensadores do século. A franco-maçonaria moderna foi fundada em 1717 e é razoável pensar que retomou e continuou o esoterismo da Rosa-Cruz.

Utiliza os mesmos símbolos que esta seita, mas bem depressa se dá uma cisão. A alquimia e o hermetismo cedem o seu lugar à construção e à arquitectura. A linguagem dos alquimistas é abandonada e os mações começam a renegar a sua origem. O *Daily Journal* de 5 de Setembro de 1730 afirma: «Deve reconhecer-se que existe uma associação estrangeira da qual os franco-mações ingleses, envergonhados da sua verdadeira origem, copiaram algumas cerimónias e tiveram grande dificuldade em convencer o mundo de que eram seus descendentes, se bem que não tenham seguido senão alguns sinais de prova ou iniciação. Os membros desta sociedade usavam o nome de rosas-cruzes e os seus oficiais, que, como os nossos, se chamavam grão-mestres, vigilantes, etc., usavam no decorrer das cerimónias uma cruz vermelha como sinal de reconhecimento.»

Os rosas-cruzes não foram os únicos a influir na franco--maçonaria e devemos procurar as raízes mais longe, na Ordem

dos Templários. Os seus últimos membros, perseguidos, apodreciam nos conventos ou nas prisões. É certo que nenhum deles era franco-mação. Mas mais perniciosas são as correntes das ideias místicas, sobretudo no que diz respeito aos pensamentos de «sensação», que constituem de facto a base dos conceitos vindos directamente do Oriente.

Um estudo pormenorizado de tais transmissões é muito mais difícil que descobrir os adeptos no seio da nova sociedade. Apenas se pode demonstrar que a franco-maçonaria foi profundamente impregnada pelos preceitos em prática no Templo. Houve realmente um esoterismo templário. A osmose espiritual fez-se por um fenómeno tradicional através de todas as perseguições. No entanto, a transfusão não foi directa e o rigorismo disciplinar do Templo abrandou. Aqui adoptamos a opinião de Jean Marquès-Rivière e, segundo ele, opomo-nos a vários franco-mações que, com paixão, demonstraram que tais filiações são excessivas e «mais que suspeitas». Afirmam que tal modo de proceder só serviu para atrair perseguições sobre a maçonaria, justamente como contrapartida de falsas origens. Nisto não deixam de ter razão, mas é preciso reconhecer que ao longo da História todas as seitas foram malvistas e combatidas. Os nossos dias não escapam à regra, e Montpellier, uma das bases do esoterismo cátaro, ainda tem dentro dos seus muros uma sociedade secreta que se diz ser bastante virulenta.

Neste desenvolvimento, ligámos, inconscientemente, a alquimia à franco-maçonaria. É evidente que tanto uma como outra sofreram as mesmas torturas. Os seus membros tinham frequentemente de usar pseudónimos. No entanto, a alquimia glorifica-se de uma finalidade mais nobre. Os alquimistas são pensadores mas também sábios. A alquimia é e continuará a ser a base da química actual: aonde ligar a franco-maçonaria?

O ESOTERISMO DO TEMPLO

Neste capítulo devemos consagrar algumas páginas ao mistério do Templo, que existiu durante séculos e cuja influência se encontra em todas as raízes das sociedades secretas.

Se bem que as investigações não nos tenham permitido ligar directamente os templários à alquimia, à parte o que diz respeito ao «relógio alquímico», ressalta que as relações subjacentes, que foram cuidadosamente mantidas, existiam no esoterismo, muito embora não figurem em nenhuma literatura digna de fé. Só poderemos fazer intervir terceiras pessoas, de certo modo elos muito vivos.

Há uma base sólida que nos vem das imensas e lendárias riquezas do Templo, cuja proveniência continua a ser muito mal avaliada, se bem que os Irmãos do Oriente tirassem grande lucro de quanto possuíam. Filipe, o Belo, que dilapidou gravemente o tesouro real e a quem a pequena história atribui uma corte de alquimistas, foi quem redigiu os mandados contra os templários, pouco antes do grande arresto. Não tinha ele o desejo de chamar a si o ouro e a prata alquímica acumulada desde há séculos?

A Ordem dos Templários remonta ao tempo das Cruzadas; portanto, ao início do século XI. Permitiram estas expedições longínquas que os cruzados fizessem descobertas fantásticas, descobertas que conseguiram manter ignoradas agrupando-se em sociedade secreta? A possibilidade não se exclui e explica, em parte, o malogro das referidas peregrinações. Há um facto: o Templo desenvolveu uma doutrina categoricamente «anticristã». Como se os cruzados tivessem aprendido com as suas viagens qualquer coisa que negasse as suas primeiras ideias.

Nos decénios que se seguiram, os templários continuaram a amontoar riquezas, mas entregaram-se a excessos e a ignomínias que os levaram à perdição. Estes iniciados comportavam-se como seres que não tinham nada a aprender, a quem

a vida não podia dar mais nada — a não ser que começassem a desejar o poder. Foi o que fizeram.

A torre do Templo, onde estava encerrado o tesouro, situava-se em frente do castelo do Louvre, e compreende-se que os reis de França lhe deitassem olhares cobiçosos quando os cofres do palácio estavam vazios.

O papa Clemente V interveio com entusiasmo e reservou para si o julgamento dos dignitários do Templo. Tinha para com eles uma hostilidade muito natural. Apesar das torturas dos interrogatórios e dos suplícios, os Irmãos defenderam o seu segredo, que levaram para o túmulo. Jacques de Molay, o dignitário mais famoso, foi conduzido à fogueira depois de ter sido conduzido a Nápoles à presença do papa. Antes de morrer disse que Clemente e Filipe, o Belo, morreriam no mesmo ano. A maldição cumpriu-se: o papa morreu de disenteria e Filipe extinguiu-se daí a seis meses.

Mesmo no processo do Templo, não há menção de manobras alquímicas. É verdade que a opinião estava sensibilizada pelas extravagâncias dos templários no que dizia respeito à Igreja. A renegação de Cristo e as blasfémias proferidas contra Ele faziam esquecer as actividades subjacentes da sociedade.

Portanto, é no crepúsculo da existência desta sociedade que se pode pôr em evidência as provas dos seus profundos conhecimentos. Esperando o fim da sua agonia nos calabouços senhoriais, os últimos templários deixaram inscrições, ou, mais exactamente, desenhos como os que se encontram em todas as paredes das prisões do mundo. Examinado à lupa, um desses desenhos representa o célebre «relógio cósmico» de que devemos uma fiel descrição a Eugène Canseliet no seu livro *Deux Logis Alchimiques.*

Este grafito dos templários tem sido objecto de exame tão atento que podemo-nos admirar que tantos dados de alto conhecimento se possam incluir nestas linhas imprecisas.

Eis o resumo, endereçado à imaginação do observador. Trata-se de um símbolo gráfico universal constituído por um

círculo traçado a três quartos e dividido por uma cruz. Fulcanelli, na sua obra *Les Demeures Philosophales,* dá uma explicação deste círculo cindido em quatro quartos. Um representa a Idade do Ouro, outro a Idade da Prata. A Idade do Bronze compreende as outras duas partes, sendo a primeira o passado e a segunda o futuro. O destino secreto deste relógio é dar a possibilidade de abrir a porta preservando o sentido anagógico dos cinco livros do Novo Testamento: os quatro Evangelhos e o Apocalipse. Numa palavra, quem souber manejar o pêndulo tem acesso aos textos mais esotéricos da nossa história, que pode traduzir em linguagem clara e precisa.

Vê-se que, em definitivo, o saber dos templários, cujo exemplo precedente não pode dar senão um breve resumo, devia ser considerável. Infelizmente, os templários não souberam fazer dele um uso salutar. Esta grande família de iniciados viu-se impregnada de intrusos que falsearam o mecanismo, maculando com ideias malsãs uma doutrina outrora pura como o cristal.

Com o Templo desapareceu uma sociedade secreta das mais antigas, a qual, possivelmente, era detentora de mistérios insuspeitados. Informadores considerados iluminados pretendem que a Ordem sobrevive. Pelo «Processo», teria sacrificado voluntariamente alguns dos seus chefes «queimados», para se desembaraçar de todo um resto de imundícies que se ligavam aos seus passos. Tendo encerrado o seu círculo, continuaria a funcionar. No entanto, não são dadas provas de apoio a esta asserção. Porque não a assimilariam a esssa fonte de conhecimentos que doseia a rapidez das descobertas no mundo, medida sem a qual o homem faria saltar o universo?

Com o Templo, tocamos no segredo que paira sobre cada página deste livro, do mesmo modo que a Atlântida ou o brilho funesto de Vénus.

AS REGRAS DA ROSA-CRUZ E OS SEUS PODERES

Os membros da sociedade comprometiam-se, por um juramento terrível, a guardar, durante cem anos, o segredo mais absoluto sobre tudo que lhes dizia respeito. Não tendo este lapso de tempo certamente vindo dar a liberdade a cada um dos filiados, não se podia senão fazer conjecturas sobre esta misteriosa associação.

No entanto, com o decorrer do tempo, foi possível esclarecer os juramentos que prestavam os iniciados antes de se ver abrir todas as grandes portas do mistério. Se o silêncio mais completo reinava sobre as actividades dos rosas-cruzes, estes queriam inscrever no seu catálogo de membros figuras que pareciam dignas desta honra. É deste modo que mais de um filósofo ou homem de ciência se viu incluído, sem o saber, nesta sociedade secreta.

As regras doutrinárias dos irmãos da Rosa-Cruz estão contidas no *Manifesto* e num pequeno in-fólio intitulado *Confissão de Fé*, que é um aditivo ao precedente. Cada membro tinha o seu número de ordem e podia então fazer chamar-se «irmão iluminado da Rosa-Cruz». Compenetramo-nos da comunhão de almas que se operava entre os adeptos. Na verdade, eles queriam formar uma grande família unida e compreensiva.

A vida do rosa-cruz era austera, para não dizer ascética. A severidade das regras lembra estranhamente o esoterismo cátaro. O irmão deve adoptar uma disciplina estrita, não ter demasiado contacto com o mundo; deve ser prudente, ponderado, casto e humilde. Deve desprezar o dinheiro, ser obediente e aplicado. Deve ser grato, delicado e generoso para o seu amo. Num sentido mais preciso, pode exercer a medicina universal, de que é legatário, mas com uma finalidade unicamente desinteressada. Quer dizer, não pode receber dinheiro para ministrar cuidados. Não deve distinguir-se do

comum das pessoas pelas suas excentricidades no vestir. Todos os anos deve ir ao local de uma assembleia geral, e, se o não fizer, tem de apresentar uma desculpa plausível. No momento da morte, escolherá um amigo esclarecido a quem confie o seu segredo e legue os seus poderes. Se reside no estrangeiro, tomará providências para que a sua última morada seja ignorada. Deverá manter o segredo da sociedade durante cem anos (cento e vinte, segundo outras fontes), sabendo muito bem que tinha tudo a ganhar com ela. Esta sucessão de ordens foi publicada no século XVII por G. Naudé no seu trabalho *Instructions a la France sur la Verité de l'Histoire des Frères de la Rose-Croix.*

É preciso acreditar que as revelações que os membros herdavam tinham uma importância incomensurável, pois não havia qualquer fuga. Se bem que nunca tenha sido revelado o que encerrava o grande segredo da Rosa-Cruz, pensa-se que assentava em quatro pontos [1].

O primeiro é a arte de prolongar a vida durante vários séculos. Vê-se que aí se imiscui um lapso manifesto. Assim, o adepto ver-se-ia liberto do seu juramento relativamente depressa e poderia divulgá-lo sem falhar durante séculos. É de notar que nenhum dos iniciados se tenha aproveitado da ocasião que lhe era oferecida de ter uma existência de uma duração tripla e quádrupla. Pelo menos, que seja do nosso conhecimento e do dos que se interessaram pela questão!

Em segundo lugar, o rosa-cruz possuía a faculdade de transmutar os metais em ouro. A prova está neste relato que nos vem de Leipzig. Foi certificado por vários processos verbais e relatórios da polícia.

No castelo de Tankerstein, numa noite chuvosa e sem lua, a argola do grande portão pôs-se a ressoar com pancadas surdas e decididas. O criado que foi abrir encontrou-se perante um homem que tinha na mão uma rosa e uma cruz e que pedia refúgio para escapar aos seus perseguidores. A condessa

[1] Louis Figuier, ob. cit.

de Erbach, dona da casa, aprontava-se para recusar, quando viu a mão florida do desconhecido. O homem ficou no castelo durante uma semana e foi tratado como um príncipe, a tal ponto, que por gratidão, propôs-lhe transmutar em ouro toda a prata do castelo. O que fez com êxito antes de se ir embora.

Os rosas-cruzes pretendiam também conhecer o que se passava em locais afastados. Isto é vago e arriscamo-nos a perder-nos em suposições. Os rosas-cruzes diziam-se capazes de ser informados do que se passava noutro planeta que não fosse a Terra? Receberiam mensagens dos seus mestres, de quem tinham herdado grandes segredos? Ou tinham simplesmente o dom da transmissão de pensamento a grande distância? Para mais precisões, continuemos a seguir G. Naudé. Na sua opinião, os adeptos afirmam saber melhor o que se passa no resto do mundo do que se aí estivessem a assistir. Este dom de simultaneidade indica uma ciência superior.

Passa-se o mesmo quando os rosas-cruzes se dizem aptos para a aplicação da Cabala e da ciência dos números para a descoberta de coisas ocultas. É igualmente notável que no *Zohar* judeu, que encerra vários tratados cabalísticos de diferentes épocas, faça ressurgir um princípio que encontrámos várias vezes no decorrer da nossa incursão. Diz: «Todas as coisas de que este mundo é composto, tanto o espírito como o corpo, reentrarão no princípio e na raiz donde saíram.»

Como é possível que de fontes tão divergentes possam formular quase com as mesmas palavras esta verdade universal que o alquimista transcreveu na «unidade da matéria»? Uma só explicação plausível é aceitável. Na base de tudo isto, houve um texto e um saber únicos, cuja origem é misteriosa.

OS ROSAS-CRUZES E OS SEUS PODERES

Diga-se em abono da verdade que a sociedade se mostrou bem avara de maravilhas, apesar de as suas doutrinas permitirem que se esperasse muito mais. Para encontrar um teste-

munho que ilustre a arte da medicina dos iniciados, é necessário muita investigação. Sem provas, estes vangloriavam-se de ter curado de lepra um lorde inglês. Com o seu socorro, um rei de Espanha tornou à vida seis horas após ter morrido. Aqui, a imprecisão sobre a pessoa em causa faz perder todo o valor do exemplo.

Os rosas-cruzes diziam-se também mestres na transmutação dos metais. É decepcionante que as provas desta asserção não figurem em parte alguma. Que faziam então deste ouro os iniciados miseráveis e infelizes que erravam através da Alemanha levando as suas insígnias sobre os farrapos?

No entanto, histórias como a da condessa de Erbach tendem a revalorizar o poder dos irmãos da Rosa-Cruz.

É também na região de Leipzig que encontramos o eco mais profundo da superioridade dos rosas-cruzes. Dois profetas que tinham sido presos intrigaram os guardas com a sua atitude: foram surpreendidos a tentar quebrar as cadeias (que eram das mais grossas) só à força de pulso. Várias pessoas presentes assistiram a esta façanha. Para eles a noite não era trevas, pois parecia que se encontravam tão bem como em pleno dia. Isto era devido ao facto de a sua cabeça, no dizer de testemunhas, ser cercada por um halo luminoso que provinha dos olhos. Mais ainda, o seu aspecto juvenil estava em completa contradição com a sua afirmação de terem assistido a uma reunião em Constantinopla dois séculos antes. E afirmavam sem hesitar que nessa altura tinham a idade de trezentos anos. Uma outra ordem de ideias: falavam correntemente persa, chinês e muitas outras línguas difíceis. Conseguiram manter-se com vida apesar de um jejum de várias semanas. Em última análise, pretendiam ser membros da Rosa-Cruz.

É tempo de fazer uma pergunta: mas quem são os rosas-cruzes? Não podemos responder categoricamente, mas é bom enumerar as possibilidades, tanto as mais razoáveis como as mais inadmissíveis.

QUEM ERAM OS ROSAS-CRUZES?

O dicionário *Quillet* dá a definição seguinte: «Rosa-Cruz: seita de iluminados.» A frase não é feita para surpreender, sobretudo se nos lembrarmos que grande número de adeptos davam a si próprios, com frequência, o título de «Irmão Iluminado da Rosa-Cruz». Somente na definição a palavra «Iluminado» é escrita com letra minúscula, o que deixa entender que a seita compreendia um grupo de loucos, desequilibrados, alienados e dementes.

Não aceitaremos esta opinião. Mais provável é a conjectura que diz que esta sociedade reunia uma confraria de paracelsistas entusiásticos, desejosos de manter contactos. Ao encontro desta teoria, citaremos *Noces Chimiques de Chrétien Rosenkreuz*, redigido em 1603 por Valentin Andreae, cavaleiro da Rosa-Cruz. Este texto só tinha por finalidade evidente criticar e ridicularizar os alquimistas da época. Raramente tomamos em conta a quantidade de hipóteses que vão de encontro à muralha de incógnitas que rodeava os rosas-cruzes.

Pensou-se também que esta sociedade era uma espécie de grupo de homens instruídos, como existem presentemente, que, em paz, queriam trocar ideias científicas e filosóficas. Assim, de certo modo, a Rosa-Cruz aproximava-se da maçonaria. A atmosfera de mistério de que se rodeavam os seus membros explica-se muito simplesmente, pois as ideias expostas nestas reuniões arriscavam-se a ir contra o Poder, e assim atrair uma atenção nefasta. Trata-se de um fenómeno geralmente presente em todo o esoterismo ateu ou religioso.

Se, em definitivo, temos poucas certezas no que diz respeito aos rosas-cruzes, pelo menos imaginamos alguma coisa. O facto mais certo parece ser aquele que nos diz respeito. A Rosa-Cruz está directamente ligada à alquimia, e pode muito bem ter sido um Estado dentro de um Estado, uma confraria alquímica mais particularmente inclinada a colaborar para sondar frutuosamente os grandes mistérios dessa ciência que não vinha de parte alguma.

O perigo do ensino esotérico sempre tocou nos problemas da moral, da vida e da morte. Hermes Trismegisto diz a este respeito: «Evita de distrair a multidão, não que queira proibir-lhe que as conheçam (as coisas ensinadas), mas não te quero expor à sua troça (...). Estas lições devem ter pequeno número de auditores (...). É necessário, portanto, defenderes-te da multidão, que não compreende a virtude destes discursos (...), porque a espécie humana é inclinada para o mal e (...) a fim de que a ignorância a torne menos má fazendo-lhe recear o desconhecido.»

Não temos a pretensão de pronunciar um julgamento sobre os séculos passados. Mas aqueles que buscam a verdade merecem o nosso respeito e mesmo a nossa admiração. Neste apetite de mistério, contra ventos e marés, há «qualquer coisa de grande que toca na universal necessidade de felicidade inerente à condição humana» [1].

---

[1] Jean Marquès-Rivière, op. cit.

CAPÍTULO XI

A PORTA ORIENTAL

«Quando entrei no santuário, por uma porta oriental, vi nos céus grande número de vasos de ouro; não vi ninguém prosternar-se em frente deles, mas só perante o ídolo de Vénus.»

PHOSATHAR DE MISR
(Le Livre de Cratès)

A VAGA MUÇULMANA

QUANDO o Império Romano estava em plena decadência, um homem nascido em 580 no seio de uma tribo de mercadores nómadas ia alterar a face do mundo. Chamava-se Abû al-Qâsim Muhammad ben Abd Allah ou, se preferirem, Maomet.

Na sua juventude, era pobre e seguia a sua tribo, que fez longas viagens por toda a península arábica e muitas vezes mesmo pela Síria. Estas peregrinações permitiram a Maomet compreender perfeitamente a psicologia e a mentalidade dos povos que visitava.

Depois do seu casamento com Hadiga, viúva de quarenta anos, Maomet foi rico e pôde cultivar mais à vontade o seu gosto pelo sonho e pelo misticismo. Aquando de uma das suas meditações teve a revelação de um deus único, chamado Alá. Este escolhera-o, segundo ele dizia, para insuflar nas povoações dos arredores a crença neste deus todo-poderoso que governava o mundo.

Dentro de alguns anos Maomet teve com ele uma comunidade influente, que compreendia comerciantes *quraych*, beduínos do deserto, judeus, cristãos. Nascera o Islão.

Esta comunidade depressa se tornou uma onda tumultuosa, erguida pelo formidável ascendente que exercia a personalidade de Maomet, que se tornou o Profeta. Dentro em pouco esta exaltação foi tão grande que os Árabes sentiram-se o povo eleito e começaram a invadir os países vizinhos, seguindo uma tradição que remonta muito mais longe no tempo.

Rapidamente a Síria e o Egipto passaram para o domínio dos Muçulmanos, seguidos do Irão e do Iraque. Sabe-se que este exército de conquistadores animados pela vontade de Alá iria mais tarde conquistar toda a África do Norte, a Espanha e, finalmente, ser vencido pelos exércitos de Carlos Martel, depois de, por algum tempo, lhe ter ameaçado o reino. Guerreiros árabes chegaram mesmo a travar batalhas em Sens, nas margens do Yonne, o que testemunha o grau de penetração dos crentes em Alá.

Do lado do Oriente, a Ásia Menor era submetida a rude prova e foi dificilmente que os imperadores bizantinos conseguiram salvar Constantinopla, apesar dos repetidos ataques dos Muçulmanos tanto por terra como por mar.

Foi aquando destes combates que se empregou o fogo inventado por um sírio alquimista: Kalinikos de Heliópolis. Tratava-se de armas incendiárias que projectavam à distância sobre o inimigo.

A civilização bizantina fora salva devido à receita de um modesto alquimista e pôde brilhar ainda uns sete séculos após os violentos cercos que os Muçulmanos lhe haviam imposto.

OS SÁBIOS SÍRIOS

Enquanto as culturas grega e romana estavam nos seus últimos instantes, um meio cultural mantinha-se bem vivo na Síria. Os sábios sírios haviam reunido todos os valores e

aquisições das grandes correntes intelectuais que tinham passado pelo seu país.

Aristóteles e a maior parte dos grandes médicos e filósofos gregos estavam traduzidos em língua siríaca. As ciências tradicionais da antiga cultura babilónica, isto é, a alquimia, a astrologia, a astronomia e as matemáticas, eram cuidadosamente inventariadas e constituíam objecto de estudos críticos nas escolas da Síria. A cultura greco-egípcia, herdeira da cultura pagã, tinha sido igualmente levada para o cadinho siríaco pelos refugiados da Escola de Alexandria, formada pelo imperador Justiniano.

Assim que os Árabes conquistaram a Síria, entraram em contacto com uma civilização muito mais evoluída que a sua própria cultura e compreenderam o interesse que o Islão tinha em ser tolerante para com os Sírios, que, nesta época, eram sobretudo compostos de cristãos, zoroastrianos e judeus. Tal atitude não foi muitas vezes adoptada por um povo invasor.

Os califas abássidas, que se haviam estabelecido no Iraque e se diziam herdeiros culturais da civilização persa, foram particularmente acolhedores para com os Sírios, os quais forneceram ao califado os seus mais eminentes médicos e os seus melhores matemáticos e astrólogos. Esta protecção, de que aproveitou a cultura siríaca, permitiu à ciência progredir com toda a liberdade nesta parte do mundo.

Os Sírios puderam continuar a sua obra de reagrupamento das grandes ciências da Antiguidade, e é devido a este trabalho que se lhes atribui o papel particularmente glorioso de terem salvaguardado a ciência antiga e a terem transmitido aos Árabes. E sabe-se que os Árabes, por sua vez, comunicaram o seu saber à Europa Ocidental.

Esta transferência fez-se no decorrer das Cruzadas, e em especial por intermédio dos sábios da Espanha islamizada, que traduziram para latim numerosas obras árabes. Estes textos iriam despertar entre os intelectuais da Europa o gosto pelo saber antigo, sobretudo grego, e provocar o movimento do Renascimento.

Vamos aqui relatar um fenómeno bastante singular. No início, os conquistadores árabes ficaram tão espantados e respeitosos perante a erudição dos Sírios que, sempre que faziam novas conquistas, tomavam conta de todos os livros que descobriam e mandavam-nos traduzir em siríaco. Só mais tarde os Muçulmanos, menos apaixonados pelas conquistas e mais ansiosos de conhecimentos, mandaram traduzir em árabe os tratados científicos que tinham encontrado.

No nosso estudo, muitas vezes observámos como a inconsciência dos povos conquistadores foi responsável por numerosas destruições ditadas pela cupidez. Assim, riquezas incalculáveis, tesouros espirituais incomensuráveis, testemunhos irrecuperáveis foram destruídos por soldados ignaros e iletrados. O exemplo anterior é uma excepção que depõe em honra do povo árabe.

OS ISMAELITAS

Designam-se pelo nome de «Xiitas» os partidários de Ali, genro e primo do Profeta. Os Xiitas tornaram-se particularmente poderosos no Irão, onde agregaram às suas próprias doutrinas as tradições e os conhecimentos milenários do povo iraniano.

Esta influência do movimento dos Xiitas é ainda hoje visível no Irão, onde o «Shica» continua a ser a religião maioritária.

Para os Xiitas, Alá designara Ali como «imã», quer dizer, chefe temporal e espiritual que devia suceder a Maomet como autoridade infalível. Mais ainda, Ali não passa de um imã entre a longa linhagem dos que lhe sucederam e se sucedem no nosso mundo desde Adão. Cada um deles possui a ciência divina e transmite-a ao seu sucessor.

Ora, aconteceu, com o decorrer do tempo, que esta ciência sagrada se encontrou excepcionalmente partilhada entre os irmãos Abd Allah e Abu Talib, e cada um deles transmitiu os seus conhecimentos, respectivamente, a Maomet e a Ali. Como consequência, felizmente, a luz divina encontra-se totalmente nos herdeiros da união de Ali com Fátima, filha do Profeta.

Uma das seitas xiitas, a dos ismaelitas, que adoptava estas crenças e herdara conhecimentos ancestrais dos Iranianos, teve um grande bafejo da sorte. Sob a influência de Al-Qaddah, a cidade de Salamia tornou-se um dos centros de propaganda, onde não só os Muçulmanos, mas também as *élites* cristãs, judias ou zoroastrianas, colaboravam [1].

Os ismaelitas consideravam a ciência um meio de poder e também de propaganda, e é essa a razão por que se aplicaram tanto em unir as *élites* intelectuais. Em especial, procuraram os alquimistas e ofereceram-lhes o seu apoio, conscientes de que uma força religiosa tinha tudo a ganhar com o conhecimento de uma disciplina que não era um simples aglomerado de técnicas, mas também um meio de ascensão espiritual. Os ismaelitas do século x tornaram-se assim excelentes alquimistas e compilaram os conhecimentos que haviam coordenado e redigiram numerosos tratados, dando não só receitas espagíricas práticas mas também métodos de elevação mental.

Esta monumental soma de saber reunida pelos ismaelitas foi analisada e estudada por um grande sábio versado em todas as ciências úteis, Djafar al-Sadiq, que, finalmente, legou os conhecimentos de toda a seita ismaelita a Djabir ben Hayyân, jovem aluno prometedor e dotado de uma inteligência superior, que utilizaria a sua herança de maneira brilhante e iria conquistar uma fama fabulosa no mundo ocidental com o nome de Geber.

[1] Aldo Mieli, *La Science Arabe et Son Rôle dans l'Évolution Scientifique Mondiale*, reimpressão anastática, E. J. Brill, Leiden, 1966.

GEBER

Geber, uma vez na posse dos segredos acumulados pelos ismaelitas, começou a redigir numerosos trabalhos de alquimia e classificou a sua «herança». Agrupou os trabalhos de que dispunha e publicou-os com os nomes que evocavam este trabalho de ordenação: *O Livro dos Setenta, O Livro dos Mil e Duzentos, O Livro dos Quinhentos,* etc.

Nestes trabalhos, os números indicam a quantidade de opúsculos agrupados. No entanto, muitas vezes estes livros eram muito pouco acessíveis ao leitor não iniciado e apresentavam-se sob o aspecto de verdadeiros enigmas.

Se acreditarmos em Al Nadim, no seu *Kitâb-al-Fihrist,* Geber habitava na Rua Bâb el Cham, no Bairro do Ouro, em Koufa. Acrescenta que, quando demoliram a casa de Geber, se encontrou numa das paredes um «almofariz de ouro que pesava cerca de duzentos *rotls*» e nos escombros «um laboratório para dissolução e combinação».

Quando se trata de fornecer algumas técnicas práticas ou pequenos ensinamentos, Geber fá-lo da melhor vontade. Assim, explica aos curtidores como podem preparar mais rapidamente os álcalis e os ácidos que lhes são úteis no seu ofício; fabrica uma bebida excitante a partir de certas plantas que se aquecem num alambique. A bebida, chamada «álcool», conservou o nome até aos nossos dias.

Por outro lado, logo que Geber atinge a sua finalidade, isto é, o coração da sua arte, torna-se mais prudente e emprega diversos métodos de criptografia ou linguagem alegórica. Se não tivesse conhecido os métodos de transmissão dos segredos alquímicos, não teria escrito um só trabalho, pois, como ele próprio diz, «não o teria feito se não soubesse que nenhum habitante do mundo leria o que vou dizer, além desses nossos irmãos que são mencionados no *Livro dos Índices* e todos os que, como eles, têm um espírito puro, uma compreensão fina,

uma forte inteligência e bom senso e que em diversas disciplinas fizeram estudos profundos» [1].

Mais adiante, a propósito dos que não podem compreender a linguagem dos adeptos, escreve: «No entanto, juntar-se-á uma massa tão numerosa como grãos de areia, ou ainda mais numerosa, e, mesmo quando prestarem uns aos outros apoio mútuo, certamente ainda não poderão compreender o que eu quis dizer nem mesmo entender a mínima parcela das numerosas coisas de que falei. Por isso não temo instruir os meus irmãos, como nos instruíram os que nos precederam.»

Geber continuou durante muito tempo a sua obra de pacífico escritor de alquimia. Conhece-se particularmente bem o seu *Livro da Concentração* ou o *Livro do Mercúrio Oriental, Ocidental e do Fogo da Pedra.*

De facto, o número de trabalhos atribuídos a Geber é tão fantástico que é praticamente impossível que ele tivesse sido o único autor. Possivelmente, quando Geber se tornou «grão-mestre da arte» e ninguém contestou este título, vários alquimistas acharam cómodo escrever sob este pseudónimo, e assim redigiram grande número de livros apócrifos. Mesmo muitas das obras de Geber publicadas na Europa, em latim, nunca existiram em língua árabe e são incontestavelmente falsas. Tal como para todos os grandes iniciados, estas abundantes imitações e compilações, alteradas pelas traduções, tornam o estudo dos textos extremamente difícil e mais complicado ainda talvez o estudo dos segredos que encerram.

AL-RÂZI

Abu Bakr Muhammad ben Zakariya Al-Râzi, ou, se preferem, Rhazès, nasceu nos fins do século IX na cidade de Ravy, próximo de Teerão. Foi um homem excepcional, sob todos os pontos de vista, e de saber enciclopédico: a sua reputação

[1] Marcelin Berthelot, *La Chimie au Moyen Age,* ob. cit.

de médico e de químico manteve-se brilhante durante muitos séculos, como se pode verificar pelas numerosas edições dos seus trabalhos.

É assim que, por exemplo, o seu *Kitab al Gadari waal-hasba* foi traduzido em alemão e publicado, em 1911, em Leipzig, onde ainda fazia figura de autoridade no respeitante a epidemiologia, especialmente no que se refere à varíola. Como médico, conheceu dentro em pouco a celebridade e dirigiu, entre outros, os hospitais de Ravy e de Bagdade. Mas no que nos diz respeito, Al-Râzi aparece-nos como um grande alquimista.

Al-Râzi, no entanto, não é um alquimista como os outros; com efeito, para ele, a técnica química vai além da ciência alegórica e mística e, deste modo, parece-nos mais próximo do químico moderno, sendo os seus trabalhos mais fáceis de compreender. Assim, no seu *Segredo dos Segredos*, faz-nos a descrição precisa dos reagentes que utiliza, como também dos aparelhos que considera essenciais para a prática da Arte.

Como todos os alquimistas do planeta, estava convencido da existência de substâncias (a que chama «fermentos») que eram susceptíveis de agir em pequenas quantidades para transformar grandes massas noutras substâncias. Dito de outro modo, Al-Râzi sabia, como todos os alquimistas, que existia aquilo a que chamamos hoje catalisadores. Deste modo, Al-Râzi desvenda-nos a utilização do seu «alambique» e do reactor «al cali», termos que passaram para as línguas europeias.

Al-Râzi, que ao longo de uma obra monumental, que compreende várias centenas de volumes, se mostra reservado e céptico sob o ponto de vista científico, atesta, no entanto, a possibilidade para um alquimista de descobrir a pedra filosofal e de transformar em ouro os metais inferiores.

Um dia em que estava de visita a um seu amigo médico, em Hamadan, este, que era um apaixonado da arte de Hermes, garantiu-lhe e provou-lhe, *de visu*, que era capaz de transformar estanho vulgar em prata, por meio de um *iksir* de sua

composição. Al-Râzi, para agradecer ao amigo a sua confiança e o encorajar a continuar, agarrou em prata e no famoso *iksir*, misturou-os numa proporção bem definida e aqueceu-os de maneira sábia e estudada. Com surpresa do seu amigo médico, conseguiu ouro de uma pureza excepcional.

Para Al-Râzi e a sua escola, a alquimia é uma ciência superior, que faz a síntese dos nossos conhecimentos, e mais ainda «uma astronomia inferior». Por aí, Al-Râzi continua a tradição milenária dos alquimistas que quer que os astros tenham uma influência profunda no destino do nosso próprio mundo. Talvez não seja senão a lembrança da origem da alquimia.

Assim, Al-Râzi chama estrelas a corpos como o ouro, a prata, o chumbo, o estanho, etc., e planetas ao enxofre, o arsénico, o mercúrio, o magnésio, o amoníaco, etc. No entanto, se estas denominações são simbólicas e insistem em perpetuar uma tradição, têm um sentido químico verdadeiro que não é difícil de adivinhar. Por estrelas Al-Râzi designa corpos fixos, quer dizer, elementos ou compostos químicos puros e não voláteis; ao contrário, por planetas entende designar «corpos errantes», isto é, corpos voláteis.

Próximo do fim da vida, Al-Râzi foi atingido pela catarata. Porém, muito embora conhecesse o meio de se curar, preferiu recusar ser operado, e morreu cego, feliz por ter podido durante alguns anos estar livre do constrangimento de ver um mundo onde ele não encontrava qualquer resquício de inteligência.

AS PIRÂMIDES ERAM LABORATÓRIOS

Quando os Árabes, chefiados por Amr, se apoderaram de Alexandria em 639, o Egipto começava um novo período da sua história, mas os Egípcios continuaram sempre pouco mais ou menos a mesma vida, e a *élite* intelectual não só não

desapareceu perante o invasor como, pelo contrário, o absorveu e o iniciou na sua cultura original.

Os sacerdotes dos antigos cultos não foram perseguidos e a passagem para a era muçulmana fez-se sem sobressaltos. Certos lares cristãos mantiveram-se bem vivos e participaram da vida intelectual do país. Apesar de tudo, certas seitas conservaram-se hostis perante o novo poder e aqueles que ainda consideravam bárbaros. Estas seitas refugiaram-se nos templos e nos locais mais secretos e mais difíceis de conhecer: as pirâmides.

Aí, destruíram em grande parte os papiros que continham a ciência dos seus antepassados, aquela que aplicavam diariamente e que, desde há séculos, não compreendiam. Todas as fórmulas que veneravam, sem lhes apanhar o sentido, foram assim deliberadamente sacrificadas e, unicamente, alguns grandes iniciados se esforçaram por lhes fixar o conteúdo e transmiti-lo aos seus sucessores. Os laboratórios secretos foram também destruídos e as drogas e outras substâncias foram deitadas «aos ventos e ao Nilo».

O facto de as pirâmides terem sido laboratórios alquimistas parece, actualmente, fora de dúvida. Um testemunho árabe diz no *Kitab-al-Fihrist*: «Os Egípcios possuíam grande número de sábios e de autores sobre alquimia e foi neste país que esta ciência nasceu. Os monumentos chamados *berâbi* (pirâmides) eram simplesmente laboratórios de alquimia (...).»

Aliás, os Árabes depressa compreenderam que as pirâmides eram refúgio de seitas secretas que se opunham a eles, mas quando decidiram acabar com os seus últimos adversários estes não existiam ou então não foram encontrados. Mesmo os labirintos e as oficinas das pirâmides estavam vazias ou quase. Só alguns santuários se mantinham intactos, mas estavam protegidos por uma arquitectura tão subtil que disfarçava salas imensas a quem os visitasse sem a «chave do iniciado».

Com o decorrer dos anos, os árabes invasores tornaram-se os depositários da cultura egípcia e foram eles que tiveram

o glorioso papel de manter e proteger a ciência do mundo, para, em tempo útil, transmitir este conhecimento à Europa Ocidental, que seria incapaz de o assimilar durante toda a Idade Média.

VÉNUS E O COBRE

Do mesmo modo como no Egipto, na Síria os alquimistas muçulmanos mantinham a mesma tradição que se encontra em todas as alquimias do mundo. O ouro simbolizava o metal perfeito sob todas as suas formas, e o cobre, metal único por excelência, era representado pelo planeta Vénus.

Nos séculos IX e X o cobre era ainda o metal mais usado, e, praticamente, todos os instrumentos e utensílios de uso doméstico eram feitos deste metal fácil de trabalhar. Em todas as cidades havia um *souk* de caldeireiros.

Consequentemente, estes objectos de uso corrente tornaram-se mais luxuosos e transformaram-se por vezes em objectos de arte, com a forma de perfumadores, caixas, cofres, bacias e travessas de dimensões imponentes. A partir do século XI, estes objectos tornaram-se ainda mais elegantes e delicados, com prata ou ouro incrustado segundo uma técnica de tauxiado copiada da Ásia Central [1].

Contudo, o cobre mantinha-se o metal do planeta ardente, e, em todos os tratados técnicos ou alquímicos, cobre e Vénus estavam associados. Juntava-se por vezes ao cobre-Vénus os qualificativos de «industrioso», «etéreo», «ardente»; chamava-lhe também «nobre» ou «a imagem do Sol» ou mesmo, o que é mais significativo, «o que dura pouco tempo».

Devemos, ainda desta vez, ver apenas coincidência nesta relação entre o cobre, metal de base das primeiras civilizações, e a Vénus dos alquimistas? Ou devemos ver nisso, pelo contrário, um significado profundo quanto à origem do nosso desenvolvimento?

[1] D. e J. Sourdel, *La Civilisation de l'Islam Classique*, Arthaud, 1968.

ALGUMAS «INVENÇÕES ALQUÍMICAS»

Se os tratados de alquimia eram muitas vezes de difícil acesso ao comum dos mortais, existiam, por outro lado, numerosas técnicas de laboratório fáceis de compreender e que iam encontrar um grande número de aplicações nas quitandas dos artesãos.

Assim, o alambique e o processo de destilação iriam fazer do Oriente muçulmano o paraíso dos perfumes e estes seriam famosos em todo o mundo medieval. Em geral, os «perfumistas» extraíam os seus perfumes das flores, mas, por vezes, também conseguiam as suas essências com a adição de diversos sais ou a destilação de outras plantas aromáticas. Certas cidades especializaram-se na produção de um perfume particular; Samarcanda tinha a fama de fabricar o melhor perfume de basílico; as cidades da região de Shirâz e de Arwâz forneciam as melhores essências de rosas e de laranjas, a Albânia islâmica mantinha-se imortal com o seu famoso «perfume de nenúfar».

Da parte dos ceramistas, as tradições seculares possuíam já técnicas interessantes, mas com a vulgarização dos processos alquímicos, deram um novo passo em frente e tornaram-se uma verdadeira arte.

Deste modo se descobriu o interesse do gelo transparente alcalino, plumboso ou alcalino-plumboso. Com frequência este gelo era melhorado e transformado em esmalte estanhado, que coloriam com diversos óxidos metálicos. Oficinas de artistas ceramistas surgem um pouco por toda a parte do mundo muçulmano, e cidades como Samana, Ctesifonte, Suse ou Ravi tornaram-se célebres pela sua faiança monocrómica ou transparente Nishapur conquistou a sua fama graças a um oleiro entusiasta de alquimia que foi o primeiro a fazer cerâmica colorida em manganésio violeta sobre fundo creme ou então em azul-cobalto sobre fundo branco.

No Egipto, os alquimistas tinham tornado popular o uso

do sabão. Para o conseguir, preparavam primeiro uma «lixívia», isto é, uma solução de potássio por meio das cinzas de madeira e cal. Esta lixívia juntava-se a várias espécies de óleos, para dar variedade aos sabões.

Os tratados alquimistas da Síria, escritos na língua original siríaca e depois traduzidos em árabe, após a conquista, encerram igualmente certos segredos que só muito mais tarde foram redescobertos. Por exemplo, num destes tratados sírios havia a fórmula de petardos e de pós de guerra: «Dez dracmas de salitre, dois de carvão e dois de enxofre, esmigalhados de modo a reduzir-se a pó.» [1]

Os adeptos da arte de Hermes da Síria também tinham descoberto o processo a utilizar para que o ferro não enferrujasse, e a sua antiferrugem, à base de alúmen, ainda hoje é utilizada, sob uma forma modificada, na indústria moderna.

Da mesma maneira, certos alquimistas árabes gabaram-se mais de uma vez de fabricar esmeraldas e pedras preciosas unicamente a partir do carvão. Ora, actualmente, métodos extremamente delicados e necessitando de aparelhos muito complexos permitem converter a grafite em diamante artificial. O princípio desta operação é produzir pressões de várias dezenas de milhares de atmosferas para transformar o sistema cristalográfico do carbono grafite em carbono diamante. Ora, para realizar tais pressões, é preciso dispor de ligas muito especiais, tal como o *carboloy*, e seguidamente saber trabalhá-lo para fazer dele prensas hidráulicas eficazes.

Como chegaram os alquimistas árabes aos mesmos resultados que os técnicos do século XX? Qual era o seu famoso segredo, o seu catalisador, que permitia mudar o carbono grafite em diamante sem recurso a altas pressões? Actualmente, os engenheiros e técnicos procuram encontrar este segredo pela ciência contemporânea. Já certos catalisadores, tais como o tântalo ou o cobalto, permitiram baixar as pressões a empregar, mas estamos ainda longe dos êxitos fáceis dos alquimistas.

[1] Tradução de M. Berthelot, ob. cit.

AVICENA E O POLÍGRAFO

O famoso Avicena, bem conhecido no Ocidente pelos médicos e pelos alquimistas da Idade Média, chamava-se na realidade Abu Ali al-Husayn ben Abd Allah Ibn Sina e nascera em 980, em Buhara, na Pérsia.

Se bem que a sua língua materna fosse o persa, Avicena escreveu sobretudo em árabe, em particular foi nesta língua que redigiu o seu famoso *Qânûn*, ou «Cânon», obra monumental que trata de todas as disciplinas médicas e farmacológicas com uma rara mestria.

Avicena não era só um erudito que se ocupava de ciências tão diversas como a mineralogia, a química, a óptica, a medicina, a música ou a filosofia: foi também um sábio genial, descobrindo (ou reencontrando) vários fenómenos que acompanhavam as doenças mentais.

A título de exemplo do seu trabalho sobre a psicologia em geral, pode citar-se o método particular de análise e de diagnóstico que usava com os seus doentes. Avicena considerava que todas as doenças, todos os sentimentos ou todas as sensações eram acompanhados de manifestações emotivas e fisiológicas. Assim, tomando o pulso do seu doente, travava com ele uma conversa de aparência banal, que era na realidade um teste psicológico. Segundo as reacções do pulso do doente, as acelerações, as diminuições de velocidade, as variações irregulares do ritmo das pulsações, Avicena estabelecia um diagnóstico praticamente infalível, que lhe dava a base necessária para prescrever o tratamento.

O seu método revelava-se tão seguro e preciso que era capaz, pondo o dedo no pulso ou sobre outra qualquer parte do corpo humano, de saber se o doente que interrogava era sincero ou se mentia ao responder às perguntas que lhe formulava.

Ora, os médicos e os psicólogos dos Estados Unidos criaram há anos um aparelho que, pudicamente, se chama polí-

grafo e que não passa de detector de mentiras. Em que consiste este instrumento? Numa aplicação moderna do método de Avicena...

O ser humano, inconscientemente, de maneira ínfima mas avaliável, modifica a sua pressão arterial, o ritmo cardíaco e diversos outros factores fisiológicos quando mente ou quando não é sincero consigo próprio.

Os investigadores americanos criaram um sistema de aparelhagem que regista o ritmo cardíaco, o ritmo respiratório e a pressão arterial do indivíduo que se interroga.

Todas as informações fisiológicas são inscritas numa fita de papel com auxílio de vários registadores gráficos, donde o nome de «polígrafo». O registo processa-se sob uma forma semelhante à do electrocardiograma e, seguindo o aspecto, as depressões, os agudos que mostra o gráfico, o operador vê se o indivíduo mente. A aparelhagem foi verificada sob muitos aspectos, em especial fazendo-se uma pergunta à qual o doente deve mentir e responder sistematicamente «não» em vez de «sim». De cada vez, e com todos os doentes, a mentira foi detectada. Mesmo os comediantes não conseguiram iludir o aparelho e mentir sem que o operador que o controlava o não soubesse.

O polígrafo, ou detector de mentiras, parece tão eficaz que já certos serviços secretos americanos e determinadas empresas o adoptaram, aplicando-o nos testes chamados «de lealdade» aos seus empregados [1].

Avicena, quando redigiu o seu *Tratado sobre o Pulso*, não tinha a menor dúvida de que abria uma via que permitia aos homens do século XX violar uma liberdade fundamental: o segredo da vida privada e do subconsciente psíquico.

---

[1] Rádio Canadá, «Átomo e Galáxia», 30 de Janeiro de 1970.

CAPÍTULO XII

A ALQUIMIA NO CELESTE IMPÉRIO

OS SANTOS IMPERADORES

VIMOS que, segundo toda a verosimilhança, a Terra recebeu, há cinco milénios, a visita de seres estranhos ao nosso mundo. Ora, na China, nessa época, apareceu uma série de monarcas enigmáticos que a História designou com o nome de «grandes imperadores santos». Estes imperadores foram considerados semideuses e a literatura chinesa conservou por muito tempo a lembrança destas figuras fabulosas. A lenda descreve-os como soberanos extraordinários, que conheciam mil e um segredos e foram os primeiros a iniciar os Chineses nas artes e em especial nas ciências.

O primeiro entre eles, Fu-hi, teria presidido aos destinos do povo da China entre 2953 e 2839 antes da nossa era, e o último, Yu, subiu ao Poder em 2205 e desapareceu em 2198.

Se se admitir que Vénus sofreu um cataclismo sem precedentes mais ou menos neste período, é grande a tentação de fazer destes imperadores santos da China os extraterrestres, vindos primeiro em reconhecimento ou como conquistadores e depois, finalmente, como refugiados. Mais ainda: não é sintomático ver que a partir dessa época a China se chamou o Celeste Império?

Enfim, deve acreditar-se, uma vez mais, numa coincidência quando se verifica que os primórdios da alquimia, tal como

os dos técnicos metalúrgicos, datam de há quatro ou cinco mil anos, isto é, aquando da aparição dos grandes imperadores santos.

Desde o seu início a alquimia chinesa manteve-se uma ciência, ou antes, um conglomerado de técnicas, sem que qualquer consideração mística viesse obscurecê-la ou desviá-la da sua finalidade. Depois, a pouco e pouco, a própria origem da alquimia do Celeste Império perdeu-se e os filósofos acrescentaram as suas especulações metafísicas aos problemas práticos que a alquimia resolvia.

Os trabalhos a que se consagravam os alquimistas chineses tinham duas principais finalidades: por um lado, transmutar os metais ordinários em ouro; por outro lado — e era o objecto essencial das suas pesquisas —, realizar a síntese do «divino cinábrio», isto é, o elixir da longa vida.

Sob a influência religiosa, a pesquisa do divino cinábrio tornou-se, pouco a pouco, o único verdadeiro fim a atingir, pois correspondia a uma ascensão do homem para Deus. Este desvio religioso sofrido pela alquimia científica deve-se ao tauismo.

O TAUISMO E O «PRINCÍPIO PRIMEIRO»

A escola tauista chinesa vai buscar os seus fundamentos a um trabalho atribuído a Lao-tseu, trabalho que, de facto, agrupa textos de épocas diferentes, os mais antigos dos quais remontam a mais de três mil anos. A própria escola data de 46 a. C. Conheceu o seu apogeu no decorrer do século IV da era cristã, período que regista o aparecimento dos maiores alquimistas da China.

Desde então, a sua influência não cessou de inspirar os pensadores, os poetas e os artistas. Esta influência dá-se também nas investigações técnicas, que estimulou em todos os domínios. Veremos mais adiante a inspiração que a envolve e que é responsável pelo progresso dos «naturalistas» na China.

Da doutrina desta escola tauista sobressai um conceito, o «princípio primeiro», cujas pretensões não são das mais pequenas: reina sobre o universo, preside ao futuro cósmico, regula a vida, e, pela sua própria universalidade, está na origem de tudo. A criança que nasce e o velho que morre devem passar por ele. É Deus, como os Ocidentais o imaginam. Os Chineses designam-no pelo nome de Tau.

A riqueza da língua chinesa dá a esta palavra sentidos diferentes, que se devem enumerar resumidamente. Tau é o caminho, a estrada, e é também a ordem, o destino. Portanto, é o canal que conduz à única finalidade existente. É a via «que o Rei percorre quando efectua na casa do calendário o seu périplo ritual» [1].

Reconhecer-se-á na última frase o curso anual do Sol. A «casa do calendário» é o símbolo do espaço que nos rodeia e, mais ainda, nesta visão alegórica do universo segundo Tau, a Terra é quadrada e quatro pilares sustêm a abóbada celeste nos quatro cantos do planeta. Todos os anos, o Sol inaugura uma nova casa. Assim segue o mundo um processo que não deixa de surpreender.

Uma comparação também inusitada ergue o Tau no centro do universo como um eixo que barra o centro do cosmo. Tal como um totem índio, os seres vêm até ele numa ronda efémera.

Ao mesmo tempo, o Princípe é único, da mesma forma que o Deus dos Israelitas ou que a Matéria dos alquimistas do Ocidente. Contudo, a unidade não pode fazer-se sem uma dualidade fundamental, pois o mundo é tese e antítese. O mundo não passa de uma justaposição activa de dois caracteres opostos no espaço e alternativos no tempo. É uma espécie de corrente neutralizada à velocidade da luz, mas que, no instante seguinte, se distingue e recomeça. Os contrastes esfumam-se mas mantêm-se contrastantes. O Verão e o Inverno,

[1] Nicole Vandier-Nicolas, *Le Taoïsme*.

o calor e o frio são entidades iguais de um mesmo princípio essencial que eles compõem, se bem que o dissociem.

E aí liberta-se uma noção que se acreditaria basear-se na alquimia, porque esta é a dualidade Enxofre-Mercúrio, Activo-Passivo, é o conceito de Yin e de Yang, cujo emprego se encontra nos textos mais antigos.

O YIN E O YANG

Segundo a expressão de Nicole Vandier-Nicolas, são «dois princípios contrários e correlativos, cujo vaivém tece o futuro».

Uma tal dualidade impregna a filosofia chinesa. São constantemente estabelecidos paralelos, como se a oposição de dois ímans pudessem justificar todas as antipatias do mundo. No entanto, se bem que os nossos espíritos europeus do século xx só dificilmente possam abarcar esta concepção do universo, esta última constitui talvez o máximo do saber. Porque o importante não é sempre a forma na qual se expressa uma filosofia, mas antes a ascensão espiritual e intelectual que permite ao homem abrir-lhe as portas da sabedoria e, deste modo, do desconhecido.

Aos olhos dos tauistas, o Yin e o Yang não fazem parte integrante da sua doutrina e são simplesmente os restos do simbolismo utilizado pelos primeiros alquimistas chineses. Como consequência, são sobretudo tauistas entusiastas da alquimia que utilizaram estes termos.

«O Tau produziu o Um, o Um produziu o Dois, o Dois produziu o Três, o Três produziu os seres e todas as coisas. Todos os seres e todas as coisas saem do Yin e vão ao Yang.» Assim se expressa o *Livro das Mutações*, obra muito antiga e autoridade nesta matéria. Este trabalho é, de resto, muito curioso, porque aí se encontram inúmeras ideias e princípios que eram familiares aos alquimistas do mundo ocidental, e isto muito antes de Marco Polo e dos primeiros contactos notá-

A ALQUIMIA SUPERCIÊNCIA EXTRATERRESTRE?

veis entre os Chineses e os povos do Mediterrâneo. Em especial, as teorias dipolares, Yin e Yang, por um lado, e activo e passivo, por outro, parece estarem tão próximas que se julgariam de uma mesma origem. Para os alquimistas, a reactividade dos produtos que misturavam dependia da posição desses produtos em referência a essa polaridade. É interessante observar que ainda hoje o químico fala de corpos electropositivos e de corpos electronegativos, do núcleo carregado «mais» e de electrões carregados «menos», que gravitam em torno, ou ainda de forças de «repulsão» e de forças de «atracção», de que não sabe bem a origem e a que chama forças de Van der Waals, nome erudito que oculta a sua ignorância. Poderia muito bem ter-lhe chamado forças Yin e Yang.

É também característico notar que o sábio chinês se comporta da mesma maneira que o alquimista com quem começamos a familiarizar-nos. Vive no seu retiro, teme a multidão, foge da promiscuidade e das honras e procura integrar-se no meio, tal como o camaleão. Ao contrário, pode usar e abusar do álcool, seguindo, no entanto, um regime alimentar. O álcool conduz à embriaguez, que é um sucedâneo do êxtase — e, enfim, não se diz que o álcool conserva os velhos? O sábio da China é categoricamente anti-herbívoro, com receio de retrogradar ao estado animal sob a forma de um ruminante. Ao contrário, deve servir-se abundantemente de concreções de *yin* e de *yang*, e para isso procura ligar à ciência as comidas quentes *(yang)* e os pratos frios *(yin)*. O *yin* e o *yang* encontram-se igualmente na natureza sob formas variadas. A prata, o jade, as pérolas das conchas e as pérolas do orvalho são manifestações do princípio feminino, *yin*, e estão sob a influência da Lua. O *yang* é mais difícil de encontrar. Encontra-se no ouro, no cinábrio e em tudo que tem ligação com o fogo do Sol. O ouro potável é também portador de *yang* quando aquecido nove vezes durante nove dias.

A RESPIRAÇÃO EMBRIONÁRIA

Para os Chineses, a alquimia estava ligada a uma crença na existência de ilhas em mares longínquos do Oriente. Nessas ilhas viviam personagens fabulosas, que possuíam, além da arte das transmutações, o segredo das drogas que dão acesso à imortalidade. Estas ilhas fantásticas chamavam-se: Phêng--Lai, Fang-Chang e Yin-Chu. O mar que as banhava era o mar de Po. Não estavam muito afastadas das habitações humanas, mas a dificuldade surgia no momento em que se estava próximo de as atingir: então as embarcações eram levadas para longe pelo vento, e ninguém mais as podia alcançar. Muitos imortais viviam nestas ilhas colhendo a «planta da vida». Os seres vivos, animais terrestres e aves compreendidos, eram inteiramente brancos e os sumptuosos palácios eram construídos de ouro e prata.

A impossibilidade prática de atingir estes locais interditos incitou os discípulos de Confúcio a tentar um outro meio de acesso à imortalidade. Depois da expedição de Chin Shih Huang Ti, no ano de 219 antes da nossa era, acabar num desastre que lembra o dos cartagineses em busca das ilhas Afortunadas, Lao-tseu recomendou aos seus adeptos o exercício da respiração «embrionária», operação que consiste em respirar em circuito fechado à «maneira do embrião na matriz».

Por seu lado, Tchuang-tseu insistiu na necessidade de cada ser não gastar energias gratuitamente. Com o ciclo de repouso e de actividade, o sábio devia adaptar-se a uma vida pulsativa sem contrariar nem acelerar o ritmo. Assim, conseguia integrar-se na natureza e alcançar a eternidade.

«Inspirar, expirar, deitar fora a velha respiração e introduzir a nova, fazer de urso, fazer de pássaro que estende o pescoço, tudo isto tende a obter a vida eterna.»

É verdade que hoje tais manobras pareceriam suspeitas, mas também é verdade que a respiração é um movimento

fisiológico primordial no manter e prolongar da vida. Um asfixiado, um afogado pode voltar à vida por meio de respiração artificial, que repõe toda a máquina em movimento.

Em certos casos, chegou-se a manter com vida doentes gravemente atingidos, graça a pulmões artificiais, e isto durante meses.

Talvez todos os sábios chineses tivessem razão, em certa medida, e que quem quer que conseguisse compreender a técnica da respiração embrionária atingisse uma longevidade extraordinária aprendendo a respirar convenientemente durante toda a sua vida.

Estes exercícios de respiração embrionária eram uma forma de ioga e constituíam, no fim de contas, uma alquimia interna cujo fruto era a formação do «embrião misterioso». Só pela concentração o sábio devia ter uma vista que incidia no seu «cinábrio interior».

No termo da sua introspecção, o asceta conseguia realizar a sua própria transmutação e podia então seguir ele próprio dois pontos luminosos, contemplando a ascensão destes astros interiores à maneira de um astrónomo que põe a lente na retina ou no ponto do crânio oposto aos olhos: o *ni-houan*. Quando os dois astros atingiam este local, fundiam-se num só ponto, que brilhava com tal intensidade que o sábio ficava num êxtase místico.

Falámos da palavra «cinábrio». O seu nome chinês é *tan* e é uma palavra mágica em alquimia. O seu significado fundamental é cinábrio, ou sulfito de mercúrio, substância que é sempre a matéria-prima de todas as transmutações. Quando esta é espiritual, o *tan* torna-se o cinábrio interior. Quando se trata do acesso à imortalidade nas ilhas, é uma planta que fornece a droga da longa vida. Este cinábrio interior foi, aliás, assunto de grande controvérsia entre os alquimistas e o seu mais destacado defensor, Tchang Po Tuan. Segundo a sua concepção, «o elixir que o adepto destila em si provoca a fusão

de todas as coisas em Um. Então, forma-se nele a imortal criancinha, resplandecente como a flor de ouro ao sol do espírito»[1].

A GÉNESE DOS METAIS

Num trabalho de Huai Nan Tseu, *Príncipe do Sul do Rio Huai,* encontra-se uma teoria singular sobre a génese dos metais. Para este alquimista, existe um determinado «sopro», chamado *ki'*, que é responsável pela formação de todos os metais. Quando o *ki'* vem directamente do centro da Terra, engendra, ao fim de quinhentos anos, o *kive* (substância não identificada); este, no fim de um novo período de quinhentos anos, engendra o «metal amarelo» (o ouro), que, por sua vez, engendra o «dragão amarelo», após dois mil anos. Se o *ki'* vem do sul, os produtos são vermelhos (cobre, cinábrio) e a mutação dura setecentos anos. Se o *ki'* vem do oeste, os produtos são brancos e a mutação dura novecentos anos, dando principalmente a prata. Se o *ki'* vem do leste, os produtos são azul-esverdeados e a mutação dura oitocentos anos. Se, finalmente, o *ki'* vem do norte, os produtos são negros (ferro) e a mutação necessita de seiscentos anos.

Embora tal teoria nos pareça hoje ridícula, numerosas gerações de sábios chineses acreditaram nela com toda a boa-fé. É assim que o autor do *Guia da Criação (Tsao Hua Chih Nan),* trabalho que foi popular, expõe com minúcia as razões pelas quais os metais se formam de preferência no seio das montanhas elevadas. Existe um livro *ming* com o título *Diagrama da Incubação Natural do Mercúrio*, isto é, a formação deste mineral no solo. Houve um alquimista que adoptou o nome de Sheng Hsuan Tseu (o Mestre do mercúrio que sobe...).

Outro assunto de admiração: esta teoria da génese dos

[1] C. G. Jung, *The Secret of the Golden Flower.*

metais tem pequena diferença da dos alquimistas europeus da Idade Média e do início do Renascimento e, em particular, está muito próxima da de Paracelso.

Enfim, esta teoria, absurda e ridícula quando se trata da Terra, tornou-se a teoria oficial dos astrofísicos no que diz respeito às estrelas. Com efeito, sabe-se que uma estrela brilha e irradia calor graças às reacções nucleares que se produzem no seu seio. Uma estrela relativamente nova e pouco maciça, como o Sol, contém uma grande quantidade de hidrogénio, e é queimando esse hidrogénio que o Sol mantém o seu brilho. A combustão do hidrogénio dá uma cinza: o hélio, gás mais pesado que o hidrogénio que lhe deu origem.

À medida que uma estrela envelhece, a cinza do hélio acumula-se e, sob o efeito da força gravitacional, a pressão e a temperatura internas da estrela aumentam. Finalmente, a temperatura é tal que o próprio hélio começa a arder e engendra no decorrer desta fusão oxigénio, carbono e néon. Estas novas cinzas são mais pesadas que o hélio, e, por sua vez, acumulam-se no centro da estrela. No fim de algumas dezenas de milhões de anos, a pressão e a temperatura serão de tal maneira elevadas que se produzirá uma nova fusão, e desta vez formar-se-ão átomos de magnésio, de alumínio, de silício, de enxofre e de fósforo. Por sua vez, estes elementos serão transformados em crómio, manganésio, ferro, cobre, cobalto, níquel, zinco e titânio e, finalmente, em diversos metais ainda mais pesados, como o ouro. Quando todas as cinzas tenham sido utilizadas e se não possa produzir qualquer reacção nuclear, a estrela morre, arrefecendo progressivamente, até ser uma terra fria e invisível perdida no cosmo.

Deve notar-se, por fim, que numa estrela velha todas as transformações anteriormente mencionadas se dão simultaneamente. No entanto, em cada ponto do astro, segundo a direcção da força gravitacional e da pressão, uma ou outra das reacções nucleares será preponderante.

Verifica-se, portanto, que, se a teoria alquimista da génese dos metais não tem valor para os metais terrestres, é, no

entanto, muito aceitável no que diz respeito aos fenómenos estelares. Eis-nos, uma vez mais, perante um facto que corrobora a nossa tese. A alquimia não é uma ciência que pertença à nossa civilização, mas certamente a uma civilização desaparecida, terrestre ou extraterrestre. Os homens só recolheram uns restos e praticaram erros procurando uma assimilação. Provavelmente é a razão por que a teoria da evolução das estrelas a pouco e pouco se transformou na teoria da génese dos metais.

OS CINCO ELEMENTOS

Para além do *yin* e do *yang*, os alquimistas chineses consideravam cinco elementos: Metal, Madeira, Água, Fogo e Terra. Como para a alquimia ocidental, estes cinco nomes não passam de símbolos.

Estes elementos triunfam uns dos outros: o Metal triunfa da Madeira, a Madeira da Água, a Água do Fogo, o Fogo da Terra e a Terra do Metal, para fechar o ciclo. Segundo os sábios chineses, o universo explicava-se totalmente a partir da união de um ou de vários dos cinco elementos com o *yin* ou com o *yang*. É assim que o elemento Madeira, combinado com uma grande proporção de *yang*, formaria o abeto e que, ao contrário, combinado com o *yin*, daria o bambu. O *yang* transformava o elemento Terra em montanha e o *yin* convertia-o em planície. Da mesma forma, o elemento Água captava o *yang* para dar as vagas e o *yin* para formar ribeiros.

Enfim, aos quatro elementos comuns dedicavam-se os quatro planetas naturais. A saber: Júpiter para a Madeira, Marte para o Fogo, Saturno para o elemento Terra e Mercúrio para a Água. O quinto planeta, que estava à parte, era Vénus e era ele que governava o elemento do progresso humano: o elemento Metal.

Como é possível que em todos os cantos do mundo se tenham desenvolvido teorias tão semelhantes na sua essência?

Uns dirão que o homem se mantém o homem e que as suas reacções perante determinada situação são frequentemente as mesmas para diversos indivíduos. Mas também pode ser que a origem das civilizações não seja a que hoje se concebe.

Tais coincidências, tais similitudes de pensamento não podem deixar-nos indiferentes. O mistério está ali, palpável, é nossa tarefa circunscrevê-lo. Apoiando-nos na alquimia, cedo estaremos perto da verdade. Além das ideias místicas, é preciso talvez ver um povo de deuses, vindo do céu, que nos trouxe os seus conhecimentos. Daí resultou Tau, Iavé, etc., que são a imagem da criatura extraterrestre por excelência, ou as divindades fabulosas, por exemplo Pan-Ku, esse gigante cósmico cujas lágrimas «são rios», a voz «o trovão» e a pupila dos olhos «o relâmpago». Não são estes os mesmos seres que engendraram a «terra dos gigantes» de que nos fala a Bíblia?

KO HONG E O PENSAMENTO CIENTÍFICO

Vamos referir-nos a um diálogo extraído de *Tao Tsang*, edição de Pao Phu Tzu, que ilustra os profundos pensamentos de Ko Hong, o maior alquimista que a história da China conheceu. A data aproximada desta conversa é o princípio do século IV da nossa era.

Alguém, interrogando Ko Hong, expressou-se nestes termos: «Nem mesmo Pan e Ti [personagens lendárias] podem compreender exactamente a utilidade das pedras. Nem sequer Ou Yeh [metalúrgico fabuloso] pode soldar uma fina lâmina de chumbo ou de estanho. Os verdadeiros deuses, os espíritos não podem tornar possível o que é realmente impossível; os próprios Céu e Terra não conseguem efectuar o que não pode ser feito. Como, então, é possível para nós, humanos, encontrar um método que dê a constante juventude aos que poderão fazer ouro? Como é possível fazer reviver os que estão mortos? E, no entanto, pretendeis, pelo poder da alquimia, prolongar a vida de uma cigarra durante um ano e fazer

sobreviver um efémero durante vários meses. Não estais errados?»

Ko Hong respondeu: «O surdo não ouve o trovão e a luz não é visível para o cego. Portanto, é justo dizer que o trovão é silencioso e que o Sol é pálido. Do mesmo modo, pode dizer-se que tudo cresce no Verão e, no entanto, a bolsa do pastor e o trigo desaparecem. Pode dizer-se que tudo seca no Inverno e, no entanto, o bambu e a árvore da vida desabrocham. Geralmente, admite-se que a vida é seguida pela morte, mas as tartarugas vivem quase eternamente. No Verão, sabe-se que o tempo deve estar quente, mas há certos dias em que temos frio. No Inverno, a temperatura mantém-se fria, mas há certos dias amenos. Uma centena de rios corre para leste, e um só, mais importante, dirige-se para norte. A Terra, por natureza, é tranquila, mas às vezes treme e modifica a sua superfície. A água é naturalmente fria, mas há fontes quentes no Wên Ku. O fogo, claro, por hábito é quente, mas existe uma chama fria nas montanhas Hsiao Chiu. Os objectos pesados devem mergulhar na água e, no entanto, nos mares do sul há pedras que flutuam [aqui, Ko Hong refere-se às ilhas de coral que flutuam]. As coisas leves flutuam, mas num curso de água do Tsang Kho uma pena vai ao fundo. Nenhuma generalização simples pode abarcar uma multidão de coisas, como o mostram estes exemplos. Deste modo, o que parece uma maravilha a um ser humano pode o não parecer a outro.»

Alguém perguntou ainda: «Admitamos que os *hsiens* [santos homens] são realmente diferentes dos homens vulgares, exactamente como o pinheiro comparado com outras árvores, é dotado de uma vida extremamente longa. Assim, deve considerar-se que a longevidade dos *hsiens*, ilustrada por Lao Tseu e Phêng Tseu, se limita a ser uma dádiva da natureza. Poderemos acreditar que quem estudar adquire uma longevidade como a deles?»

Ko Hong deu a resposta seguinte: «Naturalmente, o pinheiro pertence a uma espécie diferente das outras árvores. Mas Lao Tseu e Phêng Tseu são seres humanos semelhantes a nós próprios. Visto que vivem tanto tempo, nós também o poderemos.»

Insatisfeito, alguém protestou: «Se a medicina que empregamos é da mesma substância que o nosso próprio corpo, ela deve ser eficaz. Mas nunca me convencerá a eficácia de um remédio de origem diferente.»

Ko Hong retorquiu: «Se bebermos um extracto de cabelos ou de pele fervido, esse extracto não curará a calvície. Deste modo, um remédio da mesma natureza que o corpo pode ser ineficaz. Mas, por outro lado, um remédio diferente do nosso corpo pode ser efectivo.» [1]

O TRANSFORMISMO DE KO HONG

Deixemos ainda falar o Grande Mestre:

«O corpo do homem deve normalmente ser visto. No entanto, há pessoas que o tornam invisível; almas do outro mundo e espíritos são vulgarmente invisíveis, mas podem materializar-se. Isto já tem sido feito muitas vezes. «A água e o fogo, cujo lugar é no céu, podem ser obtidos pelo "espelho de fogo" e pelo "espelho de água". O chumbo, que é branco, pode tornar-se uma substância vermelha. Esta substância também pode voltar a ser branca e tornar a ser chumbo. Nuvens, chuva, geada e neve, que vêm todos do céu e da terra, podem ser reproduzidos exactamente e sem qualquer diferença por substâncias químicas.» (Ko Hong refere-se aqui ao vapor, chamas, sublimações, etc.)

«Os seres que voam e correm e os que nadam todos derivam de uma forma fixa. No entanto, muitos podem alterar o seu velho corpo e tornar-se totalmente diferentes [metamorfose dos insectos]. Destas alterações, há milhares e centenas de milhares que não chegam ao fim. O homem é o mais nobre

[1] Segundo Needham, *Science and Civilization in China*, vol. 2, sec. 16; University Press, 1954.

dos animais, mas homens e mulheres podem transformar-se em grous, pedras, tigres, macacos, areia e tartarugas. Do mesmo modo, verifica-se a transformação das altas montanhas em abismos, os picos em vales profundos. As mutações são inerentes à natureza do Céu e da Terra. Porquê então não conceber que o ouro e a prata podem ser obtidos por transmutação a partir de outra coisa? [...] O fogo do espelho e a água do espelho não são diferenciáveis dos seus homólogos vulgares. Os dragões originários das serpentes, como a gordura animal, não passam de dragões e de gordura vulgar [gordura vegetal]. A base de todas estas origens diferentes vem das influências efectivas que as coisas têm umas sobre as outras. A não ser que ninguém domine completamente os princípios naturais e as suas propriedades, não se podem conhecer as suas tendências intrínsecas. A menos que se não conheça o princípio e o fim, não se pode nunca ir às aparências do fenómeno.»

Por detrás desta fraseologia prolixa, Ko Hong faz alusão ao bem conhecido princípio das causas e dos efeitos. Mas não esqueçamos que estamos perto do ano 315 da era cristã. Ko Hong continua: «O espírito limitado e o povo ignorante tratam o profundo como se fosse superficial e relegam o maravilhoso para o reino da ficção. Para estes, tudo o que não é dito por Chu Kong ou Confúcio e que não vem mencionado nos clássicos é falso. Que estupidez!»

Eis a conclusão do maior alquimista chinês, cujo laboratório se encontrava na montanha Lo Fu Shan Chih. Estava também convencido de que o ouro alquímico abriria de par em par as portas da imortalidade.

Vejamos como ele encarava o tratamento do cinábrio. Primeiro seria necessário dar-lhe a actividade requerida. Para isso, era necessário calciná-lo, o que libertava o mercúrio. Depois, procedia-se à manipulação que tornava a dar ao cinábrio uma forma muito particular. Para se conseguir a quinta-essência do cinábrio, era necessário repetir esta operação nove vezes. Quem o absorvesse tornava-se imortal no prazo de três dias. Tais práticas levam com frequência a um resultado

inverso. Em menos de três dias o indivíduo passava *ad patres* por envenenamento e, muito embora se fizesse correr o rumor de uma falsa morte, os sequazes sentiam enfraquecer o desejo de experimentar a técnica.

É curioso notar que o homem, na sua busca da imortalidade, procura sempre o ouro alquímico. No entanto, a «respiração embrionária» devia ser o meio por excelência, visto que dispensava apoios exteriores. Tratava-se, tal como vimos, de uma espécie de alquimia interna que provocava a constituição do embrião da imortalidade. Segundo Huei-Seu (515--577), a circulação através do corpo da essência, forma sublimada da essência seminal, devia produzir uma transmutação análoga à que o alquimista obtinha misturando no seu cadinho o chumbo (ou dragão) e o mercúrio (ou tigre). Então, «o embrião misterioso ligava-se» e a metamorfose do corpo imortalizado começava.

WEI PO YANG

Wei Po Yang nasceu no século II antes da nossa era, em Wu, na província chinesa de Kiangsu. Ele próprio considerava-se um homem humilde e não amava nem o poder, nem o dinheiro, nem a glória. Efectivamente, durante toda a sua vida fugiu das honrarias e esforçou-se por levar uma vida calma e tranquila num retiro situado num vale pouco frequentado da zona de Kuai. O seu trabalho fundamental, o *Tsan Tung Chi*, é um tratado esotérico que diz respeito à preparação da «pílula da imortalidade», finalidade suprema da alquimia chinesa. Neste livro, Wei Po Yang utiliza inúmeros símbolos e algarismos mágicos, os *kuas*, que fazem do trabalho um texto verdadeiramente hermético e muito na linha do pensamento dos alquimistas de todas as civilizações.

O *Lieh Hsien Chan Chuan*, ou biografia completa dos Imortais, conta a lenda seguinte no que respeita a Wei Po

Yang[1]: Po Yang partiu para as montanhas para realizar a poção da imortalidade e levou com ele três discípulos; mas só um o compreendia verdadeiramente e estava com ele em comunhão de espírito. Quando a poção estava pronta, ele pô-los à prova. Disse-lhes: «A poção do ouro está pronta, mas deve-se primeiro verificar o efeito no cão [Wei Po Yang levara consigo o seu fiel cão branco]. Se o cão não sentir qualquer mal, nós podemos beber o remédio de ouro.»

O alquimista deu então a poção ao cão, e o cão branco morreu instantaneamente. Po Yang concluiu:

«O remédio de ouro ainda não está pronto, e por isso o cão morreu. Não prova isto que ainda não atingimos a luz divina? Se tivéssemos bebibo a poção, penso que teríamos a mesma sorte do cão. Então, que fazer?» Os discípulos responderam: «Seríeis capaz de beber a poção, mestre?» E Wei Po Yang respondeu: «Abandonei a rota do mundo e deixei a minha casa para vir aqui. Teria vergonha de regressar sem poder atingir a imortalidade. Viver sem tomar o remédio de ouro ou morrer com ele é para mim a mesma coisa. Devo bebê-lo.»

Depois de dizer estas palavras o alquimista absorveu a poção e morreu imediatamente. Vendo isto, um dos discípulos disse:

«O nosso mestre não era um homem vulgar. Tomou a poção e morreu. Deve ter feito isto com uma intenção especial.»

O discípulo também tomou a poção e morreu.

Então, os outros dois discípulos disseram: «A finalidade da medicina de ouro é atingir a imortalidade. Se, presentemente, causa a morte, é melhor não experimentar esta poção e viver ainda mais uns anos.» E deixaram a montanha, prometendo voltar para fazer honras fúnebres ao mestre e ao companheiro.

[1] Este texto foi traduzido pela primeira vez de chinês para inglês por Lu Ch'iang Wu e T. L. Davis: *A Chinese Treatise on Alchemy*, I. S. I. S., vol. XVIII, 2, 1932.

Depois da partida dos dois discípulos, Po Yang ressuscitou. Colocou uma outra poção na boca do discípulo e do cão. Passado pouco tempo, os dois voltaram à vida. Wei Po Yang, o seu fiel discípulo e o seu cão branco partiram então por um caminho que levava ao país dos Imortais. Enviaram uma carta aos dois discípulos que haviam duvidado do mestre para lhes agradecer a intenção de os enterrar dignamente. Os dois discípulos ficaram cheios de remorsos ao ler a carta e nunca mais viram Po Yang, Yu, seu fiel aluno, e o cão branco.

ALGUNS SEGREDOS DOS ALQUIMISTAS CHINESES

No século VIII da era cristã, Chhen Tshang Chhi, na sua «farmacopeia», explicava aos seus contemporâneos os méritos das poções à base de tecidos placentários, especialmente as virtudes curativas de tais poções nos casos de amenorreia. Ora, actualmente, estes casos de amenorreia são eficazmente tratados por meio dos estrogénios, compostos que se encontram em grande quantidade no tecido placentário.

Um outro alquimista, Wu Chhiu, gabava igualmente os benefícios da placenta na medicina. Para ele, o tecido placentário permitia fazer crescer a força Yin no corpo, compreendendo a função sexual. Dava sempre bons resultados. «Se se toma durante muito tempo, melhora o ouvido, faz brilhar os olhos, conserva o cabelo e a barba escuros, aumenta a longevidade e, de facto, possui um tal mérito que triunfa do processo natural do envelhecimento.» [1] Os Chineses faziam pílulas que eram conhecidas pelo nome de «Ta Tsao Wan».

Os alquimistas do Celeste Império tinham também aperfeiçoado numerosas preparações de tecidos testiculares para lutar contra a espermatorreia, o hipogonadismo e a impotên-

[1] Needham e All, *Endeavour*, 1969.

cia. Hoje, estas afecções são tratadas com os androgénios; ora, sabe-se que os tecidos testiculares são ricos em androgénios.

Nos meados do século XII, Hsu Shu Wei conseguiu grande fama cuidando de inúmeros infelizes que não podiam confiar na sua virilidade; também ele utilizava preparados à base de androgénios.

Os Chineses sabiam, assim, tratar muitas doenças de origem hormonal; muito antes da nossa medicina moderna, conheciam as virtudes das hormonas e dos compostos químicos a que chamamos «esteróides». Preparavam estes compostos segundo métodos artesanais e empíricos, mas é de acreditar que eram eficazes, visto que Pen Tshao Kang Mu obtinha colesterol praticamente puro a partir de grandes quantidades de urina e que todos os seus colegas do século X utilizavam a sua técnica.

CAPÍTULO XIII

A PARALQUIMIA

A TEORIA ALQUÍMICA DO «CORPO SIDERAL»

«A palavra de Deus abalou o mundo, e, à medida que este se abalava, apareciam inúmeras manifestações da forma.» Tal é a versão da criação formulada por Hermes Trismegisto. Vemos desde o início que esta versão não tem nada de clássico, pois implica um número bastante considerável de criaturas. Enquanto o homem se manteve à imagem do seu criador, isto é, até cometer o pecado original, possuiu essa virtude chamada Verbo, que criou o universo. Agora só mantém uma longínqua recordação; mas capaz de criar e conhecendo em si próprio as combinações das forças criadoras, pode provocar associações e efectuar permutas.

Neste contexto, vamos aqui falar de uma teoria desprezada durante muito tempo, e que até foi frequentemente ridicularizada. Presentemente, revela-se fundada em comprovações e hipóteses rigorosamente científicas na acepção actual do termo. Numerosos sábios, em todos os países, começam a interessar-se pelo assunto, procurando desesperadamente uma explicação para todos esses fenómenos paranormais, que agora é possível observar, medir, pesar, e cujo estudo matemático, baseado na lei das probabilidades, já começou [1].

[1] Ver os artigos científicos publicados pelo *The International Journal of Parapsychology*, Nova Iorque.

A essência desta teoria é especificamente alquímica e o conhecimento, como domínio do seu corpo sideral, era absolutamente necessário ao adepto da «arte sagrada» que desejasse atingir a felicidade perfeita e realizar a sua própria mutação.

É a Paracelso que devemos esta denominação de corpo astral ou corpo sideral.

O homem físico compõe-se de partículas materiais que se ligam segundo normas estritas e complexas. Para os alquimistas este corpo físico é duplo de um corpo «supra-elementar»: o corpo sideral *(corpus siderum* [1]*)*, ou corpo astral alquímico.

O corpo sideral permite a consciência de entrar em comunicação com o resto do universo. O homem, graças a reminiscências subconscientes, é portanto capaz de adquirir um conhecimento superior do mundo, permitindo ao seu corpo astral operar uma simbiose com o mundo exterior. Pode, por exemplo, prever certos acontecimentos e reencontrar tanto as coisas do passado como as do futuro. O homem assim desdobrado pode servir-se do seu corpo sideral como órgão da percepção por excelência. É o sentido da intuição e da premonição o que se designa vulgarmente por poder de imaginação e que se encontra nas práticas de bruxaria dos feiticeiros primitivos.

Enfim, o corpo sideral permite a quem o domina, ou que se encontra, segundo o termo consagrado, em estado de mediunia, exercer à distância, sem qualquer contacto, acções mecânicas; por exemplo, deslocação de objectos ou de pessoas. Os movimentos ruidosos estão incluídos no domínio da telequinesia. São mesas que se levantam, paredes em que se ouve bater um punho invisível, móveis que estalam.

Citemos um sábio, Ochorowitz, que estudou este fenómeno junto de uma jovem polaca, Stanislawa, dotada de uma forte capacidade de mediunia. Era capaz de chamar a si objec-

[1] É importante revelar este termo, que, como todas as doutrinas fundamentais da alquimia, liga a arte de Hermes ao cosmo, argumento a favor da origem extraterrestre desta ciência.

tos como uma bola ou uma campainha e mantê-los suspensos no ar [1].

Como se calcula, este caso foi cuidadosamente autenticado, de tal modo as fraudes se imiscuíram neste domínio particularmente favorável. Submetida aos mais rigorosos exames, para evitar qualquer truque, a experiência foi fotografada em particular para negar toda a existência de «fio escondido». As fotografias, aumentadas e examinadas à lupa, nada revelaram de suspeito. A bola, que devia receber uma força qualquer para contrariar a acção do peso, podia ficar longos minutos sem se mexer. Pôs-se em questão o fluxo psíquico do indivíduo para tentar velar a ignorância na qual se encontra quando se trata de resolver tais evidências.

Assim, parece que hoje em dia um estranho mundo nos rodeia, um mundo desconhecido e talvez hostil. Mal começamos a suspeitar da existência desse universo, e a ciência anda às apalpadelas. No entanto, tomou consciência do problema. Citemos aqui um facto que surpreendeu os sábios americanos e que poderia, com todas as reservas, ter relações com o que o precede. Ultimamente, aquando da segunda missão lunar, entre as fotografias trazidas pelos dois cosmonautas americanos, observou-se que uma delas representa um cosmonauta rodeado de um halo luminoso e transparente... [2]

Estamos convencidos de que dentro de algumas dezenas de anos conheceremos parte da verdade, essa verdade que, temos a certeza, nos surpreenderá e ultrapassará tudo o que possamos imaginar hoje.

OS ECTOPLASMAS

Quer se fale de corpo astral, quer de fluido psíquico, essa entidade que emana de certos indivíduos pode auxiliar uma manifestação ou modelar uma forma consoante a vontade. As silhuetas assim surgidas do nada chamam-se ectoplasmas.

[1] C. Richet, *Traité de Métapsychisme*, Paris, Alcan, 1922.
[2] Uma destas fotografias apareceu na imprensa canadiana.

Há alguns anos, a imprensa inglesa relatou as observações, pelo menos espectaculares, de dois engenheiros que trabalhavam na afinação de aparelhos eléctricos de alta tensão. No decorrer de uma experiência de rotina, viram uma massa nebulosa de uma cor branco-acinzentada evoluir sobre o seu aparelho. Esta massa tomou a pouco e pouco a aparência de uma mão humana, muito nitidamente desenhada, onde até se podiam distinguir as linhas palmares. A aparição persistiu durante uns trinta segundos e desapareceu.

Os engenheiros, fortemente impressionados, primeiro não disseram nada da sua extraordinária observação e procuraram provocar de novo o mesmo fenómeno, tendo, desta vez, uma máquina fotográfica, para, dado o caso, fornecerem provas. A sua espera durou alguns dias, sem resultados. Depois, de repente, viram formar-se no mesmo sítio a massa nebulosa, que, desta vez, se condensou e se tornou numa velha. Os engenheiros precipitaram-se para a máquina e fixaram o perfil humano. Revelada a película, esta negou a hipótese de uma alucinação.

Classificado como uma manifestação paranormal, este caso tornou-se o tipo da materialização de ectoplasmas. Tratar-se-ia de uma condensação simples do fluido psíquico. Como tais experiências podem ser feitas à vontade com certos indivíduos, um estudo sério foi empreendido sobre esta matéria ectoplásmica para lhe determinar as propriedades físicas e químicas.

Do ponto de vista científico, os ectoplasmas devem ir buscar a sua substância à energia psíquica do médium. Se é esse o processo de transformação, este entra nas teorias de Einstein sobre a interconversão massa-energia. De facto, seria a segunda vez que uma tal verificação no sentido energia-massa provaria a exactidão das leis desse grande «vidente» que foi Einstein. A única confirmação admitida até então era a realização da electricidade corpuscular. Assim, pessoas dignas de fé quiseram demonstrar, com o auxílio de aparelhos científicos, que a matéria de que são feitos os ectoplasmas nada tem

de extraordinário: tem uma massa, portanto um peso, uma estrutura espacial bem definida, e é capaz de rivalizar com a matéria usual criando choques e forças.

Quanto a este assunto, falemos rapidamente das observações e tentemos tirar algumas conclusões. A substância torna-se progressivamente visível como um nevoeiro. O toque dá uma sensação de frio, enquanto a penetração, com um gesto pronto, destrói a estrutura e provoca a desaparição. As formas são variáveis: pasta maleável, massa protoplásmica, cordões rígidos, membranas ligeiras. Parece que esta substância é diferente segundo o grau de materialização. Assim se comportam as massas gasosas submetidas a diversas pressões. A dificuldade de análise química e espectroscópica resulta do facto de, a cada tentativa de antecipação, se dar um desaparecimento puro e simples na atmosfera.

No entanto, no caso de materialização completa, Richet conseguiu tirar uma mecha de cabelos louros a um ectoplasma. O exame atento destes cabelos mostrou que se tratava de uma mecha perfeitamente idêntica às que o médium tinha na cabeça. Uma tal semelhança não teve o efeito previsto. Divergências e uma análise revolucionária teriam atraído interesse. A analogia fez nascer o cepticismo e o caso não teve repercussão.

Em 1912, aquando de uma sessão presidida por um médium de reputação mundial, Eva, após reabsorção da substância, exibiu uma mancha no seu casaco. Imediatamente analisados, estes traços afirmaram-se como um agregado de células epiteliais, *mas desprovidas de núcleo*! De outra vez, conseguiram recolher uma gota de líquido, cuja evaporação deu cloreto de sódio e fosfato de cálcio como os humores orgânicos.

Há duas características mensuráveis que têm sido bem estudadas, por um lado porque são fáceis de realizar e por outro devido à sua finalidade. São o peso da matéria, que deve diminuir proporcionalmente o corpo do médium, e a reflexão da luz responsável pelos clichés fotográficos.

MEDIDAS FÍSICAS E FOTOGRÁFICAS

O indivíduo, no momento em que se entrega à extracção do seu fluido psíquico numa operação de teleplastia, deve encontrar-se liberto do peso da matéria projectada, e deste modo o fenómeno deve poder ler-se numa balança.

A experiência destinada a pôr em evidência este ponto importante foi muitas vezes repetida e revelou-se muito concludente. Crawford, querendo tirar a medida cientificamente, suspendeu as coxas do indivíduo num dinamómetro e verificou *de visu* que a tensão variava durante a emissão. Calculou-se então que o corpo do indivíduo diminuíra cerca de sete quilos, num total de sessenta e dois. Como se prestaram de boa vontade a este pequeno jogo, pediu-se a estes indivíduos que fossem até ao máximo dos seus meios, e as perdas chegaram a atingir vinte e quatro quilos.

Se a manobra, neste sentido, deu resultado, espera-se sempre a operação que consiste em materializar uma personagem no próprio prato da balança, para permitir dizer sem ambiguidade se a materialização compensa exactamente a desmaterialização.

Há pesquisadores que se têm esforçado para realizar estudos objectivos dos fenómenos de aparição e materialização. A utilização das técnicas fotográficas pareceu-lhes o meio mais seguro de determinar o carácter real ou puramente alucinatório destes fenómenos. Os resultados foram prodigiosos, e numerosos investigadores honestos ficaram completamente perturbados, pois não só os fenómenos paranormais se tornavam factos provados, como também apareciam como manifestações tangíveis, observáveis fisicamente, e podendo prestar-se, em vários casos, a experiências mais rigorosas.

O célebre sábio De Rochas expõe nos anais das ciências físicas [1] o caso de um fotógrafo amador que conhecia e cuja

[1] Para mais pormenores e outras referências, consultar Dr. T. Bret, *Les Métapsychoses*, Librairie J. B. Baillière, Paris, 1938.

seriedade garante, assim como a honestidade do documento fornecido. Querendo fotografar a sua filha, a pessoa em causa obteve a fotografia seguinte: no primeiro plano aparece a jovem, muito parecida, e no segundo destaca-se uma espécie de «sombra fantasma», na qual é impossível não reconhecer a rapariga, mas emagrecida e visivelmente doente e envelhecida. A imagem dupla conseguida é realmente um «fantasma», pois pode-se distinguir através dele as pregas do tecido que serve de fundo.

A história torna-se mais perturbadora quando se sabe que a jovem adoeceu e, durante três anos, sofreu de uma cloranemia, durante a qual emagreceu e tomou o fácies de uma velha.

Deve observar-se que o duplo (ou corpo astral, segundo Paracelso) se apresenta com um aspecto diferente da personagem real, o que exclui a eventualidade, muitas vezes explorada, de uma fotografia sobreimpressa: os vestidos são diferentes, e também a atitude e a fisionomia. O indivíduo e o seu duplo parece não estarem no mesmo ponto da escala do tempo. O corpo astral evolui numa dimensão totalmente independente, onde todas as noções comuns estão desfasadas.

Um segundo caso, particularmente bem estudado, é o do capitão Volpi. Este fotografando-se numa atitude familiar à sua profissão, na revelação da fotografia teve a surpresa de ver no mesmo cliché, ligeiramente afastada, uma forma que se reconhecia perfeitamente ser de uma rapariga que, no momento da fotografia, estava de cama tratando-se de uma febre perniciosa. A pessoa em questão vestia o seu fato de todos os dias. Volpi, fortemente interessado, fez um inquérito profundo sobre o prodígio e chegou a conclusões que não deixam de ter sentido.

A rapariga, na altura em que se fez a fotografia, estava invisível aos olhos dos assistentes. Portanto, as vibrações luminosas que emitia saíam do visível e Volpi mostrou que estas vibrações pertenciam ao ultravioleta. Assim, a densidade luminosa é menor para o ectoplasma, muito embora os fun-

dos de relevo sejam nítidos e indubitáveis. É claro que esta fotografia parece não ter sofrido qualquer truque, e por isso mesmo constitui um documento importante das manifestações fantasmagóricas. Pode perguntar-se qual era o indivíduo que provocou a materialização. Os especialistas chamados para responder a esta questão foram formais: Volpi conhecia a rapariga e devia desejar ardentemente o seu restabelecimento. Ela estava neste momento num estado próximo do coma, e pode supor-se que enviou uma mensagem telepática ao seu amigo. Volpi projectou inconscientemente a imagem de uma rapariga saudável, tal como era seu desejo, provocando desta maneira um caso típico de metapsicorragia.

Não podemos deixar de nos referir à história do reverendo Tweedale, acontecida em 1915, quando um homem de barba e cabelos compridos apareceu ao lado do reverendo, da mulher e do filho enquanto almoçavam. O reverendo fez uma fotografia da cena e obteve uma nítida prova. Deve dizer-se que era um espírito ardente e que a senhora Tweedale foi atingida, no mesmo ano, de crises fantasmagóricas bastante agudas.

Em conclusão, diremos que, muitas vezes, os ectoplasmas se desenvolvem insuficientemente para impressionar a retina mas marcam a placa fotográfica. Uma experiência interessante seria filmar em película ultra-sensível uma sessão espírita completa. É provável que na revelação aparecessem surpresas que abrissem horizontes novos à metapsicose.

O QUÍMICO REICHENBACH E A IRRADIAÇÃO HUMANA

Nos meados do século XIX, um químico austríaco, Reichenbach, demonstrou a existência daquilo a que chamou *od*: força da natureza associada a toda a matéria e impregnando todo o universo. A sua teoria assentava no facto de que as pessoas são sensíveis a certas vibrações magnéticas, tais como

as que engendram as linhas de força de um íman. Análogo à irradiação humana, este *od* podia ser focalizado e concretizava-se por uma luz avermelhada. Os eflúvios saídos das mãos de um indivíduo eram susceptíveis de provocar uma corrente de ar ambiente como «um vento vulgarmente fresco, mais raramente quente».

Embora a teoria fosse patrocinada por Berzélio, foi desprezada pelo mundo sábio como todas as suas irmãs alquímicas. Uma década mais tarde, as experiências de Reichenbach foram retomadas pelo doutor Baréty, a quem chamaram o alquimista histérico.

A força particular a que ele chama «força néurica radiante» está estreitamente ligada ao magnetismo animal. Tem três fontes essenciais: a boca, os dedos e os olhos. Como a luz, propaga-se em linha recta e reflecte-se, mas atravessa a matéria normal sem desvios. Conhecidas também pelo nome de «raios N», estas irradiações não parecem ser emitidas unicamente pelos seres vivos. Em especial os metais, num certo estado de equilíbrio molecular, são fontes constantes de raios N. Os vegetais, cujas experiências recentes revelam uma faculdade inegável de vontade, não escapam à regra. De facto, foi a «universalidade» destas irradiações que desacreditou o seu alcance científico. Observavam-se em toda a parte.

Enquanto Reichenbach pôs em evidência um fenómeno acessível somente aos «sensitivos», o doutor londrino Kilner insistiu em os mostrar a todos por meio de *écrans* coloridos. O seu suposto comprimento de onda curta orientou as investigações no ultravioleta e encontrou-se uma substância: a dicianina, que, em solução alcoólica e submetida aos raios UV, fica azul-violeta. Foi assim que se mostrou a «atmosfera humana», cuja espessura dependia fundamentalmente do estado do indivíduo. Pensou-se mesmo em fazer um método de detecção das doenças, pois o paciente apresentava, a maior parte do tempo, uma «aura» irregular.

Os estudos sobre o assunto continuam e os resultados concretizam-se rapidamente num sentido inesperado, mas o único

lógico. Por um lado, o corpo humano é sede de uma combustão lenta, graças ao oxigénio, que produz gás carbónico não só ao nível dos pulmões mas também sobre toda a superfície da pele. Por outro lado, a pele rejeita continuamente os produtos de oxidação, e destes dois processos biológicos pode nascer essa aura que tanta tinta tem feito correr. Portanto, sem diminuir a presença da irradiação humana, esta encontra-se ligada ao fenómeno respiratório. Não pode acontecer o mesmo com o «corpo astral», que, pelo seu carácter de desdobramento, continua a ser um mistério.

TEORIA DE GELEY

Vimos anteriormente que a alquimia tinha por princípio essencial a unidade da matéria. Depois, confrontámo-lo com a lei de equivalência massa-energia. Para completar e, de certo modo, generalizar uma tal concepção seria necessário ligá-la à vida orgânica; ora, essa ligação está longe de poder facilmente ser posta em evidência. É a Geley[1] que devemos a teoria que liga o reino animal ao reino mineral, criando assim uma unidade de matéria universal.

Partindo do ectoplasma, idealiza-se da seguinte maneira: «O ectoplasma é um prolongamento fisiológico do indivíduo; é o próprio indivíduo parcialmente exteriorizado. Ora, esta substância que se exterioriza assim é indiferenciada: não é nem um tecido muscular, nem um tecido nervoso, nem um tecido conjuntivo, nem sequer um aglomerado celular — é a substância única capaz de se organizar e de tomar todas as formas da vida... Tudo se passa como se o ser físico fosse essencialmente constituído por uma substância primordial, única cujas formações orgânicas não passassem de simples representações.»

[1] Geley, *De l'Inconscient au Conscient*, Paris, Alcan, 1919.

O leitor, depois de ter aflorado ao longo deste livro os principais aspectos da alquimia, não sentirá deslocada a ideia precedente. Esta genética transcendente parece sair directamente de um tratado de Paracelso. As manifestações da vida, das formas, tornam-se infinitas e ligam-se às almas, de acordo com a *Koré Kosmou*, cujo carácter alquímico pusemos em evidência. As opiniões, aparentemente díspares, deste livro aglomeram-se finalmente para formar um todo que liga os grandes enigmas que abordámos, mostrando mais ainda que esta concepção não é uma fantasia pura nem uma obra de imaginação, porque alia os grandes princípios, apresentados, sob diferentes ângulos, por personalidades com nomes prestigiosos. A alquimia faz apelo a uma força épica que só o iniciado conhece, e o ocultismo admite intrinsecamente uma componente paralela. Conhecida sob o nome idealizado de «Deus», esta «ideia directriz», como lhe chamava Claude Bernard, liga-se à Vontade de Schopenhauer e ao Inconsciente de Hartman. Este dinamismo fundamental e universal não é cego e obedece à Ideia no sentido mais vasto do termo; por isso todos os povos o personalizaram.

CAPÍTULO XIV

A HIPERQUÍMICA

A SOCIEDADE ALQUÍMICA DE FRANÇA

SABIA o leitor que em pleno século XX existem ainda alquimistas, que continuam a trabalhar contra ventos e marés? Sabiam que com frequência estes «alquimistas» são pessoas profundamente sérias e que alguns têm lugares importantes no meio universitário e na indústria privada?

Alguns, desejosos de estabelecer contactos e intercâmbios tanto «químicos» como filosóficos, juntaram-se a «sociedades alquímicas», que, muito embora de espírito assaz diferente de um país para outro, não deixam de manter o mesmo ideal. Algumas destas sociedades alquímicas tornaram-se, sob a influência hostil do meio, «grupúsculos ultra-secretos», tal como nos Estados Unidos e no Canadá; algumas outras procuraram trabalhar abertamente, tal como a Sociedade Alquímica de França.

A Sociedade Alquímica de França foi fundada no fim do século XIX; pretendia ter ligações com o movimento internacional rosa-cruz e tencionava preservar o património das ciências «ocultas» de França e interessar-se pelas grandes tradições herméticas, que consideravam a natureza, no seu conjunto, como a manifestação superior da vida.

A Sociedade Alquímica de França conheceu um grande êxito, no início deste século, sob a influência do seu presi-

dente, Jollivet-Castelot, que consagrou o seu dinamismo e a sua vida a tentar fazer aceitar as suas ideias e as suas experiências pelo mundo «sábio».

Entre os sócios ilustres da Sociedade Alquímica de França figuravam, no início do século, o grande dramaturgo sueco Augusto Strindberg e o não menos célebre Camille Flammarion. Muitos dos seus membros não hesitaram em trabalhar num dos laboratórios da Sociedade Alquímica, em especial em Douai, na «oficina do Norte» de Jollivet-Castelot. Os resultados conseguidos por estes alquimistas modernos foram publicados por diversas revistas e publicações da Sociedade Alquímica, especialmente a *Rosa-Cruz*, que sucedeu à *Rosa Alchemica* e *Hyperchimie*.

Os adeptos de Jollivet-Castelot diziam-se hiperquímicos e preferiam este título ao de alquimistas. Os artigos dos seus jornais são muito sérios e não são devidos à pena de charlatães ou de iluminados. Como mostraremos, está fora de dúvida que verdadeiras transmutações foram tentadas com êxito por alquimistas franceses.

Ainda mais perto de nós, um outro francês, C. L. Kervran, retomou as teorias hiperquímicas, e os resultados dos seus trabalhos são actualmente objecto de verificações e de análises críticas da parte de um grupo de sábios japoneses.

OS PRINCÍPIOS DOS HIPERQUÍMICOS

Para Jollivet-Castelot e os seus discípulos, «não há corpos simples; a matéria é una; vive, evolui e transforma-se». Vê-se portanto que a ideia fundamental da hiperquímica é uma ideia especificamente alquímica. No entanto, a hiperquímica não é uma verdadeira alquimia no sentido próprio da palavra e muitos alquimistas ortodoxos, como o famoso Auriger, insistiram em se distinguir dos hiperquímicos.

Isto é devido ao facto de Jollivet-Castelot e os seus adeptos procurarem constantemente explicar, em termos de ciência racionalista, as pesquisas alquimistas e se se esforçarem, na medida do possível, em purificar a «arte sagrada» de toda a filosofia e de fazer dela uma arte puramente química.

A finalidade «sagrada» e a longa tradição hermética da ciência egípcia são esquecidas; querem fazer dela uma superciência, despojando-a da sua filosofia. Os hiperquímicos partem, portanto, das ideias científicas dos alquimistas e procuram ver o que é interessante sob o ponto de vista da ciência moderna; estão persuadidos de que, sendo a matéria una, as transmutações são, por consequência, possíveis por outras vias que não as que se conhecem, e é em especial neste sentido que orientam as suas pesquisas. Esforçam-se por provar as suas hipóteses de partida, isto é, toda a alquimia, realizando «cientificamente» a Grande Obra.

Em parte, atingem o objectivo, visto que conseguem obter ouro, em pequena quantidade, é certo, mas, no entanto, ouro. Contudo, o erro dos hiperquímicos foi negligenciar o carácter esotérico da alquimia tradicional e, sobretudo, excluir a possibilidade que os antigos adeptos possuíam dos métodos, das receitas e dos conhecimentos que a ciência moderna ainda não encontrou.

UMA EXPERIÊNCIA HIPERQUÍMICA

Jollivet-Castelot e depois Jean Bourciez, entre outros, realizaram uma experiência de transmutação que conseguiu um êxito relativo. «As experiências de Bourciez teriam sido executadas no forno eléctrico da maneira seguinte: para a primeira experiência teria posto dez gramas de prata quimicamente pura e antecipadamente analisada, num cadinho de magnésio colocado sobre a chama do arco. Fundida a prata, Bourciez projectou por uma abertura lateral do forno três gramas de trisulfureto amarelo de arsénico pulverizado.

«Depois de ter afastado o carvão, Bourciez disse ter montado rapidamente o cadinho na chama do arco; apagou a for-

nalha e deixou o cadinho esfriar muito lentamente. Teria obtido um sólido de nove gramas de prata dourada na superfície, que na análise teria dado noventa e seis miligramas de ouro puro, análise efectuada por um perito parisiense diplomado.»[1]

Outras experiências análogas foram empreendidas, variando as diversas quantidades de prata e de trisulfureto de arsénico; por vezes Bourciez juntava uma pequena quantidade de oxisulfureto de antimónio *(kermès)*, que devia ter o papel de catalisador. Os rendimentos em ouro foram sempre da ordem de 1/100 e nunca ultrapassaram este valor. No entanto, apesar deste fraco resultado, que exclui qualquer aplicação industrial rendível, as experiências dos hiperquímicos não deixam de ser perturbadoras e tendem a voltar a pôr em questão certas hipóteses de base admitidas pela química clássica.

A HIPERQUÍMICA PERANTE A ACADEMIA

Um dos precursores mais célebres da escola de Jollivet-Castelot foi o curioso Théodore Tiffereau, antigo aluno e preparador de química na Escola Preparatória de Nantes. Tiffereau era um apaixonado por estudos que diziam respeito a metais e por isso resolveu empreender em Dezembro de 1842 uma viagem ao México, onde se viriam a descobrir vastos campos mineiros, especialmente na província de Sonora e nas duas Califórnias. É percorrendo os diversos jazigos metálicos e observando o trabalho dos mineiros que ele tem a ideia de empreender experiências relativas à transmutação dos metais. Aparentemente, os seus estudos foram coroados de êxito. Profundamente convencido de ter descoberto o meio de produzir o ouro artificial, retomou o caminho do Velho Continente. Assim que chegou a Paris, Tiffereau só teve uma ideia:

[1] F. Jollivet-Castelot, ob. cit.

fazer com que o seu país lucrasse com a sua invenção, e, à força de insistência, conseguiu fazer-se ouvir pela Academia, perante a qual leu várias memórias relativas às suas experiências. Eis um extracto da terceira memória, que apresentou a 8 de Maio de 1854 à douta assembleia:

«[...] Baseei novas investigações tendo apenas por princípio a influência da luz solar, tão intensa e tão favorável sob o belo clima do México [...]. O meu primeiro êxito foi conseguido em Guadalajara. Eis em que circunstâncias:

Depois de ter exposto, durante dois dias, à acção dos raios solares ácido azótico puro, pus-lhe dentro limalha de prata pura, juntamente com cobre puro, na proporção da liga da moeda. Deu-se uma viva reacção, acompanhada por uma libertação muito abundante de gás nitroso; depois, quando o líquido ficou em repouso, deixou-me ver um grande depósito de limalha intacta, aglomerada em massa.

Continuando sem interrupção a libertar-se o gás nitroso, abandonei o líquido a si próprio durante doze dias e reparei que o depósito aumentava sensivelmente de volume. Juntei então um pouco de água à solução, sem que se produzisse qualquer precipitado, e deixei ficar o líquido obtido em repouso durante cinco dias. Durante este tempo não cessaram de se libertar novos vapores.

Passados os cinco dias, levei o líquido à ebulição, que mantive até se libertarem todos os vapores nitrosos; depois disto fiz evaporar até secar.

A matéria obtida por dessecação estava seca, baça, verde-escura; não tinha qualquer aparência de cristalização; nenhuma partícula salina se depositara.

Tratando então esta matéria com ácido azótico puro e fervendo-a durante dez horas, vi-a tornar-se verde-clara sem cessar de estar agregada em pequenas massas; juntei-lhe uma nova quantidade de ácido puro concentrado; fervi de novo; foi então que, finalmente, a matéria desagregada tomou o brilho do ouro natural.

Recolhi este produto e tirei dele grande parte, para o

submeter a uma sequência de testes comparativos com o ouro natural puro; não me foi possível observar a mais ligeira diferença entre o ouro natural e o ouro artificial que acabava de obter.» [1]

Tiffereau fez inúmeras experiências semelhantes quando ainda estava no México e, na maioria dos casos, realizou transmutações com êxito.

Porém, uma vez de volta a França, foi incapaz de renovar as operações que tivera tanta dificuldade em realizar em Guadalajara. Foi esta incapacidade de submeter provas tangíveis à Academia que o perdeu e o cobriu de ridículo em meados do século passado.

Hoje, que se apaziguaram as paixões da época, temos mais possibilidade de julgar Tiffereau. Primeiro, é preciso notar que todos os testemunhos das pessoas que de perto lidaram com ele concordam e afirmam que o antigo aluno da escola de Nantes era um homem honesto e incapaz de ludíbrios. Por consequência, somos levados a acreditar que, se Tiffereau não realizou a Grande Obra em França, não é impossível que tenha obtido no México resultados que verdadeiramente o convenceram do seu êxito. Enfim, Tiffereau observou que as suas transmutações pareciam ser particularmente favorecidas pela luz solar. Podemos então pensar que talvez Tiffereau tenha feito ouro artificial e que não era a acção catalítica dos raios do Sol que intervinham mas antes partículas de raios cósmicos.

Estes raios atravessam continuamente a Terra e possuem energias que variam com o tempo e situação geográfica; isto explica que Tiffereau não pudesse repetir com êxito as suas experiências, visto não encontrar as condições favoráveis. Um fenómeno que leva água ao moinho de Tiffereau é observado pelo professor Bruno Rossi, nos Estados Unidos, e não muito longe do México, em 1957. Partículas de uma energia considerável, vindas talvez de um outro mundo, foram detectadas

[1] A memória completa foi reproduzida no volume de Louis Figuier, ob. cit., 1856.

num raio de cinco quilómetros por centenas de aparelhos registadores. Tais partículas podem ceder a sua energia à matéria que sofre o seu impacte, e assim provocar reacções alquímicas.

Tiffereau teria apenas beneficiado de um feliz concurso de circunstâncias que o fez utilizar, sem saber, raios cósmicos muito enérgicos.

O NOVO NICOLAS FLAMEL

Zbaniev Dunikowski, engenheiro de profissão, apaixonava-se por todos os problemas de transmutação e, em especial, procurava, como amador, um meio de produzir ouro barato. Dunikowski pretendeu, no início dos anos 30, ter descoberto esse processo maravilhoso, e na região de San Remo, onde trabalhava, era, na sua opinião, capaz de extrair cerca de uma dezena de gramas de ouro puro a partir de cem quilos de terra; isto é, pretendia ter descoberto o processo de rendibilizar uma operação que, pelos processos usuais, só dá uns decigramas de ouro por tonelada de terra.

Mas Dunikowski teve a fatalidade de deixar que o seu caso tivesse retumbância e, dentro em pouco, os jornais de França e de todo o mundo tomaram conta desta novidade de sensação. Dunikowski, pequeno investigador polaco, confiando na sua descoberta, quis pôr em prática o seu processo e endividou-se para montar o negócio. Os jornalistas, vendo este facto, evidenciaram-no e a maioria depressa se esqueceu de falar do fantasista raio Z, que lhes tinha fornecido várias páginas de artigos insípidos. Tornaram-se, de repente, personagens cépticas, criticando tanto quanto possível o intrujão, o fabricante de ouro, o engenheiro farsante...

Mas Dunikowski, com atitudes calmas e sorridentes, tinha confiança nos seus recursos e, pouco tempo depois de certas experiências e algumas conferências, voltava a situação a seu favor. Já se não riam. Ainda não se sabia se era louco ou

genial. Alguns peritos tomaram contacto com ele e teve a possibilidade de vir trabalhar para a Escola Central, onde a sua máquina fora instalada. Em Março de 1932, o mundo sábio veio em grande número a Paris para assistir às provas definitivas e ao funcionamento da máquina. Por essa altura, durante os preparativos, o polaco foi contactado por diversos membros do Senado e da Assembleia Nacional, ao mesmo tempo que se punham na sombra as conclusões de um perito químico, M. B..., que tinha verificado as extraordinárias possibilidades do comportamento de Dunikowski.

No dia decisivo, Dunikowski avançou para o meio dos sábios oficiais e, sorridente como sempre, pronunciou um pequeno discurso anódino que significava o seguinte, em linguagem clara: «Meus caros senhores, podem continuar a correr para que vos confie o segredo...»

O resultado não se fez esperar: o fabricante de ouro apanhou dois anos de prisão e uma grande multa e a sua casa da Riviera foi vendida.

Parece que foi libertado em 1933, mas perdeu-se-lhe imediatamente o rasto. Foi visto ainda uma vez nos arredores de Nice, depois na Itália, depois na Bélgica, e depois mais nada. O polaco volatizara-se. Há quem afirme que desapareceu por ordem do Governo e que foi vítima de uma vasta conjura de economistas que temiam que o seu método levasse a uma crise como a de 1929. O fim deste alquimista moderno é um verdadeiro enigma, e é difícil saber verdadeiramente se foi um cavalheiro de indústria, como quiseram fazer acreditar, ou se foi um génio perigoso para o mundo.

C. LOUIS KERVRAN

Há menos de dez anos, o francês C. L. Kervran, director de conferências na Universidade de Paris, agitava as teorias clássicas e trazia provas quase irrefutáveis da intervenção de

certas transmutações naturais não radiactivas em numerosas funções biológicas.

Kervran é um homem de ciência com ideias ousadas, mas não é um alquimista: é um hiperquímico no sentido usado por Jollivet-Castelot. Para Kervran e para os seus inúmeros discípulos que havia pelo mundo inteiro, a unidade da matéria não é invocada. Utiliza, muito simplesmente, numerosoas experiências e numerosos factos até então inexplicados pela ciência tradicional e preconiza uma nova propriedade da matéria que autoriza as transmutações.

Nesta teoria, não se trata de maneira alguma nem do ouro nem da transmutação de metais vis em ouro: trata-se antes de explicar e de interpretar, numa base sólida, as abundâncias relativas dos diversos elementos químicos da crosta terrestre e em especial precisar a origem e o destino desses elementos nos organismos vivos. Como consequência das suas múltiplas observações e das suas experiências, Kervran chega à conclusão de que existe grande número de reacções de transmutações que, muito embora impossíveis por meios químicos, se fazem o mais naturalmente possível nos organismos vivos. Em especial, certas bactérias parecem susceptíveis de ter poder de transmutação de uns elementos em outros e de realizar «reacções alquímicas», como, por exemplo:

$$Si_{28} \rightarrow C_{12} + O_{16}$$

«Tudo se passa como se um núcleo fosse constituído por "subnúcleos" ou nucleões fortemente ligados, só absorvendo a ligação destes subnúcleos uma energia relativamente fraca, permitindo-lhe arranjos nas condições energéticas facilmente realizáveis nos processos naturais.»

Damos a seguir alguns dos enigmas que as reacções de Kervran explicam facilmente.

Inúmeros sábios interessaram-se pelos trabalhos do sábio francês, e na hora actual muitas das suas ideias são analisadas e estudadas nas maiores universidades do mundo, em especial na Universidade Mukogawa de Nishinomiya (Japão).

Estas investigações iriam terminar dentro de pouco tempo; é então verosímil que se abrirá à química uma era nova e que um campo fantástico de investigações se oferecerá aos investigadores. Compostos vivos seleccionados poderão ter o papel de verdadeiros enzimas «universais» e permitirão aplicações industriais das reacções de Kervran.

CINCO ENIGMAS ENTRE TANTOS OUTROS[1]

1. — Sabe-se que certas espécies de caranguejos, como, por exemplo, o *tourteau*, renova inteiramente a sua carapaça, o que representa uns trezentos e cinquenta gramas de um composto essencialmente à base de calcário. Ora, pouco tempo antes da mudança, a análise química do caranguejo mostra que só contém uma pequena quantidade de calcário. Donde vem este calcário?

Os zoólogos são incapazes de dar uma explicação racional e os manuais de estudo livram-se deste mau passo declarando que o calcário se encontrava sob a forma de «pré-calcário» no citoplasma do animal. O pré-calcário é uma entidade abstracta muito útil para disfarçar uma ignorância do fenómeno real; tudo quanto dele se sabe é que não é calcário. Então que é senão um elemento químico que dá lugar ao cálcio por transmutação...

2. — A análise da composição química de um esqueleto de pinto acabado de nascer revela que contém mais calcário do que o que há na gema do ovo. O pinto, evidentemente, não pôde tirar o cálcio do seu calcário do meio exterior nem da casca, que mantém uma composição química constante. Donde vem então este calcário? Qual é a verdadeira origem deste cálcio?

3. — Moynier de Villepoix criou anodontes em água sem a mínima parcela de cálcio e utilizando unicamente alimen-

[1] Estes cinco enigmas são alguns exemplos entre os dados no *Manifeste* de Kervran («Transmutations naturelles non radio-actives»), publicado pela Librairie Maloine.

tos sem cálcio. Observou que os anodontes desenvolviam a sua casca de calcário (portanto à base de cálcio) e que a taxa de cálcio crescia, apesar de tudo, no seu organismo.

4. — Certos templos do Camboja, construídos com grés rosa, como os de Angkor e de Banteay Srei, são atingidos por uma doença da pedra que faz com que o grés rosa se cubra de um exsudado negro.

A análise do grés mostra uma presença de ferro de 3 a 15 % e uma presença de manganésio de 0,05 %. A análise do exsudado dá 5 % de manganésio, isto é, cem vezes mais que na rocha. Se se raspar este exsudado, ele renova-se! Efectuou-se a operação grande número de vezes sobre pedras isoladas e, assim, tirou-se à pedra mais manganésio do que a totalidade que continha!

Donde provém este manganésio? Provém do ferro contido no grés do Camboja? Houve transmutação?

Um estudo mais atento e um exame da superfície da pedra permitiram descobrir a presença de um microrganismo, que foi isolado e cultivado sobre sulfato de ferro puro e que... produzia manganésio.

5. — Von Herzeele, em 1880, e, mais tarde, o professor Baranger, da Escola Politécnica, publicaram os resultados das investigações que tinham efectuado sobre a germinação de sementes de Vesces[1]. Esta germinação fazia-se com grãos totalmente isolados, os quais não tinham qualquer influência de cálcio do exterior. Após algumas dezenas de dias, a análise química revelava um aumento da taxa de cálcio nas sementes.

O estudo destes exemplos, como o de centenas de outros fenómenos, demonstra hoje que as transmutações por via biológica são possíveis e mesmo muito frequentes. A química, penetrando com a sua aparelhagem analítica no domínio da biologia, parece portanto revolucionar as leis mais solidamente estabelecidas após Lavoisier.

[1] *Journal of Biological Sciences*, vol. 3, n.º 2, 1960, Bombaim.

INTERPRETAÇÃO DAS TRANSMUTAÇÕES REALIZADAS POR VIA BIOLÓGICA

Se se examinar de perto uma reacção de Kervran (por exemplo, B + C → Na), percebe-se que, como em qualquer reacção onde se produz uma transmutação, quer seja artificial ou natural, não há conservação da massa. Na reacção dada como exemplo, a massa do átomo de sódio formada é ligeiramente superior à soma das massas dos átomos de boro (B) e de carbono (C). Por consequência, se se admitir (e não passa de uma hipótese) que, ao nível das moléculas dos organismos vivos, o mundo é um universo euclidiano, a teoria da relatividade restrita de Einstein é válida, e por consequência o excesso de massa observado aquando da reacção da transmutação B + C → Na (ou qualquer outra reacção do mesmo género) deve produzir-se com absorção de energia. Esta energia absorvida é bastante elevada, de tal modo que é impossível que seja unicamente fornecida pelo meio vivo.

Noutras reacções (entre elas, Fe → Si + 4 Li) observa-se não um execesso de massa mas uma falta. Haveria então, num caso destes, não absorção mas emissão de energia.

Uma extensão das teorias quânticas é então possível para explicar estas reacções do universo vivo. Estas reacções produzir-se-iam com emissão ou absorção de uma partícula de massa nula análoga ao neutrino. Esta partícula de massa nula foi posta em evidência no caso de transmutações artificiais. Certos sábios pensam na «gravitação clássica de *spin* 2 e 0» ou numa «neogravitação não clássica de *spin* 2, 1, 0».

O organismo vivo no seio do qual se produzem continuamente transmutações para manter o equilíbrio vital deve, portanto, correlativamente, emitir ou absorver partículas. Estas partículas de massa nula têm, como o fotão e o neutrino (ou qualquer outra partícula possuidora de uma massa nula ou não), uma dupla natureza: corpuscular e ondulatória. Dizendo doutra maneira, estas partículas são igualmente ondas

electromagnéticas. Chegamos portanto à fantástica conclusão de que todo o organismo vivo é uma fonte de radiações. Estas radiações, que correspondem ao gravitão ou a uma outra partícula oculta, devem ter frequências excepcionalmente grandes e não puderam ser reveladas até agora, por falta de adequada aparelhagem técnica.

Mas está fora de dúvida que este facto receberá uma confirmação dentro de um ou dois decénios.

Será, nesta eventualidade, o triunfo das teorias alquímicas dos «influxos» e do «corpo astral». Vê-se que estamos no limite do razoável — e, no entanto, quantas vezes o absurdo e o impossível se tornaram realidades!

OS ANIMAIS E O MAGNETISMO TERRESTRE

Sabe-se presentemente que numerosos animais não só se apercebem dos campos magnéticos como também utilizam as linhas de força do campo magnético terrestre para se orientar e reencontrar os seus abrigos.

O professor Frank Brown, da Northwestern University (Ilinóis), divulgou, num artigo publicado pela revista *Discovery* (Novembro de 1963), os resultados dos seus numerosos trabalhos referentes à influência dos campos magnéticos sobre organismos relativamente simples, tais como gastrópodes, vermes, camarões, moscas e até paramécias. Diz que todos os animais são extremamente sensíveis aos campos magnéticos e, em particular, que são capazes de revelar todas as flutuações do campo terrestre. Sabe-se, com efeito, que o campo magnético da Terra apresenta constantemente pequenas variações e que depende de numerosos factores, como, por exemplo, a duração do dia solar e a amplitude das marés.

O campo terrestre varia ainda ligeiramente de direcção e oscila rapidamente em redor de uma posição de equilíbrio, seguindo uma grande gama de frequências. Uma das consequências destes fenómenos é que o campo magnético terrestre

«fala» aos animais e aos microrganismos. Informa-os sobre a sua posição e sobre todos os factores de que depende o campo do Globo.

Mal se tinha posto claramente em evidência a influência e o papel do magnetismo terrestre sobre o comportamento e a vida de organismos inferiores, já várias equipas de sábios empreendiam pesquisas em animais evoluídos, em particular sobre o pombo-correio, cujo sentido de orientação é conhecido desde há muito, e em especial sobre o homem, que, aparentemente, perdeu o hábito de interrogar o mundo das ondas magnéticas, para melhor se consagrar à utilização do seu sentido visual, para as ondas luminosas, e do seu sentido auditivo, para as ondas sonoras. Tais estudos são apaixonantes, mas exigem muito tempo e paciência.

Até agora, tem-se podido pôr em evidência vários factos positivos que dizem respeito à influência do magnetismo sobre os organismos vivos, mas ficamos longe de conhecer a fundo a totalidade do fenómeno, e sobretudo ficamos a léguas de lhe determinar a verdadeira causa.

No entanto, podemos entregar-nos a algumas hipóteses, raciocinando por analogia. Como provocamos as ondas luminosas e como lhes extraímos informações sobre o mundo exterior? Graças a reacções químicas que a luz liberta nas células da nossa retina e nas do centro visual do nosso cérebro por via do nervo óptico. Porque não será a mesma coisa para os organismos inferiores, que interrogam não só a luz como também o magnetismo?

Como já se viu, estes organismos simples são capazes de provocar e realizar reacções de transmutação. Não será por meio destas gravitações que os corpúsculos de massa nula que correspondem às ondas magnéticas induzem as reacções alquímicas de Kervran nos organismos inferiores, como o fotão induz as reacções químicas no seio das células do nosso sentido da vista?

AS TRANSMUTAÇÕES A PARTIR DO MERCÚRIO

Em 1924, os sábios alemães Miethe e Stammreich afirmaram que haviam realizado a transmutação do mercúrio em ouro. Para isso, fizeram passar uma corrente sob uma tensão de cento e setenta e um vóltios, durante vinte a duzentas horas, numa lâmpada de quartzo de vapor de mercúrio. A análise dos vapores de mercúrio condensados mostrou uma forte presença de ouro, sabendo-se que o mercúrio estava, de início, rigorosamente isento de todo o vestígio de ouro.

Contudo, como vários sábios objectaram que o eléctrodo de tungsténio utilizado na experiência podia conter vestígios de ouro, uma equipa de sábios japoneses, dirigida pelo doutor Nagaoka, retomou as mesmas experiências. Concluiu-se com os mesmos resultados. Eis o resumo que os sábios japoneses publicaram numa nota dirigida à Sociedade Física:

«As experiências que constituem o objecto desta comunicação tiveram primitivamente como finalidade acelerar as transformações radiactivas e produzir artificialmente a desintegração de átomos não radiactivos por meio de um campo eléctrico extremamente intenso, que deve ser bastante para produzir um violento abalo no interior do núcleo. Tirámos vantagem de um facto curioso observado nas experiências feitas sobre o efeito Stark em colaboração com o senhor Sugiura. Nos arcos metálicos, montados com um *self* em série e uma grande capacidade de derivação, existe nas proximidades dos eléctrodos um intenso campo eléctrico. Assim, com eléctrodos de prata, este campo atinge quatro mil e quatrocentas vezes o campo médio aplicado.

O mercúrio foi escolhido como substância susceptível de ser desintegrada, pois o exame da estrutura fina das suas linhas espectrais mostra que o núcleo deste elemento pode provavelmente, até certo ponto, ser considerado como metastável.

Se, por meio de uma bobina de indução que dê cento e

vinte milímetros de faíscas no ar, se faz passar uma descarga condensada entre um eléctrodo de tungsténio e um eléctrodo de mercúrio mergulhado em óleo de parafina ou em óleo transformador, o mercúrio transforma-se parcialmente em ouro e num metal branco, que parece ser, na maior parte, prata. O mercúrio em experiência foi purificado duas ou três vezes por destilação no vácuo à uma temperatura inferior a duzentos graus centígrados. Fizeram-se cuidadosos ensaios "a branco" para todos os corpos em presença. A massa pastosa negra que resulta da descarga foi examinada quer por meios químicos quer, o que é mais cómodo, pela formação de um vidro rubi. Este obtém-se sob a forma de numerosas manchas no fundo de um balão de destilação especial, por meio do qual são separados o mercúrio e o carbono que sofreram uma descarga.

O estudo microscópico mostra a presença de ouro sob a forma de finas partículas e principalmente no estado coloidal. Estas partículas dão em luz reflectida, e depois, em luz transmitida, cores complementares. Parece que existe um valor crítico para o campo necessário à transmutação e o resultado desta é inteiramente complexo.

Obtém-se sobretudo a prata fazendo passar a descarga através das gotas de mercúrio que caem sobre o óleo. A transmutação simultânea do mercúrio em prata e em ouro parece ter um significado importante sob o ponto de vista cósmico. A existência destes dois metais em certos minerais pode ser atribuída a um processo inverso.

O exame dos isótopos de diversos elementos mostra, pelo menos em parência, uma certa relação entre a estrutura de diversos núcleos; por exemplo, entre os do mercúrio e do estanho, entre os do estanho e do cádmio, do xenón e do estanho, do crípton e do selénio, etc. Estudando as transformações dos diferentes átomos, poder-se-ão esclarecer certas questões relativas à região obscura que para nós ainda constitui o núcleo.»

(Reproduzido por Jollivet-Castelot, *Chimie et Alchimie*, Librairie Critique E. Noury, Paris, 1928.)

CONCLUSÃO

UMA ERA DE SUPER-HOMENS

Recentemente, mereceu da imprensa uma pequena referência uma estatística que estabelece um facto extraordinário. O inquérito, rigorosamente efectuado por uma grande companhia americana especializada em estudos estatísticos, mostrou que mais de noventa e cinco por cento dos sábios da nossa civilização terrestre ainda vivem...

Essa informação anódina oculta uma verdade profunda, pesada de consequências: em duas gerações contamos vinte vezes mais cérebros superiores que todas as gerações que nos precederam desde Adão. Mais precisamente, hoje encontram-se nos centros de investigação e nos complexos da indústria privada inteligências comparáveis às de Leonardo da Vinci, de Pascal ou mesmo de Einstein. Os seus proprietários obedecem ao dia de trabalho de oito horas e esquecem no fim-de-semana os seus problemas particulares. Aliás, eles seriam os primeiros a ficar surpreendidos se alguém os considerasse génios. Nomes ilustres como Fermi, Arquimedes, etc., ver-se-iam nos nossos dias relegados a simples engenheiros num centro atómico ou numa oficina de construção mecânica. É certo que se Aristóteles voltasse à Terra no ano de 2000 teria uma depressão nervosa a ver-se perante o que aprendem os nossos estudantes no secundário.

Hoje, uma criança que saiba ler e escrever aos três anos já não é um génio; quando muito um fenómeno.

Podemos perguntar onde parará uma tal evolução. Presentemente, um indivíduo pode ser um perito no seu domínio ignorando completamente os rudimentos de uma outra disciplina. O conhecimento universal já não tem razão de ser e, aliás, já não é possível. A especialização restringe o domínio do técnico, mas permite a este ser mais eficaz.

Seria impossível a qualquer pessoa armazenar todo o saber enciclopédico adquirido ao longo dos séculos. Na verdade, o homem inventou os computadores electrónicos, aparelhos que se revelam preciosos auxiliares e cuja memória ultrapassa largamente a do homem. No entanto, apesar das suas numerosas qualidades, o computador continuará a ser sempre escravo de imperativos que o tornam incapaz de criar o desconhecido. A máquina pode decidir sem ambiguidade a validade e a rendibilidade de uma descoberta, na medida em que lhe fornece as utilizações e as consequências eventuais do seu funcionamento. Um cérebro electrónico pode sincronizar um número incalculável de redes, fazer um estudo de mercado, prever as necessidades da sociedade futura, etc. Auxilia o homem a tomar as suas decisões, mas age segundo as suas indicações e não pode actuar em seu lugar. A ditadura das máquinas só faz parte do domínio da ficção científica, pois o pensamento é exclusivo do cérebro humano, e é esse pensamento que decidirá da concepção e da função dos computadores de amanhã.

Por causa das limitações dos computadores electrónicos, são actualmente realizadas investigações intensas com a finalidade de melhorar a memória humana. Os químicos já isolaram certos compostos (por exemplo, o ácido ribonucleico) cujas moléculas parecem ser o fundamento bioquímico da memória. Entre as experiências realizadas sobre este apaixonante assunto muitas referem-se aos reflexos condicionados, em geral com ratos ou com cães. Por exemplo, estudou-se um rato de algumas semanas de idade e inculcou-se-lhe o reflexo seguinte: num canto de uma ampla gaiola colocou-se uma ampola eléctrica que se acende todas as vezes que o experimentador lhe introduz a comida. No fim de certo tempo,

o rato, que foi colocado também na gaiola, está de tal modo habituado a este manejo que se precipita para a lâmpada, mesmo que o experimentador não lhe forneça comida. O rato assim condicionado é sacrificado e extraem-se das suas células nervosas ácido ribonucleico, óxido desoxiribonucleiro e diversos outros compostos. Injectam-se estes extractos num outro ratinho que nunca foi condicionado e observa-se então que este segundo rato-cobaia reage, após a injecção, da mesma maneira que o primeiro rato à excitação luminosa: precipita-se para o prato da comida quer esteja cheio ou vazio. Manifesta reflexos condicionados sem nunca ter sido condicionado! A memória pode, portanto, ser transmitida. Os bioquímicos trabalham actualmente na síntese de derivados do ácido ribonucleico, o qual possui estruturas particulares que deveriam corresponder aos conhecimentos que o homem acumula.

Será portanto possível, num futuro relativamente próximo, assimilar instantaneamente um tratado de astronomia ou de matemática por ingestão de uma «pílula de memória». Os bancos das escolas tornar-se-ão peças de museu e a juventude poderá aproveitar os seus jovens anos a preparar-se para um futuro grandioso. Acabaram-se as lições fastidiosas embaladas pela voz monocórdica de um ensino paralítico. O saber será obrigatório, como a vacina para as doenças contagiosas. Fizeram-se estudos que demonstraram que a inteligência humana estava inadequadamente explorada e que assim só podia fornecer uma parte ínfima das suas possibilidades. Chegou a hora de abandonar os estafados hábitos que estragam a vista e fatigam o espírito.

A NECESSIDADE DE CONTINUAR OS ESTUDOS SOBRE A ALQUIMIA

No mundo esclarecido em que vivemos, têm-se feito, em diferentes domínios, esforços que estão longe de ter um grande interesse para a humanidade. As forças armadas continuam

a engolir capitais, incluindo enormes investimentos na pesquisa da arma absoluta. São atribuídas somas fantásticas à conquista espacial de carácter militar (satélites-espiões, satélites-mísseis, etc.), enquanto o cancro continua a devastar. Este flagelo, talvez o mais grave de todos os tempos, há mais de uma século que põe a medicina em xeque.

Se se acreditar no eminente Jean Rostand, o cancro já teria vencido há muito tempo se tivesse sido atribuída à investigação científica as verbas que têm ido para a investigação espacial militar. O *interferon*, esse antibiótico universal contra todos os vírus, incluindo o do cancro, não seria já uma lenda, mas sim uma realidade.

Todos os dias se fazem novas descobertas e criam-se novas técnicas, mas, paradoxalmente, também brilham luzes que tendem a afirmar que há milhares de anos a civilização conseguiu atingir um apogeu superior ao actual. Receamos voltar ao passado, e, no entanto, é certo que milhares de segredos e de receitas, de conhecimentos de toda a espécie dormem nos tratados herméticos persas, chineses, árabes, latinos, hebreus, etc. No meio de centenas de milhares de livros de charlatães encontra-se uma «medula» que é obra de verdadeiros iniciados e reais sábios. Porque não aproveitar experiências tentadas há séculos, e invocar a débil razão de que a língua e o espírito científico destas épocas afastadas já não são compreensíveis? O homem prepara-se para desembarcar noutros mundos, não temendo o encontro com seres inteligentes. Mas como poderá comunicar com eles, uma vez que não foi capaz de ler com utilidade os escritos dos seus antepassados?

Hoje, no entanto, o homem tem uma possibilidade sem igual de resolver o problema dos escritos alquímicos: o computador, cujas vantagens e inconvenientes indicámos, é o instrumento ideal para estudo dos textos herméticos. Podendo agir com um enorme número de dados desconhecidos, traduz instantaneamente um texto sobre os dados objectivos (e às vezes subjectivos) que se lhe fornecem. Até ao presente, ne-

nhum computador foi expressamente concebido para o estudo da alquimia e nenhum sábio tentou, com os textos dos Adeptos, os métodos de programação dos computadores electrónicos, que já são utilizados em linguística. Até hoje, os livros têm dormido em paz nas câmaras reservadas das bibliotecas. O homem, demasiado confiante em si próprio, desperdiça a sua energia a reinventar os rudimentos do progresso, e de tal modo que, por sua culpa, talvez não tenha tempo de atingir o máximo da sua evolução. Os Gregos sabiam que a matéria era formada por átomos. Em dois milénios avançámos muito pouco. Tudo isto porque o homem moderno quis começar do nada, acreditando que a nova base seria mais sólida e, persuadido de que a sua civilização é única, porque desdenha das mensagens dos mundos que lhe são estranhos. Se a verdade veio do espaço (Vénus?), o homem não soube explorá-la e os que no-la legaram devem ter ficado amargamente decepcionados. Porque não tentar a exploração do nosso passado com novos olhos? Talvez não seja demasiado tarde e o que temos a descobrir será, quem sabe, fantástico e muito avançado em relação à nossa própria época.

A ALQUIMIA NÃO É SÓ A SÍNTESE DO OURO

Neste livro consagrado à alquimia, não se encontra nenhum capítulo completamente dedicado à pedra filosofal e à transmutação dos metais ordinários em ouro. Haverá quem nos censure, mas pensamos que, muito embora abundem as histórias sobre o assunto, não é necessário ligarmo-nos especialmente a este aspecto, inteiramente secundário, da alquimia. É preciso abandonar definitivamente a história que fazia do alquimista unicamente um buscador de ouro. A transmutação era uma operação, realmente importante, mas que não passava de uma aplicação da grande teoria da unidade da matéria, teoria que se tornou, após os trabalhos de Einstein, uma teoria moderna. Desde sempre o ouro fez os ricos, e a

falta do metal amarelo criou a pobreza. Ora, porque é que este metal foi sempre considerado como o símbolo da riqueza? Devido ao seu brilho, que lembra o Sol? Devido à sua raridade, que lhe dá o preço? O homem sempre teve sede de ouro, como sempre tem tido sede de conquistas e de amor. O ouro faz parte de nós próprios, é um bem ligado à Terra. Por isso os alquimistas puseram em evidência o seu saber fabricando ouro artificial. Mais ainda, só ele podia dar paz, tranquilidade e meios de prosseguir com os trabalhos.

Na Terra, procedemos a sínteses fáceis por meio da tecnologia, tal como, por exemplo, o fabrico de matérias plásticas. Os nossos astronautas poderiam visitar um dia um mundo desprovido dessas substâncias e onde a aquisição de uns gramas de *poliester* fariam o seu comprador rico como Creso. Então, os Terrestres poderiam confiar o segredo do fabrico do *poliester*, e esta receita tornar-se-ia presa de eruditos que ocultariam a fórmula e transcreveriam a receita em língua hermética, inacessível ao comum.

Não é desassisado pensar que a transmutação dos metais pode muito bem ter sido o segredo mais célebre deixado por inteligências que tenham visitado a Terra justamente antes do «dilúvio», que levou o seu próprio universo.

No entanto, o facto de os terrestres alquimistas terem exagerado a importância deste segredo não nos deve fazer perder de vista que a arte de Hermes é qualquer coisa além da busca do ouro. A alquimia é uma ciência com um avanço de, pelo menos, três milénios em relação à época em que foi implantada no nosso planeta. Foi transmitida, o mais frequentemente, por tradições esotéricas, pois o seu carácter extraterrestre tornava-a intraduzível nas línguas e dialectos do Globo.

É portanto inútil — e repetimo-lo — traduzir palavra a palavra um manuscrito alquímico. Só um estudo profundo poderia chegar a bom termo, mas até aqui tal não foi ainda possível, por falta de meios de acção. As traduções que actualmente existem são frequentemente feitas por homens honestos mas isolados, e os seus esforços, se deixaram ver certas

abertas, arrastaram igualmente essa vaga de descrédito que submergiu a alquimia: o homem que sabe ler está tão orgulhoso do seu saber que despreza tudo o que não compreende. Baseado nesses escritos, pois são os únicos de que dispomos, este livro é portanto, ele também, incompleto e seguramente cheio de erros de que não somos responsáveis. No entanto, escrevemos cada linha com a convicção de que a alquimia é uma ciência transcendente no sentido filosófico do termo. Mesmo a nossa razão tem dificuldade em juntar os textos. Ela veio de um universo afastado de nós tanto no tempo como no espaço. Presentemente integrada nas nossas aspirações próprias, constitui um aglomerado de diversas ciências: não só química, mas também astronomia, medicina e psicologia, donde talvez seja possível um dia separar o trigo do joio. Procurando colonizar a estrela do pastor, o homem voltará à fonte original.

REGRESSO A VÉNUS

Vénus é, para os autores, o planeta que está na origem do progresso humano. Se actualmente é inabitável para a espécie humana, devido à terrível catástrofe que o abalou há quatro mil anos, esta situação não é irrevogável.

Com efeito, o homem detém, segundo Glenn T. Seaborg (presidente da Comissão Americana de Energia Atómica), «possibilidades quase ilimitadas para modelar o mundo a seu gosto». As investigações em botânica permitiram descobrir espécies vegetais que se acomodam às mais rudes condições climáticas e higrométricas. É certo que mesmo a Terra não apresenta uma textura ideal para a vida em toda a parte e em todos os tempos. Há projectos gigantescos que preconizam a barragem de certos cursos de água, implantação apropriada de cadeias de montanhas artificiais, etc.

No que diz respeito a Vénus, certos sábios clarividentes reflectiram no problema e encontraram soluções que, apesar

de fantásticas, são já realizáveis pelo homem. Por exemplo, o professor Carl Sayon avançou com certas descobertas recentes da microbiologia que poderiam ser exploradas.

Saturando a atmosfera da estrela da manhã de certas variedades de algas microscópicas, essas algas poderiam eliminar o gás carbónico do meio venusino e regenerar gradualmente uma atmosfera de oxigénio até a tornar respirável pelo homem. Certas experiências de laboratório têm sido bastante concludentes. A substituição do gás carbónico por oxigénio teria, além do mais, um outro efeito benéfico: suprimiria o efeito de estufa, que retém o calor nas camadas baixas da atmosfera, e permitiria ao planeta reencontrar uma temperatura razoável.

A União Soviética sempre insistiu, no seu programa espacial, nas sondas do tipo *Venera*, e sempre considerou que a verdadeira finalidade na corrida do cosmo não era a Lua, mas sim o planeta Vénus. Contrariamente ao que fizeram os Americanos, não procurou realizar «módulos» leves, relativamente fáceis de construir e muito adaptados à conquista da Lua, que não tem atmosfera. Não podendo em caso algum estes módulos lunares, ser utilizados na pesada atmosfera venusina, os Soviéticos construíram, pacientemente, as diferentes partes de um cargueiro interplanetário. Paralelamente, é muito sintomático notar que os Russos não são tão fechados à alquimia como os Ocidentais e que recrutam os últimos iniciados na arte sagrada através de toda a Europa.

Assim, num lapso de tempo que os sábios, por agora, fixam em dois séculos, Vénus poderia tornar-se um território habitável e mesmo, talvez, um paraíso para os homens que hão-de fugir do nosso pequeno globo demasiado povoado. Mas antes disso o homem poderá pôr o pé em Vénus e explorar a sua superfície. Apesar do cataclismo, não encontrará vestígios de uma civilização morta há quatro mil anos? É com efeito pouco provável que os Venusinos, nos últimos momentos da sua existência, não tenham encarado o que devia acontecer, isto é, a destruição do planeta. Não construiriam então abrigos à prova da catástrofe, para guardar os bens mais caros da sua

civilização? A abertura de tais santuários reservará surpresas inimagináveis. E não será simplesmente a alquimia que estará encerrada nesses cofres que desafiaram o tempo? É certo que a linguagem corre o risco de ser indecifrável e talvez não se trate mesmo de escrita. Um tipo de registo desconhecido surgirá e os nossos computadores terão de ser aplicados para lhe descobrir a chave.

Uma tal eventualidade seria de uma importância incomensurável, e a conquista do planeta irmão, não sendo tão afastada, daria a possibilidade de alguns de nós sabermos a verdade.

A nossa hipótese não é puramente gratuita mas funda-se em certos traços característicos da alquimia e, quando se trata da «arte sagrada», não são supérfluas as previsões mais fantásticas. Expressamos a conjectura de que, sobre Vénus, a Divina, subsistem todas as profundas verdades que farão da alquimia o messias cuja mensagem soubemos interpretar.

NOVOS INSTRUMENTOS

A nossa finalidade ao escrever este livro foi dar a conhecer a muita gente este ramo ignorado do saber humano. A alquimia permitiu-nos ainda abordar alguns dos grandes mistérios do passado. Despertar a atenção, tal era a nossa primeira intenção, mas as investigações revelaram-se tão apaixonantes que o nosso trabalho tomou uma nova amplidão.

No entanto, voluntariamente fizemos silêncio sobre os «arcanos» importantes, pois um estudo completo de alquimia necessitaria de vários volumes. É evidente que, muito embora tenhamos abordado as principais correntes alquímicas, um estudo mais preciso teria permitido traçar-lhe a passagem nos mínimos recantos do planeta. Superciência, tendo sobrevivido a dez séculos de perseguições, reservada unicamente às inteligências mais esclarecidas do tempo, a alquimia ainda não se abriu como deveria tê-lo feito.

«Um passado com uma brilhante civilização, de técnicas e filosofia muito avançadas mas diferentes das nossas, teria conseguido transmitir-nos um pouco do seu saber, apesar dos cataclismos geológicos, climatéricos ou outros, através de uma ciência tradicional e mística? A nossa própria civilização, prestes a conhecer um prodigioso desenvolvimento, começa a duvidar da sua "exclusividade" e procura interrogar o passado de maneira científica, a fim de encontrar talvez um meio de penetrar o mistério da sua essência e dos novos instrumentos para forjar o futuro.» [1]

[1] Os autores, *La Presse de Montréal*, 13 de Setembro de 1969.

APÊNDICE

Não havendo nenhum discurso nem nenhum comentário que valha o contacto directo com um documento histórico, apresentamos ao leitor um texto muito antigo e dos mais herméticos. Trata-se da «receita da imortalidade», contida num papiro da Biblioteca Nacional da França. (Pap. Bibl. Nat. Suppl. gr. 574.) Este célebre papiro é geralmente conhecido pelo nome de «papiro mágico» e é objecto de inúmeras traduções e comentários. Damos aqui a tradução francesa mais recente e mais precisa, a de R. P. Festugière [1].

O texto apresenta-se sob a forma de oração de carácter mágico-alquímico, sendo cada frase um enigma e cada palavra, ou quase, um símbolo. Cada autor que estudou este papiro encontrou uma interpretação diferente. Nós deixamos ao leitor o cuidado de tirar as suas próprias conclusões e, quem sabe, talvez ele encontre o segredo da imortalidade.

A RECEITA DA IMORTALIDADE

«Que me sejas favorável, Providência e Alma, a mim, que ponho por escrito estes mistérios que me foram transmitidos! Só peço imortalidade para o meu filho, misto desta arte poderosa que praticamos, e que o grande deus Hélios Mithra orde-

[1] Festugière, *La Révélation d'Hermès Trismégiste*, J. Gabalda et Compagnie, 1950. Esta tradução foi tirada do estudo de Dieterich *Eine Mithrasliturgie*, 1923.

nou que me fosse comunicado pelo seu arcanjo, a fim de que só eu na minha peregrinação subisse ao céu e contemplasse todas as coisas.»

Invocação da prece:

«Geração primeira da minha geração, primeiro Princípio do meu princípio, Sopro do sopro, do sopro em mim primeiro Sopro, Fogo que, entre as misturas que estão em mim, foi dado por Deus para a minha mistura, do fogo em mim primeiro Fogo, Água da água, da água em mim Água primeira, Substância terrosa que está em mim, meu Corpo Perfeito, modelado por um braço glorioso e por uma dextra imperecível no mundo sem luz e luminoso no inanimado e animado — se vos agradar transmitir-me e comunicar-me a nascença à imortalidade a mim que estou ligado ainda pela minha condição natural, possa eu, após o violento constrangimento da iminente Fatalidade, contemplar o Princípio imortal graças ao sopro imortal, à água imortal, ao ar inteiramente sólido, possa eu ser regenerado em espírito e que sopre em mim o sopro sagrado, possa eu admirar o fogo sagrado, possa ver o abismo do Oriente, a água medonha, e que me ouça o éter, que dá a vida e que está espalhado em redor de todas as coisas — que quero contemplar hoje com os meus olhos imortais, nascido mortal de uma matriz mortal, mas exaltado por uma força poderosa e uma dextra imortal, graças ao sopro imortal, o imortal Aiôn, o soberano dos diademas de fogo, santamente santificado pelas purificações santas, enquanto se retira um pouco de mim, por pouco tempo, a minha natureza psíquica humana, que de novo retomarei, não diminuída, após o doloroso constrangimento da iminente Fatalidade, eu NN, filho de alguém segundo o decreto imutável de Deus. Visto não me ser possível, nascido mortal, erguer-me com os raios de ouro da claridade inextinguível manter-te tranquila, Natureza efémera dos mortais, e retoma-me num campo são e salvo após o constrangimento da impiedosa Fatalidade. Porque eu sou o filho.

Tira dos raios a respiração, aspirando com toda a força, e verás que ficas leve e que cortas o espaço em direcção às alturas, de modo que te pareça ficar no seio do ar. Não ouvirás nada, nem homem nem animal, mas também não verás nada, a esta hora, coisas mortais da Terra, só verás o imortal. Porque verás a divina posição dos astros desse dia e dessa hora, os deuses que presidem a este dia, uns subindo para o céu, outros descendo. A viagem dos deuses visíveis através do disco solar ser-te-á manifesta, e da mesma forma aquilo a que se chama "a flauta" donde parte o vento que está de serviço. Porque verás, suspensa do disco, como que "uma flauta" dirigida de facto para o lado de *oeste*, ao infinito, enquanto o vento é de leste; se a direcção designada é de *leste*, neste caso, o vento oposto (o vento de oeste) dirigir-se-á de igual modo para esta região: tu verás o movimento envolvendo a imagem. Verás, além disso, os deuses olhar para ti com olhar fixo e dirigir-se a ti. Então, imediatamente põe o indicador da mão direita na boca e diz: "Silêncio, Silêncio, símbolo do deus vivo imortal, protege-me, Silêncio!" Seguidamente, solta dois longos assobios, depois faz estalar a língua e diz: "Tu, que lanças os teus raios resplandecentes, Deus da luz!" E então verás os deuses olhar-te com ar benevolente; já se não dirigem a ti, mas irão embora, cada um para o seu lugar, ali onde deve agir. Quando então tu vires que o mundo lá de cima é claro e se move em círculo, e que nenhum dos deuses nem dos anjos se lança contra ti, apronta-te a ouvir um formidável barulho de trovão que te dominará de espanto. Tu então dizes de novo: "Silêncio, Silêncio" e o que se segue, "sou um astro que convosco segue o seu curso, se bem que surja das profundidades." Mal tenhas dito isto, o disco desdobrar-se-á. Depois de ter dito a segunda oração, "Silêncio, Silêncio", e o que se segue, dá dois assobios, faz estalar duas vezes a língua e verás imediatamente os astros afastarem-se do disco e vir junto a ti, com o tamanho de cinco dedos: haverá muitos e encherão toda a região do ar. Tu então dizes outra vez: "Silêncio, Silêncio." E quando o disco se abrir, verás um círculo sem fogo e fecha-

das as portas do fogo. Diz então, de olhos fechados, a oração seguinte:

"Escuta-me, ouve a minha oração, eu, NN, filho de fulana, Senhor Tu, que pelo teu sopro fechaste as fechaduras do fogo da décima quarta zona, Guarda do fogo, Criador da luz, deus do sopro do fogo, deus do coração de fogo, Espírito da luz, tu que o fogo alegra, esplendor de luz, Aiôn, Soberano da luz, deus de corpo de fogo, tu que dás o fogo, tu que semeias o fogo, tu que manejas o fogo, tu que moves a luz, tu que manejas o raio, glória da luz, tu que fazes crescer a luz, tu que manténs pelo fogo a luz, domador dos astros. Abre-me, porque invoco, devido à cruel e impiedosa Fatalidade iminente, os nomes que ainda nunca encontraram lugar na Natureza mortal, que jamais articulou a língua humana, som ou voz de um mortal, os nomes eternamente vivos e gloriosos."

Pronuncia todos estes nomes com o fogo e o sopro, dizendo uma primeira vez toda a série completa, depois da mesma forma recomeçando uma segunda vez, até teres denominado inteiramente os sete deuses imortais do mundo. Quando tiveres dito estes nomes, ouvirás o barulho do trovão e estrondos no ar que te rodeia; ao mesmo tempo sentirás em ti um forte estremeção. Então tornarás a dizer: "Silêncio" e o resto, depois abre os olhos e verás as grandes portas abertas e o mundo dos deuses para lá das portas, de tal modo que pela volúpia e a alegria desta visão o teu espírito se elevará para subir até ali. No entanto, mantém-no no teu lugar e logo deste mundo divino, fixando-o com o olhar, atrai a ti o sopro. Quando então a tua alma tenha voltado a si, diz: "Vinde a mim, Senhor." Quando tiveres falado assim, os raios voltar-se-ão para ti. Olha-os bem no meio. Quando o fizeres, verás um deus jovem e de bela aparência com cabelos de fogo vestido com uma túnica branca e uma clâmide púrpura e tendo uma coroa de fogo.

Quando se erguerem, de um e outro lado, em fileira, como uma guarda ameaçadora, fixa os olhos a direito na tua frente no ar e verás relâmpagos, brilhar uma luz viva, tremer a terra

e descer um deus de imenso tamanho com rosto de luz, jovem, com cabelos de ouro, trazendo na mão direita a espádua de um vitelo de ouro, isto é, a Ursa que move o céu e o faz girar em sentido contrário, que de hora a hora gravita e depois desce do pólo. Seguidamente, pelos olhos do deus verás soltarem-se relâmpagos e do seu corpo estrelas. Dá então um longo grito, apertando os teus flancos, para despertar de uma só vez os teus cinco sentidos, longamente, até à fadiga, beija de novo os filactérios e diz: "Vida de NN, fica comigo na minha alma, não me abandones, pois tal é a força de..." [nome mágico]. Fixa então os olhos em deus, soltando um longo gemido e saúda-o nestes termos: "Salut, Senhor, Dono da água, salut, Criador da terra, salut, Príncipe da respiração, deus do brilho resplandecente. Faz um oráculo, Senhor, sobre a presente conjuntura. Senhor, Senhor da água, nasce de novo, eis que me vou enquanto cresço e já grande morro, nascido de um nascimento que dá a vida, dissolvo-me para entrar na morte, segundo o que estabeleceste, segundo o que instituíste e fundaste o mistério. Eu sou, eu..."

Quando assim tiveres falado, imediatamente ele te dará o teu oráculo. Serás desligado da tua alma, já não serás tu próprio quando ele te responder. Ele te dará o oráculo em verso e, tendo dito, ir-se-á embora. Tu, no entanto, mantém-te em silêncio, porque compreenderás tudo isto, e então reterás sem falta todas as palavras do grande deus, mesmo que o oráculo conte milhares de versos.»

GLOSSÁRIO

Indicamos aqui alguns vocábulos e símbolos utilizados pelos alquimistas. O leitor poderá assim fazer uma ideia da linguagem particular dos adeptos da arte de Hermes. Aperceber-se-á sem dificuldade de que um texto alquímico tem sempre um sentido oculto e profundo por detrás do sentido aparente que apresenta. Quem perder de vista este carácter simbólico nunca poderá imaginar qual o valor real de qualquer trabalho de alquimia.

Adepto: com «A» maiúsculo, é o grande iniciado, o alquimista que encontrou a pedra filosofal. Com «a» minúsculo, adepto designa o verdadeiro alquimista, que trabalha por amor à arte e que foi iniciado no trabalho do forno. É exactamente o antónimo de *souffleur,* ou investigador empírico.

Águia: símbolo da vaporização. Num texto deve traduzir-se por «vapor».

Aludel: aparelho que serve para efectuar sublimações, em especial para purificar um composto.

Amor: designa a faculdade de os compostos químicos se unirem. Entre os médicos alquimistas do Irão: doença perniciosa.

Arte (ou «arte sagrada»): alquimia.

Artista: alquímico.

Athanor: forno de alquimia.

Casa da galinha: ovo filosófico.

Cinábrio: surfureto de mercúrio, de cor vermelha. Este composto foi extremamente importante para os antigos alqui-

mistas chineses na sua busca da pedra filosofal e da pílula da imortalidade.

Corvo: simboliza todas as operações alquímicas de que resulte um corpo de cor negra. É sobretudo utilizado para obter a pedra filosofal.

Cucurbite: outro termo que designa o ovo filosófico.

Divino cinábrio: é o termo usado pelos alquimistas chineses para designar o «ouro potável» dos Ocidentais. Permite ao homem prolongar a sua existência. Entre os tauistas refere-se ao estado espiritual mais elevado, em que o homem escapa ao domínio do tempo.

Dragão: na alquimia chinesa, designa o chumbo fundido; na alquimia ocidental, simboliza o fogo.

Enxofre: nome simbólico de um dos três princípios alquímicos. Não confundir com o corpo simples do mesmo nome dos químicos modernos.

Fogo húmido: banho-maria.

Fogo sobrenatural: calor libertado aquando das reacções entre os ácidos e as bases.

Frasco: tem o mesmo sentido que «ovo filosófico».

Grande magistério (ou grande elixir de quinta-essência ou ainda grande elixir de tintura de ouro): o mesmo sentido que pedra filosofal.

Grande Obra: operação que leva à obtenção da pedra filosofal ou do ouro alquímico.

Hermes Trismegisto: etimologicamente: «o três vezes grande». Figura semilendária, meio homem, meio deus. Segundo a tradição, foi o inventor de todas as ciências e de todas as artes. Segundo certos autores, teria sido rei do Egipto nos princípios da civilização egípcia.

Leão verde: vitríolo verde.

Matriz: vaso de reacção para as experiências cruciais.

Mercúrio: nome simbólico de um dos três princípios alquímicos. Não confundir com o metal a que os químicos actuais chamam mercúrio e que os alquimistas designavam por «prata viva».

Microcosmo: etimologicamente, pequeno mundo. Os alquimistas utilizavam o termo para designar o corpo humano.

Neptuno: água.

Ouro-pigmento: trissulfureto de arsénico.

Ouro potável: ouro alquímico que permite ao que o absorve prolongar a existência.

Ouroboros: é um símbolo que representa uma serpente a morder a cauda, traduzindo a unidade da matéria.

Ovo filosófico: vaso de vidro de gargalo longo onde o alquimista punha os produtos para reacção. Aquecia o «ovo filosófico» sobre o *athanor* (forno).

Pedra do Egipto: pedra filosofal.

Pedra filosofal: ou alquímica, ou também composto que permite transmutar em ouro os outros metais. Actua, na maior parte do tempo, como um catalisador e alguns vestígios desta substância bastam para realizar a Grande Obra.

Pelicano: símbolo da pedra filosofal.

Pequeno magistério: substância que permite a transmutação dos metais vis em prata. Por vezes a operação de transmutação chama-se também pequeno magistério.

Pó de projecção: pedra filosofal.

Prata viva: mercúrio (metal líquido).

Projecção: operação alquímica com a finalidade de obter ouro.

Sal: nome simbólico de um dos três princípios alquímicos, que se não deve confundir com o seu homónimo usado hoje.

Sepulcro: ovo filosófico.

Serpente: quando se trata de um símbolo criptográfico, representa os três princípios quando há três serpentes. Se uma das serpentes tem asas, é o símbolo do princípio volátil; se a serpente não tem asas, simboliza o princípio fixo.

Sol: símbolo do ouro.

Ventre da mãe: ovo filosófico.

ÍNDICE

A ALQUIMIA

O que é a alquimia? Uma ciência? Uma filosofia? Donde vem a alquimia? Será uma centelha de génio do homem da Proto-História? Terá origem extraterrestre? Será Vénus o berço da alquimia?
Nesta obra, resultado de uma sondagem aos «alquimistas do globo», das suas analogias de formas e de princípios, uma obra onde não se encontra nenhum capítulo completamente dedicado à pedra filosofal e à transmutação dos metais ordinários em ouro, mas que assenta na convicção de que a alquimia é uma ciência transcendente no sentido filosófico do termo, onde se fala de Vénus, que está, para os autores, na origem do processo humano, de «Deuses», de ouro inca, de Adão como símbolo alquímico, do código da Rosa-Cruz, de Roger Bacon, príncipe do pensamento, de Paracelso, das doutrinas do ocultismo, da teoria alquímica do «corpo sideral», do regresso a Vénus, que poderá tornar-se um território habitável, Jacques Carles e Michel Granger, que não pretendem explicar a génese do cosmo partindo da alquimia, formulam uma pergunta: «Apoiando-nos na transmissão oral e escrita dos alquimistas, conseguiremos um dia refazer a História?»